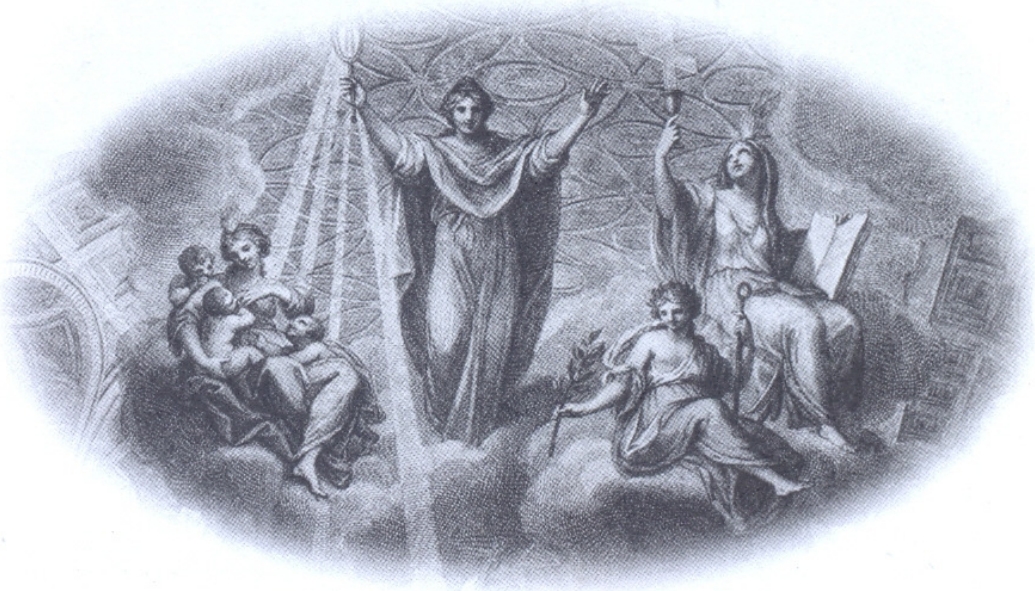
O SIMBOLISMO NA MAÇONARIA

COLIN DYER

MADRAS®

O Simbolismo
na Maçonaria



Colin F. W. Dyer — P a g d c
Mestre da Quatuor Coronati
Loja nº 2076 (1975-1976)

Colin Dyer

O Simbolismo na Maçonaria

Colin F. W. Dyer — P. a. g. d. c.
Mestre da Quatuor Coronati
Loja nº 2076 (1975-1976)

Tradução:
Sérgio Cernea

MADRAS®

Publicado originalmente em inglês sob o título *Symbolism in Craft Freemasonry* por Lewis Masonic.
© C.F.W. Dyer 1976/2003
Direitos de edição e tradução para todos os países de língua portuguesa.
Tradução autorizada do Inglês.
© 2006, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Tradução:
Sérgio Cernea

Revisão:
Arlete Sousa
Wilson Ryoji Imoto
Luciane Helena Gomide

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

D994s
Dyer, Colin F. W.
O simbolismo na maçonaria / Colin F. W. Dyer ; tradução Sérgio Cernea.
São Paulo: Madras, 2006
il.
Tradução de: Symbolism in craft freemasonry
ISBN 85-370-0125-2
1. Maçonaria - Simbolismo. I. Título.

06-2739.

CDD 366.1
CDU 061.236.6

31.07.06 04.08.06 015601

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela

MADRAS EDITORA LTDA.
Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana
CEP: 02403-020 — São Paulo/SP
Caixa Postal: 12299 — CEP: 02013-970 — SP
Tel.: (11) 6281-5555/6959-1127 — Fax: (11) 6959-3090
www.madras.com.br

Índice

Prefácio 9
O Maçom Especulativo 11
Livres 12
Aceitos 18
Efeitos da reconstrução após o Grande Incêndio de Londres 19
Ligação e posterior desenvolvimento 24
Especulativo 26
Especulação e simbolismo 29
O Simbolismo Básico 35
O trabalho da Grande Loja dos Antigos 37
O trabalho dos modernos 38
William Preston 39
Os antigos catecismos e exposições 40
Os mistérios das antigas civilizações 41
A influência judaica 48
Desenvolvimento 51
Fundamentos 57
O Uso de Números 59
A Loja — Sua Natureza e Propósito 69
A Posição da Loja 75
Solo Sagrado 79
A entrada 80
Desenvolvimento das Lojas 82
Pilares e/ou Colunas 84
A Loja — Ornamentos, Utensílios e Jóias 97
A Letra "G" 97
A Letra "G" e o Esquadro 101
Geometria 102

Explanação do Frontispício do Livro das Constituições 105
As Jóias Maçônicas 105
A Escada de Jacó 116
O Ponto no Interior de um Círculo 119
Trevas e Luz 127
As Três Grandes Luzes 137
A Lei Sagrada 138
O Esquadro e o Compasso 142
A Posição das Grandes Luzes 143
As Luzes Menores 145
As Cerimônias 147
A Base e o Fundamento dos Graus 152
O Primeiro Grau 153
O Segundo Grau 157
O Terceiro Grau 162
A Combinação dos Três Graus 164
As Vestimentas Maçônicas 167
O Avental 168
O Avental do Mestre Instalado e a Jóia do Past Master 178
Os Colares (ou Cordões) 175
Os Instrumentos de Trabalho 177
O Maço Comum e o Cinzel 186
A Régua 187
O Esquadro 190
O Terceiro Grau 202
O Compasso 202
Índice Remissivo 211

Ilustrações

Fig. 1
Reprodução de parte do mapa de Londres (1776) de Rocque, mostrando as principais obras de reconstrução sob a supervisão de *Sir* Christopher Wren na cidade de Londres após o grande incêndio de 1666. 20-24

Fig. 2
O frontispício, datado de 1786, para o *Livro das Constituições dos Modernos*. 106

Fig. 3
A face norte da Somerset House. 107

Fig. 4
Uma Tábua de Delinear, ilustrando os emblemas e símbolos do Primeiro e do Segundo Grau. 108

Fig. 5
Uma dupla Tábua de Delinear desenhada para a Lodge of Unions. 109

Fig. 6 e 7
Tábua de Delinear de Mestre, de cerca de 1800. 110
Tábua de Delinear de Mestre, da Britanic Lodge. 110

Fig. 8
Tábua de Delinear do Primeiro Grau, desenhada por John Harris. 111

Fig. 9
Tábua de Delinear do Segundo Grau (dupla),
desenhada por John Harris. 112

Fig. 10
Pano de Loja mostrando alguns emblemas e símbolos hoje fora de uso. ... 113

PREFÁCIO

Não há dúvida de que muitas pessoas vêem significados nos diferentes aspectos da Maçonaria que outras não observam - ela pode ser muito subjetiva. Também é bastante clara a existência de um simbolismo intencional na Ordem em muitos lugares, que foi deliberadamente inserido por razões que serviam àqueles que, há muitos anos, o introduziram. O exagerado uso do simbolismo e a adoção de usos e costumes de épocas mais antigas eram moda adotada, geralmente na Grã-Bretanha, durante um importante período no desenvolvimento da Maçonaria. Encontrar tais práticas na Ordem não era algo incomum (embora o simbolismo, em si, pudesse ser), mais ainda do que os juramentos de segredo incorporados a era, muito diferentes daqueles usados em outros aspectos da vida de então.

Ninguém deixou registros que pudessem nos dar uma clara idéia da origem de quaisquer simbolismos existentes na Maçonaria. Muitos exemplos paralelos do uso de símbolos podem ser encontrados, pelos quais é possível que a Maçonaria tenha sido influenciada; o volume do que tem sido escrito acerca desse assunto frustraria qualquer tentativa de ler, ou mesmo de conhecer, tudo o que existe a esse respeito. Essas publicações incluem não apenas assuntos referentes ao simbolismo original intencional incorporado à prática maçônica, mas também muitas outras produções posteriores, com expressões tais que demonstraram que aqueles símbolos já se encontravam em uso.

Neste livro, tentei examinar, tanto quanto pude, as razões para a incorporação do simbolismo particular. Incluí tudo aquilo que me pareceu pertencer a um todo, embora as leituras que pude fazer demonstrem ser possível haver mais de uma origem, e algumas diferenças na prática de antigamente. Além disso, tentei incluir uma seleção de materiais produzidos por maçons confiáveis e merecedores de crédito acerca daquilo que sobre esse tema acharam pertinente à arte. Isso não significa, necessariamente,

que eu compartilhe de suas opiniões, porém não há por que deixar de compará-las com as de outros. A leitura sobre este tema é infindável e, assim, muito pode ter sido omitido por ter-me escapado à leitura. Ademais, deixei de incluir, deliberadamente, os itens que, em minha opinião, não mereceram um exame mais sério, normalmente por se tratar de uma referência ou significado particular omitido em sua compilação.

Ao longo da composição deste livro, recebi valiosas sugestões e assistência de muitas pessoas. Não tentarei, aqui, decliná-las; mas gostaria de deixar registrado o meu agradecimento pela grande ajuda que todas elas me proporcionaram. Gostaria, ainda, de dar o meu reconhecimento e agradecer a permissão que recebi por parte do Conselho de Assuntos Gerais para utilizar os materiais da Biblioteca e Museu do Freemason's Hall de Londres.

ColinDyer

O Maçom Especulativo

Quando uma Loja se reúne, os Irmãos, juntos, exercitam suas mentes não como operativos, mas como livres e aceitos, ou maçons especulativos. O surgimento, o desenvolvimento e a organização da Maçonaria Especulativa, tal como a conhecemos, ocorreram nas Ilhas Britânicas, e a primeira tentativa de centralização da organização aconteceu na Inglaterra, em 1717, com a formação da primeira Grande Loja. Porém não foi este o início da Maçonaria Especulativa. O início aconteceu alguns anos antes (não se sabe, ao certo, quantos), com um movimento preocupado com uma filosofia da vida espiritual do homem, moralizando, ou, como descreviam os nossos antecessores, "espiritualizando" certos aspectos do ofício de construção de imponentes edifícios para orientação dos homens na edificação de melhores vidas, baseados na Paternidade de Deus e na Fraternidade do Homem.

A descrição dos membros da Ordem como "maçons", ou "Franco maçons", não foi muito coerente ao longo dos anos, e podemos encontrar muitos exemplos em uso ao mesmo tempo. A questão fica ainda mais complicada pelo fato de que "maçom" e "franco-maçom" têm sido, em algumas circunstâncias, nomes alternativos para os artífices operativos dos primórdios na história dos operários nos canteiros. O uso da palavra composta "franco-maçom", distintamente de suas antigas aplicações como "maçom livre", ou "maçom aceito", como regra geral, não vai além do início do século XIX; mas os maçons especulativos têm sido "livres e aceitos" desde muito antes disso. Nas Lojas jurisdicionadas às diversas Grandes Lojas independentes espalhadas pelo mundo, as palavras "livres e aceitos" são geralmente usadas em relação à própria Loja, sendo incorporadas ao título. As Lojas, sob a jurisdição da Grande Loja Unida da Inglaterra, não usam, como regra geral, as palavras "livres e aceitos" como parte do nome da Loja; o estilo da Grande Loja, geralmente usado noS formulários e documentos formais desde a "Constituição" publicada em 1815, é "Grande Loja Unida de Maçons

Antigos, Livres e Aceitos da Inglaterra" (embora possam ser encontrados alguns documentos com grafia um pouco diferente). Curiosamente, no Selo da Grande Loja consta "Maçons Antigos e Livres da Inglaterra".

Livres

Muito tem sido escrito para explicar as razões pelas quais os maçons deveriam se autodenominar "livres e aceitos". O Mestre diz ao candidato que a Maçonaria é livre e exige perfeita liberdade de tendência de cada um. Nisto, a segunda parte dessa declaração, implica uma aplicação voluntária, totalmente compreensível, mas a expressão "a Maçonaria é livre" não parece levar o assunto mais adiante. Em muitos lugares, há um entendimento consensual de que a palavra é usada para indicar que a sociedade está aberta apenas a homens livres - que não tenham amarras a outrem - pois, nos primórdios da Organização, ainda existiam a servidão e a escravidão. Embora seja verdade que a Maçonaria sempre foi limitada a homens que fossem livres - e, até 1848, a qualificação na Inglaterra se referia, na verdade, a homens "nascidos" livres - não parece ser esta a razão para a utilização da palavra no nome. As preleções padronizadas constantes da Constituição inglesa estabelecem que os franco-maçons são assim denominados por serem "livres ao bom companheirismo e devem estar livres do vício". Provavelmente, esse pensamento traduz uma inclusão posterior feita por um compilador de natureza fervorosa na tentativa de justificar o motivo de sua inserção na Preleção; porém, esta também não parece ser a razão para que os maçons sejam chamados de "livres".

Durante um jantar maçônico em Londres, em 24 de junho de 1721 (provavelmente a comemoração anual do dia de São João), George Payne apresentou um "antigo manuscrito das Constituições que obtivera no oeste da Inglaterra". Aquele documento era o agora conhecido *Manuscritos Cooke,* ora exibido no British Museum. Trata-se de uma versão das antigas obrigações dos maçons operativos, que datam de cerca de 1400. George Payne era o Grão-Mestre da Grande Loja da Inglaterra nos períodos de 1718-1719 e 1720-1721. Ao que parece, até essa época, não existia uma Constituição formal para a Grande Loja, então com quatro anos de existência, mas ela se iniciou logo depois dessa apresentação dos *Manuscritos Cooke* sobre *As Constituições dos Franco-maçons,* mormente a obra de James Anderson (com o qual Payne também contribuiu), que foi concluída, aprovada e publicada em 1723. As *Constituições* de 1723 contêm uma série de breves citações e paráfrases dos *Manuscritos Cooke,* enquanto a edição revisada de 1738 (também fruto do trabalho de Anderson), contém ainda mais outras.

Este antigo manuscrito menciona as Sete Artes ou Ciências Liberais, enfatizando que a Geometria é a ciência que importa e é a "causadora" de tudo. Embora a Geometria seja aceita como a ciência das

dimensões terrestres, o Manuscrito continua sustentando a alegação de que ela se desenvolveu na Maçonaria e que, assim, a geometria e a Maçonaria são a mesma coisa. Knoop, Jones e Hamer publicaram no *The Two Earliest Masonic Manuscripts,* em 1938, uma transcrição dos *Manuscritos Cooke* junto com o *Regius Manuscript* (o qual contém muitas semelhanças e cuja composição é atribuída ao ano de 1390) e com detalhadas notas sobre ambos. Eles tiveram o cuidado de ressaltar que tal abordagem não era incomum entre outros ofícios - para provar que a ciência, que estava tão ligada à sua própria obra, era, com certeza, a mais importante: aqueles manuscritos eram, assim, importantes para a arte dos pedreiros. E assim continuam:

> As Sete Artes ou Ciências Liberais (aqui, a palavra "ciências" significa apenas "área de conhecimento") constituíam o item inicial da combinação de conhecimento em seu sistema educacional. Os romanos sustentavam que as artes tanto eram *artes liberales,* ou *ingenuae,* as artes dos homens livres, em oposição às *artes illiberales,* ou *sordidae,* as artes, obras ou emprego de escravos ou dos pertencentes às classes mais baixas.

William Preston, em suas preleções ao final do século XVIII, reflete esta idéia de que a Maçonaria e a Geometria são a mesma coisa. Em seus questionamentos, após estabelecer que o candidato passou graças à Geometria, ele prossegue dizendo o porquê:

> Porque, originalmente, a Maçonaria e a Geometria devem ter sido palavras sinônimas ao serem incluídas nas ciências em geral. Porém, com o progresso da civilização e com o avanço do conhecimento, a Geometria ficou limitada a uma certa parte da ciência, embora ainda considerada igualmente essencial a todas elas, e um símbolo do conhecimento.

Assim, sendo a Geometria uma das "ciências livres" e, por ser a Maçonaria um sinônimo da Geometria, aqueles cujos estudos incluíam esta ciência em particular podem ter sido chamados de "maçons livres". G. W. Speth considera esse ponto de vista como o motivo para que os homens assim se auto descrevessem quando não envolvidos em atividades operativas, preferindo seguir, por razões morais ou filosóficas, o estudo da "Geometria livre". A relação com a primeira organização de Maçonaria especulativa dos *Manuscritos Cooke* pode ter sido a razão para o crescimento dessa prática de denominar os maçons especulativos de "livres".

Na Inglaterra, a organização de várias ocupações nas guildas para a proteção em comum tem uma história que remonta a muitos séculos.

Em Londres, por exemplo, uma continuação desse sistema continua viva sob a forma de "Companhias Fardadas", com objetivos sociais, educacionais e benemerentes; algumas dessas companhias podem determinar

sua existência remontando até a oitocentos anos. Algumas, tais como a dos "ourives" e a dos "peixeiros", ainda mantêm responsabilidades de ofício. Guildas como essas podiam exercer controle sobre os membros e os padrões de trabalho, admissão ao ofício, e exercer as funções de uma organização de benemerência aos seus membros e dependentes que estivessem enfrentando tempos de dificuldade. Mais importante ainda: por trabalhar com cidadãos que lideravam os municípios ou cidades, elas tinham a capacidade de controlar toda a atividade do lugar. Para exercer sua atividade profissional numa cidade, o profissional ou comerciante tinha de contar com a "liberdade" da cidade, ou seja, a licença ou permissão oficial ou liberdade, para negociar dentro dos limites administrados pelos líderes da cidade. Além disso, se o comerciante precisasse ter a liberdade de sua guilda, e uma não seria concedida sem a outra, havia um completo controle, tanto quanto a quem podia comercializar, como a imposição dos padrões de trabalho. Assim, o Aprendizado e a educação ocupacional estariam incumbidos à guilda; o Aprendiz era registrado e, ao concluir apropriadamente as incumbências, seria admitido como "homem livre". Estava assim criada uma graduação entre os membros da guilda. Um Mestre era, na verdade, um mercador, comerciante, artesão ou artífice contratado para executar um trabalho e era ele que empregava terceiros. A própria guilda possuía uma organização, normalmente composta pelos mais influentes membros, e porquanto o pleno exercício das atividades nas questões da guilda poderia tomar demasiado tempo, essas pessoas se revezavam dedicando parte de seu tempo pessoal e profissional trabalhando como Vigilante ou Mestre da guilda. Eis aqui, pois, a base de um sistema graduado; um método baseado, essencialmente, naquele mais importante direito, a liberdade do exercício profissional- ser livre no lugar e ser livre na companhia. Assim, um maçom livre significaria que, em qualquer lugar, ele poderia ser um membro de uma guilda operativa e ter o direito ou o privilégio de exercer a sua profissão naquele lugar, sob o controle de sua guilda.

Robert Freke Gould, em sua obra *History of Freemasonry* (História da Franco-Maçonaria - 1886), analisa uma série de possibilidades ao ponderar sobre a difusão do uso da descrição "franco-maçom" àqueles afeitos à Maçonaria Especulativa. Ele também destaca a dificuldade causada pelo antigo uso de "maçom livre" como um termo ligado aos "Operativos" ao analisar se as referências encontradas se explicam a maçons Operativos ou Especulativos. A seu ver, os costumes dos maçons de Londres foram, em grande parte, os responsáveis por seu título de "maçons livres" em função da prática daquela cidade de exigir que os seus obreiros fossem livres.Ele também cita a edição de 1633 do *Survey o/ London* de Stow: "os maçons, antes denominados 'maçons livres'", e faz referências a registros ainda mais antigos da *Corporation o/ London* que, em 1376-1377 fez menção a "maçons livres" e "maçons" como se fossem a mesma coisa. No entanto, isso apenas mostra o crescimento da aplicação da palavra "livre",

sem fornecer qualquer prova de sua aplicação, particularmente, a maçons especulativos. ,

A London Company ofMasons (Companhia de Maçons de Londres), a guilda daquela cidade relacionada à arte, era conhecida, até o começo do século XVI, como a Fraternidade de Maçons, quando o nome foi mudado para Company of Free Masons (Companhia de Maçons Livres ou Companhia de franco-maçons). Em 1655, o nome foi mais uma vez mudado para aquele ora em uso. Gould oferece fortes evidências quanto à existência, em Londres, ao final do século XVII, de uma sociedade de franco-maçons separada, embora provavelmente associada, da Companhia de Maçons de Londres. Como veremos mais adiante ao tratarmos da inferência do termo "Aceito", algumas Sociedades Especulativas como esta já existiam muito antes, no mesmo século, ligadas à Companhia de Londres. Bernard E. Jones, em seu livro *Freemason's Guide and Compendium;* alega que esse ramo especulativo da Companhia de Maçons de Londres continuou sob a denominação de "franco-maçom" após a Companhia ter, finalmente, mudado o seu nome em 1655, com a subseqüente identificação dos Irmãos Especulativos como "franco-maçons".

Logo após a formação da primeira Grande Loja em Londres, em 1717, a Maçonaria ganhou certo destaque na sociedade londrina, de tal forma que a filiação a ela se tomou um modismo. Isso deu lugar a uma verdadeira praga de "Exposições", no sentido de revelar todos os segredos da nova Sociedade, culminando numa, de maior extensão do que as demais, editada em 1730, por Samuel Prichard, chamada *Masonry Dissected* (A Maçonaria Dissecada). Diversos folhetos e impressos também surgiram em defesa da nova Sociedade; e um deles - *A Defence of Masonry* (Uma Defesa da Maçonaria) - foi publicado por um autor anônimo em dezembro de 1730. Esta publicação deveria ter alguma autenticidade, visto ter sido reproduzida, em 1738, tanto no *Pocket Companion for Free-Masons* de Smith como nas *Constituições* oficiais da Grande Loja, preparadas por Anderson. Nessa publicação, o autor aborda o paralelo entre a organização existente nas Companhias Fardadas da Cidade de Londres e a Maçonaria; não apenas o paralelo, mas uma óbvia Instituição a ser copiada:

> Há um "Mestre", dois "Vigilantes" e diversos "Auxiliares" para que haja aquilo que o "dissector" chama (se lhe aprouver) de uma "Loja perfeita". Há o Grau de "Aprendiz", o de "Mestre de Ofício" ou "Companheiro", e o de "Mestre" ou "Mestre da Companhia". Há "Constituições" e "Ordens", e uma gradual e sucessiva "Assunção de Cargos", em conformidade aos diversos "Regulamentos" e "Condições de Admissão".

Ao analisar o uso da palavra "Mestre" nessa citação, é bom ter em mente que foi escrita na época em que o sistema de Terceiro Grau da Maçonaria começava a emergir do antigo, de dois graus, e um paralelo com a prática moderna não deve ser adotado. No que tange à Inglaterra, tomando os usos da Companhia de Londres como exemplo, é possível que eles tenham sido o único exemplo autêntico a ser encontrado. Knoop, Jones e Hamer nos dão conta do seguinte relato acerca do caráter da indústria medieval na Inglaterra:

> Na maior parte das indústrias medievais, a produção era de pequena escala, e dirigida por profissionais independentes ou "pequenos Mestres" que empregavam um ou dois artesãos ou Aprendizes que tinham a esperança de, no decorrer do tempo, se tornar, eles mesmos, Mestres independentes; porém, a indústria de construção em pedra era, em geral, organizada numa base distinta. Sem dúvida, havia alguns artífices ou pedreiros trabalhando por conta própria, ou contando com um ou dois ajudantes, realizando pequenos trabalhos de conserto ou de construção. O método de ter partes de obras maiores assumidas sob a forma de tarefas ou de "empreitada" já não era tão incomum por volta da segunda metade do século XIV. Por outro lado, ao que parece, a contratação de pedreiros para a construção de prédios inteiros era, na época, a exceção. As construções de grande porte eram, geralmente, executadas por aquilo que hoje chamamos de sistema de "trabalho direto": o empregador - normalmente a Coroa ou a Igreja - nomeava certos oficiais, tais como um Mestre pedreiro e um apontador, para organizar e administrar os trabalhos de construção, providenciar e coordenar o fornecimento de materiais, e contratar os artesão e operários necessários. Tais responsáveis pelas obras, normalmente, também trabalhavam nas pedreiras e organizavam o transporte das pedras, seja por via terrestre ou aquática, conforme fosse o caso.
>
> O Mestre pedreiro ou o Mestre contratante, conforme o caso, é o "Mestre" freqüentem ente mencionado em nosso meio. O empregador, para quem a construção estava sendo erigida, é o "senhor" ou "patrão". Seja pelo sistema de "trabalho direto", ou pelo de "contratação", a indústria estava organizada sob uma base capitalista e a maioria dos pedreiros tinha, diferentemente de muitos outros trabalhadores em outras indústrias, salários vitalícios.

O aspecto em que a indústria da construção diferia das indústrias contemporâneas é o que tange às guildas. Em nenhuma outra parte, exceto em Londres, foi possível rastrear os costumes e práticas do ofício

desses pedreiros dos séculos XIV e XV, embora provas indiretas apontassem para algumas organizações em Norwich em 1440.~0 século XV, em York, Beverley e Coventry, e talvez também em Chester, pedreiros participavam dos cortejos de Corpus Christi ou de Pentecostes. Tal participação é um indício da existência de algum tipo de organização, mas não necessariamente de uma guilda de ofício. Mesmo em Londres parece provável a não-existência de qualquer guilda de pedreiros formalmente estabelecida até algo entre 1356 e 1376. Essa ausência de guildas de artífices talvez possa ser explicada, ao menos em parte, por quatro características da indústria para a qual as atenções já estavam voltadas: 1) o fato de que muitas edificações em pedra eram construí das fora dos burgos, onde as guildas operativas eram instituições municipais; 2) o fato de que a indústria tinha uma organização capitalista que não era facilmente reconciliável com o caráter mais ou menos democrático de uma guilda operativa; 3) o fato de que a Coroa, a Igreja e a Municipalidade, que tinham de aprovaras leis e regulamentos dos ofícios, eram os patrões empregadores dos pedreiros e, como construtores, talvez preferissem tratar com operários que não estivessem organizados; 4) o fato de ser freqüente o compulsório recrutamento de pedreiros, o que dificultava a harmonização com as guildas bem organizadas.

Muitos atribuem o apelido de "livre" (*free)* como sendo oriundo de uma determinada parte do antigo ofício de pedreiro, ou artífice em pedra, que usava como matéria-prima a f*ree-stone* - um tipo de arenito ou calcário - e sustentam que aqueles que trabalhavam esse material pertenciam a uma classe superior. Joseph Fort Newton, em *The Builders,* aborda um trecho do livro de Leader Scott acerca dos Mestres Comancinos, *The Cathedral Builders: The Story o/ a Great Masonic Guild,* o qual Newton entende ser um elo direto na História dos primórdios da Franco-Maçonaria. O objetivo de Newton (sob um enfoque histórico) é tentar justificar a longa e continuada existência da Franco-Maçonaria, tal como é descrita nas *Constituições* de Anderson - isto é, a fantástica descendência da Franco-Maçonaria moderna dos "mistérios" morais e espirituais de milhares de anos, por meio de comprováveis ligações diretas. Newton cita Leader Scott:

> ... podemos admitir que eles representavam o elo entre o clássico *Collegia* e todas as demais guildas de artes e ofícios da Idade Média. Eles eram maçons livres (ou franco-maçons) por serem construtores de uma classe privilegiada; isentos de taxas e servidão e livres para viajar e se deslocar, numa época de escravidão feudal.

Algumas das preleções existentes ao final do século XVIII também fazem referência a essa isenção de taxas, mas relaciona o fato aos construtores que trabalhavam para o rei Salomão

Aceitos

Mencionei o indício citado por Robert Freke Gould sustentando a existência de uma Sociedade de franco-maçons separada no final do século XVII. Ao longo de quase todo aquele século ("antes de 1618", de acordo com o historiador da Companhia, Edward Conder), sabe-se ter existido, na própria Companhia de Maçons de Londres, um conclave interno de caráter distinto da estrutura normal da Companhia.

A associação a esse conclave interno não era compulsória mesmo àqueles a quem era confiado o governo da guilda, e representava uma espécie de movimento espiritual voltado a uma vida melhor, tal como se pode encontrar de tempos em tempos na história mundial. Ao que parece, o surgimento dessa organização foi meramente um indício inicial, um precursor, ou um arauto, de um movimento filosófico muito mais forte que se manifestou sob diversas formas no século seguinte - o que ficou conhecido como a "Idade da Razão" - e durante o qual a Franco-Maçonaria tanto se desenvolveu.

Um importante fator desse diferente e moral conclave da Companhia de Maçons foi o fato de que podiam a ele ser admitidos aqueles que não eram maçons operativos praticantes, mas que eram cidadãos responsáveis e respeitáveis, dotados de um adequado padrão de vida. Esses outros cidadãos eram "aceitos" como maçons a fim de se associarem a esse grupo interno, e que acabou ficando conhecido como "a Aceitação" .

Um dos impressos publicado em 1730 em defesa da Franco-Maçonaria (atribuídos por alguns a Martin Clare, posteriormente Grão Mestre Adjunto) foi o *The Perjured Free Mason Detected;* nele é possível ler:

> ... entendo que você é introduzido apenas aos primeiros degraus de um franco-maçom, mas ainda não é admitido à plena Confidência da Sociedade. .
>
> ... após você ter provado a sua honestidade, são dados à Sociedade alguns anos de experiência em prova de sua Fidelidade, bem como de seu progresso no conhecimento e na Ciência de um maçom, você poderá, com o tempo, conseguir chegar ao pleno Grau de um maçom aceito, apesar de que não possa garantir isso.

A dedução, a partir desses dois trechos, poderia ser de que a admissão à Sociedade (ou seja, a Iniciação) tornava o candidato um franco-maçom, mas que ele apenas se tornaria um "Maçom Aceito" depois de passar por alguma outra cerimônia. Se assim for, a expressão "Livre e Aceito" somente poderia ser aplicada, naquela época, àqueles que

eram completos - e tivessem obtido o Grau de "Livre" e o de "Aceito". Esta aparente distinção em dois Graus não seria incderente com as antigas graduações conhecidas, pois acredita-se que até a segunda década do século XVIII havia apenas dois Graus, ao passo que, a partir dos anos seguintes, o Grau de Mestre Maçom foi encarado como uma marca especial, acima daquela da plena admissão.

Mais tarde, naquele mesmo século, parece que o conceito sobre isso mudou, uma vez que como um aprendiz não era considerado "Livre", estando ainda atado a seu patrão; assim, ele somente poderia ser "Aceito" e não "Livre" até que se tornasse um artesão ou artífice. Isso parece estar confirmado e corroborado pela abertura e fechamento em Primeiro Grau que foi aprovado pela Grande Loja em agosto de 1815"; a palavra "maçom" é usada o tempo todo, embora "franco-maçom" seja usada na abertura e fechamento em Segundo Grau.

Efeitos da reconstrução após o Grande Incêndio de Londres

Diversos conceituados historiadores maçônicos não levam em conta a maioria das declarações históricas de James Anderson sobre a arte, entre as quais a sua descoberta de que Sir Christopher Wren teria sido Grão- Mestre. A reconstrução de Londres, após o grande incêndio de 1666, reuniu uma enorme assembléia de pessoas ligadas ao ramo de construção, não apenas de operários, em uma área restrita de menos de 2 quilômetros quadrados, ao longo de um período de mais de 40 anos.

Tudo estava, durante todo o tempo, sob a supervisão de Wren, até a conclusão da Catedral de St. Paul, em 1710. É possível que a construção desse edifício, no período compreendido entre o início da demolição do antigo prédio em 1673 até o assentamento do último bloco da clarabóia em 171 O (embora o edifício já estivesse em uso desde 1697), possa nos ofuscar fazendo com que não levemos em conta todo o trabalho que foi realizado.

O incêndio destruiu cerca de 13.200 casas, 89 igrejas paroquiais, a Royal Exchange, o Guildhall (a prefeitura), a Bridewell (cadeia), os dois Compters, 52 prédios de companhias fardadas, além de outros prédios públicos. É provável que a maioria dos prédios particulares não estivesse sob o controle de Wren, e que os operários empregados não fossem maçons. Nos edifícios em que ele estava diretamente envolvido, maçons foram contratados e a incorporação final da Companhia de Maçons da Cidade de Londres, por meio das Cartas Patentes de Charles II, em 1677, pode ter acontecido em função dessa concentração de obreiros e outros envolvidos na reconstrução

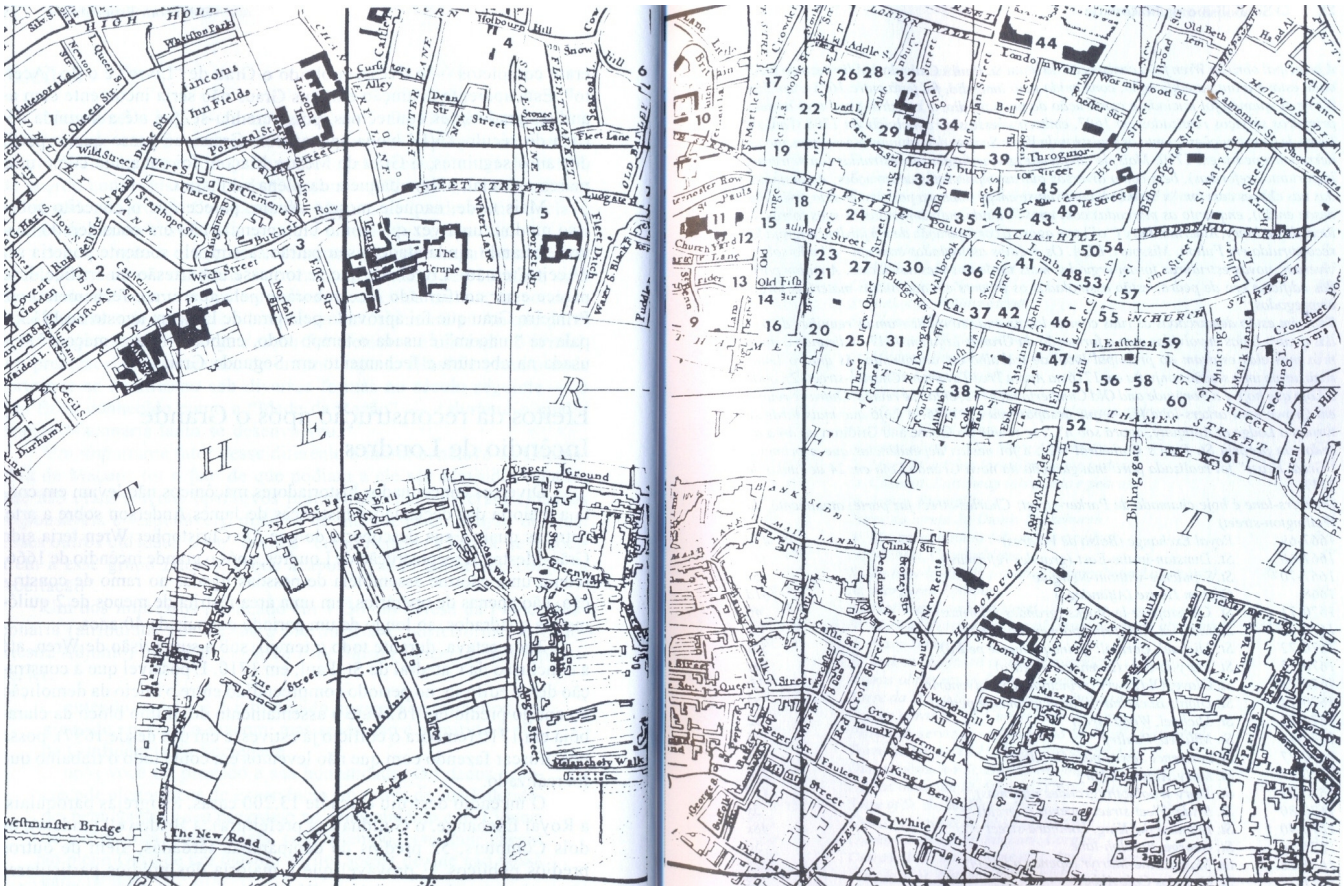


Figura 1

Reprodução de Parte do Mapa de Londres (1776) de Rocque Exibe as principais obras de reconstrução sob a supervisão de Sir Christopher Wren, na cidade de Londres, após o grande incêndio de 1666, demonstrando a concentração daqueles envolvidos com as construções durante o período em que isso foi realizado. Outras localidades de interesse também estão assinaladas.

Os prédios indicados por números são os mencionados no Livro de Constituições de 1756. Uma chave é fornecida nas páginas seguintes. As datas constantes para cada edifício indicam o período durante o qual as obras foram realizadas, sendo extraídas das publicações da Wren Society. As datas de conclusão mencionadas coincidem, exceto em dois casos (e, nesses, apenas com um ano de diferença) com aquelas apontadas no Livro de Constituições.

A principal obra de Wrenfoi a construção da atual St. Paul s Cathedral. A limpeza do local onde estava a anliga edificação, consumida pelo incêndio,Joifeita entre 1673 *e 1675, a partir de quando foi iniciada a construção do novo prédio. A catedral atual teve os seus primeiros serviços realizados em* 1697, *embora tivesse sido concluída em 1708. Tanlo o Livro de Constituições quanto os registros da Wren Society determinam o assentamento da derradeira pedra em 1710. Mais de cinqüenta igrejas foram reconstruídas (ou sofreram importantes reformas), bem como diversas outras importantes construções. As assinaladas nas chaves com um "x" ainda encontram-se em pé (embora possam ter sido revisadas desde então), enquanto as marcadas com um "t" ainda mantêm eretas as suas torres.* O *local da St. Mary, Aldermanbury ("o") tem agora a configuração de umjardim; a igrejafoi reconstruída em Fulton, Missouri, EUA. Os prédios assinalados com um "d" não sobreviveram; novas estruturas foram erguidas mais tarde nos mesmos locais. A maior parte dos edifi.cios era de pedra; estão assinalados os lugares em que outros maleriais foram empregados.*

Também estão demarcadas as ruas com os locais onde se realizavam as reuniões de Irês das quatro Lojas envolvidas com a formação da Grande Loja em 1717, *indicando o quão próximas elas estavam do principal local de trabalho em andamento. As quatro Lojas realizaram uma sessão conjunta em* 1716 *na Apple Tree Tavern na Charles-street* (2), *onde a Loja que hoje é a F ortitude and Old Cumberland, n°* 12, *então se reunia. Outra se reunia em Crown em Parkers-lane* (1) - *que desapareceu em* 1736. *A Loja que mais tarde se tornou a Lodge of Antiquity, agora sob n°* 2, *se reunia na* Goose and Gridiron *na área ao redor da própria St. Paul's Cathedral* (12), e *foi nessas dependências que a primeira "Great Feast" foi realizada para inauguração da nova Grande Loja em* 24 *de junho de* 1717.

(Parkers-lane é hoje chamada de Parker-street; Charles-street faz parte, atualmente, da Wellington-street)

1667-69	*Royal Exchange (Bolsa de Valores)*	*43d*
1667-68	*St. Dunstan-In-the-East (grandes reformas)*	*60t*
1667-70	*St. Sepulchre-without-Newgate*	*6x*
1668	*Custom House (Alfândega)*	*61d*
1670-71	*St. Christopher-le-Stocks (grandes reformas)*	*40*
'1670-72	*St. Mary-at-Hill (principalmente pedra)*	*58x*
1670-72	*St. Michael, Cornhill (principalmente pedra)*	*50x*
1670-73	*St. Mary-le-Bow (alvenaria* e *pedra)*	*24x*
1670-73	*St. Olave, Old Jewry (principalmente alvenaria)*	*33t*
1670-74	*St. Dionis Backchurch (principalmente pedra)*	*57*
1670-75	*St. Michael, Wood-street*	*22*
1670-76	*St. Mildred, Poultry*	*35*
1670-77	Sl. *Lawrence Jewry-next-Guildhall*	*29x*
1670-77	Sl. *Mary,Aldermanbury*	*280*
1670-77	*St. Mary Woolnoth (grandes reformas)*	*41d*
1670-80	*St. Bride, Fleet-street (apenas a igreja)*	*5x*
1670-90	*St. Edmund the King, Lombard-street*	*48x*
1671-74	*St. George, Botolph-lane*	*56*
1671-76	*St. Magnus-the-Martyr (apenas a igreja)*	*52x*
1671-77	*St. Nicholas Cole Abbey*	*14x*
1671-77	O *Monumento (comemorando o início do incêndio)*	*51x*
1671-80	*Torre da Igreja de St. Mary-le-Bow*	*24x*
1672-76	*St. Stephen, Walbrook*	*36x*
1673-75	*Demolição dos restos da antiga St. Paul's Cathedral*	*11*
1673-76	Sl. *Stephen, Coleman-streel*	*34*
1673-79	*St. Bartholemew-by-the-Exchange*	*45*
1673-83	*St. James, Garlickhythe*	

1675	Construção iniciada da St. Paul Cathedral	11x
1675-76	Novo Bethlem Hospital	44
1676-77	St. Michael, Queenhithe	20
1676-79	St. Michael, Basinghall-street (igreja em alvenaria, torre em pedra)	32
1676-80	St. Anne e St. Agnes, Aldersgate	17x
1677-79	St. Swithun London Stone	37
1677-81	St. Peter-upon-Cornhill (igreja em pedra, torre em alvenaria)	54x
1677-83	All Hallows-the-Great, Thames-street	38
1677-83	St. Benet, Paul's-wharf	9x
1677-84	St. Martin, Ludgate	7x
1677-84	All Hallows, Bread-street	23
1677-87	Christ Church, Newgate	10t
1678-82	St. Antholin, Watling-street	30
1680-82	St. Clement Danes	3x
1680-83	St. Augustin, Watling-street	15
1681-83	St. Mildred, Bread-street (um bloco frontal)	21t
1681-85	St. Benet, Gracechurch	55
1681-85	St. Matthew, Friday-street	18
1681-86	St. Mary Abchurch (alvenaria e algumas pedras)	42x
1682-85	St. Alban, Wood-street	26t
1682	Algumas obras na St. Mary Aldermary	27x
1683-85	St. Mary Magdalen (principalmente pedra)	13
1683-86	St. Clement, Eastcheap (alvenaria e pedra)	46x
1683	St. James, Piccadilly	x
1684	Torre da igreja St. Dionis Backchurch	57
1684-87	St. Margaret Pattens (alvenaria e pedra)	59x
1684-88	St. Michael, Crooked-lane	47
1685-92	St. Andrew-by-the-Wardrobe (principalmente alvenaria)	8x
1686-90	St. Margaret, Lothbury	39x
1686-94	All Hallows, Lombard-street	53
1686-94	St. Michael Paternoster Royal (principalmente alvenaria)	31x
1686-95	St. Mary Somerset	16t
1687	St. Andrew, Holborn (somente a igreja)	4x
1693	Outras obras na St. Benet Gracechurch	55
1695	Torre da igreja St. Augustin, Watling-street	15
1696	Outras obras na St. Christopher-le-Stocks	40
1697	Primeiros serviços realizados na St. Paul's Cathedral	11x
1697	Torre da igreja All Hallows, Bread-street	23
1698	Outras obras na St. Dunstan-in-the-East	60t
1698	Outras obras na St. Michael, Crooked-lane	47
1698-99	Spire of St. Bride, Fleet-street	5x
1701	Outras obras na St. Mildred, Poultry	35
1701	Outras obras na St. Michael, Cornhill	50x
1702	Outras obras na St. Anne e St. Agnes, Aldersgate	17x
1703-05	Steeple of St. Magnus-the-Martyr	52x
1704	Tower of St. Andrew, Holborn	4x
1705-06	Outras obras na St. Michael, Queenhithe	20
1706	Outras obras na St. Margaret, Lothbury	39x
1708	St. Paul's Cathedral quase pronta	11x
1710	Conforme consta, última pedra assentada na St. Paul's Cathedral	11x
1711	Prováveis outras obras na St. Mary Aldermary	27x

continua...

Ademais, em Londres, também foram construidos: o *Christ's Hospital, a Marlborough House e a Faculdade de Medicina em Warwick-lane, bem como obras em Temple Bar, todas sob* o *controle de Wren. Havia outra obra em andamento, ambas na cidade de Londres e em Westminster, sob* o *controle de outros. Além das obras em Londres, Wren também esteve incumbido do Greenwich Hospital, Greenwich Observatory, Chelsea Hospital, Sheldonian, entre outras obras mais, em Oxford.*

Os trabalhos se iniciaram em 1668 com a construção da Custom House (Alfândega), enquanto a Royal Exchange (Bolsa de Valores), que começara em 1667, foi concluída em 1669. Entre 1670 e 1700, 52 igrejas foram completamente reconstruídas ou sofreram importantes reformas; algumas delas tratadas em duas etapas e, em quatro casos, a segunda etapa não foi concluída antes de 1700; mais da metade dessas igrejas foi inteiramente construída em pedra, sendo que em pelo menos outras 15 utilizou-se pedra ou uma mistura de alvenaria e pedra. Assim, Sir Christopher Wren estava em contato direto com uma quantidade de homens ocupados na área da construção, muitas das quais em pedra, ao longo de 40 anos, até pouco antes de uma porção de "maçons livres" decidir criar uma Grande Loja formal, reunindo-se à sombra de toda esta nova operação de construção. Anderson não faz menção a tudo isso em suas Constituições de 1723, apenas em 1738. Mais detalhes foram incluídos na edição de 1756 pelo rev. John Entick, continuando na edição de 1784 de John Noorthouck.

Ligação e posterior desenvolvimento

Assim, encontramos, em Londres, uma sociedade de franco-maçons associada com a Companhia de Maçons de Londres nos últimos anos do século XVII. A sociedade continuou a usar o nome "Livre" depois de ter sido abandonada pela Companhia Operativa, sendo também conhecida por "Aceitação" - uma Sociedade de Maçons Livres e Aceitos com caráter Especulativo. Ao mesmo tempo, havia muitas pessoas ao longo de mais de 40 anos envolvidas nas obras de construção de restauração após o grande incêndio e, especialmente, na reconstrução da Catedral de St. Paul, concluída em 1710. A primeira Grande Loja foi formada (entre outras coisas, para achar um Grão-Mestre) em Londres, em 1717. Quando este novo corpo procurou um brasão para si, foi adotado o da Companhia de Maçons de Londres; e quando, alguns anos depois, uma Constituição estava sendo elaborada, o símbolo foi efetivado baseado na descoberta de uma cópia de uma antiga exortação referente ao oficio de pedreiro. Pode ter sido coincidência, mas eles combinam muito bem.

Há menos importância na adoção das armas da Companhia de Maçons do que teria nos dias de hoje. Naquela época, não era comum pedir

licença para usar as armas ou escudos de outrem e, em muitos casos, os brasões eram adotados para proporcionar uma forma de identificação, tal como um ofício ou profissão. A postura do Colégio de Armas, provavelmente, também foi diferente. O que parece ter sido adotado pela Grande Loja foi o modelo de Armas, mas longe de ser uma cópia fiel, e a coloração também foi diferenciada. O brasão original da Grande Loja jamais chegou a ser sancionado pelo Colégio de Armas; tudo indica que foi somente no século XX que algum tipo de autorização foi solicitada.

Em sua versão de 1738 das Constituições (porém, curiosamente, não na edição de 1723), Anderson declara que a busca por um novo Grão Mestre em 1717 foi decorrência da negligência de Sir Christopher Wren. Qualquer indício da existência da ligação de Wren com maçons livres e aceitos é tênue e pouco confiável. Seria perfeitamente possível que tenha demonstrado algum interesse tanto no lado especulativo da arte como no operativo - afinal de contas, ele estava em contato diário com um grande número de pessoas envolvidas na área durante 40 anos. Ele pode bem tê-los abandonado depois de 1710 - mas já estaria com mais de 85 anos quando foi formada a Grande LoJa!

Não resta dúvida de que, como um movimento, alguns corpos semelhantes e paralelos estavam surgindo em outros lugares além de Londres naquela mesma época em que se desenvolvia a "Aceitação". Cada um deles poderia ter pequenas idéias diferenciadas quanto à "espiritualização" de seu próprio ofício. Uma das iniciações mais antigas de que se tem registro, a de Elias Ashmole, em 1646, não se realizou em Londres, mas sim em Warrington, Lancashire; mas alguma associação com a Aceitação de Londres pode ser deduzida dos registros de Ashmole, como tendo sido admitido naquele corpo no Mason's Hall, Londres, em 1682. Uma menção especial deve ser feita à Escócia quanto ao precoce crescimento de suas Lojas independentes dotadas de certo conteúdo Especulativo.

Embora não seja possível estabelecer uma data de início à Maçonaria Livre e Aceita na Inglaterra, o cronograma dos acontecimentos relacionados aos seus primórdios sugere que se o simbolismo formal começou a crescer com ela, isso pode ter sido no final do século XVII, e que com o desenvolvimento que começou a ser observado na Maçonaria Especulativa no século XVIII, muito mais lhe foi acrescentado naqueles tempos. É improvável que haja uma história contínua de algum Movimento Especulativo com direta sucessão ao longo de milênios, mas isso não deve impedir aqueles dotados de uma mente Especulativa de conhecer a organização dos antigos "mistérios" - e, julgados os valores, copiá-los. Quando um movimento moral como esse parece ter surgido em conexão com um determinado oficio, tal como foi neste caso, tudo leva a crer que, ao buscar moralizar ou "espiritualizar", muitos exemplos seriam tirados daquele oficio.

O ingresso nas antigas guildas poderia ser feito de três maneiras: por patrimônio: um filho seguindo o pai numa guilda; por servidão: apren-

dizado formal registrado (ou "iniciado") numa guilda; por amortização ou aquisição. Esta última poderia ser necessária para se estabelecer em uma outra cidade, diferente daquela em que a pessoa tivesse sido introduzida e treinada - tal como no caso de William Preston, que fora empregado como Aprendiz em Edinburgh e se mudou para Londres. Em 1794, ele obteve a liberação da Stationer's Company (Companhia de Papeleiros) de Londres, para que pudesse trabalhar naquela cidade. Não havia um conselho nacional de registros, as disposições da guilda eram, em sua natureza, essencialmente locais, e uma salvaguarda poderia ser necessária antes que fosse permitido a algum desconhecido adquirir a sua passagem num ofício de uma cidade. Os documentos podiam ser facilmente falsificados e, assim sendo, algumas outras provas eram necessárias e preferidas. Em ofícios, tais como o de construtor em pedra, em que um determinado padrão profissional era necessário, alguns outros meios de identificação foram colocados em prática. Isso precisava ter caráter secreto, uma vez que ele representava uma chave de imediato acesso a um privilégio. Eles não constituíam os segredos do próprio ofício, pois estes somente podiam ser adquiridos no decorrer de um longo aprendizado, mas representavam proteção àqueles segredos. Os movimentos morais nem sempre são populares e podem ser vistos como ridículos; assim, nada mais razoável do que a Aceitação também adotar formas parecidas para a sua própria proteção. Mesmo nos dias de hoje, os segredos da Franco Maçonaria não são, por si, um conhecimento importante; eles também representam proteção e também cobertura ou lembrete de um significado muito mais profundo, e que somente pode ser adquirido no decorrer de uma longa experiência e, em muitos casos, impossível ser diretamente comunicado.

Especulativo

No âmbito da Maçonaria Livre e Aceita existem muitas ilustrações de princípios usadas em geral, emblemas dotados de particular importância ou significado e hieróglifos ou caracteres. Estes se prestam para simbolizar - e para lembrar os seus integrantes - os princípios morais relacionados com a participação da Ordem. Esses eram, e são, os verdadeiros símbolos da Maçonaria Livre e Aceita; e se uma explicação desses símbolos e simbolismo for procurada, então a razão para que eles tivessem sido incorporados no sistema maçônico deve ser a verdadeira explicação. É por isso que ali estão, e a instrução original deve ser tão válida, nos dias de hoje, quanto foi ao ser originalmente usada na Loja. Em muitos casos, a verdadeira razão pode ter se perdido com o passar do tempo, enquanto em outros casos, ela pode ter sido mudada, seja de forma deliberada e legítima, ou não, fazendo com que 'um símbolo perdesse por completo o seu significado

original- porém, o significado original pode ainda ser conhecido e proporcionar uma útil e importante ilustração maçônica.

Esses símbolos originais encontraram eco em nossa Loja e em seu trabalho durante o período de desenvolvimento da Maçonaria Especulativa pois nossos predecessores na arte especulavam sobre os princípios que procuravam ensinar e tentavam ilustrá-los de maneira simples. Em 1770, John Ladd publicou o livro The Science Df Free-Masonry Explained, o qual incluía pensamentos e princípios que havia analisado ao longo de um certo período e sobre os quais assim escreve:

> O conhecimento Especulativo é aquele que surge a partir da contemplação. Ele está inferido e confirmado através de um devido raciocínio de princípios, desse tipo são todas as verdades demonstrativas às quais chamamos de Ciência.
>
> Mais ou menos na mesma época, William Preston assim escreve:
>
> A Maçonaria Especulativa compreende a ordem oculta do Universo e das coisas secretas, tanto terrenas como celestiais, mais particularmente aquelas de natureza espiritual e intelectual. A Maçonaria Operativa direciona nossos trabalhos à perfeição, enquanto a Especulativa à felicidade. Uma nos direciona ao discernimento e ao uso dos dons da Natureza; a outra nos possibilita investigar a ordem e o sistema do Universo e adapta às suas regras as nossas idéias e conceitos de justiça, o único meio pelo qual o homem pode viver com conforto e felicidade no mundo.

Os dicionários atuais dão como significado de "especulativo": "pensativo" ou "filosófico". Assim, o verdadeiro maçom especulativo pensa acerca da Arte, e medita e contempla sobre o seu significado para si e para a humanidade. Aqueles que se denominam franco-maçons não são maçons operativos. Eles são livres e aceitos, ou especulativos. Essa definição coloca o termo "especulativo" como uma descrição ou nome "alternativo" para "livre e aceito". A Maçonaria Simbólica adquiriu o qualificativo de "Livre e Aceita" por uma questão histórica. Porém, aqueles que escolheram fazer parte dela estão obrigados a esse título alternativo para fazer bem mais do que apenas figurar como meros e passivos integrantes; eles devem refletir acerca dos princípios subjacentes da sociedade na qual ingressaram.

Nos últimos anos do século XVIII, diversos escritores maçônicos preocupavam-se em invocar o maçom a ser mais especulativo em suas atividades e envolver-se na busca do significado da arte da qual ele fazia parte. Na segunda edição de seu livro Illustrations Df Masonry, publicada em 1775, William Preston discorre sobre esse assunto do envolvimento pessoal:

> Conseguir um progresso diário na Maçonaria é um dever que cabe a cada um dos Membros desta Sociedade, e isso é algo que está expressamente exigido em nossas leis. Qual o propósito que pode ser mais nobre do que a busca da virtude? Qual motivo pode ser mais atraente do que a prática da justiça? Qual instrução pode ser mais benéfica do que uma acurada elucidação dos mistérios simbólicos, os quais cultivam e enfeitam a mente humana? Tudo aquilo que os olhos alcançam, mais rapidamente desperta a atenção e grava na memória aquelas circunstâncias que vêm acompanhadas de sérias verdades. Assim, os maçons adotaram, universalmente, o método de inculcar os princípios de sua Ordem por meio de emblemas e alegorias. Essa prática conseguiu evitar que os seus mistérios chegassem ao alcance de todo noviço desatento e despreparado, de quem eles poderiam não receber a devida veneração.

Se os símbolos já estão ali, fazendo parte da arte, e sabemos os seus significados originais; se eles ali chegaram por meio de uma cuidadosa especulação feita por nossos Irmãos de antigamente; e se aquela época conseguiu produzir tantos textos especulativos que acabaram por ser incorporados à estrutura da arte, como podemos realizar a injunção que nos impõe William Preston - e enfatizada na noite de sua Iniciação a cada novo membro da Ordem? Já não está realizada e concluída toda a especulação? O que ainda falta fazer?

Podemos primeiro analisar os símbolos existentes na Maçonaria Simbólica, estudar quais são os seus propósitos e qual o seu verdadeiro significado, e entender o que eles têm a nos ensinar. O Concise Oxlord Dictionary define um "símbolo" como "algo consensualmente visto como tipificando ou representando ou lembrando naturalmente alguma coisa que seja possuidora de qualidades análogas, ou por associação a algum fato ou conceito", ou uma "marca ou caractere tomado como um sinal convencional de algum objeto, idéia ou processo". Nós encontraremos ambos os tipos de símbolos para fixar a nossa atenção nas Lojas. Não apenas aquelas coisas que, por associação ou conceito, representam ou lembram os princípios destinados a nossa instrução, mas também objetos ou marcas que detêm um especial significado. Os nossos antepassados na Maçonaria, muitas vezes, se referiam a essas coisas como "hieróglifos". Wellins Calcott, em seu livro A Candid Disquisition, publicado em 1769, descreve o que ele entende por "hieróglifos" em relação à Maçonaria:

> Hieróglifos são emblemas ou sinais próprios do divino, do sagrado ou do sobrenatural, pelos quais se distinguem dos símbolos comuns, os quais são sinais de coisas naturais

Especulação e Simbolismo

Eu já havia comentado que os símbolos incorporados à tradição da Maçonaria Simbólica foram introduzidos por nossos antigos Irmãos com um particular propósito e para expressar um certo pensamento ou preceito. Este pensamento ou preceito pode nos ser muito valioso em nossa geração, porém devemos ter em mente que nenhuma época em especial tem o monopólio do conceito original ou profundo, sendo apropriado que as sucessivas gerações de maçons reconsiderem aqueles símbolos originais. Diversos autores têm expressado os seus conceitos e idéias sobre o que significam, para eles, os existentes símbolos da Maçonaria Simbólica.

Eu tentei traçar uma diferenciação entre o significado original dos símbolos encontrados na Maçonaria e aquilo que constitui a verdadeira especulação maçônica. Boa parte dos textos mais recentes que nos dão o beneficio da especulação é publicada sob o título genérico de simbolismo e, em muitos casos, tenta mostrar interpretações especulativas como se não existisse nenhum significado original. Embora este trabalho especulativo seja valioso em proporcionar uma nova visão e maneira de mostrar uma verdade antiga, o nome sob o qual o autor publica é de pequena importância. O objetivo imediato é o de estudar os nossos símbolos e sobre eles especular. Em seu livro An Interpretation of Our Masonic Symbols, 1. S. M. Ward assim escreve:

> Podemos sair da Loja e, ao apreciarmos a natureza, perceber que tudo que nos cerca é algo que Deus está a nos ensinar por intermédio de símbolos e alegorias. O Sol que se eleva no firmamento não é uma nítida imagem de Sua glória. Ele ilustra o Seu poder criativo, e em seu nascente e seu poente está uma alegoria de nossa existência mortal, a vida e a morte e, mais ainda, a ressurreição. O milho plantado no solo nos mostra uma mesma mensagem e o mais humilde dos animais, no campo, pode nos ensinar muitas lições.
>
> Todas as leis da Natureza são as Suas leis, e quanto mais as estudamos mais compreendemos não se tratar de um mero resultado do acaso, mas a prova de um profundo e abrangente intelecto, ao lado do qual o intelecto do mais sábio dos homens não passa de brincadeira de criança. Seguramente, um dos principais objetivos de nossa vida na terra é o de podermos tentar compreender, embora de forma tênue, o significado de Seus grandes símbolos. Assim, existe um profundo significado na injunção incumbida a cada maçom: "fazer avanços diários no conhecimento maçônico". Isso equivale dizer que é o nosso dever estudar e aprender a interpretar o significado de nossos Símbolos e Alegorias, pois assim estaremos mais aptos a interpretar a grande alegoria da Natureza.

> Não devemos esquecer que na composição da Maçonaria muitas diferentes tradições e linhas de ensinamento se misturaram no decorrer das gerações; e, assim sendo, é bem possível que um homem exponha uma linha de interpretação, e outro tenha uma visão um pouco diferente. E, ademais, é possível que ambos estejam corretos e tudo o que tenha acontecido seja, em prol do esclarecimento, que um tenha se concentrado num aspecto e o outro, num segundo aspecto. À guisa de esclarecimento do que acabo de dizer: é possível dar uma interpretação cristã a toda a Maçonaria Simbólica, inclusive todos os seus símbolos, e, em vista do longo período em que a Maçonaria foi declaradamente cristã, ninguém haverá de contestar a sua apropriada e correta interpretação geral. No entanto, antes que o Cristianismo existisse, outros sistemas semelhantes ao nosso eram conhecidos e cultivados e, sem dúvida, uma parte de seus simbolismos e ensinamentos se juntou à Franco-Maçonaria. Assim, é natural que uma interpretação não-cristã também possa existir, e ser igualmente correta.
>
> Há algo que devemos ter sempre em mente ao estudar o significado e a origem de todos os costumes, práticas ritualísticas e símbolos: com o passar do tempo, os homens são capazes de esquecer a verdadeira origem e significado, e passam a inventar novas e ingênuas explicações. Eles criam novas lendas ao redor de antigos costumes e tradições, ou as importam de alguma outra escola ou credo. Esse tipo de tendência pode ser observada de muitas formas na Maçonaria. Mais de um significado está oculto por trás de nossos silenciosos emblemas, e, normalmente, a aparente explicação dada no cerimonial não é nem o significado original, nem o profundo, a ele agregado.

Os trechos seguintes, extraídos da obra Leaves from Georgia Masonry, publicada sob os auspícios da Grande Loja da Geórgia, se referem à questão geral acerca do simbolismo e da especulação:

> O simbolismo é a chave de todos os mistérios, de todas as religiões, modernas e antigas, a todo o conhecimento esotérico. Sem uma compreensão do significado dos símbolos, jamais conseguiremos apreciar a beleza da vida, ou entender aquilo que a nossa fé procura nos ensinar. Porém, assim que o conhecimento dos símbolos começa a nos chegar, cada vez mais nos tomamos livres ou iniciados.
>
> Palavras são inadequadas para transportar ou transmitir as verdades espirituais, pois todas as palavras têm origem material e, conseqüentemente, um significado material. A Maçonaria não

emprega palavras para transmitir as mais profundas verdades espirituais, ela utiliza símbolos. Geralmente simples figuras cujos inícios se ocultam no passado místico e cujos primeiros usuários são desconhecidos. Nos antigos símbolos da Maçonaria, poucos e vagos em significado aos não-Iniciados e ignorantes, os antigos Mestres ocultavam a Sagrada Doutrina e a Palavra de Mestre, que, expressos de forma tão simples, permitia ao mais humilde dos que os procuravam poder encontrá-los.

A estupidez moderna se esforçou para acrescentar muitos novos símbolos à Maçonaria e para explicar todos os antigos símbolos em palavras simples. Essas explicações desafiam a admiração dos sensatos e doutos em função de sua trivialidade e banalidade, e que comprometem a compreensão pela falta de conhecimento.

Estude os símbolos da Maçonaria e escave fundo no entulho do Templo para encontrar as grandes verdades ali enterradas; os resultados recompensarão as suas buscas. Porém, o estudo dos símbolos, sem a aplicação prática em sua vida, não passará de um mero exercício intelectual: e se você tentar, simplesmente, entendê-los sem vivenciá-los, o resultado será mais problemas do que proveitos. Tão logo tenha aprendido o significado de um símbolo, você deve torná-lo parte de sua vida, faça com que ele seja um guia do seu coração, sorva-o como a água da mais pura das fontes, alimente a sua alma com ele e, assim, você haverá de crescer em conhecimento de ainda maior profundidade, enquanto a sua alma se elevará ainda mais, chegando mais próxima das estrelas e da sabedoria divina que eles encerram. A sabedoria é um crescimento da alma, e a recompensa do trabalho e do esforço, que não pode ser adquirido se não pelo seu igual valor em sacrifício. Cada vez que você progride, ao olhar para trás, perceberá ter passado pelo altar dos sacrifícios, algo que representou o trabalho de suas mãos e de seu coração, simbolizando que, por meio do trabalho, retribuiria aos seus Irmãos e à Humanidade os benefícios que recebeu livre e gratuitamente.

O desígnio da Instituição maçônica é o de tomar o homem mais sábio e melhor, e, conseqüentemente, mais feliz. Ela estabelece em suas instruções simbólicas os princípios da moralidade, aquelas fontes secretas que têm inspirado as vidas verdadeiramente grandiosas. Aquele que observa e cumpre os preceitos maçônicos não terá que consultar a opinião de amigos ou do público ele haverá de encontrar dentro de si um certeiro e infalível monitor no qual poderá sempre confiar

> estudante que quiser aprender o que são esses princípios, deve estar disposto a vivenciá-los. A sabedoria é um crescimento da alma. Os princípios morais de nada valem até que se tomem vivos e direcionados, pela prática, aos mais profundos recônditos da alma.
>
> A sabedoria é inútil a menos que ela possa ser posta em prática. Se você não estiver disposto a vivenciar a sua Maçonaria, não procure conhecer os seus sagrados mistérios. Esse conhecimento traz em si a responsabilidade do uso e da obediência: e é impossível esquivar-se dessa responsabilidade.

A minha intenção neste livro é abordar alguns dos símbolos mais comuns encontrados na Maçonaria Simbólica, tentar esboçar o que os nossos antepassados queriam nos ensinar ao incluí-los e por que tais símbolos foram escolhidos. Também analisar e apreciar um pouco da enorme quantidade de textos especulativos que surgiram com o passar dos tempos. Deliberadamente, o conteúdo se restringe aos três graus da Maçonaria Simbólica, apresentado pelas mais simples e diretas reflexões sobre o simbolismo e o conceito especulativo, sem qualquer tentativa ou intenção de entrar nas áreas do místico e do oculto.

L. M. Sherwood, da Grande Loja de New South Wales, escreveu um artigo sobre a excessiva veneração aos símbolos, a qual denomina Simbolatria. Ele ressalta que, desde os seus primórdios, alguns símbolos tiveram um significado padrão e podem envolver um estudo especial. Muitos dos autores que escreveram sobre os símbolos têm pouco, ou nenhum, conhecimento sobre o assunto e vários não conseguem resistir à tentação de enxergar um símbolo em tudo aquilo com que se deparam. Ao longo dos tempos, diversos cultos com excessivo simbolismo surgiram na Maçonaria de vez em quando, normalmente em pequenos grupos ou focos, resultando em sugestões, muitas vezes publicadas, que o maçom comum, mesmo após uma cuidadosa análise, haverá de achá-las inaceitáveis. A maioria está preocupada, até certo ponto, com o misticismo, ou com a tentativa de provar uma história por demais gloriosa e suas conexões com a arte.

Em relação a este assunto, w. H. Rylands em seu artigo Notes on Some Masonic Symbols, publicado em 1895 no Ars Quatuor Coronatorum - vol. 8, assim escreve:

> Como todos sabem, ou ao menos deveriam saber, o simbolismo é sempre um tema complicado e difícil. Uma vez adequadamente iniciado sobre o assunto, ele muitas vezes se torna uma avalanche, uma torrente, que pode levar a pessoa a um mar aberto ou a um vazio. São poucos os assuntos sobre os quais têm sido escrito tanto lixo quanto sobre símbolos e simbolismo. Trata-se de um terreno fértil àqueles que, orientados por ne-

> nhum tipo de sistema ou regra, se pautam somente em seu próprio arbítrio e vontade e gostam de deixar à sol~ as suas fantasias e imaginações. São apresentadas interpretações sem quaisquer outros fundamentos que não os criados pela desordenada mente do autor. E quando é exigida uma prova ou algo parecido a uma afirmação definida, os símbolos passam a ser confundidos com metáforas e acabamos sendo envolvidos num labirinto ainda mais complicado de tolices e fantasias, que levam a inatingíveis conclusões!

Embora os Mistérios ao longo dos anos utilizassem símbolos e, tendo a Maçonaria os herdado ou copiado, devemos lembrar que nem o simbolismo nem a verdade é exclusiva aos maçons, tal como lembra este comeritário extraído do Leaves frorn Georgia Masonry*:*

> No entanto, a Maçonaria não detém o monopólio da verdade, e nem a sabedoria dos antigos sábios. E, na verdade, nem ela nem qualquer outra organização avoca para si o monopólio dessas inestimáveis qualidades. Esta sabedoria e as grandes verdades da vida estão encerradas dentro de nós. Em cada homem essas verdades estão ocultas em seu coração, de forma tal que, ao se deparar com uma delas, ele não se surpreende, pois parece identificar um antigo conhecimento quanto à sua existência. No entanto, as pessoas não têm como enxergar essas verdades quando levam suas vidas sob falsos padrões ou quando obscurecem o seu julgamento por meio de erros ou vícios. Essas verdades estão encobertas nas alegorias do mundo, e até mesmo nos contos de fada que contamos às crianças. Porém as pessoas não conseguem ouvir o significado espiritual, tão simples ao conhecedor, até que os seus ouvidos estejam sintonizados à harmonia do espiritual; e cada falha, tolice, vício ou erro, obstrui as cordas musicais da alma de forma a não lhe permitir responder à sua verdadeira harmonia, produzindo, ao invés, uma notável desarmonia.
>
> Esses segredos de inestimável valor estão claramente estampados no Livro da Natureza, aquela prodigiosa Obra produzida e escrita pelo Próprio Grande Criador, mas que somente os homens de valor têm a capacidade de decifrar e entender as palavras.

O Simbolismo Básico

Logo no começo de sua vida maçônica o Iniciado é colocado em contato com o simbolismo da Maçonaria Simbólica. Conforme a prática inglesa, qualquer que tenha sido o significado da Cerimônia de Iniciação, o neófito não poderá fazer nenhum progresso sem, realmente, afirmar que a Maçonaria é "um sistema de moral idade, velado em alegorias e ilustrado por símbolos". Essas palavras não devem ser simplesmente repetidas ao serem ditadas por alguém. Elas estão entre as primeiras que o candidato deve saber de cor. Sendo ouvidas com tanta freqüência por aqueles que freqüentam as sessões maçônicas, essas palavras ficam gravadas na mente e na consciência de cada maçom. Mais uma vez em conformidade à prática inglesa, exatamente essas palavras - qualquer que seja a Loja apenas entraram em uso ritualístico formal como parte do ritual estabelecido pela Lodge of Reconciliation (Loja de Reconciliação) entre 1814 e 1816, para aplicação, nas Lojas, sob a jurisdição da nova Grande Loja Unida da Inglaterra. Tais palavras, ou sinônimos que produzem o mesmo efeito, podem ser encontradas nas preleções maçônicas anteriores à citada época, . representando os conceitos de nossos predecessores e incluídas na prática básica ao longo do desenvolvimento da Maçonaria Especulativa.

Em nossos dias, a "alegoria" é geralmente tida como uma "descrição narrativa de um assunto sob o disfarce de outra narrativa sugestivamente parecida". Essa é a definição que consta do Concise Oxford Dictionary, no qual também aparece como sinônimo a palavra "emblema", que também significa "símbolo". George Savage, em seu Dictionary of Antiques (1970), vai mais além ao considerar o uso dessa palavra nos séculos XVII e XVIII, qual seja, o período em que os procedimentos maçônicos estavam em desenvolvimento:

> "Alegoria" - um assunto que lembra outro, em função de seu contexto análogo. Por exemplo, um cacho de uvas, em razão da época do ano em que ele é colhido, é simbólico ou alegórico do outono. Os temas alegóricos eram bastante populares durante os séculos XVII e XVIII. Todas as deidades da mitologia clássica tinham objetos a elas sagrados. Os louros eram sagrados a Apolo (Hélios); a vinha a Baco (Dionísio); o raio e a águia a Júpiter (Zeus); a pele de leão e a clava a Hércules (Heracles); e o caduceu a Mercúrio (Hermes) - nomes de deuses romanos e, entre parêntesis, seus correspondentes na mitologia grega. Estes atributos, por si, eram símbolos das deidades que as portavam. Na arte cristã, tanto o cordeiro quanto o peixe simbolizavam Jesus Cristo. Grupos desse tipo eram denominados troféus. O simbolismo foi levado a grandes distâncias, particularmente no século XVIII, quando as coleções de imagens em porcelana e bronze representando as estações, os continentes, os elementos (Terra, Fogo, Ar e Água), etc., somente podiam ter o seu significado *deduzido* pelos símbolos que mostravam. *Assim,* flores representavam a primavera; uma espiga de milho, o verão; uvas, o outono; e um braseiro, o inverno. Esperava-se que todos estivessem suficientemente familiarizados com esse *tipo* de simbolismo para que fosse possível identificar o seu significado

Além de realçar que o significado de "alegoria" no século XVIII permite que ela seja classificada junto a "símbolo" sob o aspecto genérico de *"simbolismo",* depreende-se uma postura mental em relação a esse assunto em nossos antepassados do século XVIII, que foram os responsáveis pela maior parte do desenvolvimento maçônico no ritual, nos procedimentos e formas de Loja. Essa postura mental deve ser sempre levada em consideração quando analisamos o crescimento do *muito* que temos de simbolismo na Maçonaria Simbólica de hoje.

Se o ritual das cerimônias contém alguma explicação formal do *sim*bolismo pretendido, denota-se ter passado por alguma forma de sanção. Isso se aplica, particularmente, nas cerimônias realizadas antigamente, até a época da aprovação formal pela Grande Loja, em 1816. Até então, as preleções explicativas representavam uma parte essencial da cerimônia, embora fossem apresentadas à mesa de refeições, logo após uma breve cerimônia ritual. As explanações contidas nas preleções tratavam do simbolismo daquela breve cerimônia que acabara de se realizar, da estrutura simbólica da própria Loja e dos princípios e ensinamentos da Ordem. Embora as cerimônias atuais, segundo a prática inglesa, não incluam, necessariamente, tais preleções, existem certas preleções-padrão ainda em uso e

que descendem diretamente daquelas utilizadas na Inglaterra antes da União das Grandes Lojas em 1813.

Assim, é a partir do estudo das antigas formas ritualísticas e preleções que poderão ser encontrados os indícios acerca do simbolismo originalmente introduzido na cerimônia e na Loja, embora, no que tange às atuais práticas realizadas na Inglaterra, seja bom ter em mente a considerável mudança nos detalhes da Loja em resultado das cerimônias e preleções terem sido renovadas após a fusão de 1813. As duas Grandes Lojas que se uniram: a Grande Loja original, de 1717, algumas vezes conhecida de forma irrisória como "Modernos", derivada da acusação de terem eles abandonado os antigos princípios; e a Grande Loja formada, em 1751, em grande parte por Irmãos com ligações irlandesas, e algumas vezes conhecida como "Atholl" (por seus sucessivos duques de Atholl como Grão-Mestres) ou "Antigos", tinham algumas diferenças em suas práticas, procedimentos e simbolismo. Na reestruturação seguinte, muito daquele simbolismo antigo foi mantido, seja de qualquer lado que tenha vindo. No entanto, alguns simbolismos foram descartados e onde havia divergências ou diferenças de interpretação, soluções foram encontradas. Os ajustes necessários para adequar os novos procedimentos, algumas vezes, resultavam em novas referências morais nas cerimônias - tal como, por exemplo, a inclusão dos instrumentos de trabalho nas cerimônias dos três Graus, na forma que é geralmente apresentada atualmente nas Lojas inglesas, e que remontam ao ano de 1816. Algumas mudanças passaram sem alteração e não houve nenhuma análise completa quanto à referência simbólica, dando origem a situações não totalmente explicáveis, sem que se faça referência ao que fora anteriormente feito.

O trabalho da Grande Loja dos Antigos

Na década de 1760, uma série de "exposições" das práticas maçônicas foi publicada, com o intuito de instruir o trabalho de Loja pertencente a essa Grande Loja. A quantidade de edições que foram publicadas - particularmente duas delas - com essas exposições, a partir daquela década de 1760 e ao longo dos 60 anos seguintes - mostra que os livros eram bastante usados como "lembretes", sendo assim muito corretos em conteúdo, com o efeito de influenciar o trabalho em Loja, uma vez que nada de natureza oficial estava impressa. Alguns livros de instruções manuscritos que apareceram um pouco mais tarde naquele século sobreviveram e estão baseados no mesmo sistema daquele dado nas exposições. Estes fornecem mais informação e muito mais acerca do simbolismo subjacente. As formas de instruções e preleções usadas por esta Grande Loja parecem bastante simples e objetivas em sua estrutura. No Primeiro e Segundo Graus, uma

primeira parte ou seção consistia de uma direta descrição da cerimônia. Esta era seguida de uma segunda parte ou seção (às vezes até mais do que isso), na qual se abordavam "as razões", que explicavam, sob um ângulo simbólico, os motivos de determinada parte da cerimônia ser conduzida daquela forma em particular. Além disso, havia também alguma ampliação sobre as explicações da própria Loja, em si, e em outros aspectos.

É interessante notar que as quatro figuras que aparecem no brasão adotado pela Grande Loja dos Antigos - um homem, um leão, um boi e uma águia eram os mesmos símbolos usados pela antiga Igreja para Mateus, Marcos, Lucas e João.

O trabalho dos modernos

Uma das exposições da década de 1760 também alegava apresentar o trabalho desta outra Grande Loja, embora isso pudesse mostrar não haver diferenças entre elas. É provável que elas fossem diferentes em diversos aspectos - na verdade, a importância dessas exposições baseia-se na influência que exerciam no uso, anos mais tarde, como "rituais", mais do que pareciam retratar como trabalho nos anos de 1760-1762. São poucas as Lojas que podem ter trabalhado dessa forma, mas segundo A. C. F. Jackson em seu texto acerca destas exposições no Ars Quatuor Coronatorum, vol. 84, provavelmente, naquela época, não havia um formato padrão. Acredita-se que, em 1770, Thomas Dunckerley tenha sido incumbido pela Grande Loja de elaborar um sistema-padrão de trabalho para as Lojas dos Modernos. Parece claro que ele tenha feito isso, em razão da referência ocasional ao seu nome, porém não existe uma prova direta de que este sistema tenha sido colocado em prática. No entanto, na década de 1790, há algumas evidências detalhadas de como algumas Lojas de Modernos trabalhavam; e, como existem diversos manuscritos e impressos com bases comuns, este pode, provavelmente, ter sido o sistema -mais aceito na Grande Loja de Modernos. O mais completo livro publicado foi o Master Key, de John Browne, apresentado sob a forma de uma série de preleções cifradas, e cujas chaves somente poderiam ser obtidas junto ao editor, e sujeito a adequadas e cabíveis salvaguardas. As preleções continham uma descrição das cerimônias dos três Graus, com explicações sobre os significados das várias partes ritualísticas à medida que se desenrolavam, com o Simbolismo da própria Loja e os princípios morais da Maçonaria. Além disso, Browne apresentou, isoladamente, um completo manual de procedimentos ritualísticos para as cerimônias. Wi1liam Finch publicou um livro chamado A Masonic Key, em 180 1 (muitas edições posteriores apareceram 10b outros títulos), cuja base era bastante semelhante à de Browne, embora, mesmo a partir da primeira edição, a ordem das prele-

ções estivesse apresentada numa seqüência diferente. Finch incorporou à obra boa parte de seus próprios conceitos Especulativos, bem como os de vários outros, especialmente nas edições posteriores que são, em certos trechos, bem diferentes. Ainda que nem todas as Lojas trabalhassem exatamente da mesma forma, mesmo em 1800, os sistemas estavam baseados nos mesmos procedimentos e usavam o mesmo simbolismo "básico", muitas vezes tomando-os emprestados entre si.

William Preston

William Preston compôs uma preleção no Primeiro Grau, que foi demonstrada na presença do Grão-Mestre da Grande Loja dos Modernos em uma festa, em 1772. Em seguida, foi publicado o seu livro Illustrations of Masonry, e mais adiante, desenvolvidas as preleções dos outros dois Graus. O Illustrations of Masonry passou por algumas edições, sendo a última, a 12ª, publicada pouco antes de seu falecimento, em 1812. Preston foi um grande maçom especulativo, tal como fica patente pelas constantes variações e acréscimos inseridos nas sucessivas edições de seu livro. O Illustrations of Masonry não trazia todo o texto das preleções de Preston, e nem mesmo todo o seu conteúdo. As perguntas inseridas em suas 1 ª e 2ª preleções foram publicadas pela primeira vez em 1790 e 1792, respectivamente, e devidamente cifradas. As respostas que compunham a substância dos ensinamentos não foram impressas e são encontradas em separado e manuscritas. Embora em seus últimos anos Preston estivesse ligado à Grande Loja dos Modernos, ele dizia ter selecionado o melhor que havia em todas as vertentes, antigas ou novas e, sem dúvida, se serviu de matérias ligadas a outra Grande Loja, enquanto também foi influenciado (e envolvido) pelos estudos místicos em voga na época. Em conseqüência, as suas preleções representam um sistema distinto dos demais e, em decorrência da maneira que pensava e colecionava, o seu trabalho é de inestimável valor no que concerne ao simbolismo da Maçonaria da época.

Estas são as fontes de onde podem ter derivado os conceitos acerca dos símbolos originais incorporados nos sistemas maçônicos e estas são as fontes às quais nos referimos ao dizermos, mais tarde, que tal explicação pode ser encontrada nas antigas preleções. Isso não significa que esta era, necessariamente, a fonte original mas que, simplesmente, eles foram incorporados há tempos. Muito daquilo que foi mais tarde aceito como parte dos sistemas de Preleções pode ser atribuído a autores anteriores, entre os quais estão John Ladd, William Preston e Wellins Calcott (que foi um Past Master da Lodge ofRegularity, hoje a nQ 91) já mencionado. O I!lustrations of Masonry, publicado em 1775, e a obra de William Hutchinson também serviram de inspiração para muito de tudo aquilo que foi incluído. Hutchinson

foi um famoso escritor e historiador na região Nordeste da Inglaterra, e foi Past Master da Lodge of Concord em Bemard Castle. Embora não haja comprovação quanto a qualquer ligação sua com a Maçonaria Simbólica, algumas das passagens de John Milton podem ser encontradas, ainda hoje, em suas preleções, apesar de parecer vir da beleza de seus textos e de não ter qualquer conexão com o simbolismo maçônico.

Os antigos catecismos e exposições

O simbolismo maçônico não "começou" nos últimos anos do século XVIII, apenas se desenvolveu e floresceu naquele período, chegando a ponto de se tomar reconhecível como um sistema com certo grau de plenitude. Desde quando há a Maçonaria Especulativa, o simbolismo também existe nela e, possivelmente, em certos aspectos da Maçonaria Operativa. Existem catecismos maçônicos - os precursores das preleções - que são rastreados remontando ao século XVII. Muitos deles são encontrados colecionados, para mais fácil referência, no The Ear/y Masonic Catechisms, de Knoop, Jones e Hamer (que tem uma segunda edição, revisada e ampliada, de 1963, por Harry Carr). Outras obras do gênero, como The Edinburgh Register House Manuscript, de 1696, The Chetwode Crawley Manuscript, de cerca de 1700, e The Kevan Manuscript, de cerca de 1714-1720, contêm referências ao número de maçons numa Loja, situação da Loja, Jóias, Luzes e assuntos da Fratemidade, tudo de maneira que mostra a prática registrada por elas como sendo a fonte a partir da qual as preleções seguintes se desenvolveram. Não há tantas explicações tão detalhadas nesses manuscritos como as que podem ser encontradas naqueles que apareceram mais tarde, no século XVIII. The S/oane Manuscript, de cerca de 1700, The Trinity College Dublin, Manuscript, de 1711 e, particularmente, o Durrifries n Q 4 Manuscript, de cerca de 1710. Todos têm, .mais ou menos, os mesmos conteúdos, embora não necessariamente apresentados da mesma forma. O Dumfries, que é, sem dúvida, de origem escocesa, apresenta diversas diferenças em relação aos outros, incorporando as Sete Ciências Liberais, as três Grandes Luzes, tal como a prática inglesa as conhece agora e, diferentemente, daquelas mostradas nas décadas de 1720 e 1730, e os nomes das Colunas, entre outros detalhes. Isso serve simplesmente para salientar o fato de que havia um notável precoce desenvolvimento local no surgimento da Maçonaria Especulativa.

Podemos encontrar, na década de 1720, uma boa quantidade de "exposições" de vários tipos, e as respectivas respostas. A obra Masonry Dissected, da Prichard, de 1730, foi a última exposição detalhada que apareceu na Inglaterra durante um certo período e, a se julgar pela quantidade de edições publicadas, esse trabalho deve ter sido usado como um tipo de

"manual" na Maçonaria inglesa por mais de trinta anos. Comparadas com as exposições da década de 1760, essas antigas publicações parecem incompletas, porém, aqui também há o suficiente para mostrar que aquilo que aconteceu mais tarde foi um desenvolvimento do que existia, e que muito das "bases" do posterior rico simbolismo já estava ali e em uso, embora não tão explicado ou justificado.

Os mistérios das antigas civilizações

Quando a forma de Maçonaria Livre e Aceita começou a ter vida própria, separada da Maçonaria Operativa, ela usava símbolos e emblemas para lembrar a seus membros os princípios morais e espirituais inerentes à Sociedade. Ao longo do período em que se deu esse desenvolvimento, como já vimos, o uso geral dos símbolos era uma prática comum e cotidiana. Assim, a sua incorporação em qualquer Instituição esmerada, tal como a dos maçons especulativos, não seria nada extraordinária. Existiam no passado _ e no passado distante, em diferentes partes do mundo - sistemas morais, hoje em dia geralmente chamados de "Mistérios", que ao serem estudados, parecem ter características semelhantes àqueles da Franco Maçonaria e fazerem uso de símbolos em seus trabalhos. O dr. James Anderson, que compilou o Books of Constitutions (Livro das Constituições) da Grande Loja da Inglaterra, publicado em 1723 e 1738, incluiu um fantástico registro da contínua sucessão maçônica, que remonta aos mais antigos mistérios. A história de Anderson foi adotada por autores mais recentes de forma que esta descendência direta pode ser, em geral, digna de crédito pela maioria dos maçons. Certamente, existem provas concretas de que os maçons do século XVIII realizaram estudos muito sérios acerca dos mistérios da Antiguidade e bem podem ter sido influenciados por eles, ou tê-los copiado sob a forma de símbolos incorporados, no desenvolvimento da Maçonaria Especulativa. Um dos casos dos quais pode ser extraída alguma prova foi a palestra dada por George Downing em sua instalação como Grão-Mestre Provincial para Essex, em 15 de maio de 1797:

> Os mais famosos mistérios de que temos notícia são os da Pérsia, que são celebrados em homenagem ao Deus Mytra e os dedicados em Eleusis, na Grécia, à Deusa Ceres.
> Muitos argumentos poderiam ser alegados para provar que ambas as deidades seriam corruptelas da Franco-Maçonaria, e doravante não tentarei a inclinação, se não quiser a oportunidade de discuti-los. No entanto, neste momento, me contentarei em apontar a semelhança que pode ser observada entre os ritos iniciáticos praticados pelos professores daqueles mistérios e aque-

> les praticados por nossos Irmãos, sejam eles Antigos ou Modernos. E mais especificamente na parte alegórica de suas Cerimônias.

George Downing era, profissionalmente, advogado, cartorário e, provavelmente patinhou um pouco naquilo que chamaríamos agora de pesquisa maçônica. Ele era um bom amigo do rev. Thomas Maurice que, em 1798, se tornou curador assistente dos Manuscritos no Museu Britânico e publicou diversos trabalhos, especializando-se em história e religiões do Oriente. Mesmo em tempos mais recentes, Joseph Fort Newton, no livro The Builders, levantou novamente a questão da ininterrupta história e procurou mostrar novas provas e uma nova ponte. Porém, sob um enfoque especulativo, embora o seu trabalho seja maravilhoso, ainda não existe uma prova consistente que mostre qualquer conexão histórica entre a Maçonaria Especulativa moderna e os mistérios.

W. L. Wilmshurst, em seu The Meaning of Masonry, de 1922, tem muito a dizer sobre os mistérios das civilizações antigas:

> Em todos os períodos da História do mundo, e em cada parte do globo, ordens e sociedades secretas têm existido, à margem dos limites das Igrejas, com o propósito de ensinar aquilo que chamamos de "Mistérios", para comunicar e divulgar às mentes preparadas e adequadas certas verdades acerca da vida humana, certas instruções sobre as coisas Divinas, acerca das coisas que pertencem à nossa paz, sobre a natureza humana e sobre o destino humano, coisas que seriam de publicação indesejável às multidões que nada fariam além de profanar aqueles ensinamentos e aplicar propósitos perversos ao conhecimento esotérico que recebessem e que, talvez, levassem a desastrosos fins. ... Certamente, é de conhecimento público que importantes sistemas secretos ligados aos mistérios (aos quais fazemos referência em nossas preleções como 'nobres ordens da Arquitetura', isto é, da construção da alma) existiam no Oriente, na Caldéia, na Assíria, no Egito, na Grécia, na Itália, entre os judeus, os maometanos e entre os cristãos até entre raças africanas semelhantes sistemas podem ser encontrados. Todos os grandes Mestres da humanidade: Sócrates, Platão, Pitágoras, Moisés, Aristóteles, Virgílio, o autor dos poemas homéricos, e os grandes trágicos gregos, além de São João, São Paulo, só para citar alguns entre os muitos - todos foram iniciados nos Sagrados Mistérios. A "forma de comunicação dos ensinamentos tem variado bastante ao longo das gerações; eles eram apresentados sob diferentes mantos e véus, mas uma vez que a principal ver-

> dade que os mistérios têm por finalidade ensinar é sempre uma única e a mesma, ela sempre foi ensinada, e somente pôde ser ensinada, por uma só e mesma doutrina. Qual seria esta doutrina que era, ainda é e será abordada aqui até o ponto em que pudermos falar, e até onde a Maçonaria a expressa? Por ora, permita-me apenas dizer que por trás de todas as religiões do mundo e por trás de todos os grandes movimentos e progressos da História da Humanidade, está aquilo que São Paulo chamava de guardiões ou "Vigilantes dos Mistérios" ...
>
> Tudo o que quero ressaltar aqui é que o nosso atual sistema não é um que seja oriundo da Antiguidade: não há uma ligação contínua direta entre nós e os egípcios, ou mesmo com os hebreus que construíram, durante o reinado do rei Salomão, um certo Templo em Jerusalém. O que é extremamente antigo na Franco-Maçonaria é a doutrina espiritual oculta na arquitetura de sua fraseologia, pois essa doutrina é uma forma elementar daquela que tem sido ensinada em todas as gerações, independentemente do traje sob o qual ela tenha sido expressa. O nosso próprio ensinamento, por exemplo, reconhece I Pitágoras como tendo se submetido a muitas Iniciações em diferentes partes do mundo e alcançado grande proeminência na ciência. Agora temos muito claro que Pitágoras não era, em absoluto, um maçom segundo o atual sentido da palavra, mas também está perfeitamente muito claro que Pitágoras era um Mestre particularmente avançado no conhecimento das secretas escolas dos Mistérios, de cuja doutrina algumas pequenas partes são conservadas em nosso sistema maçônico.

No prefácio das Constituições de 1784, da Grande Loja dos Modernos, editado por John Noorthouck, assim escreve ele:

> '" Maçonaria Especulativa, da qual a arte prática é considerada apenas como substrato. A história da Maçonaria Operativa é, portanto meramente (sic) introdutória àquela da Franco-Maçonaria mas pede a maior consideração, por serem oriundos desta os seus primeiros elementos. Até quando as duas profissões permaneceram unidas nas mesmas pessoas e até quando os registros da última se tomaram distinguíveis? Pedra e argamassa aparecem como os mais evidentes objetos ao fundo da imagem.

I. O uso que Wilmshurst faz de "reconhece" provavelmente dá uma idéia errônea: nossos ensinamentos podem estar baseados em determinada teoria, mas eu duvido que haja alguma Influência positiva.

> Porém, quando os maçons especulativos se tomaram um corpo correlato separado, deixamos de ter posteriores interesses na Maçonaria prática além da referência que a Franco-Maçonaria tem à arte sobre a qual está fundada.

Certamente, a Maçonaria Livre e Aceita já existia no início do século XVIII (e, certamente, também antes), bem como os seus primordiais princípios mas eram poucos e grosseiros os seus símbolos e práticas detalhadas, com alguns distintos conceitos locais nos diferentes lugares. Ao final do século XVIII havia um completo sistema (talvez ainda com algumas diferenças dependendo do lugar) de três graus simbólicos, acompanhados por preleções que explicavam os objetivos e o simbolismo da Arte. Embora não faça parte deste livro, também existia, de forma ativa, um sistema com diversos graus maçônicos, na maioria dos casos praticados nas próprias Lojas simbólicas ou a elas associadas. Todo esse desenvolvimento dos princípios básicos de cem anos antes ocorreu durante a assim chamada Idade da Razão, quando aqueles que praticavam a Maçonaria Livre e que devem ter ativado esse desenvolvimento, mostraram que tinham a ciência dos antigos mistérios e, com certa profundidade, as suas práticas, e estavam preparados para reivindicar a sua imediata descendência. Talvez, sem mais do que uma simples menção a direta procedência histórica, muitos autores têm feito francas comparações com os antigos Mistérios dos sistemas dos maçons livres e aceitos, pois de certa forma, comparativamente ao estado especulativo de 1700, o sistema desenvolvido por volta de 1800 tinha, em si, muito mais dos antigos mistérios.

É mais do que provável que o conhecimento desses antigos Mistérios representou uma fonte de material que foi agregado a esse desenvolvimento. Na publicação *A Defence of Masonry,* de 1730, ao qual já nos referimos, existem referências aos Mistérios:

> Não pude evitar de imediatamente pensar nos antigos egípcios, que ocultavam os principais mistérios de sua religião sob sinais e símbolos, denominados hieróglifos. E tão grande era a sua observância ao Silêncio e Segredo, que eles tinham uma deidade chamada harpócrates, a quem respeitavam com especial honra e veneração. Um versado autor fez uma descrição deste Ídolo: harpócrates, o Deus do Silêncio, tinha a sua mão direita colocada perto do coração, coberto por uma pele, cheio de olhos e orelhas, significando, assim, que muitas coisas são para serem vistas e ouvidas, mas muito poucas para serem faladas. Este mesmo povo tinha a sua grande Deusa Isis ... que tinha sempre a Imagem de uma esfinge colocada à entrada de seus templos, para que seus segredos fossem preservados sob sagradas cobertas, ocultando-os do Conhecimento do vulgar tanto como eram os enigmas da esfinge.

Pitágoras, ao viajar pelo Egito, instruiu-se acerca dos Mistérios daquela nação, e ali apoiou os alicerces de todo o seu aprendizado simbólico. Os diversos autores que citaram este filósofo, dando conta de sua seita e instituições, convenceram-me plenamente de que a Franco-Maçonaria, tal como publicada pelo *Dissector,* está muito próxima da antiga disciplina pitagórica: de modo que eu estou convencido ser possível, em algumas circunstâncias, que ela tem todo o direito de reivindicar a sua descendência. Para mencionar apenas algumas:

Na admissão de um discípulo, ele era obrigado, por um solene juramento, a ocultar os mistérios dos vulgares e não-Iniciados. As principais e mais eficazes entre as suas doutrinas eram (segundo Jamblichus) mantidas em segredo entre eles; elas jamais eram escritas, sendo guardadas e transmitidas de cor a seus sucessores, a quem eram passadas como mistérios dos deuses. Eles se comunicavam por meio de sinais, e possuíam determinadas palavras que recebiam ao serem admitidos, guardadas com grande reverência como distintivas de sua seita: (conforme o oportuno lembrete de Laertius) assim como os generais usam senhas e Sinais de passe para distinguir os seus soldados dos demais, também é próprio comunicar ao iniciado os peculiares Sinais e Palavras como Marcas distintivas de uma
Sociedade.

Os pitagóricos professavam um grande respeito por aquilo que o Dissector chama de os "quatro princípios da Maçonaria": Um ponto, uma linha, uma superfície e um sólido; e, particularmente, sustentavam que um esquadro era um emblema muito próprio da essência divina. Diziam eles que os deuses, que são os autores de tudo aquilo que existe na Sabedoria, na Força e na Beleza, não estão inapropriadamente representados pela imagem de um esquadro.

Muitos outros exemplos poderiam ser apresentados se os limites de meu projeto admitissem; mas limitarei apenas a observar que existia um falso Irmão nesta seita, um certo Hipparchus, que levado por má-fé ou desapontamento, quebrou as obrigações do seu juramento e comprometeu os segredos da sociedade, escrevendo para trazer à tona a doutrina. Assim, ele foi imediatamente expulso da escola como uma pessoa infame e abandonada, como alguém morto para todo o sentido de Virtude e Mérito; e os pitagóricos, conforme o seu costume, fizeram uma tumba para ele como se, de fato, tivesse morri do. A vergonha e a desgraça que, devidamente, adviram da violação de seu

juramento jogaram o pobre miserável numa crise de loucura e desespero, levando-o a cortar a garganta, perecendo por suas próprias mãos; e (o que me deixou surpreso) a sua lembrança foi tão abominada após a morte que o cadáver jazia na Praia da Ilha de Samos, sem qualquer outro sepultamento além das areias do mar.

Entre os judeus, os essênios eram uma espécie de pitagóricos e, em muitos detalhes, correspondiam com a prática da Fraternidade, tal como apresentado na dissecção. Por exemplo: Quando uma pessoa desejasse ser admitida em sua sociedade, ela devia passar por dois graus de provação antes de poder ser um Mestre perfeito em seus Mistérios. Quando era admitida na classe de neófitos, a pessoa estava trajada numa vestimenta branca; e quando ali já estivesse por tempo suficiente para dar algumas provas de seu sigilo e virtude, era admitida a mais conhecimentos; porém, ainda continuava sob a triagem de sua integridade e boas maneiras, para somente depois ser totalmente aceita na sociedade. Todavia, antes de ser recebida como um membro efetivo, teria de se comprometer, por meio de solenes obrigações e profissões, a praticar a justiça, a não errar, a manter a fé em todos os homens, a abraçar a verdade, de afastar as suas mãos longe do roubo e dos negócios fraudulentos, a não ocultar de seus Companheiros professores qualquer um dos mistérios, e nem comunicar nenhum deles a um profano, ainda que isso fosse para salvar a sua vida; de não comunicar nada além daquilo que recebera, e se esforçar para preservar o princípio que professa. Eles comem e bebem numa mesma mesa em comum e a Fraternidade vinda de qualquer outro lugar tem a certeza de ser ali recebida; eles se reúnem numa Assembléia, a Mão Direita é colocada sobre a parte entre o pescoço e o peito, e a mão esquerda pendente junto ao tronco.

Outra seita, a dos cabalistas, trabalhava misteriosas cerimônias. Os judeus tinham grande reverência por esta ciência - a cabala - e assim, por meio dela, realizaram descobertas incomuns. Eles dividiam os seus conhecimentos em especulativos e operativos. Conforme diziam, Davi e Salomão eram incrivelmente versados nela, e, inicialmente, ninguém se arriscou a escrevê-la; porém, no que tange ao nosso atual propósito, a perfeição de sua habilidade consistia naquilo que o *Dissector* chama de desenhar suas letras, ou no arranjo e combinação das letras de uma palavra em determinadas formas.

O último exemplo que mencionarei é o dos druidas em nossa própria nação. Eles eram os únicos sacerdotes entre os antigos

> bretões. Nas solenidades eles se vestiam de branco e as suas cerimônias eram sempre encerradas com uma grande festa. Pomponius Mela se refere a elas dizendo que a sua ciência era apenas um esforço de memória, uma vez que nada escreviam, e eles nunca deixavam de repetir muitos versos que recebiam por tradição. Caesar observa que o chefe tinha poder soberano; este presidente aplicava uma espécie de excomunhão, acompanhada de terríveis penalidades, sobre aqueles que divulgassem ou que profanassem os seus mistérios.

A passagem que acabamos de transcrever foi reproduzida sem os "itálicos" de muitas palavras, talvez para dar-lhes maior ênfase, aparecem no original e sem as notas de referência. Também omiti as duas passagens em latim colocadas pelo autor, incluindo apenas a tradução. A única pretensão é a de extrair desta passagem, tirada do capítulo III do impresso, o sistema de Pitágoras. O *Dissector* a que se faz referência é Samuel Prichard, autor da obra *Masonry Dissected,* a quem este impresso era uma resposta. Este impresso parece aceitar o que diz Prichard e procura justificar este sistema ao mostrar que tais práticas eram bem comuns nos antigos Mistérios, nos quais o autor da publicação era distintamente bem versado. Na edição original ele indica os autores clássicos, por menção direta e também, em notas separadas, em suas fontes e bibliografia. Além disso tudo, inclui diversos outros trabalhos, então atuais, de referência. A profundidade de estudo que foi empreendida por alguns dos envolvidos na Maçonaria daquela época pode bem indicar, e não apenas justificar, a real influência dos antigos Mistérios no desenvolvimento da Maçonaria que então acontecia. Esta publicação foi reproduzida na edição de 1738 das *Constituições* do dr. Anderson; e esta é, sem dúvida, a fonte que muitos autores usaram mais tarde e de cujo conteúdo eles desenvolveram as suas idéias e conceitos. William Preston (nascido em 1742, iniciado em 1763, morreu em 1818) usou a referência egípcia, em parte, palavra por palavra e baseou algumas de suas referências históricas sobre as menções feitas naquela publicação aos druidas. O rev. George Oliver (nascido em 1782, iniciado em cerca de 1803, morreu em 1867) também empresta os temas aos egípcios e druidas, desenvolvendo-os em seus diversos livros.

Mas não foi apenas pelo autor da publicação de 1730 que os antigos mistérios se tomaram conhecidos. Os autores maçônicos do final do século XVIII incluíram muitos aspectos de natureza moral e esotérica que, de fato, foram incorporados nas cerimônias, tal como eram praticadas no final daquele período. Esses autores demonstraram uma semelhante profundidade de conhecimento, freqüentemente se referindo a pontos diferentes daqueles contidos na aludida publicação. O livro *Spirit of Masonry,* de William Hutchinson, contém o seguinte trecho:

> ...encontramos aqueles doutos e seletos , a quem estamos comprometidos e que retiveram, à luz do entendimento e da verdade, impolutas com os sinais do mundo, sob a denominação de magos entre os persas; sábios, adivinhos e astrólogos, entre os cal deus; filósofos, entre os gregos e os romanos; bramas entre os hindus; druidas e bardos entre os bretões; e que com os 'escolhidos' do Deus de Salomão irradiaram a plenitude da sabedoria humana.

A influência judaica

Nas referências aos antigos Mistérios extraídas da publicação *A Defence of Masonry,* é possível que aquelas que aludem aos essênios e aos cabalistas sejam as mais significantes. Ambas eram seitas judaicas, cujas práticas estavam bem documentadas. Em suas *"Constituições",* de 1723, Anderson se estende bastante sobre a história judaica e, particularmente, na construção do Templo do rei Salomão, o qual chega a ser o tema central da Maçonaria de Anderson. Não é de se surpreender que as práticas das seitas judaicas, que tinham objetivos morais pretensamente semelhantes aos da Maçonaria, possam ter influenciado o desenvolvimento maçônico. Anderson também não foi o único maçom no século seguinte a mostrar interesse em assuntos judaicos e no idioma hebraico. Dois, especialmente, me vêm à lembrança - Laurence Dermott que, por muitos anos foi o Grande Secretário da Grande Loja dos Antigos e o duque de Sussex, primeiro Grão-Mestre da Grande Loja Unida. Dermott se tomou importante influência na Grande Loja dos Antigos logo após a sua assunção ao cargo, em 1751, tendo sido um de seus oficiais por mais de quarenta anos. Ele conhecia o idioma hebraico e chamava as Constituições de sua Grande Loja por um nome hebraico -Ahimon Rezon- embora, atualmente, ninguém tenha muita certeza sobre o que queria dizer. O duque de Sussex era uma pessoa muito religiosa e um bom estudante de hebraico. Nos catálogos que relacionam a sua biblioteca, que foi vendida após a sua morte, consta grande quantidade de livros sobre a história judaica, muitos dos quais eram manuscritos, em hebraico, sendo alguns sobre a Cabala.

O periódico ressurgimento de questões referentes aos judeus na Inglaterra durante os séculos XVII e XVIII pode ter contribuído para despertar um interesse em sua história. Foi o ano de 1656 que assistiu à reinstalação dos judeus neste país. Mesmo assim eles eram vistos como estrangeiros, mas uma proposta referente à naturalização de judeus em 1753 causou uma nova onda de interesse que continuou até a virada do século. O livro *A Defence of Masonry* menciona a obra *Antiquities of the Jews,* de Flavius

Josephus (Flavio Josefo)*. Apareceram edições dessa obra em inglês em 1655 e 1670, enquanto outra foi publicada em 1737 e reeditada por volta de 1800. A existência de outra referência à obra de Josephus mais adiante, naquele século, é mostrada por, pelo menos, três dos graus "adicionais" que apareceram naquela época, e com a sua história ritual baseada em incidentes que estão em seu livro.

Os detalhes acerca das práticas dos essênios mencionados no livro *A Defence of Masonry* alimentam a reflexão e o conceito em suas citações ao menos como fundamento à prática maçônica. Uma refeição comunal após o trabalho formal e as boas-vindas estendidas aos visitantes são pontos de semelhança. O resumo de princípios expressos também é relevante, tal como a vestimenta em branco pelo Neófito. A referência mais interessante, principalmente pela data da publicação, 1730, é a que foi feita quanto à entrada de um novo membro que tinha de passar por dois Graus de provação antes de se tomar um perfeito Mestre em seus Mistérios - ou seja, um sistema de três Graus. As antigas referências que podem ser interpretadas como um sistema outorgando uma graduação ou Graus na Maçonaria na Inglaterra denotam um sistema de apenas dois Graus. Foi somente em meados da década de 1720 que começou a aparecer uma referência a um sistema de três Graus. Isso significa quase cinco anos antes da data daquela publicação e, além disso, há certa ênfase na natureza do Terceiro Grau daquela época, que indica maior semelhança ao sistema dos essênios. Se a influência ou os fundamentos vistos nas práticas dos essênios judeus eram tão grandes como foram mostrados na publicação de 1730, é possível que tenha também influenciado a mudança de dois para três Graus no sistema inglês.

A Cabala (ou Kabala, ou Cabalá) com a qual os cabalistas estavam associados é uma expressão tradicional da religião judaica e tem uma inclinação ao misticismo. Ao aproximar-se o final do século XVIII, uma diferente tendência ao misticismo pode ser observada em algumas áreas da Maçonaria inglesa. A partir do interesse mostrado na época pelas coisas judaicas e a partir das referências disponíveis, parece sim ter havido alguma influência da Cabala. Embora os seus textos não proporcionem a fonte original na qual eu apóio esta sugestão, o dr. William Wynn Westcott, em 1887, em um texto à Loja Quatuor Coronati *(Ars Quatuor Coronatorum* vol. 1), também apresenta essa proposta, apesar de ele ir muito mais adiante. Ele era considerado por seus pares como um extremista e um místico quanto às suas perspectivas sobre o simbolismo. Embora também atribuída a Pitágoras, a transmissão essencial dos segredos por via oral e uma proibi-

*N .E.: Sugerimos a leiura de *Seleções de Flavius Josephus - Histórias de Hebreus,* Madras Editora.

ção a expressá-los de forma escrita ou impressa eram um dos pontos cabalísticos equiparados na Maçonaria da época. Na época da União das duas antigas Grandes Lojas, o duque de Sussex mostrou ter esse princípio muito presente na mente e a sua adesão a ele evitou qualquer registro ou gravação formal daquilo que fora decidido como prática ritual padrão após a União. Por mais de cinqüenta anos, esse princípio foi estritamente observado por aqueles dotados de autoridade na Grande Loja Unida e, apesar de suavizados na década de 1870, simplesmente pelo fracasso de agir contra os ofensores, foi apenas após 1945 que posturas mais liberais começaram a prevalecer.

A Cabala tinha por tradição reservar determinados conhecimentos a certas pessoas que poderiam se mostrar sábias, no mesmo sentido que, com os essênios e a Maçonaria do século XVIII, o Terceiro Grau continha a raiz do Mistério. Um dos mais notáveis aspectos da Cabala que podem ter encontrado algum reflexo nesse desenvolvimento da Maçonaria está na leitura do significado nos números (isso será examinado mais adiante no presente capítulo). Uma análise da segunda preleção de William Preston mostra inconfundíveis sinais de influência cabalística e ele tenta mostrar um especial significado em certos números. Ao escrever sobre essa preleção, Percy James, considerado uma autoridade nas preleções de Preston, diz num texto incluído no *Ars Quatuor Coronatorum* - vol. 83:

> ... a Segunda Preleção esboça o novo caminho do Companheiro à Câmara do Meio numa série de discussões acerca de questões factuais e concretas, que vão se tomando cada vez mais técnicas, abstratas e místicas. Tudo baseado numa noção metafisica do Templo do rei Salomão, o qual é visto como uma universidade maçônica, com excursões à Teoria Platônica e à Cabala. Em certas áreas, a compreensão é difícil. Com freqüência, é difícil enxergar o que isso tem a ver com a Maçonaria Especulativa. Muitas vezes, devemos reconhecer, isso se toma pura tolice.

Preston passou vários anos, a partir de 1772, quando a sua primeira preleção foi ministrada pela primeira vez, até, provavelmente, a virada do século, compilando as suas preleções - seus primeiros resumos e roteiros para a primeira e segunda preleções foram publicados por volta de 17961797. Este é o período no qual acredito que esse conceito de misticismo, de que a Cabala é um exemplo, tenha influenciado o desenvolvimento maçônico inglês. E se ele chegou a afetar uma pessoa da envergadura de William Preston, boa parte dessa influência poderia ter assumido efeito duradouro.

Desenvolvimento

W. L. Wilmshurst, ao escrever no século XX, aborda os grandes movimentos morais que, periodicamente, surgem na História mundial, e classifica a Maçonaria, em sua natureza especulativa, como um deles. Ele diz que esses movimentos, ao longo da História, tendem a existir fora da religião formal. Para que não se conclua que a Maçonaria tenha sido, em si, em qualquer época, uma religião ou uma substituta à religião formal, devemos de pronto afirmar enfaticamente que ela não o é em absoluto. Os princípios fundamentais da Maçonaria exigem que um membro da Arte seja pessoa religiosa, no sentido de ter uma fé ou credo religioso. Durante a época em que o sistema de guildas estava em plena oscilação, e quando a Maçonaria Livre e Aceita estava se desenvolvendo nas Ilhas Britânicas, a religião representava automaticamente a fé cristã e, no que tange às guildas inglesas, nos anos que sucederam a Reforma, aquela fé estava em conformidade com os dogmas da Igreja da Inglaterra como a Igreja estabelecida e reconhecida. Assim, existem nas histórias das guildas muitas referências a conexões religiosas, ao patrocínio de um determinado santo e, certamente, a participação formal nos serviços regulares da Igreja. A Aceitação também se desenvolveu com uma conexão automática com a Igreja no que diz respeito, individualmente, aos seus membros. E quando se tratava de ensinamento moral ou de espiritualização, isso era feito em termos dos mais altos princípios da fé cristã. Isso considerava a Santa Bíblia como suas Sagradas Escrituras, e não apenas o Novo Testamento que tratava dos fundamentos daquela fé, mas também o Velho Testamento que incluía as Sagradas Escrituras da religião judaica e boa parte da História do povo judeu.

Se, ao exigir como requisito prévio o cumprimento de certas qualificações e condições, as sociedades procuram ser seletivas quanto àqueles que virão a ser admitidos como membros, elas devem introduzir meios de mostrar aos já aceitos que as qualificações e condições são cumpridas e observadas com respeito em relação àqueles que são propostos como seus novos integrantes. Se a filiação envolve o conhecimento de certos segredos protetores e restritos a seus membros, devem existir alguns meios e, preferivelmente, que sejam formais, de fazer a comunicação aos novos membros e, ao mesmo tempo, assegurando-se de que esses sejam plenamente entendidos. Ademais, há o dever de assegurar que tais segredos restritos a um grupo continuem, de fato, secretos. Isso pode ser melhor obtido pela exigência de uma promessa formal de observância a ser prestada por aqueles a quem a comunicação é feita. Nos casos em que, assim como na Maçonaria Livre e Aceita, a sociedade desejava acentuar determinados ensinamentos, dogmas e princípios, visando a uma melhor e mais

adequada conduta de vida, o que poderia ser melhor do que levar os seus integrantes a refletir e ponderar acerca da aplicação moral dos aspectos do mundo cotidiano e usar os princípios do oficio ao qual eles estavam afeitos, o da construção, para ilustrar e instruir a edificação de uma boa vida. Onde uma determinada religião era como uma segunda natureza a todos os seus membros e um conhecimento mais profundo da Bíblia era não apenas desejável, mas também considerado como algo necessário, um atributo do homem de bem. Era natural que, caso fosse preciso maior inspiração e ilustração, estas deveriam ser extraídas da Bíblia ou dos conhecidos dogmas da religião. Se fosse para existir diferentes Graus em seus quadros, seria necessária uma Iniciação diferente, em separado, aos segredos de cada um desses Graus.

Foi assim que a Franco-Maçonaria se desenvolveu - mas tudo isso não aconteceu do dia para a noite. Provavelmente, levou bem mais do que um século. Douglas Knoop e G. P. Jones, que realizaram um especial estudo dos antigos aspectos da Maçonaria, deram a sua opinião em *The Genesis of Freemasonry (1949):*

> É quase certo não ter sido antes da segunda metade do século XVIII que a Franco-Maçonaria se tomou tão modificada em seu caráter, podendo ser devidamente definida como um sistema peculiar de moralidade, velado em alegorias e ilustrado por símbolos.

A partir dos registros maçônicos da segunda metade do século XVIII, fica claro que havia, naquela época, certos padrões gerais com referência aos princípios, práticas e ensinamentos da Maçonaria. A necessidade de se reunirem para realizar as Cerimônias, os negócios e a Instrução, deu origem a alguns formatos-padrão de diagramas de Loja. No entanto, tal como nos mostram os registros, nem todas eram idênticas e embora os principais assuntos e instruções fossem tratados fora da Loja, à mesa de jantar, as cerimônias eram realizadas onde fosse possível, em outra dependência, tal como descrito neste trecho extraído das Atas da Old Kings Arms Lodge, de 1801:

> ... será obrigação de todo membro permanecer no interior da Loja até que o Vigilante, em seu devido tempo, anuncie ao Venerável Mestre que a Sala de Jantar está pronta e preparada para sua Recepção e a dos Irmãos.

Alguns conceitos deviam ser dados acerca do uso das vestimentas ou insígnias e emblemas, que serviam para indicar o próprio quadro e o Grau. No caso da insígnia, a antiga conexão com determinado oficio podia prontamente proporcionar resposta. Da mesma forma, a aplicação de um princípio moral por meio de um aspecto ou característica daquele

oficio significava o uso de materiais e implementos típicos deste. Com o tempo, os implementos passariam a representar o princípio, isso facilitou o progresso da busca por outras ilustrações que lembrassem aos membros mais jovens os princípios da Arte - daí o uso da colméia como uma constante inspiração à atividade e o de uma serpente para representar o atributo da sabedoria.

O século XVIII foi um período de esclarecimento, quando a Filosofia estava em voga por toda a Europa, tendo sido adequadamente chamada de "Idade da Razão". A Maçonaria não vive num vazio, ela é influenciada e é parte do cenário mundial em todas as gerações e, como um movimento filosófico, não é de se surpreender que ela tenha subido e progredido tanto durante esse particular momento da História. .

Em sua Preleção Prestoniana para 1969, a qual denominou External Injluences on the Evolution of English Masonry, 1. R. Clarke enfatiza "a inevitável grande influência do pensamento e dos acontecimentos contemporâneos em sua evolução". Em seu comentário sobre essa preleção, Alex Horne assim escreveu sobre esse período de desenvolvimento:

> Primeiro notamos o interesse geral na Arquitetura e nas antiguidades que, de alguma forma, acabaram se ligando e proporcionou ao mais jovem, em sua Grande Jornada, um contato mais próximo com a Arquitetura européia, particularmente a eclesiástica, e, quiçá, maior profundidade em seu caráter simbólico, com todas as suas implicações morais, religiosas e filosóficas. Depois, notamos o nascimento, ou talvez apenas o proeminente desenvolvimento, de uma literatura voltada ao pensamento religioso, místico e oculto - principalmente com um caráter alegórico, cabalístico, rosacruz, alquímico, hermético; influências oriundas dos períodos gnósticos e neo-platônicos, e o pensamento religioso das escolas 'heréticas'. E havia também a influência puramente intelectual e científica da Royal Society, bem como os textos de Hobbs, Hume, Locke e Francis Bacon. Tudo isso deve ter representado uma espécie de fermento ao pensamento e inspiração, do qual o recém-nascido espírito Especulativo não pôde ter se isentado, ainda que assim tentasse.

Os últimos vinte ou trinta anos do século XVIII foram notáveis pelo crescimento do interesse na mitologia, no oculto e nos assuntos afins e para alguns extremos, no estudo da alquimia e propagação das teorias d~ toda essa matéria. Sob o enfoque da influência na Maçonaria, a mais importante dessas foi, indiscutivelmente, o "Swedenborgianismo", uma nova forma de religião cristã, desenvolvida a partir dos ensinamentos de Emanuel

Swedenborg (1688-1772).* Ao escrever sobre o próprio homem no livro *The Swedenborg Rife* (1870), Samuel Beswick assim diz:

> ... ele era, de corpo e alma, obediente à chamada, e preferia aquelas associações espirituais que ele alegava terem lhe sido abertas no ano em que foi chamado, em 1745. Ele declara ter recebido naquele ano um chamado divino para se tomar o Arauto e Precursor de uma Nova Graça de bondade e verdade à Humanidade e de ter aberta a sua visão espiritual, de forma a ter a capacidade de ver e de conversar francamente com os espíritos de pessoas já falecidas. E de ter a sua mente esclarecida para poder enxergar racionalmente todos os grandes fatos e leis do mundo invisível, bem como aquele profundo e divino sentido inserido no literal significado das Escrituras que, essencialmente, constitui a Divina Revelação.

Não foi o crescimento dessa seita que afetou a Maçonaria, que na época era religiosamente baseada e aqueles que seguiam os ensinamentos de Swedenborg buscaram influenciar o lado religioso de suas Lojas, tentando levá-la a refletir as crenças daquela seita. Um ramo da seita estabeleceu-se em Londres em 1788. Outra maneira pela qual a Maçonaria foi afetada deveu-se a uma multiplicação de ritos baseados nas idéias de Swedenborg, particularmente no continente, e ao envolvimento de pessoas como Cagliostro, Mesmer, St. Martin e muitos outros, sendo que alguns deles levaram a Maçonaria continental ao descrédito. Todo ensinamento do Swedenborgianismo é baseado no simbolismo, tal como denota mais este trecho de autoria de Samuel Beswick:

> Ele propõe ensinar o simbolismo da natureza como uma ciência, apresentando os mais adequados símbolos aos olhos e aos sentidos nas mais atrativas formas e combinações. Existe uma correspondência bastante estreita entre as variadas formas e fenômenos da natureza no mundo material, e as variadas formas, poderes, forças e fenômenos da mente - correspondência esta que não pode ser enxergada, compreendida ou ensinada, sem um conhecimento sistemático e científico do símbolo e daquilo que é simbolizado, entre os predicados nos quais há uma correlação. O rito entende que a ciência da correlação é uma chave com a qual podemos, a qualquer tempo, abrir as secretas e ocultas forças da natureza, "as invisíveis coisas da Criação podem

*N.T.: Sugerimos a leitura de *Emanuel Swedenborg,* edição de Michael Stanley, lançamento da Madras Editora.

> ser compreendidas pelas coisas que estão feitas". E por se aplicar a todas as áreas da natureza, ela é chamada, não totalmente sem razão, de "ciência das ciências". Esta é a pedra angular de todo sistema maçônico. Exclua-a e você estará destruindo o ensinamento Simbólico. O simbolismo da Franco-Maçonaria ainda não foi estudado como uma ciência. E, certamente, jamais foi ensinado como ciência. O conceito de tratar o simbolismo como uma ciência nunca existiu nas mentes daqueles que revisaram as preleções e trabalhos em 1717.

O rito ao qual Beswick se refere é o Swedenborgiano, que usa a mesma estrutura e Oficiais como a Maçonaria regular, porém com acréscimo de outros Graus. A parte final do texto é uma declaração da opinião baseada numa improvável e não comprovada suposição de que a Maçonaria Especulativa, nas diversas e diferentes Ordens e demais Graus, já existia por toda a Europa no século XVII, mas que a promulgação dessas crenças entre aqueles que tinham alguma influência em Lojas inglesas da época deve ter exercido algum efeito.

G. P. G. Hills compôs um trabalho chamado *Notes on Some Masonic Personalities at the End o/ the Eighteenth Century,* que faz parte do *Ars Quatuor Coronatorum* - val. 25, no qual expõe que, na época, os objetivos da Maçonaria eram confusos em razão da introdução dessas questões. Ao comentar este trabalho, no mesmo volume da *Ars Quatuor Coronatorum,* E. H. Dring assim escreve:

> Entre 1780 e 1795, havia grande quantidade de livros publicados sobre Mitologia e temas afins ... As referências aos Mistérios Eleusinianos eram, sem dúvida, provocadas pelo surgimento do famoso livro de Taylor, *The Eleusinian Mysteries,* publicado em cerca de 1793-1794, e que certamente deu asas a esta alusão ou sugestão de ligar a Franco-Maçonaria a esses Mistérios. Não é a primeira vez que a teoria é sugeri da; isso já aconteceu dezenas de vezes. Ainda continua sendo uma das mais populares sugestões feitas por pessoas que não têm o menor conhecimento acerca da mitologia clássica ou das lendas orientais, mas que continuam tentando ligar as origens da Franco-Maçonaria aos Ritos Eleusinianos.

Naquela época, também existia uma boa quantidade de sociedades continentais de natureza pseudomaçônica que tratavam desses assuntos. Elas atraíam uma sociedade maçônica deste país. Hills trata desse aspecto em seu texto com uma leve análise dos textos do general Rainsford, que estão no British Museum e ele mostra que entre os ingleses interessados estava James Heseltine. Esse foi Grande Secretário da Grande Loja dos

Modernos (1769-1783), Primeiro Grande Vigilante (1785) e Grande Tesoureiro (1785-1804). Ele também era amigo de William Preston e quando este fundou a Ordem de Harodim, no final da década de 1780, com a finalidade de trabalhar o sistema de Preleções associadas ao seu nome, Heseltine estava, desde os seus primórdios, associado com esse empreendimento. Ele figura entre os Oficiais de 1791 como um dos dois Vice-Patronos. As preleções de Preston, no segundo e terceiro graus, refletem bem essa influência de sua época. Pouca dúvida resta de que tais estudos tenham exercido alguma influência sobre o desenvolvimento da Maçonaria de então, embora a influência purgante das reformas introduzidas após a União das Grandes Lojas em 1813 possa ter se livrado da maioria das introduções ofensivas que haviam sido feitas.

Diversas grandes obras de referência, destinadas a satisfazer a mente investigadora, foram inicialmente publicadas nesse período e, sem dúvida, eram lidas e estudadas por aqueles envolvidos no desenvolvimento e especulação dos princípios da Franco-Maçonaria. O *Dictionary* de autoria do dr. Johnson foi originalmente publicado em 1751; o livro *Complete Concordance of the Old and New Testaments,* de Alexander Cruden, após uma primeira edição em 1737, teve outras duas em 1761 e 1769; a *Enciclopédia Britânica* apareceu pela primeira vez, com apenas três volumes, entre 1768 e 1771, com uma segunda edição, já com dez volumes, entre 1777 e 1784, e uma terceira edição ainda maior, entre 1788 e 1797. No inÍCio desse século, Newton e Wren trabalhavam, sendo seguidos por Hawksmoor e Vanbrugh, os irmãos Adam, Chippendale e Sheraton, Reynolds e Gainsborough, Pope, Goldsmith, dr. Johnson, Sheridan, Wordsworth e muitos outros na Inglaterra. A Maçonaria não poderia ser desprezada no desenvolvimento como uma filosofia em tempos como aqueles; mas foi somente a segunda metade do século que, particularmente, assistiu à publicação de inúmeras obras sobre a Maçonaria de caráter Especulativo. Estas representaram, muito provavelmente, o auge do trabalho de mais de vinte ou trinta anos e, ao mesmo tempo, refletiam os pensamentos e práticas de desconhecidos maçons especulativos das décadas de 1730 a 1760. muitos desses autores fazem referência a isso. Todos os desenvolvimentos progrediam muito rapidamente sob essa atmosfera, o clima era adequado, os homens certos estavam ali e o material disponível- muito do qual sob a forma de crescente conhecimento adquirido por meio dos trabalhos publicados à época.

A Maçonaria Livre e Aceita do início do século XVIII foi exportada para a França, onde ela se desenvolveria independentemente com a ajuda das características inventivas da raça gaulesa, e algumas dessas novas formas foram reimportadas em diferentes etapas mais adiante naquele mesmo século. A Maçonaria tinha sido centralmente organizada na Irlanda, sob os auspícios da Grande Loja ali existente desde a década de 1720. Os

acontecimentos da década de 1740 fizeram com que muitos irlandeses imigrassem para a Inglaterra, especialmente para a área de Londres. Aqueles que já eram maçons na Irlanda trouxeram a Maçonaria lá praticada, junto com os desenvolvimentos, por menores que fossem, que ocorreram ao longo de mais de vinte anos na Maçonaria Irlandesa de natureza Especulativa. Certas mudanças deliberadas foram introduzidas nos procedimentos originais ingleses, fazendo com que muitos dos imigrantes irlandeses sentissem que não poderiam se unir a Lojas jurisdicionadas à Grande Loja da Inglaterra, o que os levou, na década de 1750, a formar uma segunda Grande Loja na Inglaterra.

Tudo isso exerceu influência sobre o desenvolvimento da Maçonaria inglesa. Os desenvolvimentos na Maçonaria de outros países sempre apresentavam diferenças, particularmente na Holanda, Escandinávia, Alemanha e França, embora em lugares politicamente dependentes da Grã-Bretanha a direção tendia a ser tomada por uma ou outra Grande Loja doméstica. A tendência na Inglaterra era por uma cerimônia padrão e breve, seguida por formas padronizadas de instrução por meio de preleções - pois a maioria parecia preferir instruir a partir dos trabalhos daqueles que ensinaram bem, em vez de utilizarem suas próprias palavras para explicar algo que eles poderiam, em alguns casos, não ter certeza. Havia mais liberdade exatamente naquilo que fora ensinado, com as mesmas palavras; mas era bastante comum, a partir de meados do século XIX, que a obra de um determinado autor se tomasse parte integrante dos ensinamentos e instruções usados em Lojas.

Fundamentos

Há evidências em, praticamente, todos os manuscritos referentes às cerimônias realizadas ao final do século XVIII, inclusive as preleções de instrução ministradas após a cerimônia ritual formal, de que certos textos extraídos das Escrituras eram particularmente associados com as cerimônias. Os textos sempre tinham alguma relação com parte da cerimônia em curso, mas variavam um pouco de documento para documento. Eles parecem ter sido ali inseridos como uma espécie de fundamento tirado das Escrituras para aquela determinada parte da cerimônia, e também parece que a intenção seria a de que fossem lidos em Loja, imediatamente antes de algum ato ritualístico. Em certos outros aspectos da Maçonaria dos dias de hoje, algo do mesmo tipo pode ser encontrado com freqüência e as preces ou meditações conduzidas pelo capelão na cerimônia de consagração de uma nova Loja nos aparece como um exemplo, embora haja outras em alguns outros Graus. Em algumas Lojas simbólicas que conservaram partes de uma antiga prática, observamos uma freqüente tradição de fazer leitura de trechos das Escrituras ou de cânticos a serem entoados durante

as perambulações, ou antes de certas passagens cerimoniais. O que não significa que, em todos os casos em que um canto formal ou uma música é incorporada como parte de uma cerimônia de Loja, isso tel!ha alguma relação com alguma prática antiga. Sabemos bem que, em vários casos, tais práticas foram introduzidas durante um período de inovações, muito tempo depois da época à qual se faz referência.

O dr. Oliver, ao escrever acerca dos símbolos maçônicos em geral, aborda a quantidade de ocasiões e exemplos dos usos de sinais e símbolos encontrados no Velho Testamento - e não apenas pelos homens, mas pelo próprio Criador dando simbólicos sinais ao homem. Ele exemplifica a "Árvore da Vida"; a visão de Jacó; o maná; a serpente de bronze; o bode expiatório; o Sol dos justos, entre outros, e destaca que estes são "símbolos de uma natureza por demais plena e inequívoca para que pudessem ser considerados errados". Não é apenas no fundamento que as referências das Escrituras são encontradas no contexto maçônico: o uso de histórias bíblicas para ilustrar pontos de moral e de procedimento também se tomou parte essencial da Maçonaria Especulativa.

Entre os textos extraídos das Escrituras encontrados em antigos manuscritos, aqueles que se referem ao uso de insígnias e emblemas são quase os que mais aparecem. Primeiro aparece o fundamento encontrado em Gênesis, 3:7: " ... e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais". Caso as folhas de figueira pudessem não ser consideradas como adequados ornamentos maçônicos, outro tipo de material pode ser considerado adequado no versículo 21 do mesmo capítulo: "E o Senhor Deus fez para Adão e sua mulher roupas de pele com as quais os vestiu". Como não eram todos que usariam aquele mesmo avental, outro texto justifica a decoração; em Números, 15:37-40, está escrito:

> O Senhor disse a Moisés: "Fala aos filhos de Israel e dize-lhes que, por todas as gerações, façam franjas nas bordas das vestes, e nas franjas da borda atem um cordão de púrpura violeta, fazendo parte da franja. Isso para que, vendo-o, vos lembreis de todos os mandamentos do Senhor e os cumprais, e não corrais atrás dos desejos de vosso coração e de vossos olhos, que vos levam à infidelidade. Assim lembrando-vos dos Meus mandamentos e pondo-os em prática, sereis consagrados para vosso Deus".

Nessa passagem, os nossos antepassados encontraram não apenas um fundamento para o próprio simbolismo, mas também para que o avental seja um símbolo real no próprio sentido - um lembrete para que os mandamentos de Deus sejam observados.

A história dos sinais dados pelo Senhor a Moisés para convencer os egípcios, tal como relatado em Êxodo, 4, parece ter a intenção de fazer com

que seja lida antes da comunicação dos sinais. Em Juízes, 12, vemos a história do uso de uma difícil palavra para comprovar, como palavra-teste, a identificação dos Efraimitas. O significado dessa palavra, que envolve o "milho", não é dado na mesma história, mas a ela é feita referência num livro publicado no início do século XVIII. Eu extraí isso da oitava edição, publicada em 1757, do volume I, da obra Spectacle de la Nature, ou Nature Display'd, traduzida do original em francês por mr. Humphreys:

A Colheita ... fez a sexta Constelação ser caracterizada pela Figura de uma jovem Ceifeira, carregando uma Espiga de Milho. O Símbolo é extraído daquelas jovens Donzelas que ganhavam o seu Sustento recolhendo em seguida aos Colhedores. A nada pode assinalar melhor aquela Estação do Ano em que a Providência supre o Rico e o Pobre com as Provisões de que necessitam. O 'Cavaleiro' se dará por feliz ao notar que a Espiga de Milho que ela traz em suas mãos é chamada de Shibolet, em hebraico, e de Shibul, ou Sibul em árabe.

A propósito, a nova Versão Revisada da Bíblia confirma que o número de Efraimitas abatidos chegou a 42 mil. Outros textos são Gênesis, 21 :9 10, e Jó, 9:23, em relação à quantidade de homens livres e cativos. Ambos, Êxodo, 3, e Josué, 5, sobre a necessidade de tirar os calçados ao pisar em solo sagrado e outros, em relação a dar uma palavra.

O uso de ferramentas metálicas, particularmente os instrumentos feitos de ferro, tem sido alvo de diversas citações nesses antigos manuscritos. O Livro de I Reis, 6:7, trata de uma parte da história da construção do Templo do rei Salomão. As preleções refletem a admiração e o assombro manifestados por terem sido a construção realizada sem a ajuda de qualquer ferramenta ou instrumento metálico. As antigas preleções complementam dizendo que o uso de ferramentas feitas de metal haveria de poluir o Templo. Essa visão acerca das ferramentas de ferro está confirmada por outros textos - notadamente em Êxodo, 20:25 e em Deuteronômio, 27:5-6. Essa questão de poluição pelo uso do metal é tomada como fundamento para o simbolismo de despojar o candidato de "todos os metais", tal como de fato estabelece a cerimônia, em vez de apenas "todos os valores". A importância e a natureza da exortação à caridade ministrada no canto nordeste, tendem a obscurecer mais essa peça de original simbolismo, que ainda sobrevive em nossas atuais cerimônias para nos lembrar da antiga crença nas qualidades poluidoras do metal.

O USO de Números

Os números "três", "cinco" e "sete" parecem ter um especial significado nas nossas cerimônias de hoje. Os trabalhos ao final do século XVIII, antes da União das duas antigas Grandes Lojas, em 1813, faziam um uso
muito mais pronunciado de certos números especiais. Nas antigas Preleções, é

particularmente notável que o "três" e o "sete" são persistentemente recorrentes. Em menor grau, eles vêm acompanhados do "cinco", do "onze", do "quinze" e, algumas vezes, do "quatro" e do "doze". Com uma estrutura dotada de quatro lados, é difícil evitar o uso desse número e um fundamento simbólico no número de Evangelhos foi rapidamente encontrado, enquanto "doze" era a quantidade tanto das Tribos de Israel como dos Apóstolos. Os demais números são ímpares e, dentre eles, o que mais aparece é o "três". Em vários momentos existem, por exemplo, três Batidas, Passos, Luzes, Pilares ou Colunas, Bastões, Degraus de uma escada (Fé, Esperança e Caridade), principais Oficiais e Grão-Mestres de outras épocas, bem como os três Graus. Há, também, muitos exemplos do uso deliberado de três palavras juntas: Esquadros, Níveis e Perpendiculares; Sinais, Toques e Palavras; idade madura, manifesto julgamento e estrita moral; aclamação, ocultação e jamais revelação; Sigilo, Fidelidade e Obediência; e muitas outras mais. O número "três" domina a Maçonaria Simbólica.

Numa das versões das antigas preleções da década de 1790, há uma passagem com particular e forte referência ao número "três". Ela faz menção a um compromisso dado de "minha mão esquerda sustentando três, minha mão direita cobrindo três", o que é descrito como representando "três pontos e três penalidades". Ao candidato eram confiados três segredos, e dadas três exortações e três obrigações. O número é mencionado em cada uma das ocasiões e este constante uso não acontece por acaso. Outra passagem traz o "sete" em conjunto com o "três", mas isso parece mais uma tentativa de relacionar esses dois números, o que parece ser algo inventado. Isso denota que, naquele particular momento do desenvolvimento maçônico, havia esse enorme interesse em determinados números, e foi mais ou menos na mesma época que certos números começaram a ser associados com os três Graus, e que a escadaria se tornou um símbolo relacionado àqueles mesmos números.

O autor do livro *A Defence of Masonry* já em 1730 tinha algo a dizer sobre o "três" que, segundo ressalta, ocorre com freqüência na exposição de Prichard feita na época. Ele acha "que os antigos, tanto gregos como latinos, dedicavam grande veneração pelo mesmo número" e, após citar alguns exemplos, ele assim continua:

> Se esta Fantasia deve a sua Originalidade ao Número Três, por ter um Começo, um Início e um Fim, isso pode significar todas as Coisas do Mundo; ou se pela Avaliação dos pitagóricos e outros Filósofos viam nisso a sua Tríade ou Trindade; ou finalmente (para não mencionar outras Opiniões mais), à sua Aptidão de significar o Poder de todos os Deuses, que eram divididos em três classes: Celestial, Terrena e Infernal; o que deixarei

> para ser determinado por outros. Os Deuses, tal como afirma Virgílio, tinham uma especial Estima por este número"
> O mesmo autor também tem algo a dizer sobre o número "sete":
>
> Imediatamente eu recorri aos antigos egípcios, que afirmavam ser Sagrado o Número de Sete. Mais especificamente, eles acreditavam que enquanto durava a sua Festa de Sete Dias, os Crocodilos perdiam a sua Crueldade inata. E Leon Afer, em sua Descrição da África, afirma que, mesmo em sua Época, o Costume de Festejar durante Tantos Dias e Noites ainda era usado para a feliz Inundação do Nilo. Os gregos e os latinos professavam o mesmo Respeito por aquele Número, o que pode ser provado por meio de muitos Exemplos.

Nesse exemplo, o autor parece estar invocando os antigos Mistérios, porém, muitos dos antigos manuscritos fazem referência ao "sete" como o número da perfeição e sugerem que isso é extraído da Bíblia ao relatar a Criação "do Caos à Perfeição" que, conforme está dito, aconteceu ao longo de seis períodos específicos, seguidos por um de descanso. O Catecismo *The Dum.fries n. 04 Manuscript,* de cerca de 1710, se refere à Trindade como o fundamento para o "três" - nesse caso, para três degraus de uma escada. Ao longo do século XVIII, há uma constante referência ao Triângulo e a seus três lados - e, por meio disso, o número "três" - como sendo emblemático da Trindade. Havia até edifícios triangulares em honra à Trindade. Nesse período, a Maçonaria na Inglaterra não tinha abandonado o seu princípio cristão de religião em favor de uma postura não-sectária. Uma construção assim, triangular, é a Triangular Lodge em Rushton, perto de Kettering, que foi construída por *Sir* Thomas Tresham, por volta de 1593-1595. Tudo ali está arrumado em "três", e todas as dimensões são exatos múltiplos de "três". O prédio tem três andares, três espigões de cada lado, existem dispositivos separados em cada um de seus três lados, arrumados de três em três. Logo abaixo dos espigões em cada lado aparecem citações da *Vulgata,* cada uma contendo 33 letras. Além disso, há uma quantidade de imagens de natureza sacra, utilizadas como decoração.

É dito com certa freqüência que, por ter James Anderson incluído em suas *Constituições* uma nota abordando "A Respeito de Deus e Religião", "acredita-se agora ser mais conveniente obrigá-los àquela religião com a qual todos os homens concordam, deixando as suas opiniões particulares para si próprios", que a Maçonaria não estava baseada na fé cristã desde os primórdios de uma Grande Loja organizada. Ao fazermos um estudo das preleções, rituais e procedimentos do século XVIII, podemos observar naqueles que sobreviveram que nada poderia estar mais longe da verdade, uma vez que o conjunto estava baseado num modo de vida cristão. Anderson

era um ministro não-conformista e a preservação da fé Protestante Ortodoxa, tal como praticada pela Igreja da Inglaterra, era uma importante questão na época de George I e é isso que poderia ser a razão para sua redação. Por outro lado, à época em que as *Constituições* foram escritas, surgia um grande movimento pelo Unitarismo, e muitos pensadores maçônicos consideram que este pode ter influenciado Anderson. O Unitarismo provou ser algo de moda passageira que, provavelmente, foi o responsável pela abordagem religiosa estritamente ortodoxa encontrada nos textos do final do século XVIII. Apesar desse forte tom religioso na prática inglesa, até a final "descristianização", em 1816, era possível admitir à Maçonaria inglesa aqueles que professavam religiões distintas, como se a declaração de Anderson tivesse aquele significado.

É interessante notar os diferentes usos que aparecem em alguns dos antigos manuscritos; por exemplo, um do início do século XVIII faz referência à escadaria com três degraus, demonstrando que as práticas da Maçonaria que se estabeleceram um século depois ainda estavam em estado de desenvolvimento. Quando foi estabelecido um sistema de três Graus na década de 1730, a introdução do número ímpar "cinco", como intermediário entre o "três" e o "sete", pode ter sido automática. Não há dúvida de que antigamente o "três" era visto como um número maçônico genérico, enquanto o "sete" estava relacionado com "plenitude" ou "perfeição". O "sete", em particular, o número da perfeição, acabou sendo associado ao Terceiro Grau que, em meados do século XVIII, antes do advento do acréscimo de vários outros Graus, era o Grau especial e perfeito da Maçonaria Simbólica.

A maior parte dos antigos catecismos faz referência ao número necessário para compor "uma Loja plena e perfeita", ou "uma Loja justa e perfeita", ou outras expressões semelhantes. As respostas eram variadas, mas o uso do "três", "cinco" e "sete" aparecia com freqüência. Assim consta do *Edinburgh Register House Manuscript,* de 1696:

> O que toma uma Loja Verdadeira e Perfeita? - Sete Mestres, cinco Aprendizes ...
>
> Menos que isso toma uma Loja Verdadeira e Perfeita? - Sim, cinco Maçons e três Aprendizes ...
>
> E menos?
>
> - Quanto mais, mais festiva; quanto menos, maior o estímulo.
>
> O folheto *A Mason's Confession* de 1727 assim diz:
>
> O que toma uma Loja Justa e Perfeita?
>
> - Cinco Companheiros e sete Aprendizes. N.B.: Eles não se limitam a esse número. Embora mencionem isso em sua forma de questionário; eles a constituirão ainda que em menor número.

Eis algo que sugere que os números eram apenas questão de simbolismo e não, necessariamente, seguidos na prática, o que poderia também ser a razão para os termos usados no *Edinburgh Register House*

Manuscript. Podemos notar a prevalência dos números ímpares e o *The Grand Mystery of Free-Masons Discover 'd,* de 17~, apresenta uma razão para isso:

Quantos compõem uma Loja?
- Deus e o Esquadro, com cinco ou sete Maçons Justos e Perfeitos
...
Por que os ímpares fazem uma Loja?
- Porque todos os ímpares são de proveito aos Homens.

A questão de os "ímpares" serem masculinos também pode ser encontrada em outros manuscritos e parece mostrar que o uso de números ímpares, onde possível, simbolizava que a Maçonaria Livre e Aceita era restrita aos homens, e que o uso mais generalizado de números pares haveria de mostrar a influência feminina. O livro *A Defence of Masonry* inclui uma citação clássica traduzida como: "Os números díspares agradam aos Deuses". Mesmo nos dias de hoje podemos ver que todas as saudações a autoridades e a dignidades feitas nas cerimônias dos vários Graus da Maçonaria Simbólica são dadas em números ímpares, de três a onze.

Existem muitas justificativas e fundamentos na Bíblia para o uso desses números se os procurarmos. A obra *Complete Concordance,* de Cruden - em circulação em meados do século XVIII - ressalta a repetição do número "sete" na Bíblia, e diz:

> Além da significância dessa palavra, ela também é usada nas Escrituras como um número de perfeição. Nos Livros Sagrados, e na religião judaica, grande quantidade de acontecimentos e de circunstâncias misteriosas é exposta pelo número sete.

E Cruden vai mais adiante referindo-se à Criação, ao "Shabat", aos sete anos de Jacó para cada esposa, o sete multiplicado por sete celebrado como um jubileu, o sonho do faraó em números "sete", o candelabro de sete braços, as sete trombetas e os sete dias do cerco aos muros de Jericó. Cruden não dá a mesma importância ao "três", embora ele relacione quase a mesma quantidade de exemplos do uso do "sete" na Bíblia, que ocupam quase duas colunas de impressão. Na fé judaica, Abrahão, Isaac e Jacó talvez representem o mais importante uso do "três". Como era de se esperar, o uso do "cinco" não é tão grande, embora possa ter alguma importância nas cinco pedras de Davi, nos cinco pães e nas cinco trocas de vestimentas de Benjamin. A probabilidade é que ele representaria uma conveniente ponte entre o "três" e o "sete".

Com a influência da história judaica e a dos Essênios e Cabalistas, é interessante notar que a *Enciclopédia Judaica* faz especial referência ao "três" e ao "sete"; "três", por sua inerente plenitude e perfeição e o "sete" pelo particular e importante papel que teve na antiguidade. Na Cabala, havia um uso, particularmente forte, de grupos de três. Muitos autores fize-

ram referência à influência dos sistemas pitagóricos na Maçonaria, mas a *Enciclopédia judaica* (1903) faz referência à semelhança entre o conceito pitagórico dos poderes criativos dos números e letras, com aquele que é fundamento de um dos livros da Cabala. O dr. Wynn Westcott sugere que o uso do "cinco" pode ter vindo da influência pitagórica e se refere à Pentalfa, ou Estrela Flamejante de cinco pontas usada na Maçonaria, a qual ele chama de "Emblema da Saúde". Ele também afirma que o desenvolvimento do número de degraus na Escada de Caracol vem, provavelmente, de uma fonte judaica, possivelmente a Cabala. Como já mencionei, está claro que a quantidade de degraus não foi sempre "quinze", e que este é o total dos grupos de "três", "cinco" e "sete", associados aos três Graus. Assim diz Wynn Westcott:

> Três, cinco e sete somam quinze, que é equivalente a "JAH", Deus' "Yod" e "He" "dez" e "cinco"' cada letra (e portanto cada palavra) do alfabeto hebraico equivale a um número, e Vice-versa.

Nas diversas versões de preleções ao longo dos tempos, até a União das Grandes Lojas em 1813, não havia uma numeração de seções coerente com esta base. Quando surgiu o novo sistema, que é adotado até os nossos dias, em seu formato mais ou menos definitivo, em 1817, as preleções dos três Graus eram em número de, respectivamente, sete, cinco e três equivalentes à quantidade mínima necessária para compor uma Loja em cada um dos Graus. Esta foi a primeira vez que esse padrão numérico apareceu nas preleções, e isso deve ter acontecido de forma deliberada. O duque de Sussex era, na época, o Grão-Mestre e era uma pessoa muito interessada, não apenas na reorganização dos rituais e das preleções, mas também no idioma hebraico e na Cabala, podendo ter sido ele o responsável. O padrão numérico encontrado na religião judaica tem outros importantes números. Aqueles que foram influenciados pelos usos cabalísticos e judaicos parecem ter aproveitado apenas aquilo que lhes servisse.

Certamente as características especiais dos números que hoje temos na Maçonaria são o resultado de diversas influências. Parece não haver muita dúvida que a inclusão original do "três" como um número dominante teve a sua origem religiosa quando a Maçonaria era essencialmente cristã, mas outras fortes razões foram encontradas mais tarde que apoiavam o seu continuado uso. O número "sete" também pode ter uma origem bíblica, embora não seja possível determinar se religiosa ou histórica. Porém, também neste caso, outras razões mais foram encontradas para o seu uso. A incorporação do número "cinco" pode ter sido, primeiro, uma questão de conveniência ou surgido a partir da influência pitagórica ou cabalística; não resta dúvida que estas exerceram influência no uso dos números na Maçonaria, muita da qual ainda subsiste.

Diversos autores tentaram, mais tarde, desenvolver idéias e conceitos acerca do uso desses números, entre os quais, particularmente, o dr. Oliver e, mais recentemente, W. L. Wilmshurst. Este se estendeu em seus comentários sobre os números "três" e "sete", lançando mão de muito do que já fora escrito por outros. Porém, ele se aprofunda nos detalhes da importância do número "quatro", sendo que a maior parte parece ser mais especulativa do que simbolismo original:

> O ingresso inicial de um homem numa Loja simboliza a sua introdução à ciência do conhecimento de si próprio. O seu organismo é representado por um edifício de quatro quadrados ou de quatro lados. Isso se dá em conformidade com a antiqüíssima doutrina filosófica de que o número "quatro" é o símbolo aritmética de tudo aquilo que é manifesto ou possui forma física. O Espírito, que não é manifesto e nem é físico, é expresso pelo número "três" e o triângulo. Porém, o Espírito, ao se projetar para se tornar objetivo e 'vestir' um corpo ou uma forma material, é denotado pelo número "quatro" e pelo quadrângulo ou quadrado. Daí o nome em hebraico da Deidade, tal como conhecido e venerado neste mundo exterior, ser o grande impronunciável e inefável nome de quatro letras ou Tetragrama, enquanto os pontos cardinais do espaço também são quatro, e cada uma das coisas manifestas é composta dos quatro elementos metafísicos básicos: Fogo, Água, Ar e Terra.

A questão da antiga doutrina filosófica relacionada aos números "três" e "quatro" aparece inúmeras vezes nas obras de diversos escritores preocupados com uma abordagem mais mística em relação ao simbolismo maçônico. Ele surge, por exemplo, particularmente, na questão do desenho do avental moderno, em que o seu formato básico quadrado é visto como representando o "material" e o feitio triangular de sua abeta, o "espiritual". Esse desenho é bem posterior ao período em que surgiu a maior parte do simbolismo e eu não encontrei qualquer vestígio de tais conceitos nos textos mais antigos, em relação ao avental ou ao pentagrama, que é usado por autores do final do século XVIII como ilustração e que, normalmente, aparecem inscritos num triângulo cercado por um brilho de esplendor. Porém, isso não impede a contemplação dessa natureza naquilo que encontramos na Maçonaria de hoje.

A Maçonaria nos Estados Unidos da América foi fundada, principalmente, em princípios estabelecidos em Lojas Britânicas antes da União de 1813, tendo se desenvolvido em linhas um tanto quanto diferentes, uma vez que se tornaram independentes há duzentos anos. A mesma influência dos números pode ser encontrada e o trecho reproduzido a seguir, extraído da obra Leaves from Georgia Masonry, abordando os números em relação à escadaria, resume boa parte daquilo que Vimos considerando

O número "três" é um número sagrado, aquele misterioso que "tem um papel tão importante nas tradições asiáticas, na filosofia de Platão, na imagem do Ser Supremo ... aos filósofos, o mais excelente e favorito número; um tipo misterioso, reverenciado por toda Antiguidade e consagrado nos mistérios; por conseguinte, não existem mais do que três Graus essenciais entre os maçons; que veneram, no triângulo, o mais augusto mistério, o da Santa Trindade, objeto de sua homenagem e estudo". O número três também se referia à harmonia, fraternidade, paz, concórdia e temperança e era tão estimado entre os pitagóricos, que eles o chamavam de perfeita harmonia". As aparições deste misterioso número nos sinais, nos símbolos e nas cerimônias maçônicas são quase que inumeráveis, e será um bom exercício se você tentar verificar quantas vezes ele aparece.

Tendo galgado os primeiros três degraus e assentado os alicerces de seu edifício maçônico, você se deparará com um lance de cinco degraus, também repletos de profundo significado. O "cinco" também é um número sagrado, sempre encontrado em conexão ao "dois" e ao "sete". Está dito que Jesus alimentou as multidões com cinco pães e dois peixes e das sobras restaram doze cestas, ou seja, cinco mais sete. Os cinco degraus mostram em um lado as cinco Ordens da Arquitetura, e em outro, os cinco sentidos humanos. Ao ouvir falar de um número "sagrado", você pode, eventualmente, pensar que ele nada tem de significado, mas pare um pouco e pense por um momento. Esse número "cinco" está gravado em seu ser mais do que uma só vez. Examine a si próprio, e encontrará cinco dedos em cada uma das mãos, cinco dedos em cada um dos pés, e cinco avenidas pelas quais o mundo exterior pode se comunicar com aquele misterioso ser que está no centro de sua consciência, e que recebe e traduz - ninguém sabe como - as várias mensagens carregadas ao cérebro pelos nervos, a partir do mundo exterior. O "sete" é particularmente sagrado, que apareceu nos sistemas religioso e filosófico de todo o mundo antigo. Ele também está inculcado no cerne de seu ser, pois aos 7 anos você começou a mostrar compreensão e entendimento; aos 14 anos, geralmente chegamos à puberdade; aos 21 um anos, é reconhecida a maioridade; aos 28 anos, atingimos a maturidade plena; e aos 35 anos, o vigor físico atinge o seu ponto mais alto; aos 42 anos, ele começa a declinar; aos 49 anos, o homem deve ter atingido o auge de sua força intelectual; e aos 70 anos de idade, ele chega ao limite médio da vida humana. Esses números não são meramente arbitrários; eles representam o resultado de estudos e obser-

vações dos homens na terra. Assim, sete dias constituíram todo o período da Criação; sete cores são observáveis no arco-íris, das quais três são primárias; sete são os dias da semana; havia sete luzes no grande candelabro do Tabernáculo e do Templo; o sétimo era o Sabático, diferente dos demais e o ano após sete vezes o sétimo ano era o de Jubileu. Jericó caiu quando sete sacerdotes, com sete trombetas, fizeram o cerco à cidade em sete dias consecutivos - um a cada dia, durante seis dias e sete vezes no sétimo dia e não cabe espaço aqui para que eu lhe possa apresentar todos os exemplos de uso do "sete" na literatura sagrada e nos textos esotéricos. Está em Zacarias: "Os sete olhos do Senhor percorrem toda a terra". A escada dos antigos (a qual supõe-se ser aquela que Jacó viu em seu sonho, com os anjos subindo e descendo), simbolizava as sete esferas místicas: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno; de onde as almas dos homens baixaram em seu progresso em direção à terra, tirando de cada planeta a sua particular característica. E de onde os homens devem ascender de volta a Deus, deixando em cada planeta a atração terrena e inferior de que não mais precisarão. A séptupla purificação sendo simbolizada pelos sete degraus do Templo do rei Salomão, que também simbolizava a purificação mencionada na Cabala e nos textos herméticos

A Loja - Sua Natureza e Propósito

Contemple o surgimento da Loja à vista,
A obra do trabalho e da arte;
Ela é grande, e regular, e real,
Pois assim é o coração de cada maçom.
A Fraternidade cimenta-a desde o chão,
E o Sigilo assim deverá cercá-la.
Um imponente domo inspeciona o leste,
Como o oriental Febo na manhã;
E duas altas colunas no oeste
De uma só vez nos suportam e adornam.
Assim preservada permanece a estrutura,
Intocada por mãos sacrílegas.'*

Trecho de An Ode on Masonry (Ode à Maçonaria), 1738, autoria do Irmão Bancks.

Qualquer Mestre Maçom haveria de reconhecer uma Loja como tal, pelo seu formato, por sua planta e pelos itens com os quais ali se depara. Ainda assim, pode haver diferenças de uma Oficina para outra, conforme a perspectiva das Lojas que dela fazem uso; tais diversidades podem ser notadas pela ausência ou presença de determinados utensílios como mobiliários ou ornamentos, ou em seus posicionamentos podendo ser acentuados pela natureza e proporções do próprio ambiente. Algumas instalações maçônicas estão em permanente uso como locais de sessões de Lojas de Maçonaria Simbólica, algumas são convertidas ou adaptadas para esse fim apenas durante o transcorrer da reunião da Loja - lugares que outrora foram usados para um fim bem diferente, e que amanhã poderão servir para outro.

*N.T. Livre tradução que, dificilmente, pode refletir a beleza poética e lírica do original.

Em muitos lugares em que uma sala é alugada para a ocasião, a Loja deve ser desmontada tão logo tenha se encerrado e rearrumada para que possa ser servida uma refeição aos Irmãos. Ao montar o local para uma reunião da Loja, certo utensílio básico é essencial e imprescindível, não seria apropriado abrir a Loja sem esses acessórios. Tais itens se tomaram parte da Maçonaria e são incorporados em nossas Lojas por especiais razões. Em muitos casos, cada um deles age como um lembrete ou símbolo, seja de algum atributo maçônico ou de algum acontecimento ou personagem ligado à Maçonaria Simbólica. As nossas Lojas não nasceram prontas assim - elas se desenvolveram, chegando a essas configurações. Em muitos casos, as convicções e objetivos da Maçonaria Simbólica encontraram sua expressão em Loja por meio desses símbolos, enquanto em outros casos móveis necessários, tais como cadeiras e mesas, no decorrer do tempo adquiriram importância e significado, fazendo com que se tomassem peças representantes de Simbolismo, chegando até a ser fruto de obras de projetistas especializados. Esmerados Irmãos, ainda que separados pela distância, procuravam encontrar nas Lojas uma expressão simbólica para os seus objetivos maçônicos. Em vista dessa separação e pela falta de uma orientação e controle ou comunicação centralizada, os símbolos adotados poderiam, em cada caso, ser diferentes, embora não haja dúvida de que, no decorrer dos anos, uma boa quantidade foi permutada por ocasião das visitas que os Irmãos de uma Loja faziam a outras. É importante ressaltar que muitas diferenças no simbolismo das Lojas, seja no presente ou no passado, derivam desse desenvolvimento separado do simbolismo, em Lojas e em áreas.

Tudo isso se refere ao local onde se reúne a Loja; mas será que é somente isso que uma Loja significa para um maçom? Em nossos tempos, quando uma nova Loja é formada, há uma cerimônia especial pela qual é consagrada e constituída. Na cerimônia de consagração de uma Loja, certos elementos associados com a cerimônia são espalhados sobre uma prancha (normalmente a Tábua de Delinear do Primeiro Grau), simbolizando a nova Loja - a Tábua da Loja. Esses elementos são usados simbolicamente, tal como estabelece a cerimônia - o trigo como um símbolo da fartura e da abundância, o vinho para simbolizar a alegria e a felicidade, e o óleo representando a paz e a unanimidade. O sal é normalmente usado como um símbolo da constituição dos próprios fundadores numa nova Loja e representa a fraternidade e a fidelidade, que devem ser a característica de todas as Lojas. Esses elementos são usados por terem, aparentemente, um respaldo da Bíblia e, em particular, porque o trigo, o vinho e o óleo eram os meios de pagamento feitos pelo rei Salomão a Hiram, rei de Tiro, para os suprimentos enviados para a construção do Templo de Jerusalém, tal como está relatado em li Crônicas, 2.

As antigas preleções e os catecismos de outrora abordavam os atributos simbólicos de uma Loja e, hoje em dia, muitos deles ainda fazem parte das preleções e nas explanações da Tábua de Delinear do Primeiro

Grau. O Dr. Oliver resumiu a natureza de uma Loja, a partir das antigas preleções: "

Uma Loja de maçons se compõe de um certo número de Irmãos que estão reunidos para tratar dos mistérios da Maçonaria Simbólica. Eles têm presente a Bíblia Sagrada aberta sobre um pedestal para que possa lhes ensinar os sagrados princípios da religião e da justiça. Sobre a Bíblia, repousam aqueles dois expressivos emblemas: o Esquadro e o Compasso, para lembrá-los das obrigações devidas à sociedade e a eles próprios; o *Livro da Constituição,* no qual podem estudar os estatutos gerais da Maçonaria; os Estatutos da Loja, para chamar a atenção sobre suas obrigações como membros daquela Loja em particular; a Carta Patente, por força da qual, tendo sido expedida pela Grande Loja, e registrada nos arquivos da Província onde está situada a Loja os Irmãos se encontram nas sessões para tratar dos negócios da Maçonaria.

O formato da Loja é de um retângulo oblongo, que vai do leste para o oeste, sustentada por três colunas e apoiada em terreno sagrado. As suas dimensões são ilimitadas, e a cobertura (abóbada) não menos do que o reluzente dossel do firmamento. É a ele que a mente do maçom está continuamente voltada e é lá, nas alturas celestiais, que ele espera finalmente chegar com a ajuda da escada teológica, aquela que Jacó, em seu sonho, viu subir da terra ao Céu e despertando para os três principais pontos: ter fé em Deus, esperança na imortalidade e caridade a toda a Humanidade.

A partir desses princípios gerais, uma Loja maçônica parece ser um microcosmos ou um mundo em miniatura, sobre a qual a glória espalha os seus refulgentes raios, tal como o Sol no firmamento, iluminando os Irmãos nos caminhos da virtude e da ciência. Na Loja, a prática da virtude social e moral é tão essencial em relação a nossos Irmãos, e aplicada com o mesmo grau de aprovação ou censura, como é desempenho de nossos deveres e obrigações públicas como cristãos e cidadãos do mundo.

Um maçom sentado em sua Loja, cercado pelos símbolos característicos espalhados por todos os lados, sente-se integrado como parte da Loja Universal da Natureza; criado pelo Autor e Fonte da "Luz" e redimido pelo Amor Divino ou "Caridade". Ali ele reflete com seriedade acerca dos deveres e obrigações que lhe são incumbidos, e que o levam à permanente prática da Virtude e da Moralidade que esses emblemas incorporam e recomendam, na esperança de que, quando finalmente for convocado a prestar contas, possa ser transferido de sua Loja terrena ao

Grande Templo nas Alturas, para ali desfrutar para todo o sempre do esplendor da Franco Maçonaria em seu perfeito e glorioso estado de inefável Luz, ilimitada Caridade e imperturbável Paz.

Os Irmãos costumavam participar das reuniões da Loja para "tratar e discutir os mistérios da Maçonaria Simbólica" - para refletir e ponderar sobre os ensinamentos da Maçonaria, discutir os seus preceitos e o seu simbolismo, quiçá tal como está escrito numa versão de uma antiga preleção:

Que vindes fazer na Loja?

Venho para vencer minhas paixões, corrigir os meus vícios e aperfeiçoar e melhorar minha moral e costumes.

Quais são os requisitos necessários para que um homem seja um maçom?

- O Silêncio e o Sigilo.

O que constitui o caráter de um maçom?

- O caminhar humilde aos olhos de Deus, praticar a Justiça e amar a Clemência.

Quais são as qualificações adequadas à dignidade da Arte?

- Dedicar socorro aos necessitados, dar pão ao pobre e reconduzir ao caminho certo o caminhante desorientado.

Do que a Maçonaria nos instrui a resguardar?

- Da Blasfêmia, da Embriaguez, da Luxúria e da Libertinagem, da Maldade, da Mentira e da Controvérsia.

O que, então, requer a Maçonaria?

- Aptidão e disposição, presença e uma boa aparência.

Caso um Irmão venha a se perder, onde haverias de procurá-lo? - Entre o Esquadro e o Compasso.

Por que assim, Irmão?

- Porque ali se encontram, ou deveriam estar, todos os maçons bons e honestos.

Que tipo de homem deve ser um Vigilante?

- Deveria estar bem familiarizado com todas as ordens e regulamentos, públicos e privados da Arte; deve ser estritamente honesto, humano em sua natureza, modesto em seu trato, sério em seus conselhos e orientação e, acima de tudo, constante em fraternidade e fiel ao sigilo - que possamos todos assim ser, com a Graça de Deus, em Sua infinita Bondade.

Nos antigos manuscritos e textos, não há menção feita a maçons e Lojas se reunindo para, como principal razão, realizar as cerimônias, embora estas pareçam ser, hoje em dia, o principal trabalho das Lojas inglesas. As cerimônias esotéricas de antigamente eram, de fato, bastante curtas e, freqüentemente, realizadas por um pequeno grupo de Oficiais que se reu-

niam para aquele especial propósito, algum tempo antes da reunião plena da Loja. Muitos exemplos podem ser encontrados de uma Loja ser convocada para, digamos, às 5 horas, com uma nota informando, por exemplo: "preparativos às 4 horas, passagens às 4h30". O trabalho realmente realizado quando a Loja se reunia era para, além de tratar de seus negócios, ministrar os catecismos, conhecidos como Preleções - com instruções sobre o Simbolismo e sobre os princípios da Arte. Esse padrão de trabalhos não era, necessariamente, algo que estivesse em voga ao longo do tempo, mas parece ter sido adotado, em muitos lugares, durante cerca dos vinte anos que antecederam a União de 1813. Em nossos dias, boa parte da instrução e do simbolismo está incorporada às próprias cerimônias, fazendo com que elas sejam, em si mesmas, instrutivas e contenham boa parte do verdadeiro ensinamento maçônico. As cerimônias que passaram a ser realizadas depois de 1813 eram mais longas do que as de outrora, e incorporavam tanto o aspecto esotérico como o instrutivo. Isso também fez com que houvesse a mudança de se trabalhar sobre a mesa, para uma separação do trabalho e a refeição da Loja.

Se as cerimônias forem realizadas de uma forma inteligível, com o Mestre da Loja - ou algum outro Irmão ocupando a cadeira para o trabalho - tendo, por meio de seu próprio estudo, encontrado o verdadeiro significado a ser transmitido ao candidato, então alguma digressão pode se materializar. As cerimônias não são um teste de mérito ao Mestre da Loja, a importância delas está no que significam ao candidato e não somente nas palavras em si. Se o trabalho for descuidado ou negligente, então a verdadeira Maçonaria não estará sendo trabalhada. Da mesma forma, os membros da Loja, pelo interesse que têm nos procedimentos, devem participar da cerimônia. Porém, uma Loja ainda não estará completa e realizada sem que algum tempo seja dedicado à discussão e à contemplação acerca do significado da Maçonaria.

William Hutchinson, em seu livro *Spirit of Masonry* (publicado em 1775), descreve o que um bom e consciente maçom deveria enxergar em sua Loja quando ali estiver:

> A Loja, ao ser revelada a um neófito maçom, descerra-lhe a representação de um mundo no qual, a partir das maravilhas da natureza, somos levados a contemplar a sua original grandiosidade e venerá-lo por suas poderosas obras e, por conseguinte, somos levados a exercer aquelas virtudes morais e sociais, que se tomaram gênero humano como servos do Grande Arquiteto do Mundo, a cuja semelhança fomos originalmente feitos.
>
> Então, somos levados a contemplar as obras de Deus e a venerá-Lo.

Tal adoração seria normal num Templo e as palavras de Hutchinson encontram eco numa parte da preleção:. "O Universo é o Templo do Deus a quem servimos". Seria motivo de admiração que os lugares em que as Lojas se

reúnem fossem geralmente conhecidos como Templos maçônicos, porquanto eles representam ao Maçom esta vasta área para a adoração a Deus?

Assim, simbolicamente, uma Loja maçônica representa um Templo e isso está patenteado por um formato Simbólico; de acordo com a interpretação de Oliver, por um quadrado oblongo. Esta era uma referência às antigas preleções usadas principalmente nas Lojas jurisdicionadas à Grande Loja dos Antigos. Os candidatos faziam progressivos passos nos três Graus: no primeiro, no segundo e no terceiro passo de um "quadrilongo". A preleção ia adiante ao explicar que este "magno, grandioso e glorioso quadrilongo" tinha uma proporcional idade em seu comprimento, que era o triplo de sua largura e que ele representava o Templo do rei Salomão, o qual tinha as mesmas proporções em suas dimensões. De fato, no segundo versículo em I Reis, 6, isso é confirmado:

A casa que o rei Salomão edificou ao Senhor era de 60 côvados
de comprimento, 20 côvados de largura e 30 côvados de altura.

Assim, a sua superfície media 60 por 30 côvados - um retângulo oblongo (com seus quatro cantos retos), com uma proporção de três para um, entre os seus lados. É natural que a perspectiva religiosa de nossos antepassados haveria de levá-los a procurar nos Mandamentos Sagrados algum fundamento simbólico para o Templo que eles tentavam representar. E qual exemplo mais famoso - ou, de fato, tão bem documentado poderiam encontrar do que aquele que foi construído pelo rei Salomão? Eles vislumbraram nos detalhes de sua construção muitas oportunidades para simbolizar a edificação de uma vida espiritual, e tirar conclusões especulativas a partir de suas múltiplas características. O dr. Oliver, declarando citar outro autor, no livro Revelations of a Square, assim diz:

> A Sociedade adotou o Templo de Salomão como seu símbolo por ser a mais estável e magnífica estrutura que jamais existiu, seja por suas fundações, seja por sua superestrutura; de tal forma que de todas as sociedades que os homens inventaram, nenhuma jamais esteve tão fortemente unida, ou mais bem planejada, do que a dos maçons. O seu principal objetivo é o de conciliar e domar as paixões, de estabelecer entre os homens o espírito de paz e de concórdia, que poderá torná-los impenetráveis aos sentimentos de ódio, rancor, inimizade e discórdia, aqueles mordazes inimigos que envenenam o que de melhor há em nossas vidas; de inculcar sentimentos de honra e de probidade, que poderão produzir homens mais aplicados em seus respectivos deveres; de ensinar uma zelosa obediência aos desígnios de pais e de príncipes; de apoiarem, um ao outro, a terna relação entre Irmãos, que é o nome pelo qual eles se tratam entre si e, em resumo, para formar uma admirável Sociedade, cujo único obje-

> tivo é a liberdade, o amor e a igualdade. Caso essa interpretação não seja do agrado do candidato, ou ele sinta qualquer barreira em adotá-la, eles bem sabem como responder de uma forma ainda mais artificial. Então, o Templo de Salomão não significará nada mais do que um Templo sagrado às virtudes, que são praticadas pela sociedade na maior perfeição; uma masmorra destinada aos vícios, onde esses monstros gemem sob o mais severo confinamento ... Os edifícios que os francos-maçons constroem não são nada mais do que virtudes ou vícios a serem erigidos ou destruídos. E, neste caso, o Céu ocupa suas mentes, que planam sobre um mundo corrupto. O Templo de Salomão denota fundamento, razão e inteligência.

Acerca da importância na Maçonaria do Templo do rei Salomão, a obra *Leaves Irorn Georgia Masonry* faz os seguintes comentários:

> O Templo de Salomão é um símbolo para ensinar, entre outras lições, que nenhum trabalho ou dedicação é demasiadamente grande para tornar os nossos corações e mentes em Templos vivos para a morada do Altíssimo. Que não devemos profanar o Santo dos Santos de nosso próprio coração por meio de pensamentos malévolos ou desejos impróprios, devendo preservá-lo tão puro quanto a Sua pureza.
> As duas colunas à entrada significam os princípios da inércia e da ação, da atração e da repulsão, que mantêm junto o Universo e que guiam as estrelas em seus cursos.
> O Pavimento Mosaico simboliza, entre outras coisas, a mais secreta doutrina sobre a constituição da matéria, e nos ensina que a vida é feita de claro e de escuro, de bem e de mal, enquanto a Estrela Flamejante no centro nos ensina, entre outras coisas, que aquele que fixa os seus olhos no Firmamento e guia os passos pela Luz Divina será pouco perturbado por aquilo que acontece ao seu redor na terra.

A Posição da Loja

Uma Loja maçônica está sempre posicionada, simbolicamente, do leste para o oeste. Muitos maçons acreditam que o *layout* da Loja deveria ser, fisicamente, dessa forma e, em seus projetos e desenhos, chegarão a qualquer ponto para conseguir isso, ainda que grandes empecilhos possam se interpor. Sempre que possível, as igrejas cristãs são feitas em consonância a essa condição e devido às origens religiosas da Maçonaria, não resta dúvida que esse aspecto teve alguma influência na prática física das Lojas maçônicas, mas muitos caso podem ser encontrados, em que igrejas foram assentadas em linhas diferentes, quando as disponibilidades assim o

determinaram. Na verdade este não é um problema novo e a ele se faz referência no *Livro das Constituições,* de 1754, da Grande Loja dos Modernos, editado pelo rev. John Entick. A reconstruída Catedral de St. Paul foi erigida do leste para o oeste, provocando um pequeno ângulo de desvio em seu acesso em Ludgate Hill, questão que acabou acarretando problemas de planejamento em recentes plantas de reconstrução. A Igreja St. Clement Danes, que divide a Strand em Londres, e faz com que o tráfego passe em ambos os lados, também está, por ter sido construí da de leste para oeste, em total alinhamento com o leito da rua. Sobre isso, Entick diz:

> Como a aparência da Catedral de St. Paul está prejudicada por seu posicionamento oblíquo em relação à rua que lhe dá acesso, a via pública que atravessa a Strand, absurdamente contraída, também está devido à supersticiosa orientação da Igreja de St. Clement de leste para oeste, deixando de estar alinhada à avenida! Em situações limitadas, as interferências idealistas devem dar lugar à conveniência geral.

Porém, simbolicamente, as Lojas são orientadas do leste para o oeste, com a sua porta de acesso no Oriente. O rev. J. T. Lawrence sugere que, como o Guarda Interno é o Assistente do Segundo Vigilante, encarregado da porta de entrada, esta deveria estar situada ao Sul para que o controle fosse mais adequado à função do Segundo Vigilante, tendo o seu Assistente perto de si. Essa sugestão sobreleva uma mudança observada durante o desenvolvimento das Lojas, introduzida por uma razão totalmente diferente.

Algumas razões para uma disposição leste-oeste estão contidas nas antigas Preleções e ainda continuam fazendo parte delas, bem como na Explanação da Tábua de Delinear do Primeiro Grau - sendo esta uma representação emblemática da Loja. A principal razão é novamente extraída das Sagradas Escrituras, na qual está relatado que o Templo do rei Salomão foi assim posicionado e, mais do que isso, direcionado nesse sentido porque Deus disse a Moisés para assim posicionar a Tenda do Tabernáculo usado pelos israelitas como um lugar de adoração durante sua passagem pelo deserto. Além disso, o rei Davi, a quem Deus não permitiu a construção do Templo, transmitiu ao seu filho Salomão as instruções necessárias, já que a este foi, divinamente, incumbida a edificação. Em Êxodo, 27, estão os detalhes da estrutura do Tabernáculo, o qual tinha o comprimento de 100 côvados num eixo leste-oeste e uma largura de 50 côvados - um quadrado duplo. Num texto de William Hutchinson de 1775, ele cita Josephus, o historiador judeu, sobre o assunto do Tabernáculo e a sua influência nas origens simbólicas de uma Loja maçônica. O Grande Templo de Thomas Sandby para a Grande Loja dos Modernos, consagrado em 1776, tinha a forma aproximada de um duplo cubo - com cerca de 78 pés de comprimento e 38 a 39 pés de largura e de altura.

O Templo do rei Salomão estava orientado no sentido leste-oeste, e era dotado de apenas uma entrada, através do pórtico, ao leste. A maioria dos textos e artigos que tratam do projeto e da disposição do Templo concorda nesses pontos. Em Ezequiel, 8: 16, temos o texto que é freqüentemente citado como fundamento:

> E levou-me para o átrio interior da casa do Senhor; e eis que estavam à entrada do Templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens de costas para o templo do Senhor e com os rostos para o Oriente ...

Embora a Maçonaria tenha mantido o eixo leste-oeste nas Lojas em conformidade com o do Templo do rei Salomão, ela alterou a sua orientação, colocando a entrada da Loja no oeste simbólico. Isso criou uma série de confusões em alguns aspectos da orientação simbólica, particularmente no que se refere à Escada de Caracol que leva à Câmara do Meio que, no Templo do rei Salomão, partia do Sul, logo após o Pórtico, levando ao Oeste. Numa Loja maçônica, ela tem que levar ao Pedestal no Oriente e, assim, deve partir do Norte, em direção ao Sul, para que possa ser mantida a mesma posição relativa. As outras razões constantes das antigas preleções nos mostram por que isso é assim e têm um profundo efeito sobre o simbolismo da Loja. A primeira dessas razões é de cunho religioso, ao mencionar ser um costume das igrejas cristãs terem o seu posicionamento leste-oeste; as demais dizem que a Sabedoria originou-se no leste e espalhou a sua divina influência ao oeste e que o Sol nasce no Oriente e se põe no Ocidente. A mudança pode muito bem ter ocorrido porque as igrejas da religião dominante tinham o seu Santuário e Altar instalados no lado leste e a entrada, a oeste. Aqui também é possível que tenha havido a influência (tal como outros detalhes mostraram ter) da Cabala. Na *Enciclopédia Judaica* há referência a uma essencial doutrina de determinada escola:

> Sua majestade ("majestade") também chamada que tem dimensão e forma, e senta-se num trono situado a leste, como a real representação de Deus. Seu trono está separado por uma cortina a leste a Sul e a Norte, do mundo dos anjos; ficando descoberto o lado oeste.

A *Enciclopédia Judaica* também faz referência aos edifícios adjacentes, com as suas paredes paralelas às do Templo, devidamente construídas em todos os lados, exceto na parte frontal - provavelmente a leste. A *Enciclopédia* sugere que a entrada desses edifícios adjacentes situava-se do lado Sul, embora também insinua que esses prédios poderiam ter mais do que uma entrada O *New Standard Jewish Dictionary* (W. H. Allen, 1970) diz que havia muitas entradas às áreas externas, embora seus outros comentários concordem com aqueles feitos pela *Enciclopédia Judaica.* Sob o ponto de vista ritual, existe um aparente con-

flito ao realçar a existência de uma única entrada ao Templo, aquela situada no pórtico do lado leste, apesar de informar que, quando os Companheiros saem para as suas buscas no Terceiro Grau, eles o fazem em três Lojas, partindo das três entradas do Templo. A única explicação razoável para essa aparente discrepância é que os Obreiros não saíram do Templo, propriamente dito, mas dos prédios ao redor, por três daquelas passagens, ou que as entradas utilizadas naquela ocasião eram três dos portões do Átrio existente ao redor do Templo. O mesmo comentário se aplica às provações passadas por Hiram Abiff nas três entradas (nem todas as antigas preleções são concordantes quanto ao posicionamento dessas três entradas). Isso mais parece ser fruto de um "devaneio poético" usado por aqueles que compilaram essa história alegórica.

A referência feita nas antigas preleções quanto ao curso do Sol ao longo do dia é um lembrete constante da organização da vida cotidiana, uma referência ao fato de que o tempo, para nós, não é infindável na terra e que a função do Mestre no leste era a de abrir a Loja e dar o trabalho aos Irmãos. Porém, o lugar do Mestre no leste era mais do que apenas isso, pois o leste era a fonte do conhecimento e da sabedoria e entre as obrigações estava a de instruir os Irmãos na Maçonaria. Assim, a disposição da Loja nos mostra o simbolismo básico do sistema maçônico - uma entrada no lado oeste que dá acesso tanto à Loja quanto à Arte; o progresso por meio de Graus, demonstrado pelos passos (de diferentes tipos e lugares) dados em direção ao leste. No leste estava aquela fonte de sabedoria, o Mestre, o representante do rei Saio mão e o Mestrado continua sendo a mais elevada honraria que uma Loja pode dar a um de seus membros.

O dr. Oliver dava muita importância a isso:

> O Venerável Mestre deveria sempre lembrar que é nele que os Irmãos buscam a instrução - que dele depende o bem-estar e o sucesso -, o crédito e a popularidade da comunidade. A sua posição, como coluna principal da Loja, é por demais importante e, caso venha a falhar no bom desempenho de suas obrigações, ele estará desferindo um golpe fatal, não apenas à Loja, que será a primeira vítima de uma mal versada confiança, mas à própria Ordem, que sofrerá junto à opinião pública se o seu principal Oficial provar incompetência no elevado Oficio a ele incumbido; falhando por desatenção, por negligência ou por incapacidade de aprimorar os Irmãos em conhecimento e em sabedoria ou deixando de justificar e defender a pureza da Ordem contra os ataques e as pretensões daqueles que a ridicularizam ou condenam pelo simples fato de não entenderem o seu objetivo e serem incapazes de compreender a sua beleza e utilidade.

Em muitas Lojas, tanto na prática normal como nas cerimônias, este simbolismo ainda é muito forte. Os assentos dos Irmãos Seniores são aqueles que estão situados próximo ao leste (ao Oriente). No decorrer das cerimônias realizadas em muitas Lojas há duzentos anos, eram dados passos simbólicos, não ao Pedestal do Mestre, mas em sucessivos degraus em direção ao leste. Isso parece ter sido preservado até hoje em alguns trabalhos ritualísticos, com o candidato participando de uma parte dos procedimentos - a exortação, a explanação da Tábua, etc. - numa progressão em direção ao Oriente. Assim, a exortação após a iniciação é dada com o candidato colocado à esquerda do Primeiro Vigilante onde esta prática prevalece, a Tábua de Delinear do Segundo Grau é explicada no centro da Loja e a Explanação da História Tradicional e a do Painel do Terceiro Grau é dada com o candidato colocado à frente do Pedestal do Mestre, no Oriente.

Uma Loja maçônica está sustentada por três grandes colunas. Elas representam a Sabedoria, a Força e a Beleza. Muito tem sido escrito sobre elas - e a isso será mais apropriado nos referirmos mais adiante -, mas elas estão hoje freqüentemente exibidas em Loja como três Colunetas, cada uma acompanhada de um candelabro, colocadas junto às cadeiras do Mestre e dos Vigilantes. Nas antigas Preleções, consta alguma referência a esse respeito - o assento dos Vigilantes no Sul e no Ocidente não era uma prática oficialmente adotada pelos Modernos até 1810:

> Quem representa a Coluna da Sabedoria?
> - O Mestre, no Oriente (leste), para instruir a Arte e conduzir os trabalhos em ordem e harmonia.
> Quem representa a Coluna da Força?
> - O Primeiro Vigilante, no Ocidente (oeste), para pagar os salários aos Obreiros, que são a força e sustento dos trabalhos, e dispensá-los do trabalho, para que retomem às suas casas para o natural descanso e orem pela luz de um novo dia.
> Quem representa a Coluna da Beleza?
> - O Segundo Vigilante, no Sul, por ser dali que ele observa o Sol se aproximando de seu mais alto meridiano, o que é a Beleza do dia, para chamar os Irmãos do trabalho para o descanso e trazê-los de volta do descanso ao trabalho depois de o Sol ter passado pelo seu mais alto meridiano, a fim de que proveito e prazer sejam o resultado ao Mestre.

Solo Sagrado

A consagração do Templo do rei Salomão a Deus está relatada em I Reis, 8, por conseguinte uma Loja maçônica deve ser igualmente consagrada a Deus. Conforme as antigas preleções, a Loja também era dedicada ao

rei Salomão, enquanto nos registros acerca dos juramentos usados até 1816 consta o seguinte trecho: "Consagrado a Deus e ao Santo Apóstolo São João". Essa consagração a São João é bastante antiga e referências a ela podem ser encontradas em alguns dos mais antigos documentos. Disso decorre, os Graus da Maçonaria Simbólica eram conhecidos como "Maçonaria de São João" e um maçom independente (algo que ocorria com bastante freqüência antigamente) era chamado de "maçom de São João". Se uma Loja era consagrada a Deus, então ela deveria estar situada sobre solo consagrado ou sagrado. Existem muitas referências e razões nas antigas Preleções relativas a Lojas estarem sobre solo sagrado. Estas se relacionam à passagem bíblica de Moisés e a Sarça Ardente (Êxodo, 3), Josué e o Anjo (Josué, 5), a consagração da primeira Loja e do Templo de Salomão, e a simbólica propriedade de Lojas em terrenos elevados (tal como o monte Moriá) ou em vales. Este levando a um simbólico Vale de Josafá, ao qual se refere William Hutchinson em 1775:

> Nós colocamos a Loja Espiritual no Vale de Josafá, assim implicando que os princípios da Maçonaria advêm da Sabedoria de Deus e são estabelecidos conforme o Julgamento do Senhor (a tradução literal da palavra "Josafá", no idioma hebraico, é expressa por essas palavras). As mais altas montanhas e os mais baixos vales eram, desde os tempos mais remotos, considerados sagrados e supunha-se que o Espírito de Deus era peculiarmente prolixo naqueles locais: (Ezequiel, 43: 12) "Sobre o cume do monte todo o seu contorno em redor será santíssimo ... ". Está dito no Velho Testamento que o Espírito de Deus sepultou Moisés num vale na terra de Moab, implicando que por influência Divina ele foi enterrado num local tão santificado. Sobre a translação de Elias, os filhos dos Profetas disseram a Eliseu:
> "Eis que entre os teus servos há cinqüenta homens valentes. Deixai-os ir, pedimos-te, em busca de seu senhor; pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado em algum monte, ou vale"; daí se origina a veneração prestada, na Antiguidade, a tais lugares.

A entrada

Com a cadeira da Sabedoria e do rei Salomão no leste de uma Loja, e o progresso do neófito iniciado pela entrada no oeste, podemos perceber uma imediata analogia no progresso do Templo do rei Salomão, desde a entrada ou Pórtico de um lado, passando por uma Câmara de Meio (simbolizada no Segundo Grau), até o Santo dos Santos, no outro lado. As características mais importantes nesse progresso eram as duas Grandes Colunas situadas na entrada. Depois do Mestre da Loja, os dois Oficiais mais impor-

tantes eram os seus Vigilantes; assim, nada mais natural do que os Vigilantes serem identificados com essas duas Colunas. Antes de 1810, muitas Lojas, e particularmente as jurisdicionadas à Grande Loja formada em 1717 (a dos Modernos) postavam ambos os Vigilantes na parte oeste (Ocidente), com a entrada simbólica à Loja entre ambos. Assim, ao adentrarem à Loja, uma representação do Templo do rei Salomão, os candidatos, de forma bastante autêntica, passavam entre as simbólicas Colunas da Entrada ou Pórtico, representadas pelos Vigilantes, com o Mestre simbolizando o próprio Rei Salomão, situado no leste (Oriente). Essa disposição ainda é conservada em algumas formações.

Na primeira metade do século XVIII, existiam diversas referências feitas às procissões de maçons: cada um dos Vigilantes portando uma coluneta - uma vez que essas colunetas eram os símbolos do ofício, as duas Colunas do Templo do rei Salomão. Até perto do final do século XVIII, elas eram as únicas Colunas numa Loja maçônica e vistas como o repositório daqueles essenciais atributos de uma Loja: Sabedoria, Força e Beleza, sendo as colunas "cuja base é a Sabedoria, cujo corpo é a Força, e cujo capitel é a Beleza". Tradicionalmente, o Segundo Vigilante é o responsável pelos Aprendizes e o Primeiro Vigilante, pelos Companheiros. Talvez seja esta a razão pela qual, em alguns ritos decorrentes do antigo sistema francês dos primórdios do século XVIII, os salários são pagos aos Obreiros ao pé da respectiva coluna. Na Maçonaria inglesa, essa era uma das características do sistema de William Presto nos dias que antecederam a União das Grandes Lojas, mas que não foram adiante.

O dr. Oliver era um colecionador de obras de antigos autores, quase tão grande quanto fora William Preston e assim escreve sobre as duas colunas à entrada do Templo:

> A tradição antiga nos dá conta de que as colunas eram cobertas de adornos, figuras, caracteres e cálculos astronômicos e maçônicos e que o espaço oco em seu interior servia de arquivos da Maçonaria e guardava todos os registros e documentos. Cada uma delas tinha "um vaso que se elevava acima do corpo cilíndrico e era ornamentado por flores de lótus. A base do vaso era parcialmente ocultada pelas flores, o seu bojo estava revestido por uma rede, enfeitada por sete grinaldas - o número hebraico para felicidade". Elas ainda eram adornadas com capitéis de 5 côvados de altura, enriquecidos com redes, grinaldas, lírios e romãs, emblemas de união, fortaleza, força moral, paz e fartura. Uma dupla volta de romãs ali estava, cada volta composta de cem romãs, e em seu cimo estavam colocados dois globos, representando o céu e a terra, como símbolos da universalidade da Maçonaria. Conforme consta das preleções, é difícil, depois de tanto tempo, afirmar com precisão quais eram exatamente os

ornamentos e combinações desses emblemas. Porém, as tradições nos levam a entender que os capitéis representavam, respectivamente, todo o sistema da Criação celestial e terrestre. Essa suposição é possível a partir da referência simbólica desses ornamentos, os quais, por mais descritivos que possam ser da união, da força, da paz e muito do que o povo de Israel apreciava sob a suave influência daquele que era o melhor e mais sábio dos reis, são emblemas de significado muito maior. A rede se refere à forte e linda textura do Universo. As grinaldas denotam as órbitas que os corpos planetários descrevem ao redor do Sol e suas revoluções em diversos eixos. As flores abertas destacam a suave irradiação das estrelas e as romãs eram, invariavelmente, usadas em toda Antiguidade para denotar aquele secreto poder pelo qual as obras da Natureza nasceram e amadureceram.

Desenvolvimento das Lojas

Na segunda metade do século XVIII e no século XIX, até a União das duas antigas Grandes Lojas na Inglaterra em 1813, muitas vezes havia uma grande confusão nos conceitos acerca dos símbolos da Maçonaria. Ao longo desses 60 ou 70 anos, as Lojas se desenvolveram a partir de um grupo reunido ao redor de um simples traçado sobre o chão na ponta de um recinto no qual as mesas já estavam postas para a refeição (que compunham o principal propósito da reunião, junto com trabalhos de instrução que eram efetivamente realizados à mesa), na melhor das hipóteses, numa pequena sala onde era colocado no chão um pano ou tapete removível e sobre o qual estavam desenhados ou dispostos os Símbolos da Loja. Daí passaram a representar artisticamente a Loja Simbólica numa prancha, ao redor da qual seus trabalhos podiam ser realizados. Com o correr do tempo, já na primeira metade do século XIX, passaram a criar separadas e específicas instalações para Lojas ou, alternativamente, aparelhando e mobiliando salas para o uso especial em propósitos da Maçonaria, ainda que de forma temporária. Em muitas Lojas, por força dos Regulamentos de 1810, na Inglaterra, sobre o posicionamento dos Vigilantes no Sul e no oeste para todas as Lojas, os Vigilantes passaram a perder um pouco do significado de suas posições como representantes das duas grandes Colunas. Em vez deles e do Mestre da Loja, passaram a serem identificar mais com os três Grão-Mestres originais: o rei Salomão, Hiram - rei de Tiro - e Hiram Abiff. O crescimento do simbolismo das três colunas - Sabedoria, Força e Beleza - e a identificação destes atributos com os três Grão-Mestres e com três das Ordens da Arquitetura, levaram aquelas Ordens a ser identificadas com o Mestre da Loja e seus Vigilantes.

As três Luzes Menores eram, originalmente, dispostas ao redor do centro da Loja - em volta da Tábua de Delinear quando esta começou a ser usada para simbolizar a Loja em trabalho - possibilitando que os símbolos fossem vistos e explicados. As Luzes mostravam o curso do Sol, desde seu surgimento no leste, passando por seu meridiano ao Sul, até o seu ocaso no oeste, e com as responsabilidades do Mestre e dos Vigilantes identificando-se com esses pontos cardeais, as Luzes também passaram a ser posicionadas mais próximas àqueles Oficiais, fixando-se ali, na Inglaterra, no início do século XIX. Essas Luzes acabaram se identificando com o Mestre e os Vigilantes e, em razão das palavras do Ritual, que também identificam as Luzes, simbolicamente, com o Sol, a Lua e o Mestre, a prática surgiu em alguns lugares, mencionando-as numa seqüência diferente, colocando o Sul em primeiro lugar. Isso é um descuido em relação ao simbolismo original, em mostrar o curso do Sol (no Hemisfério Norte) e, para que esse aspecto seja preservado, elas devem ser vistas como estando no leste, no Sul e no oeste, nesta ordem.

Com essa mudança no posicionamento das Luzes, aproximando-as das cadeiras dos principais Oficiais e a identificação das Ordens de Arquitetura usadas nas colunas que sustentam as Luzes com esses Oficiais, dois curiosos distanciamentos do antigo simbolismo podem ser notados em muitos lugares. O primeiro deles é a colocação da respectiva Ordem de Arquitetura e seu correspondente capitel na distintiva Coluneta do Vigilante. Os fabricantes de equipamentos e acessórios maçônicos ignoram a razão original de distinguir os Vigilantes por colunetas como as colunas dispostas em cada um dos lados da entrada e, quando adequadamente projetadas, elas deveriam ter os lírios, a rede e as romãs como aquelas à entrada do Templo, junto com as duas esferas (ou globos, como são descritos tanto em I Reis, 7, como em 11 Crônicas, 4, embora esse anacronismo sobre os mapas gravados nos globos pareça existir desde os mais antigos registros da Maçonaria). Elas continuam sendo os emblemas do Ofício dos Vigilantes e um constante lembrete de que o nosso sistema é baseado no Templo do rei Salomão.

Em nossas cerimônias, as colunas situadas à entrada do Templo foram transferidas para o Segundo Grau e não mais fazem parte da Tábua de Delinear do Primeiro Grau. O simbolismo da preleção do Primeiro Grau se Concentra em ter o Mestre da Loja e os Vigilantes como representando a Sabedoria, a Força e a Beleza e com os três Grão-Mestres originais e os seus Símbolos de Arquitetura. Foi somente depois de 1813 que as três Ordens jônica, dórica e coríntia foram associadas, respectivamente, com a Sabedoria, a Força e a Beleza e alocadas ao Mestre da Loja e aos dois Vigilantes. Em 1790, quando as novas cadeiras para o Grão-Mestre e os Grandes Vigilantes foram encomendadas pela antiga Grande Loja dos Modernos para celebrar a subida de George, Príncipe de Gales, ao Grão-Mestrado, elas foram adornadas com as três Ordens, embora não da ma-

neira como fora estabelecida depois de 1813. As Preleções de William Preston, que são anteriores à União, também mencionam a Coluna Jônica representando a Beleza, e a coluna coríntia, a Sabedoria. Nós agora, em nossas preleções formais, identificamos as três colunas com o Mestre e os Vigilantes como representantes dos três Grão-Mestres originais e, pelas partes que desempenharam nas obras de construção do Templo, atribuímos a eles a Sabedoria, a Força e a Beleza, respectivamente. Tudo leva a crer que o método dos Antigos foi adotado pela União.

Pilares e/ou Colunas

No sétimo capítulo do primeiro livro de Reis, em seus versículos 15- 22, lemos:

> Formou as duas colunas de bronze. A altura de cada coluna era de dezoito côvados e um fio de doze côvados era a medida da circunferência de cada uma das colunas.
>
> Também fez dois capitéis de bronze fundido para pôr sobre o alto das colunas. De cinco côvados era a altura dum capitel e de cinco côvados também a altura do outro.
>
> Havia redes de malha e grinaldas entrelaçadas, para os capitéis que estavam sobre o alto das colunas; sete para um capitel, e sete para o outro.
>
> Assim fez as colunas. E havia duas fileiras de romãs em redor sobre uma rede, para cobrir os capitéis que estavam sobre o alto das colunas. Assim fez com um e outro capitel.
>
> Os capitéis que estavam sobre o alto das colunas, no pórtico, figuravam lírios e eram de quatro côvados.
>
> Os capitéis, pois, sobre as duas colunas estavam também justamente em cima do bojo junto à rede e havia duzentas romãs, em fileiras em redor, sobre um e outro capitel.
>
> Depois levantou as colunas no pórtico do templo, levantando a coluna direita, pôs-lhe o nome de Jaquim e levantando a coluna esquerda, pôs-lhe o nome de Boaz.
>
> Sobre o alto das colunas estava a obra de lírios. E assim se acabou a obra das colunas.

Isso foi extraído da "Versão Autorizada" da Bíblia, corrente nos séculos XVII e XVIII e a maior parte do século XIX. A descrição das colunas também é apresentada em 11 Crônicas, 3,15-17. Esta é mais curta e levemente diferente quanto às dimensões citadas, dando o que se entende ser a combinação de altura das duas Colunas como 35 côvados, ou 17,5 côvados cada uma delas. Essa descrição é a base sobre a qual a maioria dos textos modernos se apóia e é como ela aparece nas ilustrações e Preleções mais

antigas. Uma destas antigas preleções explica a discrepância nas alturas entre as duas descrições, ao informar que as colunas tinham altura de 18 côvados cada, mas que meio côvado estava enterrado no solo, expondo apenas 17,5 côvados acima da superfície. Como os maçons adotaram o Templo como o emblema simbólico de uma Loja, é natural que essas Colunas teriam um lugar no Ritual e no Simbolismo maçônico. Sempre houve diferenças de opinião quanto ao que é "direita" e "esquerda" em relação a elas. A referência a Ezequiel, 8, já mencionada, é tida como detentora de alguma autoridade em dizer que o Pórtico e Entrada do Templo estava situado no extremo leste. Uma passagem da tradução de Whiston da obra de Josephus *Antiquities of the Jews,* publicada em 1735, é citada em uma das antigas preleções, e mostra que os maçons do século XVIII não tinham a menor dúvida sobre a questão das colunas direita e esquerda:

> Os hebreus expressam o leste por "frente", e o oeste por "atrás", o Norte por "mão esquerda", e o Sul por "mão direita", em conformidade à posição de um homem com a face voltada ao Sol nascente.

Embora tenhamos mudado a orientação de nossas Lojas, a maior parte dos Rituais considera as colunas esquerda e direita como quem olha para fora, tal como parece estar implicado nessa descrição.

W. L. Wilmshurst explica que a tradução literal de "Jachim" (ou "Jaquim"), que afirma ser uma abreviação de *Jehoiakin,* é "Deus estabelece", e que "Boaz", traduzido biblicamente, significa "força" ou "energia". Ele sugere que, simbolicamente, a coluna da esquerda representa o "espírito" e a coluna da direita, o "corpo" ou a "matéria", de forma tal que a combinação das duas simboliza o homem completo, sendo que nenhuma das colunas é completa sem a outra. Ele também ressalta o uso feito em nosso idioma de expressões como "colunas (ou pilares) da sociedade", e sugere que os maçons podem nelas encontrar uma moral. William Hutchinson, em seu livro *Spirit of Masonry* (1775), também enxergou algo na tradução do hebraico para os nomes das Colunas:

> As colunas erigidas no pórtico do Templo não eram apenas ornamentais, mas também carregavam uma emblemática significação em seus nomes. Boaz, em sua tradução literal, é "Nele há força" e Jachim, "será estabelecido"; que, por uma transposição bem natural, pode ser assim colocado: "ó Senhor, sois Poderoso, e Seu poder é estabelecido perene e eterno".

Sobre a inscrição nas colunas, na *Enciclopédia Judaica* assim consta:

> Que o Senhor estabeleça *(Yakhin)* o trono de por sua semente para sempre. Davi e seu reino. Na força *(be'oz)* do Senhor se alegrará o rei.

o dr. Oliver também escreveu sobre as três colunas (as citações feitas por ele são extraídas da edição de Noorthouck do *Livro das Constituições* da Grande Loja de Modernos, de 1784):

> Estas três colunas *(ou* pilares) são emblemáticas de três grandes personagens maçônicos, cujas habilidades unidas e combinadas resultaram em uma contribuição essencial à verdadeira religião, pela construção de um primitivo Templo, o primeiro dedicado ao único e exclusivo objetivo de adoração religiosa. Eles reuniam as propriedades essenciais que caracterizam os três grandes pilares que sustentam a nossa Loja: um tinha a Sabedoria para planejar, outro tinha a Força para sustentar e o terceiro tinha o gênio e a perícia de adornar o edifício com inigualável Beleza. O resultado dessa união foi "uma edificação que transcendeu, em muito, tudo aquilo que somos capazes de imaginar e que foi sempre prezada como a mais perfeita obra de construção sobre a terra em todos os tempos". "Essa magnífica e grandiosa obra foi iniciada no Monte Moriá, na segunda-feira, segundo dia do mês de Zif, que corresponde ao dia 21 de abril em nosso calendário, segundo mês do ano sacro e realizada com tal velocidade, que foi concluída, em todas as suas partes, em pouco mais de sete anos, conclusão esta ocorrida no oitavo dia do mês de Bul, que corresponde ao dia 23 de outubro em nosso calendário, sétimo mês do ano sacro, e o décimo primeiro do rei Salomão. O que é mais impressionante ainda é que cada parte dele, seja de madeira, de pedra ou de metal, foi trazida para Jerusalém já pronta - cortada, aparelhada e polida, de forma que nenhuma outra ferramenta foi usada ou ouvida, além daquelas necessárias a juntar ou montar as várias partes. Todo ruído provocado por machados, martelos e serras limitou-se ao Líbano e às pedreiras e planícies de Zeredatá, de tal forma que nada podia ser ouvido entre os obreiros de Sion, exceto a harmonia e a paz."
>
> As colunas se referem, ainda, aos três dirigentes da Loja. A coluna da Sabedoria representa o Venerável Mestre que tem entre as suas atribuições a de exercer julgamento e penetração, planejar e conseguir os meios mais apropriados e eficientes para a realização dos trabalhos, sejam eles quais forem. A coluna da Força corresponde ao Primeiro Vigilante, cujo dever é o de sustentar a autoridade e ensejar os desígnios do Mestre da Loja com toda a influência que exerce sobre os Irmãos, e cuidar para que as suas ordens sejam plenamente cumpridas e surtam efeito duradouro. A coluna da Beleza corresponde ao Segundo Vigilante, cujo dever é o de adornar os trabalhos com todos os seus poderes de gênio e de atividade; promover a regularidade

> entre os Irmãos pela demonstração de seu próprio bom exemplo, sua convincente eloqüência ou prescrição e um diferenciado incentivo ao mérito. Assim, pela união das energias desses três Oficiais dirigentes, o sistema é adornado e estabelecido com a firmeza de uma rocha no meio do oceano, enfrentando bravamente os ataques maléficos da inveja e da calúnia ou difamação, com seu topo dourado pelos raios do Sol em seu meridiano, apesar das tormentas e das bravias ondas que, eternamente, assolam a sua base.

Em seu livro *The Keystone,* o rev. J. T. Lawrence escreve sobre o aspecto histórico das colunas, e inclui conceitos especulativos, a seguir resumidos:

> A Sabedoria, a Força e a Beleza formam a mais importante ... tríade na qual estão enraizados os preceitos morais da Arte ... e estão representadas por três dos mais essenciais utensílios presentes numa Loja, que estão sempre visíveis, compartilhando a atenção dos Irmãos com o Mestre e com os seus Vigilantes ... Elas existem para sustentar a Loja, por meio de seus principais Oficiais, podendo fazê-lo com dignidade quando lhes é permitido se sobressaírem, despertando a atenção de todos em Loja. Acerca da tríade, pouco há de se falar sobre os primeiros dois componentes. A inteligência da raça humana reconhece a absoluta necessidade de ambos em toda e qualquer coisa na vida. A Sabedoria sem a Força seria inútil e a Força sem a Sabedoria se tomaria uma ameaça. As duas juntas vencerão quaisquer dificuldades. O que nós ainda não conseguimos compreender é que Deus queria que o Universo obtivesse seu maior sustento com a Coluna da Beleza. Dois Pilares, por si só, pouco ou nada conseguirão sustentar não mais do que duas pernas poderiam apoiar uma mesa ou uma cadeira. Um terceiro é absolutamente essencial. Até aqui, a grande maioria da raça humana não conseguiu reconhecer nada mais além do princípio da utilidade - a combinação da Sabedoria e da Força. Em Suas próprias obras, o Criador nos ensina algo diferente. Ele não apenas nos dá a chuva, mas também o arco-íris, que nada mais faz do que demonstrar a sua beleza. A flor que fornece o mel à abelha nos deleita com a sua fragrância e a beleza de suas formas. A árvore frutífera floresce antes das demais, e os seus frutos não apenas dão o sustento, mas também gratificam os olhos e o paladar. A mais comum das gotas de orvalho cintila como um diamante, e mesmo a poça de lama à beira da estrada reflete toda a glória dos Pilares do Firmamento.
>
> Além de tudo aquilo que se pode extrair das mais raras belezas das cores, das formas e sabores; aquilo que legado pela Sabedoria

do Eterno e formado pela Força do Eterno pode nos repelir ou amedrontar. Mas os desígnios de Deus não seriam assim realizados. As Suas obras têm que agradar os nossos sentidos e nos atrair; e, assim, nada Dele emana que não seja dotado também de Beleza Divina. Se qualquer coisa que Deus tenha feito nos apresentar de forma nada ou pouco atraente, isso será por culpa daquele a quem foi dado. Uma parte do castigo aplicado aos nossos primeiros genitores quando saíram do Éden foi que um mundo, até então justo e adorável, passaria a, dali em diante, produzir espinheiros e cardos e daí somente pelo suor de sua fronte o homem foi capaz de restaurar as belezas do Paraíso perdidas. Como vimos, nós podemos encontrar incentivo e ajuda por todos os lados. Numa inconfundível linguagem, a Natureza, falando pelo Todo-Poderoso, nos diz que a Beleza - não menos do que a Força e a Sabedoria - é um dos atributos Divinos.

É bom lembrarmos que aquilo que é planejado pela Sabedoria e formado pela Força haverá de, por si só, se tornar Belo se os planos de Deus forem deixados sem interferência. Não necessariamente de uma só vez ou logo. A própria palavra "Força" significa que algo teve de ser superado ou conquistado, que houve uma luta, e a palavra "Sabedoria" significa que a força foi sabiamente dirigida. Não, aquilo que tem o sabor de briga e de domínio não pode ser prontamente belo. A Beleza - física, mental ou moral - só chega depois e sua vinda é certa. O inverso também é igualmente verdadeiro, a Beleza não virá por si só, isolada. Ela nasce do conflito e da guerra. Cada acesso da Beleza tem algo a nos dizer sobre algum conflito anterior. Veja, por exemplo, a terra. A Sabedoria direcionou o curso de certas operações e suas aplicabilidades àquele determinado pedaço de solo, e daí a Força obedece aos ditames da Sabedoria, segue-se então um período de luta. Explosivas operações estão em andamento: o arado sulca o solo e realizam-se escavações. E então, em meio a tudo isso, nascem as mais belas formas de arquitetura, templos e palácios, e as habitações dos homens, ou pode surgir a Beleza de um pomar, ou de um milharal, tingido aqui e acolá pelo escarlate das papoulas. Antes disso tudo acontecer, aquele pedaço de terra era chamado de "depósito de lixo". Houve um tempo na História do mundo em que a lei da gravidade era desconhecida. Os nossos antepassados não conseguiam entender o que mantinha a terra em seu lugar - em que ela estava fundada. A existência de pilares parecia oferecer uma possível explicação; e, assim, o Velho Testamento é rico nesse conceito:

"porque do Senhor são as colunas da terra, sobre elas pôs Ele o mundo." (I Samuel, 2:8).

"Dissolvem-se a terra e todos os seus moradores, mas Eu lhes fortaleci as colunas." (Salmos, 75:3).

"As colunas do céu tremem e se espantam de sua ameaça." (Jó, 26:11).

> Repare também na poética expressão "Pilares do Firmamento". Foi assim que o Pilar (ou Coluna) ganhou um caráter quase sagrado, levando muitas antigas nações a adorar um Pilar ou Coluna. Nem mesmo os hebreus estavam livres da superstição. Jacó fez de uma pedra coluna em Luz ou Betel (Gênesis, 28: 18) para celebrar a sua maravilhosa visão e, depois, outra em Galeede (Gênesis, 31 :46), como um memorial de seu tratado com Labão. Josué tomou uma pedra como coluna em Gilgal para comemorar a miraculosa travessia do Jordão (Josué, 4:20) e Samuel ergueu uma em Mizpá (I Samuel, 7: 12). O Altar original, usado para quase todos os tipos de sacrifícios oferecidos em adoração, era uma pedra bruta.
>
> Essas pedras não eram erigidas por capricho. Deve ter havido alguma manifestação especial ou poder sobrenatural- uma batalha vencida, um sinal de libertação ou de absolvição, uma visão, e então o lugar assim consagrado se tomava, tal como Luz, um *Beth-El* - isto é, uma Pedra de Deus. Então a pedra era consagrada, seja ao verter óleo sobre ela, ou pelo sangue de uma imolação em sacrifício. A pedra arranjada por Samuel para comemorar uma vitória sobre os filisteus, ao qual nos referimos há pouco, ele denominou *Eben-ezer* - uma palavra que, tal como Betel, sobreviveu e pode ser encontrada na nomenclatura atual.

Nos textos de J. S. M. Ward, algumas confusões poderão ser, ocasionalmente, notadas nas Colunas arquiteturais que representam a Sabedoria, a Força e a Beleza e as duas colunas dos Vigilantes. Os efeitos da História têm sido abordados por todos os lugares, mas, em algumas Lojas, uma Coluna semelhante àquelas dos Vigilantes é dada ao Mestre da Loja, em estilo jônico. Isso mostra uma especulação e conceito posterior, surgido da conversão referida na história maçônica na Inglaterra e parece perder de vista o fato de que as colunas dos Vigilantes são, historicamente, os essenciais emblemas de seus Oficioso Ward assim escreve:

> Conforme alguns dos nossos rituais, as contribuições dos três Grão-Mestres ao grande Templo foram: Salomão teve a Sabedoria; Hiram, rei de Tiro, sustentou-o com a sua Força e, mais especialmente, com os materiais que supriu; tendo sido adornado com Beleza pelas habilidades de Riram Abiff.

Em algumas partes de Cornwall e nos trabalhos realizados na maior parte das Lojas alemãs, o Venerável Mestre é o primeiro a acender a sua luz com as seguintes palavras: "Sabedoria no leste". O Primeiro Vigilante acende a sua, tomando-a da luz do Venerável Mestre e ao acendê-la, diz: "Força no oeste"; e é seguido pelo Segundo Vigilante, que diz: "Beleza no Sul".

> Quando começamos a ponderar sobre o significado mais profundo, subjacente a estes Oficiais e a antiga tradição solar, não nos cabe dúvida serem estes os atributos que se aplicam, respectivamente. A Sabedoria vem do Oriente, isto é, a carga originária de todas as religiões do mundo. A Sabedoria emerge da alvorada, a morada onde vivem as altas deidades. Sob o enfoque da natureza trina do homem, é o Espírito Divino que lhe dá a Sabedoria; a Alma ou Primeiro Vigilante, a Força; enquanto a Beleza se refere à beleza física do corpo do homem. De forma semelhante, o Sol em seu meridiano está no ápice de sua beleza e esplendor e ajuda a tornar belo tudo aquilo sobre o qual reluz. O Sol em seu poente e ao anoitecer, embora belo em si mesmo, já não tem aquele efeito vivificante que possuía quando estava em seu meridiano.

A coluneta do Segundo Vigilante fica abaixada quando a Loja está em funcionamento, indicando que o trabalho da Loja concerne pouco ao corpo; enquanto a coluneta do Primeiro Vigilante está levantada, indicando exatamente o oposto. No entanto, quando fazemos a chamada do trabalho para o descanso, colocamos de lado, por algum tempo, o alimento espiritual da alma e atendemos às imediatas necessidades do corpo, fato que é cuidadosamente enfatizado pelo posicionamento das colunetas. Porém, nas Lojas em que a coluneta do Mestre da Loja é usado, ela permanece em pé, tanto durante o período de trabalho como no de descanso, para nos lembrar que tanto um como o outro devem ser controlados pelas faculdades espirituais em obediência às leis divinas.

Tamanha é a confusão existente sobre pilares e colunas, que pode ser válido refletirmos sobre como as três Colunas entraram no simbolismo maçônico, pois, de alguma forma, elas desalojaram as duas antigas Colunas do Primeiro Grau, ao final do século XVIII. As três colunas que sustentam uma Loja são três das cinco nobres Ordens da Arquitetura clássica. Nos primórdios daquele século, tornou-se prática ministrar Preleções em Loja concernentes à construção e, particularmente, à Arquitetura. Inigo Jones, na primeira década do século XVII, visitou a Itália e voltou para a Inglaterra muito influenciado pelo trabalho de Palladio no estilo neoclássico. Este se tornou bastante popular na Inglaterra e, a partir da década de 1720, teve uma nova explosão de popularidade liderada por William Kent, fazendo com que muitos desenvolVimentos continentais

passassem pela Inglaterra. A tônica desse estilo era de que a perfeição na arte era conseguida com regras e que o sistema de proporções ideais podia ser aplicado. A idéia não era nova, ela remontava a Vitruvius, mas este renascimento parecia fascinar os ingleses - tanto assim que Chippendale incluiu um tratado sobre as Cinco Ordens como prefácio de sua obra *Gentleman and Cabinet Maker* s *Directory,* publicada em 1754. Com essa extrema preocupação com um estilo especial na História da Maçonaria e a transmissão de preleções em Lojas, não é de se surpreender que as Cinco Ordens tivessem um lugar especial na Maçonaria inglesa, e que três delas tivessem sido tomadas para esta especial aplicação. Sobre isso, William Preston assim diz em sua Preleção:

Dentre estas Colunas, quantas são as verdadeiramente antigas? - Três.

Quais são?

- A Dórica, a Jônica e a Coríntia. O que

representam essas três?

- Elas diferem, materialmente, entre si e, com igualdade mostram caráter criativo e particular. As Ordens toscana e a compósita nada têm além daquilo que tomam emprestado e apenas diferem por casualidade; a toscana sendo mais simples do que a dórica, e a compósita mais enfeitada, se não mais bela, do que a coríntia.

Explique essas Ordens.

Nessas Ordens, podemos acompanhar o gradual progresso da ciência. Nas Colunas Dóricas percebemos o emblema da Força; nas Jônicas, o sinal da forma e da figura; e nas Coríntias, a insígnia da sabedoria e dos talentos reunidos.

Os atributos que Preston deu às três Ordens foram seguidos pelos modernos antes da mudança introduzi da com a União até aquela que é usada hoje na maioria das Lojas inglesas.

J. S. M. Ward também escreve sobre tapete ou piso e a respeito das quatro borlas que tradicionalmente aparecem em seus cantos, naqueles da Tábua de Delinear do Primeiro Grau:

> O intrínseco significado desse tapete (ou piso) é o quadriculado e variado modo de vida - a alternância entre a alegria e a tristeza, o bem e o mal, o dia e a noite, que todos nós experimentamos ao longo da vida. Na verdade, podemos dizer que ele mostra todos os opostos.
>
> Mas, provavelmente, o que impressiona o iniciado, mais do que qualquer outra coisa acerca desse tapete, são as quatro borlas tecidas nos quatro cantos da estampa. Nos é dito que elas representam as quatro virtudes cardeais, mas este é um parecer mais recente, provavelmente inventado por volta do final do século XVIII e parece não haver qualquer razão especial para que

> elas representassem as quatro virtudes cardeais mais do que os quatro elementos, ou qualquer outro "quatro". Nós encontramos a verdadeira origem dessas borlas, assim como também encontramos muitos outros pontos obscuros, em nosso ritual, se estudarmos os métodos medievais empregados pelos maçons operativos quando desenhavam no chão a planta de uma nova construção. O Mestre da Obra, ou Arquiteto, como o chamaríamos nos dias de hoje, iniciava o seu trabalho marcando o centro de uma área no chão sobre a qual o edifício seria construído e, a partir daquele ponto, desenhava o quadrado ou o retângulo sobre o qual as paredes seriam em seguida levantadas. Para conseguir fazer isso, ele esticava cordéis a partir do pino colocado naquele ponto central, e marcava os quatro ângulos, prendendo suas extremidades nos cantos da construção, com a simples ajuda de um esquadro e de um triângulo, verificava os quatro cantos e conferia sua exatidão. Enquanto as paredes eram levantadas, periodicamente um pedaço de madeira era colocado no canto interno e dele pendia uma linha de prumo assegurando que a parede estava perpendicular e o ângulo era exatamente o mesmo, tanto no alto, como na base. Um dispositivo que vagamente lembrava estas linhas de prumo de canto subsistiu e continuou sendo usado até os meados do século XIX na Maçonaria Especulativa; eu tive a oportunidade de encontrar diversos Irmãos provinciais que lembram de ter visto não apenas borlas costuradas nos tapetes, mas borlas reais penduradas nos quatro cantos da Loja; e no ritual usado antigamente, são essas borlas que estão ligadas as quatro virtudes - implicando, certamente, que as quatro virtudes cardeais serviam de guia para que o homem mantivesse uma vida ereta. Tal como ocorre em relação a muitos costumes antigos e interessantes, essas borlas parecem ter desaparecido, restando-nos apenas uma representação dos quatro extremos dos cordéis que cruzavam a planta do edifício.

W. L. Wilmshurst vai mais além no "Pavimento Mosaico por onde caminhava o sumo sacerdote", que é o mesmo do piso da Loja:

> Não é meramente ao sumo sacerdote judeu de muitos séculos atrás ao qual ora se faz referência, mas ao membro da Maçonaria Simbólica. Cada maçom deve ser o Sumo Sacerdote de seu próprio Templo pessoal e fazer dele um lugar no qual possa se encontrar com Deus. Pelo simples fato de estar neste mundo dualístico, cada ser humano, seja ele maçom ou não, caminha sobre o Pavimento Mosaico, mesclado de bem e de mal, em cada ação de sua vida, fazendo com que aquele tapete

> ou ilustração seja o símbolo de uma verdade filosófica elementar e comum a todos nós. Porém, para nós, as palavras "caminhar sobre" implicam mais do que isso. Elas significam que aquele que aspira ser um Mestre de seu destino e um capitão de sua alma deve caminhar sobre esses opostos, no sentido de transcendê-los e dominá-los, de pisar sobre sua natureza sensorial inferior e mantê-la sob os seus pés, submissa e controlada. Ele deve se tornar capaz de se elevar acima da variável mescla alternada do bem e do mal, ser superior e indiferente a quaisquer altos e baixos do destino, os encantos e os temores que regem os homens comuns e que fazem oscilar seus pensamentos e ações desta ou daquela forma. O objetivo é o desenvolvimento de suas potencialidades espirituais interiores e é impossível que estas venham a se desenvolver enquanto ele estiver sendo atropelado por suas tendências materiais e pelas oscilantes e volúveis emoções de prazer e dor que são por elas deflagradas. É elevando-se bem acima disso tudo e conseguindo a serenidade e o equilíbrio mental em quaisquer circunstâncias nas quais, momentaneamente, ele possa se encontrar, que um maçom verdadeiramente estará "caminhando sobre" o piso quadriculado da vida e as conflitantes tendências de sua mais material natureza.

Os nossos ciosos Irmãos do século XVIII especulavam não apenas nos objetos individuais em suas Lojas, mas em toda a estrutura da Maçonaria. Quando diziam "posso entender a regra de três, a chave da Loja está ao meu comando", queriam dizer que tinham plena compreensão dos três Graus e podiam entender a construção de um ângulo reto. Numa interessante preleção que parece ter sido praticada principalmente em Lancashire até o final daquele século, há uma sessão de encerramento da Terceira Parte -a do Terceiro Grau - que ilustra o seu pensamento:

> Alegais terdes trabalhado como um chefe Arquiteto, tanto como Mestre e como Empreiteiro; poderíeis assumir a construção de uma Loja?
> - Sim, eu poderia e a assumiria se os materiais fossem encontrados e adequadamente preparados.
> Quais são os materiais necessários para construir uma Loja? - Verdade, Justiça e Caridade com os quais esta Loja, e qualquer outra Loja, está ou deveria estar bem armazenada.
> Se tiverdes os materiais, como delimitareis os seus alicerces para verificá-los?
> - Eu aplicaria as proporções de 3, 4 e 5, que atendem ao grande Eureka da Maçonaria, normalmente chamada de 47ª Proposição dos Elementos da Geometria de Euclides.

o que demonstra ela?
- Ela demonstra que o quadrado da hipotenusa de um triângulo reto é igual à soma dos quadrados dos dois outros lados - os catetos.
Como podeis prová-lo?
- O quadrado de 5 é igual à soma dos quadrados de 3 e de 4 o quadrado de 3 é 9, o quadrado de 4 é 16, e a sua soma é 25, que é o quadrado de 5, e por cujas proporções os maçons tiram os ângulos retos, esquadros e perpendiculares.
O que se entende por quadrado de 3?
- Pelo quadrado de 3 entende-se os três pontos de minha entrada - Preparação, Admissão e Juramento.
Como aplicar o quadrado de 4?
- Às quatro Virtudes Cardeais, das quais dois quadrados são iguais ao quadrado de 5, que são os cinco Pontos da Fraternidade, de tal forma que os cinco pontos da fraternidade são iguais aos três pontos de minha entrada, e as quatro virtudes cardeais. Agora, Irmão, como já esquadrastes o seu edificio, podeis assentar os alicerces; quais são as ferramentas ou instrumentos necessários para realizardes a sua obra?
- Primeiro o compasso e a régua, para traçar o meu desenho sobre a Tábua de Delinear, depois a Verdade para nivelar o alicerce, em seguida a Justiça para aprumar a vertical e a Caridade para esquadrar a cobertura.
Qual o cimento que usais?
- O Amor e a Fraternidade cimentam e a União faz a liga. Como a ornamentais?
- Com a Regularidade, a Virtude e a Concórdia. Como a mobiliais?
- Com as Virtudes cardeais. Quais são elas?
- A Justiça, a Prudência, a Temperança e a Fortaleza. Como as distribuís?
- A Justiça no Leste, a Prudência no Oeste, a Temperança no Sul e a Fortaleza no Norte.
Como a dedicais?
- Com o Trigo, o Vinho e o Óleo.
Por que a dedicais com o Trigo, o Vinho e o Óleo?
- Porque o Trigo, o Vinho e o Óleo eram os produtos que Salomão, rei de Israel, enviava a Hirão, rei de Tiro, em pagamento ao cedro e ciprestes que dele recebia para a construção do Templo.
A quem dedicareis a vossa Loja?

- A Deus e ao Santo Apóstolo, São João

Por que a dedicais a Deus?
- Porque todos os lugares onde Deus é venerado, a Ele são dedicados, e é a Ele que se dedicam todos os homens que são retos e bons.
Por que a dedicais ao Santo Apóstolo, São João?
- Por ter sido São João quem ensinou e pregou o amor fraternal como a pedra fundamental da religião, por ser o amor o cumprimento da lei.
Agora, Irmão, a vossa Loja assim construída, cimentada, ornamentada, mobiliada e dedicada, como tem a sua porta assegurada?
- O silêncio tranca a porta, e deposita a chave. Onde fica depositada a chave?
- Em cada coração verdadeiro, justo e honesto, de um maçom. Agora, Irmão, após ter sido assim concluída e trancada, como fica ela?
- Tal como fica todo e qualquer maçom, ereto no esquadro, de frente aos quatro pontos cardeais do Céu com braços abertos estendidos, prontos a receber e confortar os valorosos e merecedores, vindos dos quatro pontos.
Quando o silêncio fechou a porta de vossa Loja, qual o ensinamento que ela vos deu?
- Ela me levou a agir com justiça, amar com misericórdia, caminhar com humildade junto a meu Deus, e lembrar minhas três obrigações, para que eu possa ser recebido sempre que a ela retomar.
Quando voltardes, como esperais ser readmitido? - Pelos três principais degraus, ou graças. Quais são eles?

- Primeiro é a Fé, que é uma aprovação da mente a tudo aquilo que é recebido pelas Sagradas Escrituras como Testemunho do Todo-Poderoso; o segundo, a Esperança, que é a âncora da alma, certa, constante e firme, pela qual buscamos a Salvação, por meio das promessas e da bondade de Deus; e o terceiro, a Caridade, que é o Amor Fraternal e ilimitada Benevolência a toda Humanidade, pela verdadeira observância pela qual seremos capazes de ascender à Grande Loja Celestial, na qual há abundância de alegria e prazer fluindo para todo o sempre; que a outorga de Deus possa ser a nossa feliz sina. Amém

A Loja - Ornamentos, Utensílios e Jóias

O Simbolismo de muitos dos itens existentes fisicamente em uma Loja é também o mesmo relacionado à Tábua de Delinear do Primeiro Grau. Na verdade, seria justo dizer que os hieróglifos da Tábua de Delinear foram os primeiros a ser desenvolvidos, em tempos anteriores quando era costumeiro ou possível montar Lojas de fato mobiliadas e aparelhadas com os necessários Emblemas. Os itens encontrados na Loja foram desenvolvidos a partir das representações encontradas nas Tábuas de Delinear. Mas na Tábua de Delinear do Primeiro Grau existem diversos itens que não aparecem na própria Loja. Já não é comum encontrar um pentágono ou uma estrela pentalfa colocada como "a Estrela Flamejante no centro", descrita nas preleções e antigamente encontrada no meio da representação do Pavimento Mosaico. Era no Interior deste pentágono ou estrela pentalfa que a letra "G" aparecia antigamente no Segundo Grau, para indicar que a Loja estava trabalhando naquele Grau. É de se notar que esse "G" não aparece, nem mesmo agora, na Tábua de Delinear do Primeiro Grau, mas na do Segundo Grau e, em alguns lugares, também na do Terceiro Grau. Exceto em alguns Templos especialmente construídos, não é comum encontrarmos a Escada de Jacó em nenhum lugar que não na Tábua de Delinear e o mesmo pode ser dito sobre o ponto no interior de um círculo, colocado entre duas linhas paralelas, sob o Volume das Leis Sagradas (VLS).

A **Letra** "G"

A letra "G" ainda aparece muito em nosso Segundo Grau. Podemos encontrá-la na Explanação da Tábua de Delinear como um símbolo que

chama atenção especial na Câmara do Meio, onde ela aparece em substituição a certos caracteres. Referências são feitas a essa letra por ela estar no centro e, particularmente, no centro do Templo. Em muitos Templos maçônicos a letra pode ser encontrada pendurada, normalmente no centro do recinto, mas, muitas vezes, fixa e permanente acima do Pedestal do Mestre da Loja. Ela pertence, apropriadamente, ao Segundo Grau e, se o seu simbolismo for estritamente seguido, ela somente seria exibida no Segundo Grau. Na época em que os Primeiro e Segundo Graus formavam um grupo bem separado do Terceiro, e os Símbolos referentes aos dois primeiros eram exibidos em ambos, a única diferença entre um e outro era a exibição adicional da letra "G" quando a Loja era aberta no Segundo Grau. Ela não estava ali quando se realizavam os trabalhos em Primeiro Grau, sendo a sua exibição que convertia os Símbolos nos do Segundo Grau, pois o Aprendiz ainda precisaria de tudo aquilo que aprendera em seu caminho para usar como um Artesão, mais este pequenino extra.

Nos dias de hoje, a maioria das Lojas costuma exibir a Tábua de Delinear do Segundo Grau para converter a Loja de Aprendiz em Loja de Companheiro, e isto, tal como nos diz a Explanação da Tábua de Delinear, exibe a letra "G" (ou deveria, de forma bem clara). Algumas Lojas mostram apenas a Tábua de Delinear do Segundo Grau com os Símbolos que se referem somente àquele Grau, e assim inconscientemente, demonstrando os três Graus separados como uma estrutura na qual nos amontoamos desde 1813. Algumas Lojas também costumam adicionar a Tábua de Delinear do Segundo Grau à do Primeiro Grau já em exibição, perpetuando desta forma o antigo relacionamento. Essa reflexão sobre a letra "G" e sua importância para os nossos Irmãos de antigamente tende a apontar para a posição da Tábua de Delinear, sendo colocada diretamente no chão no centro da Loja, que é o local no qual a maioria das Lojas a põe quando é Explanada; mas, ultimamente, tem-se usado a prática de colocar todas as Tábuas de Delinear em pé, apoiadas em um dos pedestais, ou em uma moldura especial ou suporte.

A letra "G" tem sido merecedora de grande importância na Maçonaria em muitos lugares do mundo e pode ser encontrada em uso em diversas conformações que a colocam entre os esquadros e os compassos unidos, como parte dos principais Símbolos ligados à Maçonaria. William Hutchinson, ao escrever antes de 1775, coloca a letra "G" em um pentágono, ou em uma pentalfa, ou em uma estrela de cinco pontas, cercada por raios de esplendor, como seu principal frontispício. Ele ressalta que, embora a letra "G" deva, na mente do maçom, significar Deus, emprestar-lhe apenas aquela simples importância é desprovê-la, e muito, de seu valor como um símbolo maçônico. Por sua representação de Deus como o Grande Geômetra, ela simboliza a Geometria "que contém a determinação, a definição, o penhor da Ordem, a beleza e a maravilhosa sabedoria do poder de Deus em Sua Criação". Algumas Constituições dizem que, para elas, o símbolo é de um

Excelente Maçom. Certamente existe um fundamento antigo para isso na Constituição inglesa, pois os trabalhos da antiga Grande Loja,.dos Modernos incluía no Terceiro Grau, referência a um Excelente Maçom. Ainda podem ser encontradas antigas Tábuas de Delinear do Terceiro Grau que trazem uma letra "G" que, provavelmente, tenha esta importância, podendo também ser encontrada, nesse sentido, nas obras de Preston, até pouco depois da União.

As preleções atuais apresentam o significado da letra "G" na Tábua de Delinear como uma denotação de Deus, o Grande Geômetra; mas, se a referência é feita à Chave-Mestra de John Browne, refletindo a prática das Lojas jurisdicionadas à Grande Loja dos Modernos, por volta de 1800, lemos:

Por que fostes passado ao Grau de Companheiro? - Pelo beneficio da letra "G".

O que denota esta letra "G"?

- A Geometria, ou a Quinta Essência, sobre a qual está alicerçada a Maçonaria.

O que é Geometria?

- A Geometria é uma Ciência pela qual nos é ensinado encontrar as dimensões de corpos não mensurados, comparando-os com os de medidas já conhecidas.

Quais são os quatro princípios da Geometria?

- A Grandeza e a Extensão, ou seja, uma progressão científica de um ponto a uma linha, de uma linha a uma superfície, e de uma superfície a um sólido.

O que é um ponto?

- Uma coisa miúda, o princípio da Ciência Geométrica. O que é uma linha?

- A extensão deste ponto. O que é uma superfície?

- Comprimento e largura, sem espessura determinada. O que é um sólido?

- Comprimento e largura, com espessura determinada, formando um cubo.

Neste breve catecismo está resumida boa parte do simbolismo essencial original da Maçonaria, o qual os nossos antepassados identificavam com a Geometria. Primeiro ele menciona um ponto que segue por um sistema de graduação progressiva, e mostra que o Segundo Grau de nossa Ordem está voltado ao estudo da Geometria, a Ciência que trata das medidas e das dimensões e, portanto, da construção. A progressão de um ponto tem um objetivo determinado - a ,formação de um sólido. Não um sólido qualquer, mas um cubo. O cubo e um corpo composto de seis faces iguais e todos os seus ângulos são retos; um símbolo de perfeição. Em sua construção, o importante progresso é a incorporação de uma terceira dimensão, tal

como diz a antiga preleção, elevado "de uma superfície plana para uma vívida perpendicular". Eis aí uma abreviada história dos três Graus.

É possível que o uso de uma letra nessa forma como representação de Deus seja o reflexo da influência da tradição judaica no desenvolvimento maçônico. Pelo costume judaico, não se pronuncia o nome de Deus, o qual é representado pelo Tetragrama - as quatro letras "JHVH" (em hebraico as letras "Iod" "Hê" "Vau" "He") mas em vez disso usa-se alguma outra palavra, tal como "Adonai" (Senhor), ou encontram-se maneiras que expressam a presença de Deus por meio de alguma outra representação. O uso da letra "G", especialmente quando rodeado por uma glória sugerindo a Shekiná, uma representação luminosa da Presença Divina, pode bem ter sido introduzido na Maçonaria copiando uma tradição judaica. Existem algumas evidências que sugerem que, até a época da União das Grandes Lojas, em 1813, o nome que aparecia no Tetragrama era um particularmente associado ao Terceiro Grau; alguns dos textos referentes às Preleções de William Preston assim indicam, enquanto o Tetragrama é freqüentemente encontrado nas Tábuas de Delinear do Terceiro Grau. É interessante notar que na Tábua de Delinear do Segundo Grau, desenhada por John Harris em 1845, aparece um incomum uso da letra "G" e do Tetragrama. Neste painel, pela porta da Câmara do Meio, podemos ver a letra "G" no interior de um triângulo cercado por uma glória ou Shekiná. Sobre a porta que dá acesso à Câmara do Meio há uma Trapeira, normalmente uma característica das ilustrações maçônicas do Santo dos Santos (Sanetum Sanetorum) e nesta Trapeira, também cercada pela Shekiná, está o Tetragrama. Dizem que Harris tinha ascendência judaica. O Painel, bem como seus semelhantes dos outros dois Graus, foi autorizado pela Emulation Lodge o/Improvement e é semanalmente usado por eles no Freemasons' Hall, em Londres. Isso pode ser indício de que, no antigo Terceiro Grau, o objetivo de uma pesquisa seria a descoberta dessa palavra e que para enfatizar isso, o Segundo Grau fornecia apenas uma representação.

Ao colocar a letra "G" no interior de um triângulo e de uma glória, Harris estava fazendo aquilo que Hutchinson realizara setenta anos antes, e Harris deu o mesmo tratamento ao Tetragrama. W. H. Rylands, em Notes on Some Masonie Symbols, faz uma citação que pode indicar a origem desse tratamento, e que poderia ser a razão para tal prática:

> ...na arte eclesiástica do século XVI, a deidade era representada apenas por seu nome, inscrito no interior de uma figura geométrica. O triângulo é o emblema linear de Deus e da Divina Trindade. O nome de Deus, ou Jeová, estava inscrito em letras Hebraicas no triângulo e ambos, o nome e a figura, estavam colocados no centro de um CÍrculo radiante, simbólico da Eternidade. (Didron, Christ. Ieonog., Bohn, pp. 231-232).

Rylands prossegue, mostrando por meio da obra do arquiteto lohn Thorpe, do século XVI, que o triângulo era considerado, na profissão da construção, um Símbolo da Trindade. Na vida, em geral, o uso de símbolos aceitos dessa natureza era muito mais comum. Em muitos casos, quando a Maçonaria adotou o uso de tais símbolos, nada havia de incomum sobre a prática. A Maçonaria sobreviveu com esses símbolos incorporados, embora a prática geral tenha caído em desuso, e o seu significado nem sempre é lembrado.

A Letra "G" e o Esquadro

Um dos mais interessantes sinais do uso original da letra "G" relacionados à Maçonaria surge em relação à forma do Esquadro. No Capítulo sobre os Instrumentos de Trabalho, diversos autores são citados sobre o verdadeiro formato do Esquadro quando usado em relação à Maçonaria. Parecem existir diversas opiniões que dizem que um Esquadro com braços de diferentes comprimentos foi o usado nos primórdios da Maçonaria, enquanto parece não restar dúvida de que aquilo que é conhecido por esquadro de uma "forca," já esteve em uso popular - (f. 1. S. M. Ward, em An Interpretation of Our Masonic Symbols, destaca que o formato do Esquadro tem, exatamente, o da letra grega "gama", equivalente ao "g" do alfabeto romano e, mais, que na escrita Eclesiástica usada na Europa Medieval, este exato formato de esquadro de uma forca era usado para representar a letra "G" (isto em letra maiúscula e não em minúscula). Ward também concorda com a opinião de Sir lohn Cockburn, de que o Esquadro e a letra "G" eram ilustrados nas Lojas antigas com o mesmo formato. Cockburn é citado com a opinião de que foi a letra "G" que os antigos maçons queriam representar, simbolizando Deus, e assim eles usavam esse formato de esquadro de cadafalso para representar aquela letra. Igualmente simples, podia ser que os antigos maçons quisessem mostrar o Esquadro como o principal Instrumento moral da Arte e que, assim, ele também representaria a letra "G" para a Geometria. Qualquer que tenha sido a situação, ela poderia muito bem ter algum fundamento para a proposição de Ward ao dizer que, se uma Loja for mobiliada de forma absolutamente correta, em concordância à tradição original colocando o Símbolo no centro da Loja, seja pendente do teto ou colocada no Pentágono sobre o chão, ele deve ter o formato de um [f - um esquadro de forca.

Um dos mais completos estudos feitos sobre este Símbolo está em The Letter G, de Harry Carr, no Ars Quatuor Coronatorum, vol. 76. Carr remonta as primeiras referências a ele em Masonry Dissected, de 1730, por Prichard, que também é a primeira referência de qualquer tipo feita a um sistema de três Graus, em vez de um de dois Graus. Para Prichard, a letra "G" é um Símbolo do Segundo Grau e se refere à Geometria. Referências

posteriores o tem posicionado no centro e observa-se uma ampla confirmação de sua existência, na década de 1740, como o Símbolo que convertia a Loja em Loja de Companheiro, e estava associado a uma Estrela Flamejante ou, tal como Hutchinson a descreve, associado a uma glória. Na apresentação satírica em Scald Miserables, publicada pela primeira vez em 1741, há uma referência à letra "G" como sendo o item que converte uma Loja em Loja de Companheiro. Quando lohn Coustos foi interrogado pela Inquisição em Portugal, em 1743, ao descrever a Loja, assim disse:

> O piso da dita Loja tem um desenho feito em giz branco, no qual estão configurados diversos contornos servindo de ornamentos, junto com uma estrela flamejante que tem em seu interior, no meio, uma letra "G", que significa a Quinta Ciência da Geometria, à qual todos os Oficiais (Obreiros?) e Aprendizes deveriam aspirar.

A tradução é feita a partir dos próprios registros da Inquisição, sendo a mesma usada pelo dr. Sidney Vatcher em seu texto sobre lohn Coustos. A palavra "Oficiais" parece ter sido usada de forma bastante coerente nas traduções feitas ao inglês, nas quais nós teríamos usado "Obreiros" ou "Companheiros". Como Coustos morara em Lisboa por até dois anos, e antes disso passara algum tempo na França, ele se referia à prática inglesa da década de 1730. Tem se insinuado que ele estava fazendo confusão com a prática da França naquela época, embora, quanto a isso, parece ter sido a mesma da Inglaterra. Seja como for, nos Ritos que derivaram da Maçonaria Francesa daquela época e pouco depois, a letra "G", normalmente no interior de uma Estrela Flamejante, ainda pode ser encontrada como um Símbolo característico do Segundo Grau. Mais adiante, naquele século, William Preston também se refere ao uso da letra "G" em uma Loja de Companheiro, mas a posiciona no centro da "cobertura" (Abóbada) assim sugerindo que era prática de alguns "suspender" a letra "G", desde o princípio do século XIX.

O dr. Wynn Westcott sugere que a origem da letra "G" foi Gimel, a terceira letra do alfabeto hebraico e, assim, representando o "Três" - pela Trindade e, portanto, sua representação de Deus. Carr também menciona outros que tecem comentários acerca daquela letra hebraica; mas algumas dessas explicações parecem um pouco rebuscadas demais.

Geometria

Esta ênfase sobre a Geometria e a colocação de Deus como o Grande Geômetra na posição mais elevada dos primeiros dois graus, assinalam a importância dada por nossos antigos Irmãos à Geometria na estrutura da Maçonaria Especulativa. A mesma versão das preleções dadas por Browne nos diz que:

> A Geometria é a origem da Matemática, e os alicerces da Arquitetura, compreendendo a doutrina de tudo aquilo ~e esteja sujeito ao aumento ou diminuição; portanto, não apenas o ponto, a linha, a superfície e o sólido vêm ao nosso estudo, mas também o tempo, o espaço, a velocidade e a magnitude em geral. Pelo estudo adicional desta Quinta Ciência, sobre a qual a Maçonaria está fundamentada, somos levados a meditar sobre as inigualáveis obras do Supremo Grande Geômetra deste vasto Globo Terrestre.

As primeiras edições do livro Il!ustrations of Masonry, de Preston, foram publicadas quase que na mesma época em que Hutchinson estava escrevendo. Preston incluiu uma Vindication of Masonry fundamentada, segundo dizia, num discurso composto por Charles Leslie e por ele proferido por ocasião da Consagração da Vernon Kilwinning Lodge, em 1741, em Edinburgh. Dele consta o seguinte trecho, que passou a ser adotado, quase tal como no original, na preleção-padrão do Segundo Grau:

> A Geometria, a primeira e mais nobre das Ciências, é a base sobre a qual a superestrutura da Maçonaria está construída. Pela Geometria, nós podemos seguir os caminhos da Natureza em seus vários caminhos, até os mais profundos recônditos. Assim como, pela Geometria podemos descobrir o Poder, a Sabedoria e a Bondade do Grande Artífice do Universo, e ver com deslumbrante deleite as maravilhosas proporções que conectam e embelezam esta enorme máquina. Por seu intermédio podemos descobrir como os Planetas se movimentam nas diferentes órbitas, e matematicamente demonstrar suas diversas revoluções. Por ela podemos, racionalmente, calcular os ciclos das Estações, e a mesclada variedade de cenários que elas oferecem ao olho atento. Existem incontáveis mundos ao nosso redor, todos arquitetados pelo mesmo Divino Artista, que se deslocam pela vasta imensidão, todos regidos pela mesma infalível lei da Natureza. Como devemos, pois, melhorar? Com quais grandes idéias tal conhecimento deve ocupar as nossas mentes? E quanto exige ela da atenção de todos os seres racionais?
>
> Uma observação da Natureza e de suas maravilhosas proporções foi o que primeiro fez com que o homem tentasse imitar o Plano Divino e estudar sua simetria e ordem. Isso deu início às sociedades, e fez nascer todas as Artes. O Arquiteto começou a desenhar, e os planos que produziu, melhorados pela experiência e pelo tempo, produziram algumas daquelas excelentes obras que eram a admiração das gerações vindouras. Assim, desde o começo do mundo, podemos traçar a fundação da Maçonaria.

Desde quando a Ordem se iniciou e a harmonia mostrou os seus encantos, assim tem sido. Durante muitas eras, e em vários países, ela floresceu. Nenhuma Arte, Ciência a precedeu. Nos períodos sombrios da Antiguidade, quando a Literatura estava em baixa, e as maneiras grosseiras e rudes de nossos antepassados retiraram dela o conhecimento que agora, de forma tão ampla, compartilhamos, a Maçonaria começou a espalhar a sua influência. Revelados os mistérios desta Ciência, as Artes surgiram instantaneamente, veio a Civilização, e o progresso do Conhecimento e da Filosofia gradualmente dissipou a escuridão da ignorância e do barbarismo. O Governo se estabeleceu, a autoridade chegou-se às leis e as assembléias da Fraternidade obtiveram o patrocínio dos grandes e dos bons, enquanto os princípios da profissão eram observados com geral e irrestrita aplicação.

W. L. Wilmshurst assim escreve sobre a Geometria:

A Geometria era uma das "Sete Nobres Artes e Ciências" da Filosofia antiga. Ela significa, literalmente, a Ciência da mensuração terrestre. Porém, a "terra" dos antigos não significava, tal como para nós, este nosso planeta físico. Ela simbolizava a substância primordial, ou a indiferenciada coisa da alma a partir da qual nós, seres humanos, fomos criados, a "mãe-terra" da qual todos brotamos e à qual devemos, sem dúvida, retomar. As Escrituras nos ensinam que o homem foi feito do pó da terra, aquela terra ou substância fundamental de seu ser, que deve ser "mensurada" no sentido de investigar e entender a sua natureza e as suas propriedades. Nenhum construtor competente ergue uma estrutura sem que antes se satisfaça sobre a natureza dos materiais com os quais ele se propõe a construir e na "Real" ou especulativa e espiritual Arte da Maçonaria nenhum maçom pode construir o templo de sua própria alma sem que antes compreenda a natureza das matérias-primas com as quais pode contar para a sua obra.

Portanto, a Geometria é sinônimo de autoconhecimento, a compreensão das substâncias básicas de nosso ser, as suas propriedades e as suas potencialidade. Nos antigos Templos da iniciação aparecia a inscrição: "Conhece-te a ti mesmo, e conhecerás o Universo e Deus". Esta é uma frase que implica, em primeiro lugar, que o homem não-Iniciado não tem conhecimento de si próprio e em segundo lugar que, quando conseguir esse conhecimento, ele entenderá que não é mais o indivíduo distinto e separado que supõe ser, mas que é um microcosmos ou um resumo de tudo aquilo que está e que será identificado com o Ser de Deus.

> A Maçonaria é a Ciência da realização daquele conhecimento supremo e, assim, corretamente considerada como fundada sobre os princípios da Geometria, como tal definida.

Explanação do Frontispício do Livro das Constituições

O frontispício do Book o/ Constitutions (Livro das Constituições), de 1784, da Grande Loja dos Modernos, é de particular interesse ao mostrar representações, usadas na época, da Fé, da Esperança e da Caridade, sem nenhuma conexão com uma escadaria. Também desperta interesse ao demonstrar o uso do simbolismo naquela parte do século XVIII, tendo a Grande Loja publicado a seguinte explanação dos símbolos:

> A parte arquitetural representa o interior do Freemasons' Hall. A imagem ao alto simboliza a Verdade, segurando na mão direita um espelho que reflete os seus raios sobre diversos ornamentos do Hall, bem como sobre os globos e outros móveis e implementos maçônicos da Loja. A Verdade é assistida pelas três Virtudes Teológicas: a Fé, a Esperança e a Caridade; sob estas, vemos a Gênio da Maçonaria, comissionada pela Verdade e suas Acompanhantes, descendo ao Hall, trazendo uma Tocha; ela vem ornada com alguns Emblemas maçônicos, e em seu braço esquerdo traz uma fita com uma Medalha pendente, com a qual deverá investir o Grão-Mestre, em sinal da aprovação do Divino ao Edifício sagrado à Caridade e à Benevolência.

As Jóias Maçônicas

Tradicionalmente, existem seis Jóias em uma Loja maçônica: três são "Móveis", e três são "Fixas". As três Jóias Móveis são: o Esquadro, o Nível e a Perpendicular (ou Prumo) e, como elas se prestam também como Ferramentas de Trabalho do Segundo Grau - e que têm a ver com a Geometria -, serão analisadas, em maior detalhe, mais adiante, sob aquele título. As Jóias Fixas são: a Tábua de Delinear, a Pedra Bruta e a Pedra Cúbica; elas são chamadas de Fixas por ficarem expostas em Loja "para que os Irmãos possam refletir sobre elas". Essas três se relacionam a uma função geométrica, tal como também se relacionam as três Jóias Móveis, e chegaram às suas atuais posições e significados depois de mais de duzentos anos de desenvolvimento.

A Tábua de Delinear, tal como o seu Companheiro Móvel - o Esquadro - é, essencialmente, uma Ferramenta do Mestre. A Preleção nos diz que cabe ao Mestre da Loja traçar as linhas e desenhar sobre ela,

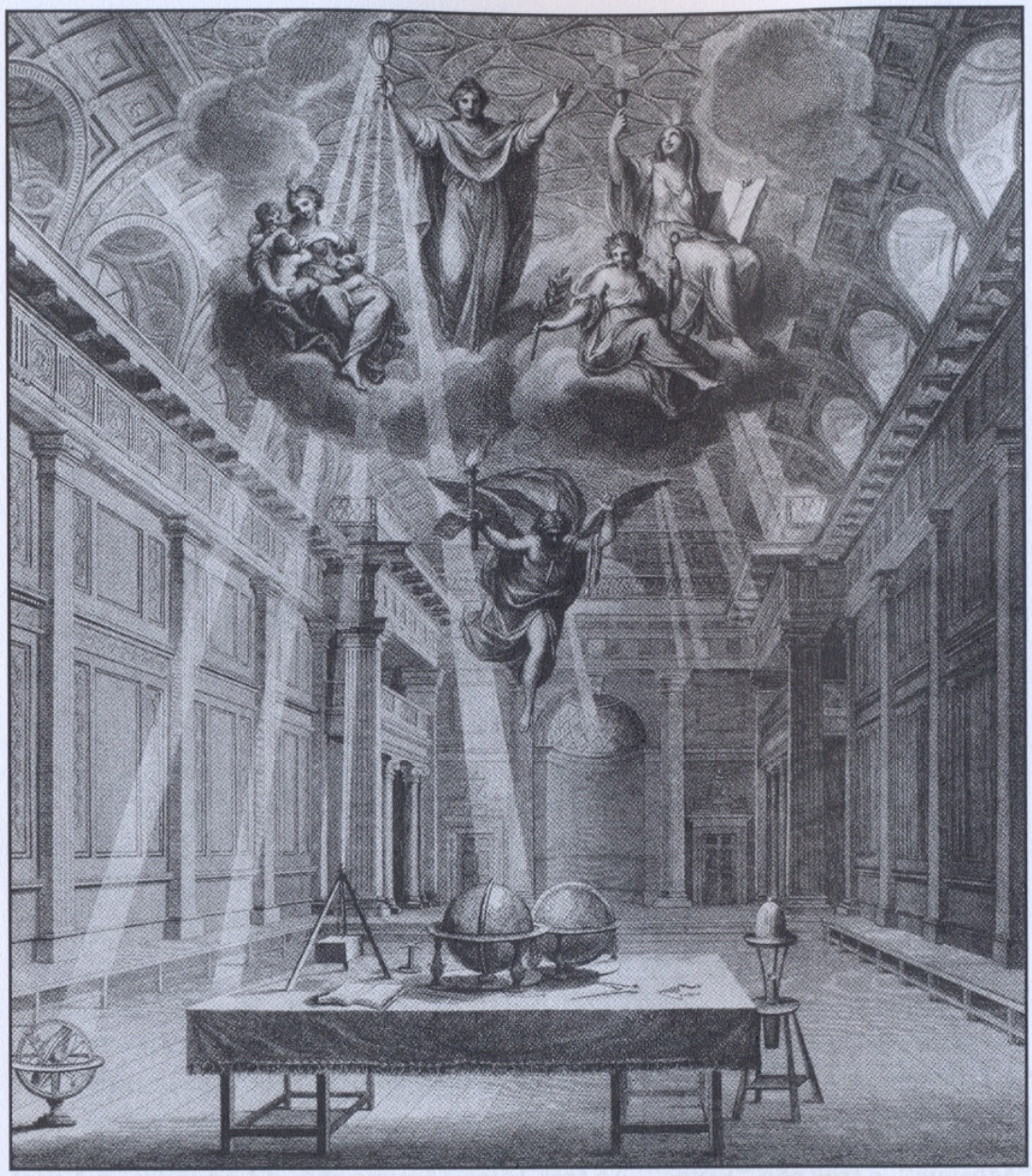


Figura 2
O frontispício, datado de 1786, para o Livro das Constituições *dos Modernos. Aí aparecem diversos símbolos e, em particular, podemos notar, perto do teto, três imagens femininas representando a Fé (portando um livro, um cálice e uma cruz), a Esperança (com uma âncora) e a Caridade (cuidando de crianças).*

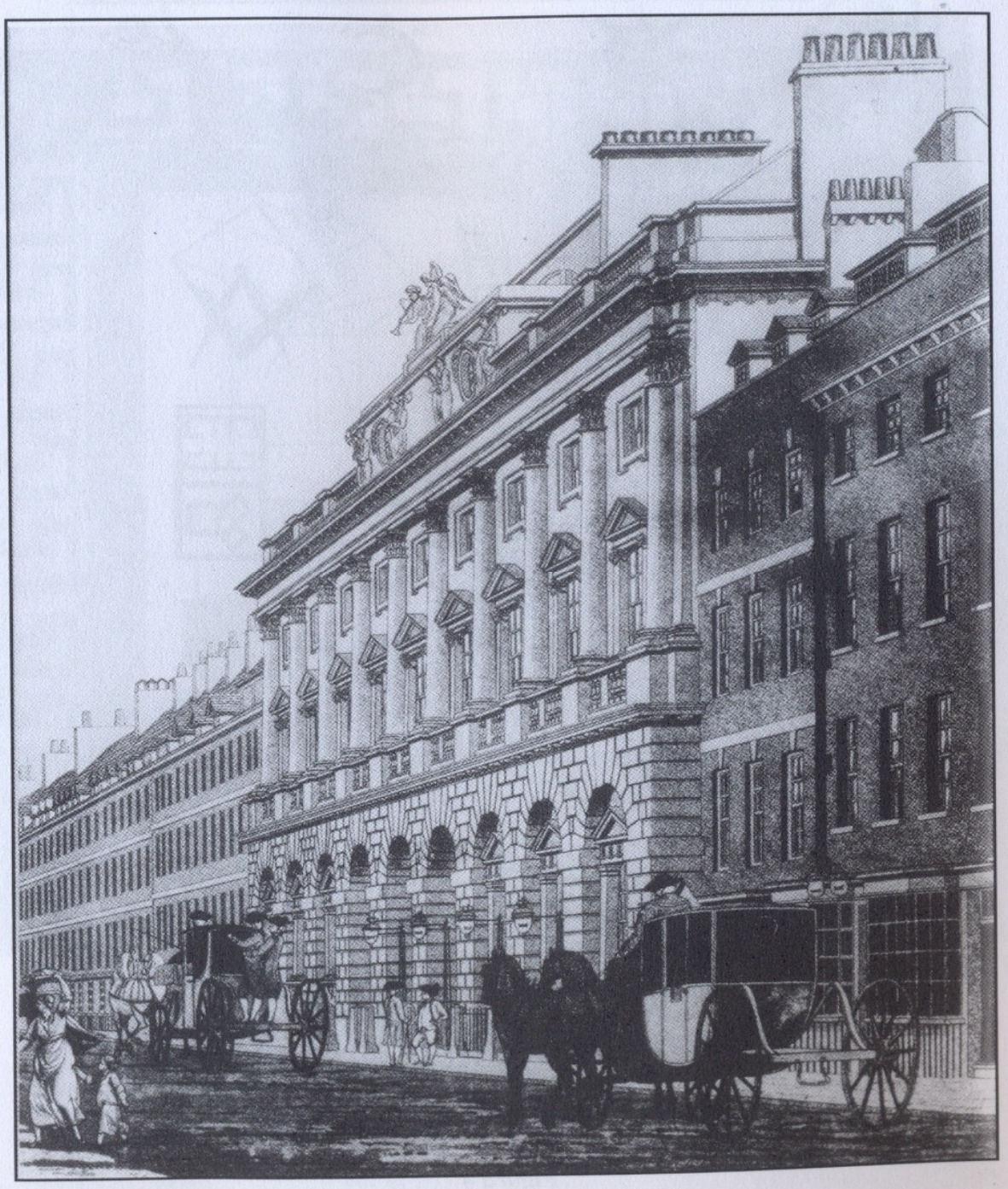


Figura 3

A face Norte da Somerset House, iniciada em 1776, mostra como a influência do "estilo Augustano" ou arquitetura neoclássica continuou nos últimos anos do século XVIII com a sua ênfase no uso de colunas, segundo as ordens clássicas.

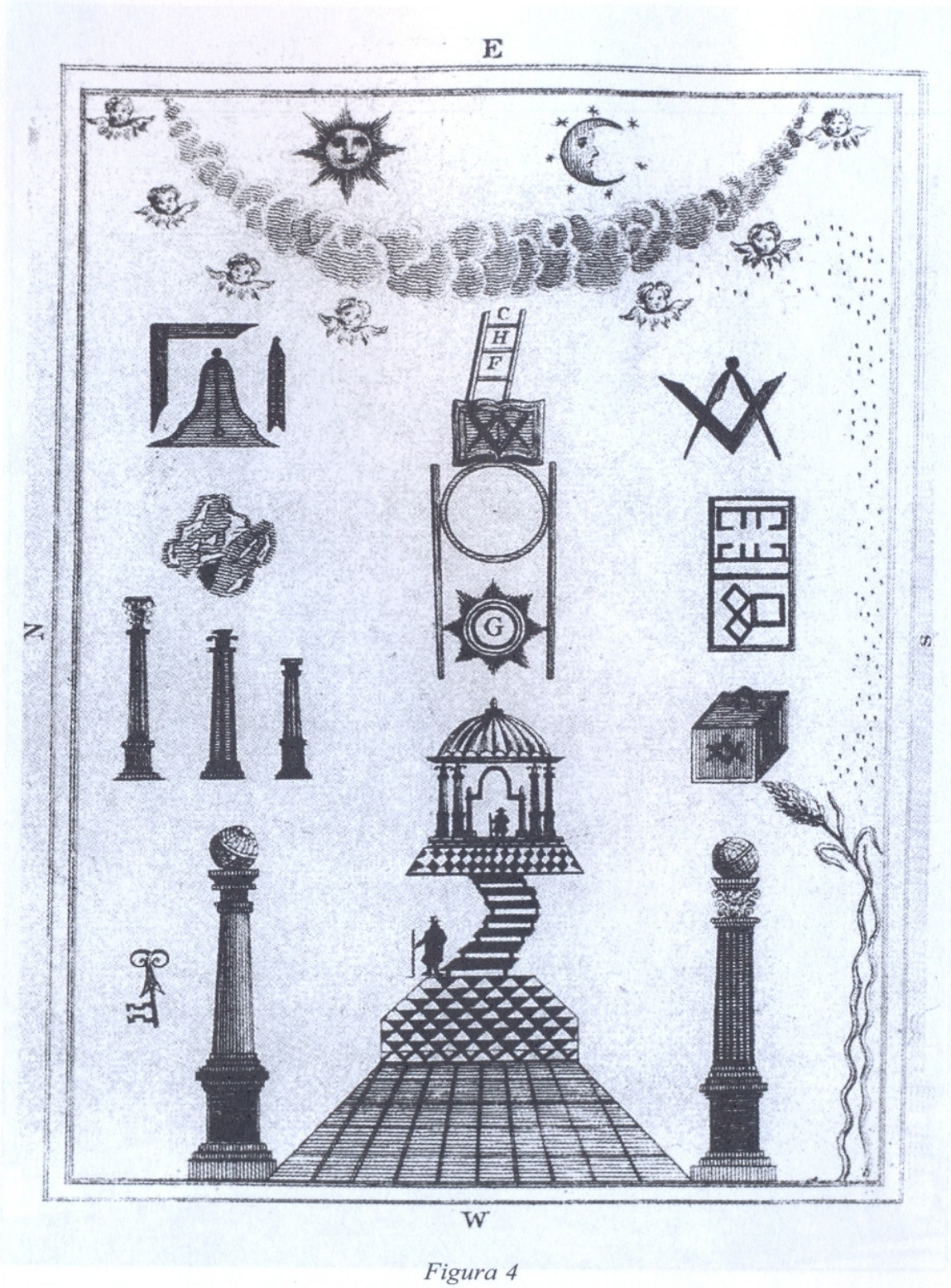


Figura 4

O frontispício da obra de Stephen Jones Masonic Miscellany, *publicada em 1797. Presume-se ser de autoria de Lovejoy, um famoso desenhista maçônico, apresentado sob a forma de uma Tábua de Delinear, ilustrando os Emblemas e símbolos do primeiro e do Segundo Grau.*

Figura 5

Uma dupla Tábua de Delinear desenhada para a Lodge of Unions, atualmente de nº 256 (por cuja autorização está aqui reproduzida), que traz em sua inscrição a data de 1801. Embora a maior parte dos emblemas pareça relacionada ao Primeiro Grau, o desenho é bastante incomum, principalmente pela inclusão da 47ª Proposição de Euclides. Provavelmente este painel era usado como Tábua de Delinear de Mestre.

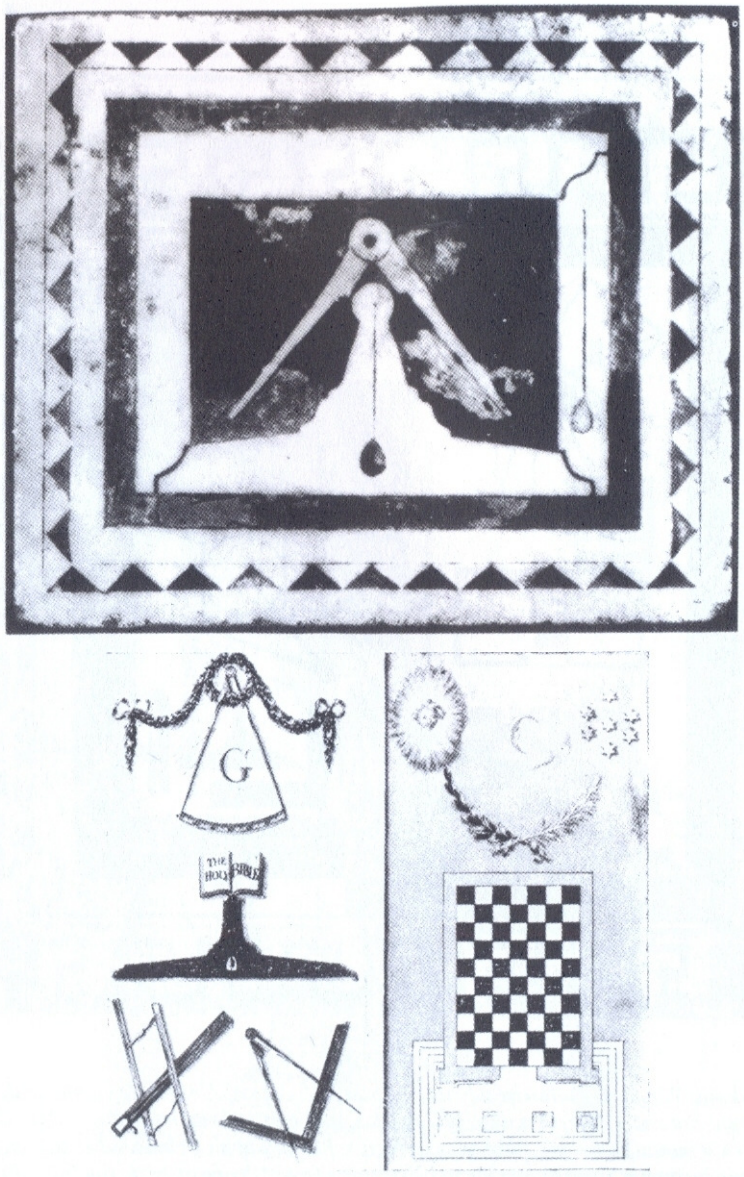


Figura 6 e 7

Estas duas Tábuas de Delinear de Mestre datam de cerca de 1800 e, junto com outros exemplos de Tábuas de Delinear como estas e outras ilustrações, denotam uma falta de uniformidade naquilo que eram considerados os mais essenciais símbolos da época. A ilustração está reproduzida com a autorização da Britanic Lodge, a qual pertence, e a de cima é de propriedade da Grande Loja Unida da Inglaterra, tendo sido reproduzida com a autorização da Comissão de Assuntos Gerais.

Figura 8

A Tábua de Delinear do Primeiro Grau, desenhada em 1845, por John Harris para a Emulation Lodge of Improvement. Nela aparecem os símbolos que, na época em que as reestruturações advindas da União das Grandes Lojas de 1813 já tinham sido completamente absorvidas, se tornaram exclusivamente associados com o Primeiro Grau.

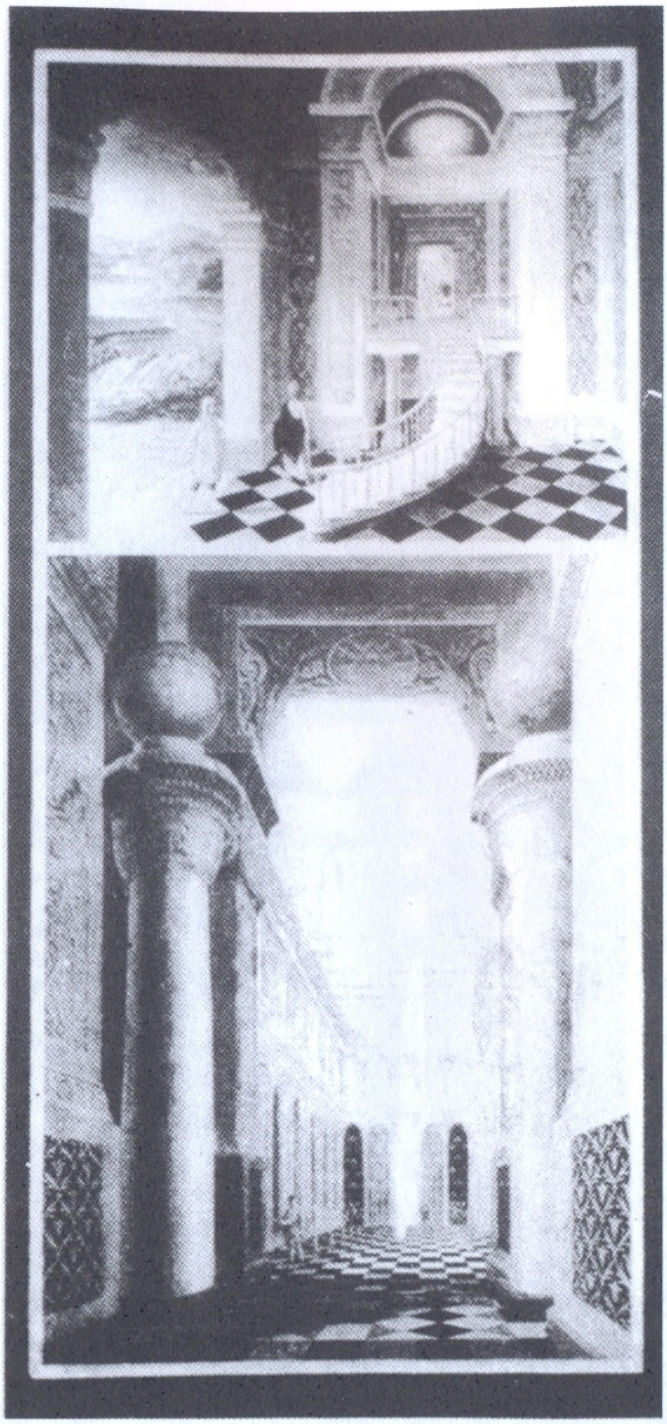


Figura 9

A Tábua de Delinear do Segundo Grau, desenhada em 1845, por John Harris para a Emulation Lodge of Improvement. Em sua parte superior, está ilustrada uma escadaria que começa à entrada de um Templo, a qual, obviamente, não é a entrada principal e é ladeada por duas grandes colunas. Isso pressupõe que as palavras "pórtico ou entrada ao Sul" implicam a existência de uma segunda entrada. A parte inferior do painel ilustra a entrada principal (a qual considera-se estar a leste do prédio), com as duas colunas. Dentro das colunas podemos ver uma imagem à esquerda, ou Sul. Esta é a posição do Segundo Vigilante, segundo os manuscritos existentes antes da União, em que as palavras parecem significar "ao Sul, no interior do pórtico ou entrada". A maioria dos estudos sobre o Templo sugere que o prédio principal possuía apenas uma entrada.

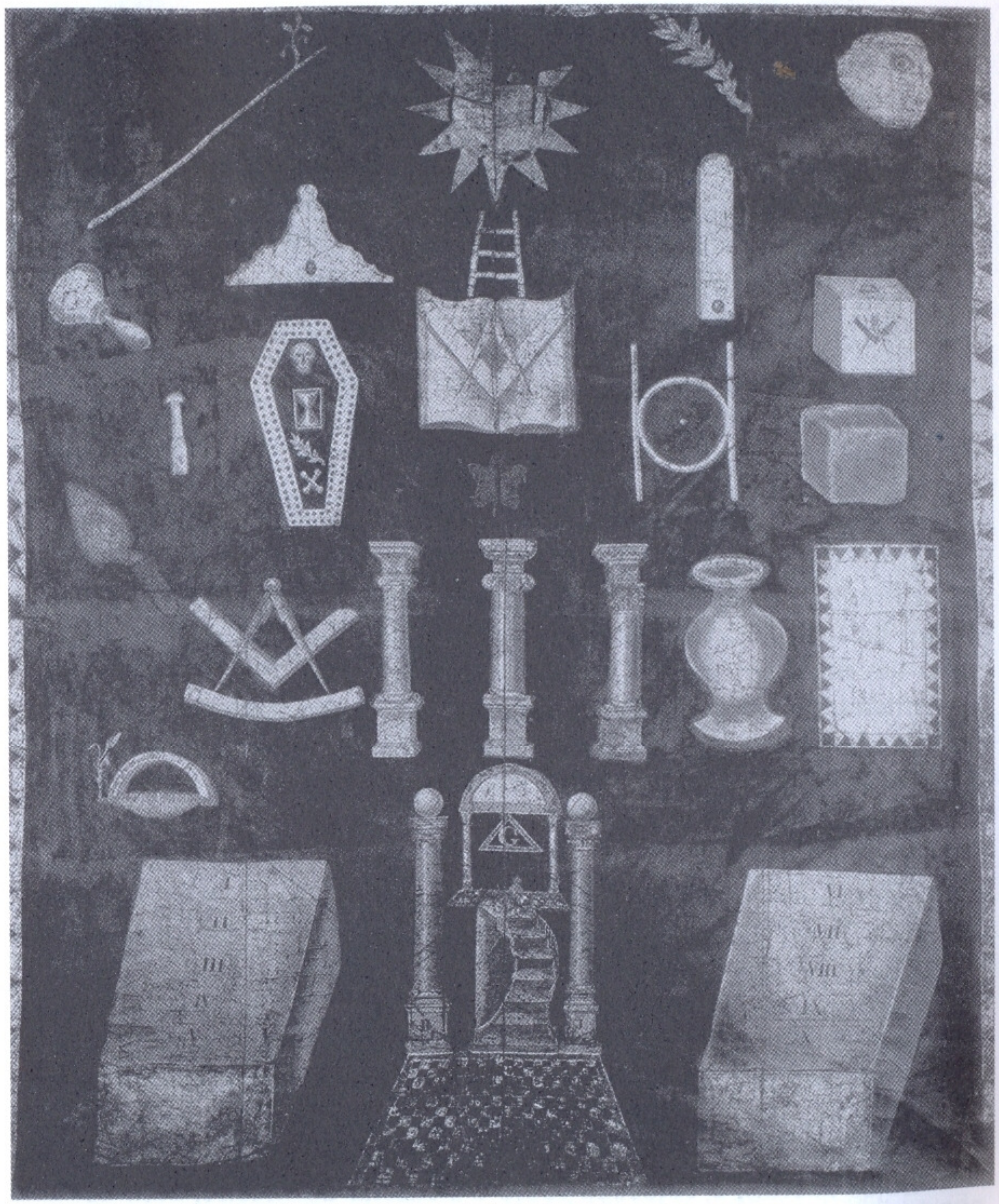


Figura 10

Um Pano de Loja, usado como Tábua de Delinear, que quase certamente pertenceu à Trafalgar Lodge nº 111 (Antigos), que foi fundada em 1804 e se reunia em Colchester e, mais tarde, em Brightlingsea. Além dos emblemas e dos símbolos hoje associados ao Terceiro Grau, vemos outros que saíram de uso — o bastão de Aarão, o pote de maná, as tábuas da Lei e a trolha (que recentemente foi reintroduzida como Jóia do Irmão Hospitaleiro). A ilustração foi reproduzida com a autorização da Lodge of Hope, nº 433, de Brightlingsea.

fazendo com que os Irmãos realizem a pretendida estrutura com regularidade e com propriedade. É sobre a Tábua de Delinear que o Mestre apresenta os ensinamentos morais para a instrução e orientação de seus Irmãos nas questões da vida. Em nossos dias, os desenhos das Tábuas de Delinear tendem a ter um desenho-padrão e a refletir pelos símbolos os ensinamentos morais da Arte. Elas se desenvolveram chegando a esta forma durante o último quarto do século XVIII e o primeiro quarto do século XIX. O Certificado da Grande Loja Inglesa, ainda com o mesmo desenho básico usado pela primeira vez em 1819, segue o desenho da Tábua de Delinear do Primeiro Grau (exceto a parte central que foi deixada de lado para poder acomodar o texto necessário). Esse documento mostra uma Tábua de Delinear na Loja - uma prancha de desenhista, com lápis e régua sobre ela para uso do Mestre da Loja. Acredita-se que o nome "Tábua de Delinear" seja uma corruptela do antigo Cavalete (Tressel) ou Prancha de Traçar (Tracel Board) usada nas Lojas no final do século XVIII para mostrar os hieróglifos maçônicos e, em muitas Lojas, colocada sobre um cavalete em seu centro. As preleções ainda comparam o uso da Tábua de Delinear pelo Mestre na Instrução de sua Loja com o Volume das Sagradas Escrituras como um meio pelo qual Deus possa realizar uma semelhante função à Humanidade. Ela é vista como a Tábua de Delinear espiritual de Deus, na qual estão inscritas as leis Divinas e os planos morais que, se observados, nos levarão à Eterna Morada nas Alturas.

O dr. Oliver resumiu o conteúdo das Preleções da época e acrescentou suas próprias reflexões:

> Chamarei a vossa atenção, agora, para uma prancha que tem desenhado em sua superfície algumas linhas, ângulos e perpendiculares. Esta é a Tábua de Delinear e, embora possa parecer rude ou tosca e de pouca utilidade, ela é uma das Jóias Fixas, e contém uma lição de inestimável valor. Esta prancha serve para o Mestre desenhar os seus projetos e para a orientação dos Obreiros. Porém, a sua conotação mística diz respeito à grande Carta de nossos privilégios religiosos, a qual, em todas as nossas Lojas abertas, é colocada sobre o Pedestal do Mestre, com as páginas abertas, como o visível padrão de nossa Fé, subscrita com a mão da Divindade: o verdadeiro solo e pilar da Verdade. Tendes agora diante de vós um bloco de Pedra Bruta tão grosseiro quanto era ao ser tirado da pedreira. Esta é outra Jóia Fixa, a qual denota a mente da criança, bruta e inculta como essa pedra e como o bloco de pedra, pode ser transformado em alguma forma definida e útil por meio da habilidade e judicioso manejo de um experiente artífice; também a mente somente poderá ser treinada à pratica da Virtude mediante um diligente, constante e assíduo cuidado, e uma persistente instrução dos pais,

> dos guardiões e dos professores. O homem assim amadurecido se toma apto para ocupar o seu lugar na Sociedade e qualificado para fazer a sua parte com a aprovação de seus Companheiros. Essas reflexões nos levam a contemplar esta Pedra numa forma diferente e mais perfeita. Ela foi submetida ao Cinzel de um habilidoso artífice, e agora adquire uma forma perfeitamente cúbica, e polida conforme a Arte, que somente pode ser conseguida pela correta aplicação do Esquadro e do Compasso. A mente do homem, após o seu prévio cultivo e progresso sobre o Mosaico, alternado do bem e do mal que abundam em sua vida, está aqui representado. Ele conseguiu chegar a uma bela idade avançada e o seu tempo foi empregado em atos de Piedade e de Devoção. A bênção dos órfãos está sobre ele, e ele fez com que o coração da Viúva cantasse em alegria. A sua alma assim amadurecida em Glória pode ser apropriadamente comparada a essa esplêndida Pedra, que agora pode apenas ser provada pelo Esquadro da Santa Palavra de Deus, e pelo Compasso de sua própria consciência.

As duas peças de cantaria são duas pedras de formato cúbico: a pedra bruta, como o próprio nome indica, está apenas grosseiramente cortada e sem nenhum acabamento, enquanto a pedra cúbica (ou polida), tal como sugere o seu nome, é um cubo perfeito, bem acabado e polido - o símbolo da perfeição. A pedra bruta representa o candidato recém-admitido, o Aprendiz, e o objetivo da Maçonaria é, pelas instruções do Mestre dadas com o auxílio da Tábua de Delinear, tomar a pedra bruta na perfeita obra que representa a pedra cúbica. No Certificado da Grande Loja da Inglaterra, a pedra bruta é exibida com as adequadas Ferramentas - o Maço Comum e o Cinzel - sobre ela. A pedra cúbica tem sobre si o Compasso, representando a Consciência, que é aquele teste final ao qual o verdadeiro homem submete a sua obra. Na maioria das Tábuas de Delinear, a pedra bruta está perto da coluna coríntia que representa o Segundo Vigilante; a pedra cúbica está perto da coluna dórica, que simboliza o Primeiro Vigilante. Tradicionalmente, o Segundo Vigilante é o encarregado dos Aprendizes, de forma que, simbolicamente, a pedra bruta é exibida como estando aos seus cuidados e o Primeiro Vigilante, igualmente, tem a seu encargo os Companheiros. Em muitas Lojas, essa parte do Simbolismo é levada mais além, ao colocar essas Pedras em Loja, seja sobre ou ao lado do Pedestal do Vigilante ao qual corresponde respectivamente. Outras Lojas adotam um padrão diferente ao relacionar as pedras aos cantos da Loja nas quais os Aprendizes e os Companheiros são posicionados para receber uma exortação ao serem admitidos em seus Graus, respectivamente.

A história da pedra cúbica é um tanto quanto confusa: uma pedra já estava entre os antigos símbolos encontrados em textos maçônicos, embo

ra, inicialmente descrita como um "Perpianho", era soletrada de formas pouco usuais. Um "perpianho", termo utilizado em obras de alvenaria, é um bloco de pedra aparelhada, colocado de parede a parede, servindo de pedra ou viga de amarração. Esse aspecto, por si, oferece certo grau de simbolismo, pois "amarrar" em Fraternidade sempre foi um dos objetivos da Arte. Ademais, se os blocos de pedra usados nas construções tinham, em geral, formato cúbico, então aquela Pedra (o "Perpianho") possuía a aparência de duplo cubo, com alguma importância e significado na Maçonaria, e na qual alguns autores vêem um especial significado simbólico.

A Escada de Jacó

A União das Grandes Lojas na Inglaterra em 1813 levou a uma boa dose de reflexão acerca do simbolismo maçônico, e muito em relação aos "hieróglifos" da Maçonaria, tal como se apresentam naquelas que hoje chamamos de Tábuas de Delinear. Isso envolveu a completa e final divisão dos símbolos dos três Graus em grupos separados e em diferentes Tábuas de Delinear. Isso não significa que, antes disso, não havia símbolos que eram tidos como peculiares a determinado Grau, mas existia certa confusão em determinados lugares quanto ao lugar onde eles mais se adaptariam. No entanto, nunca apareceram quaisquer diagramas oficiais das Tábuas de Delinear, embora houvesse, pelo menos de forma sem i-oficial, descrições sobre os símbolos que deveriam integrá-las - e muitos desses símbolos tinham uma história na Maçonaria que remontava à Antiguidade. O único desenho oficial publicado foi o do Certificado da Grande Loja que começou a ser usado em 1819 e está baseado no tipo de Tábua de Delinear do Primeiro Grau em uso àquela época. Esse famoso Certificado "basilar" teve a parte central do desenho da Tábua de Delinear deixada de lado, de forma a dar espaço ao texto. É exatamente esta parte central da Tábua de Delinear que ilustra um pedestal com um círculo. Sobre este pedestal está o Volume das Sagradas Escrituras "apoiando a escada de Jacó, cujo topo alcança o Céu". Normalmente, esta Escada é composta de três "lances", e o seu topo desaparece numa nuvem, ou numa glória de luz, com o Sol, a Lua e as sete Estrelas situadas ao redor.

Em sua obra *Signs and Symbols*, o dr. Oliver fez comparações com os mistérios em outras partes do mundo, e expressou certa surpresa com o fato de o simbolismo maçônico da escada apresentar três lances principais, enquanto em todos os demais casos ele constata serem sete lances. Ele fala, por exemplo, de sua análise sobre os mistérios hindus:

> A escada com sete degraus era usada nos mistérios hindus para ilustrar a aproximação da Alma à perfeição. Os degraus eram normalmente chamados de "portões". O significado é, sem dú

> vida, o mesmo, pois podemos observar que Jacó, em referência ao lance inferior de sua escada, exclamou: "esta é a Casa do Senhor, e o 'Portão' do Céu". Aqui podemos encontrar a noção de ascender ao Céu por meio da prática da Virtude Moral, descrita pelos patriarcas hebreus e por uma remota nação idólatra sob o conceito de uma "escada", donde podemos concluir tratar-se de um símbolo maçônico.

Certamente é verdade que, em alguns outros aspectos da Maçonaria, uma escada de sete degraus pode ser encontrada. Em todos os antigos sistemas maçônicos, podemos encontrar em alguns lugares tentativas de mostrar o positivo progresso obtido ao elevar-se acima do chão e surge alguma confusão entre usar uma escada ou uma escadaria para ilustrar isso, bem como quanto à quantidade e significado dos degraus envolvidos. Nas preleções atualmente em uso, os três principais degraus - a Fé, a Esperança e a Caridade são descritos simplesmente como principais degraus entre muitos outros, sem mencionar quantos seriam eles. Como os números se tomaram associados com os Graus, o número "três" acabou se relacionando ao Grau de Aprendiz, sendo que a Escada acabou se tomando mais usada como um caminho ascendente ligado àquele Grau. No mesmo livro, o dr. Oliver resume o simbolismo maçônico da escada:

> Assim as escuras nuvens da ira Divina se dissipam e abrem-se os Céus, passamos a desfrutar de um raio de Sua glória na "Abóbada Celestial da Loja". E, mais que isso, o mesmo Ser Divino nos ensinou como conseguir chegar ao topo da mesma, pelos meios emblematicamente ilustrados por uma Escada composta de três principais "lances", que levam às três virtudes teológicas: a Fé, a Esperança e a Caridade. Passamos agora a analisar a origem, a aplicação e o uso desse símbolo, pelo qual um canal é aberto para comunicação entre a criatura e o seu Criador, com o cativante objetivo de restaurar ao homem aquela felicidade suprema da qual foi privado pela transgressão de Adão.
>
> A utilização desse emblema deve ter se originado na visão de Jacó. Quando o Patriarca, com o intuito de escapar à ira de seu irmão Esaú, fugiu para Padã-Arã (Padán Aram), surpreendido pela noite, adormeceu, tendo a terra como cama e uma pedra como travesseiro, e o nublado dossel celeste como coberta vislumbrou uma escada, cujo pé apoiava-se no lugar onde ele estava, e o seu topo perdido no sutil firmamento. Por esta escada anjos subiam e desciam sem parar para receber as comunicações do Altíssimo que, visivelmente, aparecia acima do mais alto lance da escada para espalhar as suas divinas atribuições sobre toda a terra. Aqui Deus graciosamente condescendeu em firmar um pacto específico com o adormecido Patriarca. Este ficou

> assim tão impressionado com os sentimentos de gratidão e devoção que, ao acordar, consagrou aquele local como "a casa de Deus, e Portão do Céu". Conforme a Maçonaria antiga, a escada se apoiava na Sagrada Bíblia, e consistia de três lances "principais", embora a quantidade geral não fosse definida conduziam à Fé, à Esperança e à Caridade, como as virtudes fundamentais que exaltam a Humanidade da terra ao Céu.,
>
> Temos aqui uma extraordinária coincidência de usos em relação à Escada maçônica existente em todos os lugares do mundo e igualmente aplicável a uma gradual ascensão ao Céu pela prática da Virtude Moral. Entre nós essa prática está fundamentada na forte base da Fé, que é o primeiro degrau da escada e apoiada na Palavra de Deus. Ela produz uma firme Esperança de compartilhar as promessas gravadas naquele Livro Sagrado; e este é o segundo degrau da escada maçônica. O terceiro, ou mais perfeito, degrau é a Caridade, metaforicamente falando, o domínio da felicidade e glória, e a mansão do mais puro e perene deleite e encanto.

O uso da Escada de Jacó dessa forma no simbolismo maçônico parece ter sido resultado dos últimos anos do século XVIII, uma vez que não há menção sobre ela na exposição de Prichard de 1730, bem como em nenhum dos antigos catecismos. Já as Pranchas de Traçar do final daquele século ostentam a escada e as preleções passam a se referir à Fé, à Esperança e à Caridade. Nos desenhos das Pranchas de Traçar mais antigas, as Virtudes são ilustradas nos lances da escada por suas letras iniciais: "F", "E" e "C". Símbolos ilustrando as Virtudes apareceram inicialmente nos antigos certificados ingleses, os precursores do presente Certificado da Grande Loja, e emitidos pela primeira vez na segunda metade do século XVIII. Um trabalho sobre os Certificados da Maçonaria Simbólica Inglesa, preparado por T. O. Haunch, está no Ars Quatuor Coronatorum - vol. 82, onde podem ser apreciadas diversas ilustrações representando as três Virtudes Teológicas. No Certificado outorgado a William Preston pela Lodge of Antiquity n° 1, aparecem três colunas arquiteturais, com as Virtudes representadas em seu topo. Todas trazem figuras femininas: a da Fé, uma cruz; a da Esperança, traz uma âncora; e a da Caridade, cuida de uma criança, ajuda um pobre e um coxo; naquela época não havia qualquer relação com a escada, bem como também não existia qualquer tema semelhante adotado pela Grande Loja dos Modernos numa ilustração que faz parte de seu Livro de Constituições de 1784. O uso da escada apareceu mais tarde, junto com outros símbolos ligados às Virtudes, embora com uma patente conotação religiosa cristã. Também nesta questão, uma vez mais, tal simbolismo era prática comum na época, especialmente num contexto artístico e arquitetônico, nada havendo de especial em sua utilização na Maçonaria.

Com o advento da União das Grandes Lojas e a resultante decisão de tornar a Maçonaria na Inglaterra não-sectária, sob o ponto de vista religioso, muitos esforços foram encetados quando foi definido que as novas Tábuas de Delinear deveriam conter símbolos não associados com o Cristianismo. Não existiam desenhos oficiais, e foi deixado ao bel-prazer dos artistas a sua criação de tal forma que, embora um Livro tenha sido usado durante um certo tempo para representar a Fé o que fez com que as três figuras femininas desaparecessem, as Tábuas que vieram mais tarde muitas vezes voltavam à Cruz. Outros dispositivos também apareceram. Josiah Bowring desenhava Tábuas de Delinear pouco tempo antes da União e adotou a prática de pendurar uma chave na Escada - representando aquela "Excelente Chave", e não como uma das Virtudes - enquanto, para representar o Céu no topo da escada, alguns artistas ilustrassem o Santo Graal sendo levado ao Céu por uma mão que, novamente, era um retorno a um símbolo cristão. Alguns artistas que vieram depois copiaram esses Símbolos, muitas vezes sem entender o significado e, em alguns exemplares, o Graal aparece representando a Caridade, uma vez que não há nenhum outro símbolo para isso e a chave aparece como um lance adicional.

O Ponto no Interior de um Círculo

A Escada de Jacó se apóia no Volume das Sagradas Escrituras que, por sua vez, estava sobre um dispositivo, muitas vezes sob a forma de um pedestal, dotado de duas linhas paralelas com um círculo entre elas, que as tocavam e tocava o Volume. O centro do círculo era acentuado. O ponto no interior de um círculo pode ser encontrado nas exposições antigas, mas, também neste caso, foi somente no final do século XVIII que o símbolo apareceu. As duas linhas paralelas representavam, em tempos anteriores à União, as duas Grandes Paralelas da Maçonaria, São João Batista e São João Evangelista. Estes santos eram os padroeiros ou patronos dos maçons e as festividades semestrais eram realizadas nos dois dias comemorativos de seus nomes: 24 de junho e 27 de dezembro, convenientemente separados por um intervalo de seis meses e em datas em que, tradicionalmente, se realizavam as sessões de instalação. Preston aborda este ponto em sua preleção e diz:

> Em tempos modernos, estas duas paralelas eram usadas para exemplificar os dois São João - o Batista e o Evangelista como patronos da Ordem, cujas festividades são celebradas perto dos solstícios, que acontecem quando o Sol, em seu trajeto zodiacal, toca estas duas paralelas.

Antes que os Graus se estabelecessem em seu atual simbolismo, este ponto no interior de um círculo era um símbolo incorporado a todas as representações pictóricas relacionadas com a Maçonaria em geral e foi explicada

na Preleção do Primeiro Grau juntamente com outros símbolos afins. Não há dúvida de que ele fazia parte da decoração de uma Loja e aparece em nossos dias na primeira Tábua de Delinear e abordado na Primeira Preleção - tal como outros detalhes que foram alterados no ritual, mas que mantiveram seus lugares nas preleções.

No livro *Master Key,* de John Browne de 1802, são formuladas algumas perguntas e respostas na Primeira Preleção que abordam a posição do ponto no interior de um círculo:

A quem geralmente dedicamos a nossa Loja, já ornamentada, mobiliada e aparelhada?

- Ao rei Salomão.

Por que ao rei Salomão?

- Por ter sido ele o primeiro Grão-Mestre que introduziu a Maçonaria em sua devida forma e, sob cujo patrocínio real, muitos dos nossos mistérios receberam sua primeira sanção.

Como o rei Salomão era um hebreu muito tempo antes da era cristã, a quem é que ora dedicamos a nossa Loja?

- A São João Batista.

Por que a São João Batista?

- Ele foi o precursor ou predecessor de nosso Salvador, que pregava o arrependimento entre as multidões e traçou a primeira linha do Evangelho por meio de Cristo.

Tinha ele algum igual?

- Sim, tinha: São João Evangelista.

Em que eram eles iguais?

- Este, tendo chegado após o outro, concluiu com o seu zelo o que o outro iniciara por meio do seu Aprendizado e traçou uma linha paralela.

Qual é o primeiro ponto na Maçonaria? - O joelho esquerdo nu e dobrado.

No que consiste o primeiro ponto?

- Na posição ajoelhada me foi ensinado adorar meu Criador e, sobre o meu joelho esquerdo nu e dobrado, eu fui Iniciado na Maçonaria.

Existe algum ponto principal?

- Sim, o de fazermos um ao outro felizes e transmitir aquela felicidade a outrem.

Existe algum ponto central?

_ Sim, um ponto no interior de um círculo, do qual o Mestre e os Irmãos não podem, materialmente, errar.

Explicai este ponto no interior de um círculo.

_ Em todas as Lojas regulares de franco-maçons existe um ponto no interior de um círculo, ao redor do qual o Mestre e os Irmãos não podem materialmente errar. O círculo é limitado

> ao Norte e ao Sul, por duas linhas perpendiculares paralelas: a do Norte representa São João Batista, e a do Sul simboliza São João Evangelista. Nos pontos de cima destas linhas e no perímetro do círculo, está colocada a Bíblia Sagrada, sobre a qual se apóia a Escada de Jacó, que alcança as nuvens do Céu. Aí também estão contidos as Ordens e os Preceitos de um Ser que é Infalível, Onipotente e Onisciente, de tal forma que, enquanto estivermos em seu interior e obedientes a Ele, como foram São João Batista e São João Evangelista, seremos levados a Ele e não nos decepcionaremos nem O frustraremos. Portanto, ao nos mantermos assim circunscritos será impossível que venhamos a errar materialmente.

Temos aqui uma bela declaração de muito daquilo sobre o que a nossa Maçonaria foi fundada há muitos e muitos anos, embora muitos possam reverter as qualidades dos dois santos mencionados neste trecho. E óbvio que, tendo surgido num país cristão, a sua base religiosa, que transparece de maneira tão forte nesse trecho, esteja sob o enfoque da fé cristã. Quando, por volta de 1816, a Franco-Maçonaria se tomou não-sectária, foi feita uma tentativa de se alterar todas e quaisquer referências de conotação especificamente Cristã. Essa passagem, em particular, foi consideravelmente modificada. As duas grandes paralelas se tomaram representativas de Moisés e do rei Salomão, sendo que toda essa passagem, em resultado, teve de ser bastante abreviada. A Bíblia se tomou o Volume das Sagradas Escrituras, não apenas nesta passagem, mas em todo o ritual. Quando as preleções foram ponderadas, o Grão-Mestre então em exercício, o duque de Sussex, decretou que elas deveriam se basear no antigo sistema de preleções tal como constam no *Master Key,* de Browne. Assim, ritualisticamente, o Ponto no interior de um Círculo ficou associado com o Terceiro Grau, tal como sem dúvida deveria ser na seqüência revisada, porém ele continuou existindo, de forma abreviada, na Primeira Preleção.

Um dos livros de resumos das preleções de William Preston pertence ao rev. L. D. H. Cockbume, que era o Grande Capelão entre 1817 e 1826, e um Membro da Lodge of Antiquity, a Loja de Preston, entre 1819 e 1822. Neste livro está inscrito um pequeno ensaio de uma sessão de uma preleção que trata da dedicação do Templo, no qual lemos:

> Como é denominada nas Lojas esta dedicação?
>
> - Por um ponto dentro de um círculo, com dois pilares paralelos descritos como tangentes àquele círculo.
>
> Por quê?
>
> - Como simbolizamos o Centro do Universo, o Divino Arquiteto, cuja Bondade nós representamos no Sol, e pelos benefícios que desfrutamos de sua grandiosa luminosidade.
>
> O que representa o círculo?

- O Zodíaco está nele representado tal como o movimento descrito pelo Sistema Solar para assinalar a limitada natureza das mais maravilhosas criaturas que contemplamos.

O que representam as paralelas?

- Os Trópicos, para nos lembrar do Ser Supremo que estabeleceu limites a todas as criaturas e delimitou o sistema planetário.

Webb, o escritor Norte-americano que introduziu muitas das idéias e conceitos de Preston aos maçons americanos a partir da década de 1790, foi quem supostamente descreveu o ponto como um Irmão e o círculo como a linha que estabelece o seu dever a Deus e ao homem. John Fellows, que cita Webb em seu livro *The Mysteries* of *Freemasonry* (1871), diz:

> O ponto no centro representa o Ser Supremo; o círculo denota o deslocamento anual do Sol e as paralelas assinalam os solstícios entre os quais aquele deslocamento está limitado. O maçom, ao sujeitar-se aos devidos limites, imitando aquele glorioso Astro, não haverá de se afastar do caminho do dever.

Tudo parece ser concordante com a importante lição de reserva que advém desse item que, nos dias de hoje, raramente pode ser visto na decoração de nossas Lojas.

J. S. M. Ward vislumbra muitas coisas nesse símbolo maçônico, embora pareça não ter conhecimento de boa parte da história de seu desenvolvimento, tal como acabamos de abordar. Assim escreve ele:

> As duas linhas retas são normalmente descritas como representantes dos dois santos (São João Batista e São João Evangelista) mas, em nossos rituais, elas simbolizam Moisés e o rei Salomão. No entanto, isso parece ser um engano, pois, sem dúvida, as duas paralelas representam os solstícios de verão e de inverno, cujas festividades pagãs passaram, na era cristã, a serem identificadas, cada uma com um dos Santos, tomando, assim, a outra explicação como mais correta. Por representarem os solstícios de verão e de inverno, eles correspondem às duas colunas, simbolizando a noite e o dia, o bem e o mal, o masculino e o feminino, e assim por diante - em suma, todos aqueles pares de opostos que limitam todo o círculo da existência humana. Daí, ao nos deslocarmos em redor do círculo, somos levados a tocar esses dois pólos e, assim, obtermos pela experiência dolorosa e amarga aquela educação da alma que é a razão central de nosso nascimento neste mundo material.
>
> A Franco-Maçonaria representa a busca 4ª alma pela realização de Deus e a identificação com Ele. E a busca mística de todas as gerações, pertinente ao antigo simbolismo, que se inicia no leste, de onde provém a luz e ruma ao oeste, o lugar da escuridão e da morte, mas no Símbolo que ora estamos analisando,

a coluna do Norte representa o lugar da escuridão, uma escuridão mais completa do que a própria morte, o desconhecido que está entre a morte e o nascimento. Devemos considerar a alma iniciando a sua jornada a partir do leste, seguindo pela circunferência, passando pelo ensolarado lado da vida, passando pela coluna da luz ao Sul, passando pelo ocaso a oeste, até chegar à coluna da total escuridão, não apenas a escuridão da Terra, mas a muito maior escuridão espiritual advinda da absoluta desilusão que acomete o peregrino ao descobrir que todas as instituições humanas lhe falharam e, nas palavras do maior de todos os Mestres, ele diz: "ó Senhor meu Deus, por que me abandonaste?" Porém, a coluna do Norte apenas toca o círculo e, assim o peregrino ao completar a circunferência, chega à alvorada do segundo nascimento e vê que a escuridão foi engoli da pelo fulgor de uma Luz que é muito mais resplandecente do que aquela que lhe faltara, pois finalmente a sua Jornada está finda e já pode retomar ao lugar de onde veio. O mesmo acontece com a jornada da vida física e a, ainda mais pungente, jornada do Espírito. Mas quantos são os que passam a segunda coluna? Quem sabe? Esta é a grande tragédia.

Assim, percebemos que o ponto no interior de um círculo é parte essencial de nossos ensinamentos cerimoniais e a aparentemente casual referência a ele feita na Tábua de Delinear do Primeiro Grau e no próprio Terceiro Grau, tem o objetivo de transmitir àqueles suficientemente evoluídos que o apreciem como uma das mais profundas lições ...

O Compasso cria uma ponte entre o aparentemente intransponível abismo que separa o centro da circunferência. Se fôssemos simplesmente um dígito, girando para sempre em redor do círculo do destino, a nossa perspectiva seria, de fato, desesperada. Porém, cada um de nós é um Compasso, e o ponto que está no centro do círculo é a Centelha Divina que está dentro de nós, e, assim, a partir deste centro jamais poderemos errar.

O rev. J. T. Lawrence aborda este Ponto no interior de um círculo em relação ao maçom:

Ele - o ponto no interior de um círculo - existe dentro do indivíduo maçom e é ele que o ordena e governa. O CÍrculo é fixado em sua posição por aquele ponto do Compasso que está no centro - onde os Mestres Maçons se encontram. Ele está fixo em sua extensão e área por aquilo que se irradia a partir do Centro, em outra linguagem familiar, descrevemos como "Compasso dos conhecimentos de um franco-maçom".

> o ponto no interior de um círculo que indica o seu centro tem originado muitas e variadas interpretações ... O fato de como um emblema, o ponto no interior de um círculo, tem sido usado por astrônomos, em todas as gerações, para designar o Sol, nos dá um sinal quanto à direção que devemos tomar ao fazer uma pesquisa histórica.
>
> E não apenas em Stonehenge, mas em muitas outras partes do país, os restos druidas ali encontrados mostram que os seus lugares sagrados eram circulares, com a pedra sacrificial em seu centro.
>
> Estamos menos preocupados com o aspecto antiquário do que com as investigações espiritual e moral e, além de nos mostrar que é um ponto a partir do qual nenhum Mestre Maçom pode errar, as tradições e lendas da Franco-Maçonaria apenas calam.
>
> Tendo o centro visto como um ponto fixo, com a sua posição marcada por uma das pontas do Compasso, uma quantidade infinita de círculos pode ser descrita. Todos eles serão similares e igualmente situados e simétricos - porém nenhum deles será do mesmo tamanho. A dimensão de cada um deles dependerá de onde estará a outra ponta do Compasso.
>
> Não poderíamos, baseando-se nas interpretações sobre esse fato, afirmar que o centro fixo, a partir do qual o Irmão não pode materialmente errar, seja aquele em que a sua Fé e as suas Esperanças estão fixadas? Daí em diante, todas as suas ambições, conhecimentos e aquisições serão uma questão de temperamento e oportunidade. Porém, grande ou pequena, a área que ele cobre ao descrever o círculo da vida sempre terá o mesmo centro. A lei da força centrífuga o fará afastar-se daquele centro. Porém o Compasso restringe a ação dessa lei, deixando-o no interior dos devidos limites, mantendo a sua relação não somente ao centro, mas também em relação a todos os demais círculos que, ao seu redor, podem ser descritos - ou seja, com toda a Humanidade.

O dr. Oliver também tinha as suas perspectivas, algumas das quais, em conformidade a suas constantes práticas, foram colhidas das preleções:

> O ponto no interior de um círculo ocupa uma notável posição na Tábua de Delinear do Aprendiz. E merecidamente, pois incorpora uma série de utilíssimas lições e ensinamentos que, se aplicadas às nossas práticas de intercâmbio com o mundo, não podem deixar de nos tomar melhores e mais sábios. Este significativo Emblema tem a sua origem no Jardim do Éden, que também era

> circular - as Árvores da Vida e do Conhecimento estavam colocadas no centro, simbolizando a Divina Onipresença, o centro estando em todas as partes e a circunferência em lugar algum.[2] As duas linhas paralelas e perpendiculares, representantes daquelas duas árvores, significavam a Justiça e a Misericórdia, que foram praticamente exemplificadas na infeliz queda de nossos primeiros genitores.
>
> A explicação primitiva deste símbolo não era muito diferente da explicação ainda dada nas preleções da Maçonaria. O círculo alusivo à eternidade e o ponto alusivo ao tempo, com o propósito de mostrar que o Tempo era apenas um ponto comparado à eternidade e eqüidistante de todas as partes de sua infinita circunferência, pois a eternidade ocupava o mesmo espaço indefinido antes da criação do nosso sistema, e o que haverá quando ele for reduzido ao seu primitivo "nada". A aplicação e uso do círculo e das linhas paralelas entre nós se refere ao dever de circunscrever os nossos desejos, paixões e ações no interior desses prudentes limites, escapando da severidade da Justiça de Deus destemperada pela Misericórdia. Falando na linguagem técnica de nossas antigas preleções, o ponto representa um Irmão e o círculo, a linha demarcatória e limite do seu dever a Deus e ao homem; além do qual lhe é imposto jamais sofrer ao ser traído por suas paixões, preconceitos ou interesses. O círculo é sustentado por duas linhas paralelas perpendiculares, que representam os dois Santos (São João Batista e São João Evangelista) que foram perfeitas paralelas na Maçonaria. No vértice repousa o Livro da Lei Sagrada, que ressalta todo o dever do homem e serve de apoio à escada teológica, cujo topo alcança o Céu. Ao caminharmos ao redor deste círculo, chegaremos, necessariamente, a tocar estas duas linhas e o Volume Sagrado e, enquanto um maçom se mantiver assim circunspecto, será impossível que venha a errar materialmente.

O dr. Oliver também se refere a outros símbolos, sendo alguns deles ordinariamente encontrados em Lojas, e outros em uso geral em tempos antigos, mas apenas ocasionalmente vistos em nossos dias:

> O caixão, a caveira e as tíbias cruzadas são emblemas da mortalidade, e advertem numa voz quase mais mortal ainda: "prepare-se para encontrar seu Deus". A ampulheta é um emblema da vida humana. Não é sem assombro que podemos contemplar as minúsculas partículas contidas neste dispositivo escoarem, de maneira quase imperceptível e, para a nossa surpresa, constatar

2. A interpretação do dr. Oliver sobre Gênesis 2:9 é que o Jardim era circular

> que no pequeno espaço de tempo de uma hora todas as partículas se esgotaram. Assim acontece com a vida humana. Ao final de uma breve hora do homem, a morte o arrebata, e apressa-se em tirá-lo de cena e levá-lo ao seu lugar de longo e obscuro repouso.

A foice é um emblema do tempo, que corta a tênue linha da vida e nos lança à eternidade. Que devastação faz a foice do tempo na raça humana! Se por acaso escapamos dos muitos incidentes maus da infância e da juventude e conseguimos chegar em perfeita saúde e força aos anos de vigor da idade adulta, ainda assim a caduquice da idade avançada logo chegará e é quando seremos ceifados pela faminta e devoradora foice do tempo e nos juntaremos à terra para onde antes foram os nossos pais. A colméia é um emblema da atividade e engenhos idade e recomenda a prática daquela virtude a todos os seres viventes, desde o mais alto Serafim nas alturas até o mais inferior réptil no pó. Ela nos ensina que por termos vindo ao mundo como seres dotados de raciocínio e inteligência, devemos ser sempre pessoas ativas e engenhosas, jamais permaner impassíveis e inativas, enquanto os nossos semelhantes estiverem em necessidade e quando estiver em nosso poder aliviá-los sem, no entanto, causar qualquer inconveniente ou dano a nós mesmos.

Trevas e Luz

Nas cerimônias e preleções da Maçonaria Simbólica, muitas referências são feitas à Luz e às Trevas. Elas não se relacionam a iluminação como uma distinção ao estado de escuridão, mas também à Luz como uma fonte de esclarecimento. As citações bíblicas relativas a diferentes aspectos desses conceitos, originárias de textos dos primórdios da Maçonaria Especulativa e da distinção entre estes dois extremos - Luz e Trevas, bem como tendo a Luz como uma fonte -, têm um amplo espaço no simbolismo da Ordem.

Os dois exemplos óbvios que, de pronto, nos vêm a mente são: a escuridão "pessoal" que é, simbolicamente, imposta ao candidato em sua Iniciação, e a posterior restituição, em forma cerimonial, da Luz física e a escuridão "geral" associada com a cerimônia do levantamento. As antigas Preleções dão três razões para essa escuridão imposta: a primeira, de caráter rigorosamente prático, é para que a forma e a natureza do próprio recinto da Loja e as vestes de seus membros continuem desconhecidas ao candidato até que tenha prestado o juramento de manter sigilo. Embora isso representasse razoável salvaguarda, não era uma precaução totalmente necessária. O simbolismo da Loja não é esclarecedor pela sua mera observação e não havia nenhum verdadeiro Segredo maçônico que pudesse ser inteligível à simples visão do ambiente da Loja ou das vestimentas envergadas por seus membros - aspectos como esses certamente não são considerados hoje como secretos, embora os seus significados "ocultos" não estejam prontamente visíveis. A razão para que "o meu coração pudesse imaginar antes que os meus olhos vissem" pode muito bem ser incluída naquela mesma categoria, e parece simplesmente servir para formar uma bela frase sem qualquer outro significado especial, enquanto algum reconhecimento dos primeiros 'passos na Maçonaria cause alguma impressão na mente, o fato de o candidato estar privado da Luz tinha muito pouco a ver com isso;

tudo leva a crer que três razões pareciam ser melhores do que apenas duas. O real simbolismo está na terceira razão - "fui recebido na Maçonaria em trevas, far-me-la lembrar de manter o mundo profano em tal estado em relação aos mistérios maçônicos, a menos que os mesmos me fossem legalmente transmitidos, como estavam então para ser". Este era o símbolo - algo que tinha o objetivo de lembrar um fato por associação; a escuridão, deliberadamente imposta, tinha o objetivo de indicar, àquela altura, o sigilo. A palavra "Luz" foi usada nesta antiga frase extraída do livro *Master* Key, de John Browne e, neste caso, denotava - conhecimento da Maçonaria e dos segredos a ela ligados, pois era esta a Luz imediata que o candidato estava prestes a receber. A restituição da Luz ao candidato numa forma cerimonial - pois, ao que parece, sempre tem sido dada especial importância a esse ato em particular - era uma restituição à iluminação, tal como quando alguém entra numa sala profusamente iluminada, vindo de um escuro corredor. A criação da Luz, tal como consta em Gênesis, I, é freqüentemente invocada em documentos maçônicos; a frase *Sit lux, et lux fuit* é freqüentemente encontrada nos cabeçalhos e decorações de documentos e, até mesmo, em edifícios maçônicos, meramente representando o terceiro Versículo daquele Capítulo do Gênesis. Quando a Maçonaria inglesa era, em seu aspecto religioso, essencialmente cristã, considerava-se o primeiro Capítulo do Evangelho de São João o mais adequado para ser aberta a Bíblia, em parte por ser ali que se faz referência à Luz. Tendo diante de si essas referências bíblicas, os maçons daquela época, sem dúvida, também refletiam sobre a experiência dos apóstolos em Pentecostes, registrada nos quatro primeiros Versículos de Atos dos Apóstolos, 2:

> Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles.
>
> Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se.

Esta foi uma experiência que ensejou imediata transformação e foi simbolizada pelo aparecimento físico de fontes de Luz. Porém, não era a intenção de que a restituição da Luz ao candidato, ainda que de forma cerimonial, viesse a simbolizar a sua imediata transformação simplesmente por ter prestado um juramento de sigilo. Não lhe estava sendo restituída a Luz geral, tal como aquele que adentra uma sala iluminada e aqui, a Luz, acima de tudo, era um símbolo de oportunidade. O candidato toma consciência da Luz da Maçonaria e passa a ter a oportunidade de descobrir o que ela tem a oferecer. E as primeiras coisas às quais ele é convidado a descobrir são específicas fontes de Luz: as Três Grandes Luzes. Os Irmãos do século XVIII estavam divididos quanto a suas interpretações sobre o que eram as Três Grandes Luzes. Aqueles da Grande Loja original de 1717 acreditavam se tratar das três fontes de Luz Situadas no leste, no Sul

e no oeste. O *Wilkinson Manuscript,* provisoriamente datado de cerca de 1727, é o mais antigo a denominar as Três Grandes Luzes, embora em muitos dos manuscritos bem anteriores a este, ainda no século anterior, possam ser encontradas referências às Luzes da Loja num sentido semelhante. A famosa obra *Masonry Dissected,* de Prichard, de 1730, faz referência a Três Grandes Janelas como Luzes nessas três direções, fazendo também referência a Três Velas. Todas estas citações constam em materiais bem anteriores à época em que se pudesse sequer pensar na formação da Grande Loja dos Antigos em 1751. Assim, é razoável dizer que o simbolismo das Três Grandes Luzes da Maçonaria, no que tange às Grandes Lojas dos Modernos e a original, se referia a fontes de Luz situadas no leste, no Sul e no oeste. Essas representavam o Sol nos diferentes pontos em sua aparente trajetória diária, enquanto iluminava o trabalho dos maçons e o Sol, a Lua e o Mestre da Loja como separadas fontes de Luz. Cabia ao Sol e à Lua - essas duas grandes luminárias da Natureza e dádivas de Deus - fornecer a Luz física, em seus devidos tempos, possibilitando ao maçom especulativo fazer os estudos sobre a sua Loja e sobre a Maçonaria. Mesmo na escuridão, tanto a Loja como a Maçonaria ali estavam, mas era necessária esta Luz Divina para tomar possível a consciência física de sua existência. Ainda que fossem vistos, os símbolos não seriam entendidos sem que o seu conteúdo e ensinamentos fossem apontados e explicados. Para tanto, o Mestre da Loja era a essencial fonte de Luz. Era ele quem empregava e instruía os Irmãos na Maçonaria, também a ele competia transmitir esclarecimento e instrução aos Irmãos de sua Loja, sendo adequado compará-lo, nessa relação, com aquelas grandes luminárias físicas.

No desenvolvimentos das prática da Grande Loja dos Antigos na segunda metade do século XVIII e, provavelmente, com alguma influência irlandesa, estas três Luminárias - o Sol, a Lua e o Mestre - acabaram se tomando as Três Luzes Menores e as Três Grandes Luzes da Maçonaria dos antigos eram a Bíblia, o Esquadro e o Compasso. Em absoluto, essas não eram fontes físicas, mas emblemáticas fontes espirituais ou simbólicas de Luz ou de inspiração na conduta de vida, ao apontarem quais são os deveres do homem e, especialmente, do maçom especulativo frente à Deus, à seu semelhante e à si próprio. Era com a ajuda dessas três outras Luzes que os maçons eram capazes de ver e de obter instrução nesse concentrado campo de estudo que continha em seu bojo o significado simbólico dessas três grandes, embora simbólicas, Luzes, bem como tudo sobre a Maçonaria e a vida. Com o advento da fusão das duas Grandes Lojas em 1813 e quando se fez necessária uma revisão para a produção de um único Ritual, observamos que o rito revisado seguiu, nesse aspecto em particular, o simbolismo da Grande Loja dos Antigos. É interessante notar que na revisão das formas de preleções após a União das Grandes Lojas, a que provou ser a mais aceitável e que prevaleceu, ainda contém alguns dos fundamentos

do padrão dos Modernos, ao fazer referência ao Volume das Sagradas Escrituras, ao Esquadro e ao Compasso, não como sendo as Três Grandes Luzes, mas como "Utensílio" essencial da Loja.

Para o candidato, a restituição da Luz material simboliza a Luz da oportunidade e do conhecimento, fazendo com que o seu anterior estado de trevas, acrescido do lembrete que lhe é feito sobre a necessidade de sigilo, também simbolize as trevas da ignorância da qual a restituição da Luz representa a oportunidade de sua libertação. Embora essa libertação seja para a Luz geral, esta Luz estava disponível a todos os demais presentes no recinto, exceto ao candidato, fazendo com que ela fosse feita de maneira pessoal a ele, uma libertação da escuridão pessoal e não da escuridão coletiva. Também é interessante notar na prática da Grande Loja dos Antigos que, ao adiantar-se para a sua entrada, o candidato se encontrava "meio vendado". A razão dada para isso era "porque a Luz da Maçonaria me foi revelada apenas em parte", indicando assim que a Luz dada ao candidato era um conhecimento da Maçonaria, mas não toda imediatamente absorvida.

As antigas preleções tendem a identificar diferentes aspectos da Loja em penumbra e iluminada. Com aquelas que chamamos de Três Luzes Menores descrevendo o devido trajeto do Sol desde o seu surgimento no leste, passando pelo esplendor do meridiano no Sul, até o ocaso no oeste, depreende-se que o Norte deva ser o lugar de escuridão, pois nenhuma luz é por nós ali colocada. De fato, a antiga preleção assim confirma:

O Sol se pondo abaixo de nosso horizonte ao Norte faz com que aquela região nos pareça um estado de trevas, pois o Sol deixa de lançar os seus raios de onde está ao nosso hemisfério.

Seguindo a partir daí, o Sul sendo a região da maior altitude do Sol, seria de se esperar que esta fosse a região da Luz. Mas, sob o enfoque dos maçons especulativos, isso não acontece:

Por que deixais o oeste para vos dirigirdes ao leste?

- Sendo o leste uma região de luz, e o oeste uma região de trevas; prefiro a luz à escuridão.

É fácil seguir o raciocínio; o oeste é o lugar no qual o Sol se põe e desaparece, anunciando a chegada da escuridão, enquanto é no leste que esperamos o nascer do sol, o início de um novo dia, com tudo aquilo que ele tem a nos oferecer. Assim, esta Luz no leste representa a Esperança e talvez a Fé no futuro.

Um posterior autor viu na justaposição destas duas áreas de luz e de escuridão, de leste e de oeste, uma reflexão especulativa sobre o posicionamento do candidato na parte Nordeste da Loja. A esta altura, o candidato se encontra no estágio mais crítico da Iniciação - como de fato está, pois, primeiro as perguntas que lhe são formuladas neste ponto põem à prova a correção de parte de sua preparação ou, se não satisfatório, fa-lo-ão passar novamente pela cerimônia; segundo, por haver um verdadeiro teste de seu

caráter, em sua voluntária reação às perguntas formuladas, para as quais não estava pronto a dar respostas precisas. O canto Nordeste representa uma região de escolha, de opção, entre as trevas do Norte à sua direita que permanece em sua ignorância, ou a Luz emergente do leste à sua esquerda, acenando-lhe com uma crescente Luz, Conhecimento e Sabedoria - e, provavelmente, trazendo cuidados e responsabilidades - e as esperadas respostas às perguntas, após uma adequada homilia, o levarão para o leste para maiores progressos.

É provável que o grande simbolismo das trevas e da Luz, em relação ao levantamento não tenha aparecido, em geral, na cerimônia antes do início do século XIX, pois nem nas preleções há qualquer referência à escuridão geral, e nem nas obras de William Preston, uma possível fonte alternativa, não há cópia anterior de sua Terceira Preleção. No entanto, nas preleções da época imediatamente pós-União:

> Em vossa admissão à Loja, observastes algo diferente em sua aparência geral?
> - Sim tudo estava em escuridão, salvo uma tênue luz no leste. Ao que alude aquela escuridão?
> - Às trevas da Morte.
> Devo, pois, entender que a Morte é o assunto peculiar deste Grau?
> - Assim é de fato.

O Simbolismo do estado de escuridão geral da Loja está explicado naquelas poucas palavras. Porém, ainda resta uma esperança: existe uma tênue Luz no leste, e sabemos, por meio das palavras que nos chegaram desde aqueles tempos, que houve muita discussão quanto à preparação da cerimônia, no que tange ao tipo de luz permitido. Primeira, havia uma pálida luz; depois, alguns vieram com a idéia de uma espécie de lanterna em forma de estrela, mas isso parecia ter forte conotação cristã, em uma época em que os novos dirigentes procuravam estabelecer, em um sentido religioso, uma Maçonaria não-sectária, particularmente por já existirem então diversas Lojas judaicas. Assim, quando o Mestre estava na Loja, a sua Luz permanecia, assim como o ensinamento espiritual e moral que ele dava também ficaria com um Irmão por ocasião da morte, embora aquelas grandes luminárias - o Sol e a Lua - não mais lhe serviriam. Com a ajuda desse ensinamento, ele haveria de triunfar sobre a Morte e ganhar a vida eterna simbolizada não apenas pelo levantamento, mas pela restauração da Luz coletiva à Loja. Este é o simbolismo e mensagem desta grandiosa cerimônia.

Este tema - a Luz - naturalmente interessou grande parte dos autores especulativos, que a ele têm dado muitas representações. Thomas Dunckerley desejava ser "iluminado" com a sabedoria e a compreensão, e

mais ainda quando tratando com elas num sentido iluminador ter a "Luz maçônica" em mente como esclarecimento e conhecimento. O Dr. George Oliver escreveu, com bastante abrangência, sobre o tema da Luz na Maçonaria em seu livro *Theocratic Philosophy of Freemasonry,* publicado em 1840, no qual abordou de forma tão abrangente o tema da Luz geral e a Luz especial ou fontes de Luz, que o longo extrato apresentado a seguir é digno de estudo e reflexão:

> (Era) a opinião de Eugubinus e outros que a Luz era a suprema morada ou lugar onde residia a Deidade, e que sempre brilhava com insuperável esplendor; pois acreditava-se que o próprio Eterno era a fonte e a origem da Luz. Em todas as Suas comunicações com o homem, a Luz tem sido seu constante servente ou, na apropriada linguagem de Davi: "Ele cingiu-se de Luz tal como uma vestimenta".
>
> A Bíblia Sagrada, um dos utensílios sobre o pedestal, contém muitos testemunhos desse efeito. Deus é chamado pelo Profeta Isaías como "a Luz de Israel". Daniel diz que "a Luz habitava com Ele; e Habacuc compara o Seu brilho à Luz. Simeão O denomina "uma Luz para iluminar os gentios". A glória da Luz apareceu a Saul em sua conversão, e a Pedro em sua milagrosa libertação da prisão. São João afirma que "Deus é Luz"; e que "Ele é a verdadeira Luz".
>
> Em relação a esse assunto, a Franco-Maçonaria primitiva pode ser chamada de "Luz da Sabedoria", que o Todo-Poderoso Arquiteto do Universo possuía "no começo de Seu caminho antes de seus feitos de outrora". Esta Sabedoria ou Luz é, de fato, o "hálito do poder de Deus"; uma pura influência que flui da Eterna Fonte de Luz, abrangendo todos os limites Celestiais e formando a arquitrave da pura e sagrada religião. É importante observar que Salomão, nosso Grão-Mestre, maçonicamente falando, usava geralmente a palavra "Sabedoria" como substituta de "Luz".
>
> Em todas as manifestações Divinas que foram outorgadas ao homem, era necessário acomodar o grau de consistência de sua natureza através de uma Luz visível e material. Porém, devemos entender que isso era apenas um símbolo, ou uma tênue emanação da gloriosa Luz que ilumina os rincões celestiais. Esta Luz ou, por assim dizer, a Franco-Maçonaria, era peculiarmente intelectual. Uma Luz adaptada às faculdades espirituais, a Luz da palavra e do espírito de Deus. Ela foi enunciada com igual perspicácia pelos Profetas Judeus. Assim diz Isaías que naquelas abençoadas mansões "o sol deixará de ser a sua Luz durante o dia, nem pelo brilho dará Luz à lua, mas o Senhor será uma

Luz Eterna". Assim, é evidente que a Luz Celestial é Divina e intelectual e que uma grosseira Luz material será desnecessária a seus glorificados habitantes, de cuja plena luminosidade nós ainda não somos capazes de formar qualquer opinião justa ou racional. Ela foi corretamente chamada de "um glorioso esplendor, cobrindo todo o Céu - um abismo de Luz no qual a imaginação se perde".

Este princípio luminoso está representado em nossas Lojas pela "Primeira Grande Luz", a qual, sendo material, se evidencia aos sentidos, uma referência à atuação da Luz sobre a mente. A questão somente pode ser abordada como se o próprio Altíssimo assim aquiescesse, em piedade à fraqueza e incapacidade de Suas criaturas, outorgando-lhes uma referência material por meio do fogo e da Luz, sob as quais a Sua aparição "pessoal" se manifestou entre os homens.

Esses conceitos preliminares naturalmente dirigem a nossa atenção à Divina *Shekiná,* ou o esplendor de Luz que normalmente acompanhava a aparição Divina sobre a terra. Tratava-se de um visível esplendor, ou uma pura emanação de Deus, tendo sido chamada de *splendor gloriae Dei,* tal como São Paulo descreveu a glória do semblante de Moisés quando este desceu da montanha trazendo as Tábuas da Lei.

Esta Luz Divina protegeu Abrahão na ardente fornalha dos Caldeus, tal como aconteceu depois com Shadrach, Mesech e Abednego, naquela de Nabucodonosor, mostrando que, quando a Divindade aparecia sob forma de "uma parede de fogo" para a proteção de seu povo, Ele era um "fogo abrasador" que destruía os Seus inimigos. Abrahão desfrutava da vantagem das freqüentes revelações de Luz nos planaltos e a mesma *Shekiná* destruiu as cidades nas planícies. Foi uma graciosa manifestação de Luz que o Todo-Poderoso outorgou a Jacó, quando surpreendido pela noite e exausto em sua viagem a Padã-Arã *(Padán Aram),* teve a visão da maravilhosa Escada, com Serafins subindo e descendo, a qual tinha o propósito de aumentar a sua Fé, incentivar a sua Esperança e estimular a sua Caridade, enquanto o Grande Arquiteto do Universo, numa torrente de Luz em seu topo, acenou-lhe com aquelas alvissareiras promessas que se realizaram plenamente em sua posteridade.

Moisés, diante da Sarça Ardente, foi agraciado com a inspiração da Luz e recebeu aquele Sagrado e Inefável Nome, que ainda constitui o enorme segredo da Maçonaria Especulativa. A *Shekiná,* manifestada naquela inestimável ocasião, foi um símbolo altamente significativo. A Sarça ardia em fogo, mas não era consumida por ele; Israel foi submetido à abrasadora opressão

do Egito e não foi destruído, embora não sendo possuidor de maior poder de resistência ao faraó e seu povo, do que um débil arbusto para impedir as usurpações do elemento devorador. A verdade é que Deus estava entre ambos e, assim, tanto o fogo como a perseguição eram igualmente impotentes. Moisés fora instruído a aproximar-se da majestade de Deus com os seus pés descalços e com o rosto coberto. E foi somente depois de Israel ter se libertado de sua escravidão que a Luz passou a brilhar permanentemente sobre aquele Povo.

Os preparativos para aquela excepcional e fantástica libertação foram solenes e imponentes. A diferença entre as Trevas da Idolatria e a Luz da Verdade ou, em outras palavras, entre o Espúrio e a verdadeira Franco-Maçonaria foi especialmente manifestada para a instrução dos israelitas, tal como foi o castigo infligido aos egípcios. Uma densa e quase palpável escuridão se abateu sobre os egípcios durante três dias. Porém, os Israelitas tiveram Luz em suas moradas. Eles estavam iluminados pela verdadeira *Shekiná,* ou Luz Celestial; o que se tomou um igualmente incompreensível mistério para os egípcios como a sobrenatural escuridão em que foram envolvidos. A Luz brilhou em meio às trevas, mas a escuridão não a continha.

A partir de então a Luz assumiu a forma de uma coluna de nuvens e de fogo, que durante o dia era brilhante, e talvez transparente. E à noite, era como um furioso incêndio de grandes proporções, que iluminava uma área de quase 20 quilômetros quadrados. Há quem possa argumentar que o calor emanado de um fogaréu como aquele teria queimado as tendas, o Tabernáculo e tudo aquilo que estivesse em suas proximidades. Mas aquele não era um fogo natural ou elementar, pois ele continuava ardendo sem qualquer combustível. E, tal como as chamas da Sarça Ardente, as suas propriedades abrasivas eram restringidas, embora fornecesse suficiente Luz às tribos mais distantes. Em suma, tratava-se de uma coluna enevoada, iluminada pela *Shekiná* de Deus. Esta Coluna Divina estava entre o povo, e formou o sublime tema da Franco-Maçonaria judaica. Ela continuou com eles durante todas as marchas e contramarchas de sua História, até a sua renúncia à Verdade e a sua entrega às abominações fizeram com que o Altíssimo retirasse a Luz de Sua presença, entregando-os à ira e à fúria de um povo idólatra. Nada poderia melhor servir para mostrar, de forma clara e explícita, a diferença essencial entre Luz e Trevas do que a Divina *Shekiná* durante o período em que Israel atravessava o mar Vermelho. Ela foi uma Luz e um guia para eles, mas foi uma escuridão e um terror para os seus infelizes perseguidores, que

> Foram aniquilados pelo fechamento das águas, quando Moises ergueu o seu cajado como um sinal de que o poder que..os havia subjugado fora retirado. Foi a *Shekiná* de Deus que apareceu em meio a nuvens e fogo na Montanha Sagrada em que a Lei foi outorgada a Moisés. A montanha estava coberta em escuridão e nada mais além de fumaça ou nuvens podia ser visto pelo povo, enquanto o legislador no cume daquela montanha era agraciado com uma visão da *Shekiná* sob a forma de uma fulgurante chama de Luz, de onde o Senhor conversava com ele acerca do governo religioso e político do povo a quem Ele havia redimido, com sinais e maravilhas, do jugo egípcio... (os israelitas) não seriam capazes de agüentar o fulgor emanado do refletido brilho da *Shekiná.* Uma impressionante prova de que as suas mentes não estavam suficientemente esclarecidas para suportar a revelação do misterioso sistema que estava tipificado pela Lei. Assim, Moisés cobriu o seu rosto com um véu, como a indicar que "as suas mentes eram cegas", e que, embora a verdadeira Luz estivesse encoberta, de fato gloriosamente na religião judaica ela não seria totalmente revelada até que o véu fosse removido com a chegada do Messias, ou a personificação da Luz. Essas emanações da forma Divina constituíram partes do sistema da Maçonaria Especulativa, tal como é praticada em nossos dias.

Essa dissertação sobre a Luz em relação à Maçonaria Especulativa serve, particularmente, para introduzir, com algum detalhe, o assunto da *Shekiná,* aquele símbolo da presença de Deus entre os antigos judeus, que se manifestava por uma especial fonte de Luz. Tal como diz o dr. Oliver, este Símbolo era uma parte essencial da Maçonaria Especulativa e de seu simbolismo. Desde os mais remotos tempos, as Lojas maçônicas de natureza Especulativa se dedicavam à adoração de Deus; pois, como já foi afirmado antes, os nossos antepassados eram essencialmente, e acima de tudo, homens formalmente religiosos. Portanto, nada mais razoável que eles procurassem algum símbolo para representar-lhes a presença de Deus entre eles na Loja. E assim fizeram ao usar o simbolismo da antiga religião judaica, incluindo uma representação da *Shekiná.* Infelizmente, em muitas Lojas de hoje, este antigo simbolismo desapareceu e, ao que parece, os nossos mais práticos dirigentes da época da União das duas antigas Grandes Lojas muito contribuíram para esse desaparecimento.

Nas atuais versões das preleções maçônicas, uma das Seções aborda os Ornamentos, o Mobiliário, os Utensílios e as Jóias de uma Loja. Os Ornamentos são: o Pavimento Mosaico, que é o piso da Loja; a Estrela Flamejante, ou Glória, no Centro e a Orla Dentada ou Marchetada, ao redor do Pavimento. Em muitas Lojas ainda podem ser encontrados tapetes

ou pisos quadriculados com este desenho, normalmente com um Pentágono ou uma estrela de cinco pontas no meio do piso xadrez, com algum tipo de moldura ao redor. Em alguns casos, a estrela no meio está no interior de linhas radiais ou alguma outra forma de representação de um brilho especial. Uma consulta à obra *Master Key,* de John Browne, revela a seguinte explanação sobre a Estrela Flamejante, uma vez que os Ornamentos nas Lojas dos Modernos antes da União eram os mesmos descritos nas Preleções pós-União:

> A Estrela Flamejante, a Glória no Centro, nos recorda aquele formidável período quando o Todo-Poderoso entregou as duas Tábuas da Lei contendo os Dez Mandamentos a seu fiel servo, Moisés, no Monte Sinai, quando os Raios de Sua Divina Glória reluziram com tamanha intensidade, com tão refulgente esplendor e inigualável brilho, que ninguém o pôde contemplar sem temor ou estremecimento.
>
> Ela também nos recorda da Onipresença do Altíssimo, inundando-nos com o Seu Divino Amor e dispensando as Suas bênçãos sobre todos nós. E, por estar colocado no Centro, ela também deverá nos lembrar que, onde quer que nos reunamos, Deus, o Olho da Providência que Tudo Vê, estará sempre em nosso meio, vigiando todos os nossos atos e observando as secretas intenções e movimentos de nossos corações.

Além dessa particular referência feita nas antigas Preleções, algumas outras poderão ser encontradas acerca da Presença Divina e da *Shekiná.* Os nossos Irmãos do século XVIII certamente acreditavam nesta parte do simbolismo: uma glória (láurea) ou uma "irradiação" ainda é usada em nossos dias em duas Jóias de Oficiais: a do capelão é descrita como "um livro no interior de um triângulo, cercado por uma glória" - e, no simbolismo, o triângulo é muitas vezes encontrado como um Emblema que representa Deus; a outras é aquela usada pelo Grão-Mestre - "as pontas do Compasso abertas em 45°, com um segmento de um círculo nas extremidades e uma plaqueta dourada sobre a qual está representado um olho no interior de um triângulo, ambos irradiados". Desnecessário fazer um lembrete de que o emblema, o "Olho que Tudo Vê", também é uma representação Simbólica de Deus.

William Preston também se refere à Estrela Flamejante como um dos Ornamentos internos e nele vê um "vívido Emblema da Onipresença de Deus que dirige com amor e benevolência as várias obras por Ele criadas, e que são exemplificadas por nossa contemplação daquela infinita bondade transbordando por todas as partes e disparando, como por todo o sempre, sua beneficente generosidade, raios de amor e de misericórdia aos seres de todas as espécies por Ele criadas".

As Três Grandes Luzes

Como já vimos anteriormente, na Grande Loja dos Modernos, a Bíblia, o Esquadro e o Compasso representavam o Mobiliário da Loja até a época da União das Grandes Lojas e isso aparece nas Preleções em uso em algumas Lojas jurisdicionadas àquela Grande Loja:

Qual é o Mobiliário da Loja?

- A Bíblia, o Compasso e o Esquadro. Seus usos?

- A Bíblia serve para dirigir e governar a nossa Fé, e sobre ela é feito o Juramento por nossos novos Irmãos. Assim também o Compasso e o Esquadro, quando unidos, servem para reger as nossas vidas e as nossas ações.

De onde derivam e a quem pertencem?

- A Bíblia deriva de Deus, para o homem em geral; o Compasso pertence ao Grão-Mestre, em particular e o Esquadro a toda a Ordem.

Por que a Bíblia deriva de Deus, para o homem em geral?

- Porque aprouve ao Todo-Poderoso revelar mais de Sua Divina vontade neste Livro do que por outros meios que já tenha feito; seja pela luz da razão, seja pela retórica com todos os seus poderes.

Por que o Compasso pertence ao Grão-Mestre em particular? - Sendo este o principal Instrumento usado para desenhar e fazer plantas arquitetônicas, é particularmente apropriado ao Grão-Mestre, como um Emblema de sua dignidade, e por ser o Chefe e o Governador de toda a Ordem, e sob cujo patrocínio as nossas Grandes leis são tão sensatamente impostas, estrita e universalmente obedecidas pela Ordem em geral.

Por que o Esquadro pertence a toda a Ordem?

- Por ser ela juramentada no Esquadro e, conseqüentemente, compromissada a assim agir sobre ele.

Aparentemente, os trabalhos da rival Grande Loja dos Antigos descreviam a Bíblia, o Esquadro e o Compasso como as Três Grandes Luzes da Franco-Maçonaria, desde a época de seu surgimento como uma organizada e isolada Grande Loja na década de 1750, uma vez que as Exposições da década seguinte dão essa interpretação. Nesse aspecto, elas diferiam dos textos bem mais antigos, de um período anterior ao surgimento da Grande Loja dos Antigos e, assim, das práticas dos modernos, embora um antigo manuscrito escocês inclua a prática dos antigos.

Quaisquer que tenham sido as diferenças que os nossos Irmãos de então tivessem, eles concordavam quanto ao significado desses emblemas _ o guia e a regra de nossa Fé e a persuasão de nosso dever a Deus. As

demais, unidas no intuito de dirigir e governar as nossas vidas e ações, em inculcar a nossa obrigação para com o semelhante e para conosco mesmos, e em manifestar ao mundo o nosso mérito como maçons. Percebemos que nos tempos anteriores à União das duas Grandes Lojas, ambas eram basicamente cristãs em seus trabalhos e se referiam apenas à Bíblia.

A Lei Sagrada

Com a adoção de uma posição não-sectária, sob o ponto de vista religioso, desde 1816, em nossos trabalhos maçônicos, os Maçons passaram a encarregar-se de estudar a Lei Sagrada e considerá-la como um infalível padrão de Verdade e de Justiça, regulando sua vida e ações pelos seus Divinos preceitos. A obra *Illustrations* de William Preston, em sua edição seguinte àquele ano, tem uma nota de rodapé abordando a Lei Sagrada: "Na Inglaterra, a Bíblia. Mas nos países em que este livro é desconhecido, será qualquer outro aceito como portador da Vontade ou da Lei de Deus". Como já mencionei anteriormente, esta Primeira Grande Luz da Maçonaria é essencial a todos os Graus, mas é especialmente relevante no Primeiro Grau, pois a crença em Deus é uma qualificação vital e com a leitura deste Livro, um maior conhecimento sobre Ele e sobre a Sua Vontade e as Suas Obras será o estudo essencial do Aprendiz antes de seguir adiante, por meio da Moral, da Verdade e da Virtude. Ao longo do século XVIII, as Preleções dos Modernos assim se referiam à Lei Sagrada:

> ... que seja devidamente apreciada a Tábua de Delinear espiritual do Grande Arquiteto do Universo, na qual estão essas Leis Divinas e os Planos Morais, com as quais estamos familiarizados, às quais observamos, e que haverão de nos conduzir a uma Mansão Eterna, que não é feita pela mão do homem e que é Eterna nas Alturas.

A versão de 1816 da Terceira Preleção de William Preston traz a seguinte nota:

> A Lei Sagrada é o guia de conduta, que nós inculcamos em todos os Graus. A Deus, ao nosso semelhante e a nós mesmos são devidos os deveres contidos neste Código e aquele que orienta a sua conduta por esses deveres é ainda mais estimado entre os Maçons. Considerar o Ser Supremo como o Pai do Universo e a Fonte de onde fluem todas as bênçãos é o principal fundamento de nossa profissão. Assim, nos é ensinado suplicar a sua proteção em todas as ocasiões e, com reverência, gravar o Seu Nome em nosso íntimo como um indelével símbolo de nossa veneração. Nós consideramos os interesses de nosso semelhante como

> sendo inseparáveis dos nossos próprios objetivos, e a ele dedicamos aqueles fraternais préstimos que nós, numa semelhante situação, esperaríamos receber. É assim que vivemos numa união social, com todas as nações como nossas amigas e cada rincão é o nosso lar. Desfrutamos das bênçãos da vida em paz e em tranqüilidade e, usufruímos da generosidade da Providência, sem dela jamais abusar.

Isso combina as três Obrigações na Bíblia e, provavelmente, é um resquício de alguma versão anterior. Numa versão posterior, a referência ao Mobiliário e Utensílios da Loja pode ser encontrada na Primeira Preleção e o texto se aproxima mais daquele que usamos em nossos dias, sendo
que as três Obrigações abordam os três itens. .

Em épocas mais recentes, o rev. John T. Lawrence, no livro *Sidelights on Freemasonry,* assim escreveu num capítulo sobre a Lei Sagrada:

> A Bíblia não deveria ter defensores mais leais do que os franco-maçons. Muitas pessoas parecem ter uma tendência a desculpar-se por acreditar na Bíblia, de dar-lhe espaço como um clássico, negá-la ou contestá-la. Mas nós, pelos compromissos assumidos, a vemos como a expressão de uma voz Divina e, portanto, nos permite enxergar exatamente quais e o que são as expressões que a Bíblia exerce sobre nós; não apenas sobre o nosso sentimento e sentido de reverência, mas sobre o nosso bom senso. A palavra "Bíblia" é plural e aquilo que normalmente temos em nossas mãos, juntados num só volume, não é um livro ou um compêndio - na verdade, se a quantidade de autores fosse levada em conta, seriam muitos os volumes. Toda a literatura de antigamente era do tipo que poderíamos chamar de sacra. Isso equivale a dizer que nunca ocorreu a qualquer escritor registrar de forma permanente qualquer coisa que não ligasse a História da raça com a sua religião. E essa característica não era apenas judaica, pois os registros de todas as demais raças das quais temos notícia afirmam que toda a História se deu graças à intervenção Divina até, em todos os casos, a época de Heródoto, que foi o primeiro Historiador puramente político.
>
> A Bíblia tem, ao nosso ver, esta quádrupla propriedade: a antiguidade, a História, a adaptabilidade e a inspiração.
>
> A antiguidade, por si só, não consistiria uma propriedade forte ou por demais importante. Muitas Instituições conseguem chegar a idades avançadas pelo fato de interessar a ninguém, ao longo do tempo, derrubá-la. Qualquer que seja a antiguidade a ela atribuída, a nossa Bíblia a tem. Nenhuma das palavras nela contida

tem menos de 1.800 anos. Ela é o fruto do trabalho de escritores que escreveram a intervalos de centenas de anos, mas todos com a mesma intenção - a revelação de Deus ao homem. Não há qualquer outro livro no mundo que sequer tenha a pretensão de dar um sóbrio relato ou descrição relacionado a acontecimentos pré-históricos, e nada em todo o seu conteúdo é maior do que a sua sentença de abertura. Dela não se pressupõe que as pessoas devem atribuir a origem de seu conhecimento de Deus as palavras registradas naquela página. Ela admite a existência de Deus e inicia: "No princípio Deus criou ... ".

Mas qual tem sido a sua História? Existem outras obras dignas, sérias e antigas, de escritores clássicos, cheias de nobres pensamentos e conceitos que, independentemente de quão grandiosas sejam, somente sobreviveram graças ao zeloso cuidado de estudiosos de todas as gerações. E, apesar disso, elas estão fora do alcance das pessoas em geral. Os idiomas em que foram originalmente escritas já são línguas mortas e somente podem ser encontradas, cobertas de pó, nas mais altas prateleiras de bibliotecas, desconhecidas a todos, exceto àqueles estudantes que têm a obrigação de lê-las e, ainda assim, pouco lidas fora da sala de aula da Universidade. Mas a nossa Bíblia! Que acidentada e memorável História teve! E, apesar disso, sobreviveu, inalterada. Ela não fez a menor concessão, seja à perseguição ou à intolerância e muito pouco à erudição; mas permanece firme como uma rocha, irremovível, ao redor da qual bilhões de pessoas têm se insurgido ao longo dos séculos, pelos quatro cantos do mundo. Dos príncipes até os camponeses, dos mansos e ingênuos até os sábios ou também os ignorantes, a Bíblia tem passado pelos séculos a inalterada mensagem da descida do homem, e de suas conseqüências, das relações com Deus e da única esperança de salvação.

Falemos agora de sua adaptabilidade. Outras grandes obras têm sido escritas para poucos. Mas a Bíblia é para todos. Ela foi traduzida para praticamente todos os idiomas. O fascínio de suas histórias atrai as mais jovens crianças, os seus sinais e propostas chamam a atenção dos mais profundos estudiosos e eruditos, e ainda contém mistérios nos quais anjo e arcanjo poderiam inutilmente perscrutar. Ela se aplica a tudo, seja a sua História, sua lei, sua poesia, seu estilo literário, suas lições de moral, a sua pronunciada sabedoria e é atual em todos os tempos.

Jamais devemos esquecer que a Bíblia não tem a finalidade de ser um manual científico. Se assim fosse, haveríamos de querer

uma nova edição atualizada a cada poucos anos, pois, mesmo no século XX, ainda não conseguimos chegar a qualquer conclusão da investigação científica. E é bem possível que os mais críticos de hoje serão igualmente alvos de riso, mesmo daqui a dez anos, tal como hoje se riem da Bíblia. Mas se as descrições, na Bíblia, tivessem sido escritas para satisfazer os doutos de nossos dias, elas não teriam sido entendidas mesmo há cem anos e certamente estariam igualmente desatualizadas daqui a cem anos.

A verdade é que a Bíblia está, em partes, muito além de qualquer intermédio humano. Onde quer que o intelecto se detenha, exausto, é dali que Deus começa e a única diferença entre o douto e o ignorante é que um conseguiu avançar alguns centímetros a mais do que o outro no infinito oceano. Os problemas de nosso destino são tais que nos levam a ansiar por uma rocha firme sobre a qual possamos ficar, em vez de uma grande areia movediça. Queremos ser guiados por uma Luz que esteja sempre em fulgurante brilho. A Bíblia nos proporciona ambas as coisas. portanto, agarremo-nos à nossa Bíblia que, por todos os tempos e pelas muitas gerações passadas, tem nos dado os alicerces para o presente, uma Luz para o vale das trevas da mor-
te e esperança para o ilimitado futuro.

Finalmente, falemos sobre sua inspiração e perguntemo-nos qual o significado desta palavra. Significaria que a caneta do escritor estava sob a intervenção de algum agente sobrenatural, e que ele tenha escrito *literatim et verbatim,* independentemente de seu próprio controle? Ou seria o Espírito Santo de Deus tocando as cordas da alma, tal como o vento produzindo uma música ao
passar pelos galhos da floresta?

Será que a inspiração cessou quando as últimas palavras foram acrescentadas à Bíblia? Cada uma das palavras de Verdade é inspirada. O escritor lembra o missionário discursando sobre um palanque. A sua gramática era falha e algumas de suas referências, inexatas, mas um dos resultados daquele discurso foi que dois jovens que o ouviram também queriam se tornar missionários _ e assim fizeram. Certamente o discurso daquele homem deve ter sido inspirado. Se as palavras do pregador, ou do autor do hino, ou do jornalista, têm o efeito de fazer com que o homem pense e reflita acerca das coisas Eternas como nunca antes fizeram, quem poderá negar a sua inspiração?

O Esquadro e o Compasso

Desde os mais antigos textos maçônicos, esses dois instrumentos são mencionados em conjunto e, mais do que o Esquadro sozinho, eles simbolizam a Maçonaria. Em todo o mundo eles são usados como um só conjunto, sendo entendido como um Emblema que representa algo ligado à Maçonaria. As antigas Preleções da Maçonaria se referem a ambos "quando unidos" e, por seus separados usos e aplicações em nossa filosofia maçônica, eles nos ensinam os deveres e obrigações ao nosso semelhante e a nós mesmos. É claro que muito tem sido escrito sobre eles, e o rev. J. T. Lawrence diz:

> Embora o Esquadro venha sempre antes do Compasso, devemos lembrar que não pode ser descrito sem a ajuda do Compasso. Ambos são necessários até mesmo para produzir um ângulo reto. Com eles aprendemos que a retidão de conduta não pode vir senão de uma vida auto controlada.

J. S. M. Ward vê um Simbolismo muito mais espiritual:

> No Volume da Lei Sagrada, o Esquadro está unido ao Compasso. Por si, o Esquadro representa a matéria e, por conseguinte, os nossos corpos. Os seus braços estando sobre o Compasso, que representa o espírito, denotam que o homem, num estado de desenvolvimento espiritual, representado por um Aprendiz, é, mormente, animal, pois o corpo ainda não está sob o controle ativo e completo do espírito. Para uma pessoa assim, é perda de tempo falar sobre as elevadas verdades espirituais, ela deverá, antes de tudo, ser treinada em pura moral, ser ensinada a usar o seu corpo com respeito e -refrear seus instintos e apetites animais. É por isso que ao Aprendiz é simplesmente dito que a Franco-Maçonaria é um sistema de Moralidade, velado em alegorias, etc. Essa sentença é freqüentem ente mal interpretada por aqueles que, no Simbolismo, chegaram ao Terceiro Grau, mas que na realidade ainda estão no estágio de desenvolvimento espiritual de um Aprendiz. Pessoas assim dizem, de forma loquaz, que a Franco-Maçonaria nada mais é do que um sistema de ensinamento de saudável moral e princípios de conduta.
>
> Um limitado conjunto de preceitos é revelado ao Aprendiz, e na prática esse conjunto é ampliado na medida em que ele avança de um Grau para outro e, até mesmo aquele que é revelado no Terceiro Grau não deve ser conclusivo ou final, no sentido de esgotar seu conteúdo. Ele é simplesmente um mínimo e implica que, até que um homem não tenha correspondido a esse mínimo,

> ele não estará apto a um Aprendizado espiritual mais profundo. Assim, no Primeiro Grau, o Esquadro adverte o candidato de que deve devotar a maior parte do tempo ao Aprendizado do controle do corpo. No Segundo, indica que já está apto a aprender um pouco mais sobre as verdades espirituais e no Terceiro, está simbolizando um homem que, tanto quanto possa, obedece conscientemente à voz do espírito em vez do lado animal de sua
> natureza.

W. L. Wilmshurst vê uma especial importância e significado nas várias posições do Esquadro e do Compasso:

> Na ocultação das pontas do Compasso sob o Esquadro, está uma lição altamente instrutiva. Esse posicionamento mostra que o imortal e poderoso espírito do homem está, no momento, limitado e impedido de sua plena função pelas tendências contrárias de seu mortal corpo material. (Na Maçonaria) essa posição deve se tomar invertida. Se o homem precisa aperfeiçoar-se e elevar-se, alcançando a máxima altura e as plenas possibilidades de seu ser, o seu princípio espiritual não deve ficar subordinado à carne, mas sim ganhar ascendência sobre ela. E ao maçom é ensinado como conseguir isso para si próprio, e na proporção em que ele dominar a sua natureza inferior, estará liberando os poderes e as faculdades de seu espírito imortal, elevando-se e tomando-se senhor sobre tudo aquilo que há de carnal e material dentro de si.

A Posição das Grandes Luzes

Segundo a Constituição Inglesa, a regra geral é de que as Lojas devem posicionar as Três Grandes Luzes sobre o Pedestal do Mestre da Loja, e quando a Loja for aberta, o Esquadro e o Compasso precisam ser colocados sobre o Volume da Lei Sagrada. Na Grande Loja e nas Grandes Lojas Provinciais ou Distritais, isso não se aplica necessariamente e, certamente, na Grande Loja, as Grandes Luzes estão sobre um pedestal separado, na frente do pedestal do Grão-Mestre (embora tenha sido alegado que isso tem um aspecto prático, para deixar maior espaço para os papéis do Grão Mestre). Em muitas Lojas é costume que o Pedestal defronte ao Mestre da Loja esteja a certa distância, em direção ao Centro da Loja, com as Grandes Luzes sobre aquele pedestal. Esta prática é uma continuação dos tempos anteriores a 1813 na Inglaterra, quando as Grandes Luzes nas Lojas jurisdicionadas à Grande Loja dos Antigos eram colocadas sobre um Altar no centro da Loja, ou próximo àquele ponto. Já as Lojas dos Modernos

posicionavam este altar na frente do Mestre da Loja. Nelas, os juramentos eram prestados pelo Candidato sendo conduzido até o pedestal do Mestre da Loja, enquanto nas Lojas dos Antigos, o Mestre saía de seu lugar e se dirigia até o local em que estava o candidato.

Essa diferença nas práticas também proporcionou dois métodos usados para a abertura do Volume da Lei Sagrada - seja colocada em posição de leitura pelo Mestre da Loja, ou pelo candidato defronte ao Mestre. O simbolismo do Volume da Lei Sagrada aberto, no que tange aos Modernos, dizia respeito ao dever do Mestre de instruir os seus Irmãos, e instruílos naqueles princípios contidos na Bíblia. Para que isso seja possível, a Bíblia deve ser colocada de tal forma que possa ser lida, e assim seria nesta posição que ela deveria permanecer durante todo o tempo em que a Loja estiver aberta. Caso estivesse sendo realizada uma cerimônia na qual um Juramento devesse ser prestado, o candidato era conduzido ao Pedestal, colocando a sua mão sobre a Bíblia. A Bíblia não estava na Loja apenas para ser usada durante os Juramentos, estava ali como a Palavra de Deus, e para que o Mestre da Loja, a partir dela, pudesse instruir; assim, o fato de o Volume da Lei Sagrada estar em posição de leitura invertida em relação ao candidato, era de somenos importância. No caso do Primeiro Juramento numa Loja dos Antigos, a Bíblia não era colocada para este fim sobre o Pedestal; ela era levada pelo Mestre da Loja até o candidato, onde ficava em sua mão esquerda, e com a mão direita sobre ela. Aqui as circunstâncias eram diferentes, pois a Bíblia não estava em posição para que o Mestre da Loja pudesse, a partir dela, instruir, sendo colocada para um específico uso em separado. Portanto, era costume que ela fosse colocada na mão do candidato para que pudesse, assim, dela ler.

Na reorganização realizada depois de 1813, embora todos os juramentos fossem prestados com o Volume da Lei Sagrada colocado sobre o Pedestal, a questão sobre qual deveria ser o posicionamento do Volume da Lei Sagrada dependeria de qual era o costume adotado pela Loja antes. Se a Loja era jurisdicionada aos Antigos, o Volume era colocado invertido à leitura do Mestre da Loja; se era jurisdicionada aos Modernos, ela seria posicionada em direção ao Mestre. Não há um modelo de trabalho absolutamente padronizado na Constituição inglesa, e pode haver alguma variação nesse sentido, Na medida em que os diferentes trabalhos foram se desenvolvendo, alguns seguiam esse modelo, enquanto outros observam aquele. Mas há algo que foi estabelecido por um Grande Diretor de Cerimônias: a posição do Esquadro e do Compasso deve ser tal que o Esquadro fique ao pé da página sobre o Livro, em qualquer direção que esteja.

As Luzes Menores

A natureza das Luzes Menores e as suas posições na Loja já foram abordadas ao descrevermos a própria Loja. Desde os mais antigos catecismos as Luzes se referem a posição do Sol, tanto com o um lembrete de ser o tempo fugas e o dia regular, como a luz material para ser usada na leitura das Escrituras. A denominação de “luzes menores" surgiu mais tarde na Inglaterra, associando a Preleções dos Antigos, as referências que constam nos antigos catecismos e nas posteriores Preleções associando essas Luzes aos Modernos, citam-nas como as Grandes Luzes da Maçonaria (a Bíblia, o Esquadro e o Compasso, sendo os Utensílios da Loja). Aparentemente, em tempos remotos, elas pareciam estar associadas com o Sol, a Lua e o Mestre, sendo dever deste dar a Luz da Instrução a partir do Livro e por meio do exemplo moral do Esquadro e do Compasso.

As Cerimônias

Toda a Maçonaria é baseada em progresso e este acontece em dois sentidos. Em primeiro lugar, está o principal objetivo do progresso: a busca e a constante aproximação, mas a quê? A máxima perfeição, quiçá inatingível nesta vida, mas aproximar-se o máximo possível dessa meta. Talvez a proliferação de Graus maçônicos no século XVIII foi causada pela percepção de que aquela perfeição é inatingível e que, independentemente do quão positivo o progresso do homem é mantido, sempre haverá algo mais a ser feito, e conseguido. No que tange à Inglaterra, seu lugar de origem, a Maçonaria baseou-se em crenças religiosas, de caráter cristão e mesmo da Igreja estabelecida, considerando a Bíblia como o Livro Sagrado. A Maçonaria usava histórias bíblicas nas Cerimônias e nas Instruções, de tal forma que, quando os graus de um novo caráter eram formados ou, mais apropriadamente, "armazenados", cada um poderia extrair de seu tema mais um aspecto do ensinamento ou história da Sagrada Escritura. Assim, ao longo de toda a vida, o dedicado maçom jamais poderia se considerar satisfeito ou saciado, devendo continuar o seu esforço.

Ao longo dos anos que antecederam essa proliferação e mesmo depois dela, para aqueles muitos que se contentavam somente com os Graus da Maçonaria Simbólica, a meta maçônica era a Perfeição do Terceiro Grau, simbolizada pelo velho maçom como aquela estrutura perfeitamente regular, o Cubo. Esse conceito ainda é expresso no ensinamento maçônico por consideração e respeito dado à pedra bruta e à pedra cúbica. Estas são tratadas como as Jóias Fixas da Loja e, hoje em dia, explicadas no Primeiro Grau. Porém, a dedução e conclusão aí estão: a pedra bruta representa o Aprendiz, enquanto a pedra perfeita, de perfeita forma e esquadro - ou seja, um cubo, exato em todas as suas proporções - simboliza o maçom no declínio dos anos após uma vida regularmente bem vivida em atos de piedade e virtude.

Esta perfeição do cubo, simbolicamente aplicada ao maçom, é elaborada por meio de uma progressão dos três Graus. O Terceiro Grau é considerado, em algumas antigas preleções ministradas em uma Loja, como a forma simbólica de um cubo - uma vez que era este o formato do *Sanctum Sanctorum* do Templo do rei Salomão, tal como nos descreve a Bíblia. As suas dimensões estão resumidas em uma das antigas preleções do Terceiro Grau:

Qual era o seu comprimento?	Sessenta côvados.
Qual a sua largura?	Vinte côvados
Qual a sua altura? -	Trinta côvados, mas vinte côvados de comprimento na parte oeste com uma altura de vinte côvados.
Como se chamava aquele lugar?	- O *Sanctum Sanctorum* ou Santo dos Santos.

O pórtico de entrada estava localizado no leste e levava ao edificio principal, cujo traçado tinha o formato de um duplo quadrado e na parte do fundo, no oeste, possuía um aposento de vinte côvados de comprimento, de altura e de largura, formando um cubo. Assim, os três graus podem ser vistos como um progresso, partindo da parte externa do pórtico, pelas várias partes do Templo, em direção àquele cubo da perfeição, no fundo.

A Enciclopédia Judaica (Keter, Jerusalém, 1971) compara as referências bíblicas e acrescenta outras notas. Ela estabelece que os Templos cananeus originais daquele período e mesmo antes dele, possuíam apenas uma entrada ou átrio. O Templo construído pelo rei Salomão, nesse aspecto, era diferente; além de sua principal entrada, ele tinha outras estruturas em cada lado. Isso significava que o Templo possuía três diferentes aposentos: 1) o pórtico ou entrada (‘ulam), 2) a sala principal para o Serviço Divino (hekhal), e 3) o Santo dos Santos (devir). A planta assim apresentada destaca a tríplice natureza da construção e a progressão partindo do Pórtico ou Entrada, até o Santo dos Santos. As dimensões variam um pouco daquelas apresentadas nas Preleções, mas o formato cúbico do Santo dos Santos é igualmente frisado. O segundo aspecto do progresso é em relação aos acontecimentos ocorridos durante a jornada rumo à perfeição. Isso pode parecer bastante análogo ao tema do Pilgrim's Progress, mas este livro é um produto dos primórdios do desenvolvimento da Maçonaria Especulativa. Esta, possivelmente, tenha sido a moda daqueles tempos, ou John Bunyan (1628-1688

com seus textos, pode ter influenciado o desenvolvimento, da mesma forma que tantos autores fizeram mais tarde. Existem eventos simbólicos ao longo da caminhada pelos Graus, que proporcionam lições a serem extraídas que, se aprendidas, levarão o maçom para mais próximo da perfeição buscada. Este aspecto fica bem mais claro nas cerimônias realizadas no século XVIII do que nos dias de hoje. Certamente, cada um dos Graus pode ter um objeto intermediário próprio, cada um fazendo com que o maçom seja parte da estrada que deve percorrer. Sobre esse desenvolvimento das cerimônias, William Hutchinson assim escreveu:

> Não há dúvida de que as nossas cerimônias e mistérios derivaram dos ritos, cerimônias e instituições dos antigos, e alguns deles vêm das mais remotas épocas. A nossa moralidade é deduzi da das máximas dos filósofos gregos, e aperfeiçoada pela revelação cristã. Os instituidores desta sociedade tinham os olhos voltados ao progresso da religião, e a simbolizavam, tanto no primeiro estágio como no avanço dos maçons. O reconhecimento do Deus da Natureza forma o primeiro estágio de nossa profissão; o culto a Deus sob a lei judaica está descrito no segundo estágio da Maçonaria; e a graça cristã é distinguida na última e mais elevada ordem.
>
> É extremamente difícil rastrear, com segurança, a exata origem de nossos símbolos ou de onde vieram nossas cerimônias ou mistérios.

Hutchinson escrevia sobre as cerimônias de sua época que, na Inglaterra, foram mais tarde adaptadas para o propósito de acomodamento e uniformidade às bases hoje em uso, mas mostra que esta progressão já existia e não por acaso.

No curso das antigas cerimônias, os candidatos eram levados a desfilar ao redor da Loja, algumas vezes fora da assembléia, pois existem várias referências a deparar-se com obstáculos "atrás do" Mestre ou Vigilantes, e algumas vezes no "interior". Isso acabou se tornando parte dos procedimentos da progressão ritualística, pois a progressão era sempre feita no sentido horário - que trazia o candidato da escuridão do Norte, passando pelo leste e, através do Sul, de volta ao oeste[3]• A quantidade de perambulações - ou, mais adequadamente, circungiros - variava de um Grau para outro e dava-se numa progressão de número crescente ou decrescente. Isso era combinado com o elemento de teste ou prova incluído nas cerimônias e possibilitava aos presentes não apenas testemunhar a prova, mas também reconhecer o candidato como sendo

3. A Maçonaria se desenvolveu no Hemisfério Norte, e o movimento aparente do Sol foi adotado pela Maçonaria com os parâmetros daquele hemisfério.

aquele a quem a cerimônia estava sendo dedicada. Há algo referente a isso na Exortação que o Mestre da Loja faz aos Irmãos antes da perambulação do candidato: " ... a fim de mostrar que é um candidato ... "
ou, tal como consta nas antigas preleções: " para que todos os Irmãos presentes possam ver que eu era o candidato ".

É possível que alguns detalhes intermediários dos Graus de antigamente tiveram de mudar com o tempo e com o desenvolvimento da Maçonaria, particularmente quando este se dava em duas Grandes Lojas separadas. Isso também foi afetado pela deliberada reestruturação ocorrida na Inglaterra no que tange às cerimônias em decorrência da fusão das duas Grandes Lojas, em 1813. Uma versão das antigas preleções do início do século XIX nos dá uma boa noção acerca desta questão:

> Quantos são os diferentes Graus na Maçonaria?
>
> - Três que, geralmente, são recebidos sob diferentes nomes, com privilégios distintos em cada um deles e determinados meios adotados para preservar tais privilégios ao justo e ao merecedor. A Honra e a Probidade são as recomendações feitas à Primeira Classe na qual a prática da Virtude é enfatizada e o dever da Moralidade é inculcado, enquanto a mente é preparada para a conversão social e um constante progresso nos princípios do Conhecimento e da Filosofia.
>
> Aplicação, assiduidade e zelo são qualidades que habilitam a Segunda Classe, na qual um correto esclarecimento da Ciência, na teoria e na prática, é dado. O raciocínio humano é cultivado por uma adequada aplicação dos nossos poderes racionais e intelectuais; são apresentadas belas e difíceis teorias, novas descobertas são feitas, e mesmo aquelas já conhecidas são graciosamente embelezadas.
>
> A Terceira Classe é reservada àqueles poucos cuja Fidelidade e Dedicação os distinguiram. Àqueles cujos anos aperfeiçoaram sua experiência, e cujos méritos, capacidade e talentos habilitaram-nos à promoção. Com eles, os antigos *Landmarks* da Ordem estão preservados, e com eles podemos aprender e praticar aquelas tão necessárias e instrutivas lições, que sempre dignificaram a Arte e qualificaram seus detentores a convencer os não-instruídos acerca de sua excelência e utilidade. Eis o modo estabelecido de nossa direção quando agimos em conformidade às nossas normas e regras, a partir daí a verdadeira Fraternidade é cultivada entre as diferentes classes e graus dos homens, a Hospitalidade é estimulada, a Atividade é recompensada, e a Engenhosidade é incentivada.

Esta passagem é uma adaptação feita pelo compilador dessa versão das Preleções na obra *Illustrations of Masonry,* de William Preston, e

ilustra o tipo de empréstimo que ocorreu nesse desenvolvimento, fazendo com que esses trechos fossem acomodados nos trabalhos das Lojas. Um empréstimo de um tipo diferente é mostrado na passagem seguinte, extraído dos textos do dr. Oliver. Ele tomou o conceito básico do separado significado dos Graus da passagem de William Hutchinson mencionados há pouco, embora Oliver estivesse escrevendo sobre as Cerimônias que eram realizadas após os rearranjos introduzidos com a União das duas antigas Grandes Lojas:

> O primeiro passo dado por um Candidato ao entrar numa Loja maçônica o ensina a perniciosa propensão para o deísmo e para a infidelidade; e mostra-lhe que os fundamentos sobre os quais está Maçonaria são a crença e o reconhecimento de um Ser Supremo, o Criador e o Governador do mundo, acompanhados de uma confissão de que é somente Nele que poderá, com toda segurança, depositar uma cega confiança para proteger os seus passos em todos os perigos com os quais poderá se defrontar em sua caminhada nos labirintos do bem e do mal que abundam este mundo, na certeza de que se a sua fé estiver firmemente agarrada naquele Ser Supremo, certamente nada terá a temer. Em relação a esta fé, o Primeiro Grau da Maçonaria o ensina que as suas ações devem ser esquadradas pelos preceitos contidos na Bíblia Sagrada, cujo constante estudo é veementemente recomendado. Ela nos incita à prática dos três deveres da Moralidade: para com Deus, para com o seu semelhante e para consigo próprio. Ela nos lembra do valor do tempo, por meio de um Emblema que assinala a divisão do dia em vinte e quatro partes iguais e é inculcada em sua mente a absoluta necessidade de, regularmente, reservar parte deste tempo para o trabalho, para o descanso e para a adoração ao seu Criador. Ela lhe ensina as Três Virtudes Teológicas (a Fé, a Esperança e a Caridade) e as Quatro Virtudes Cardeais (a Justiça, a Prudência, a Temperança e a Fortaleza); indicando-lhe a necessidade de cultivar o Amor Fraternal, a pedra fundamental, a glória e o cimento da Instituição; ela o incita ao dever de aliviar as necessidades de seus semelhantes com as superfluidades de sua própria essência e, em todos os lugares, em todas as ocasiões, manter-se estritamente fiel, como um grande e efetivo meio de agradar a Deus. Estas são todas emanações da fé que o Candidato declara ao ser Admitido. Nós temos Três Luzes em nossas Lojas. O que elas assinalam? Elas se referem aos três preceitos do Profeta Miquéias, que nós, como Maçons, temos a obrigação de agir com justeza em todas as transações da vida: a amar com Misericórdia e a caminhar com Humildade com nosso Senhor.

Nos cingimos de branco, como um Emblema da Inocência e da Integridade que deve sempre distinguir um maçom Livre e Aceito. Todas as nossas Jóias têm uma tendência Moral e não existe qualquer imagem, letra ou caractere na Maçonaria que não destaque algum dever Moral ou Teológico.

Ao passarmos para o Segundo Grau, o primeiro objeto que nos surpreende é o Símbolo de um Deus Eterno, que haverá de, por todo o sempre, nos recompensar ou punir conforme as nossas ações e nossos atos. Neste Grau, nós somos solenemente lembrados de que o Olho da Providência que Tudo Vê observa as nossas ações e atos, e registra cada palavra e pensamento impróprio, pelos quais haveremos de responder no Dia do Julgamento. A Estrela neste Grau denota aquela aparição sobrenatural no Céu que orientou os sábios do Oriente até o local onde o Deus Encarnado estava preparado para receber as ricas oferendas de sua adoração.

Quando o véu do Terceiro Grau é levantado, nos deparamos com uma série de fatos históricos e cerimônias que ilustram muitas passagens das Escrituras judaicas e se referem às Verdades de nossa sagrada fé. Este é, de fato, chamado de um Grau Sublime, pois contém a essência da Pureza e da Luz.

Este Grau tem uma referência à revelação cristã, quando o dia da Salvação é mais plenamente revelado, a expiação do pecado é feita e a Ressurreição do morto plenamente comunicada e confirmada pela Ressurreição do Cristo de sua sepultura.

A Base e o Fundamento dos Graus

Para os maçons na época do desenvolvimento dos Graus, o Primeiro e Segundo Graus, juntos, constituíam um progresso natural que era entendido por sua similaridade ao método da organização mercantil. A prática comum era a de admitir um Aprendiz e, decorrido determinado período, ser qualificado como um artesão ou artífice, embora isso não fosse observado muito antes da seqüência maçônica e, provavelmente, as razões para tanto foram afetadas por outras influências na Arte, tornando-se comum que ambos os Graus fossem outorgados na mesma noite. Isso fazia com que o Iniciado passasse à condição básica de um Artesão, tal como entendido em todos os ofícios e era neste Grau que ele ficava até que viesse a se tornar um empregador, dando, assim, um novo passo de natureza mais responsável. Quando isso ocorria, ele se tomava um Mestre, algo ao qual todos os Artesãos não devem aspirar na mesma forma que um Aprendiz procuraria se qualificar para chegar a ser um Artesão. O Terceiro Grau na Maçonaria,

Grau de Mestre Maçom, era semelhantemente aspirado e a sua seria posição não era algo a ser conseguido com facilidade. È somente deste Grau que o Mestre da Loja poderia ser escolhido, os postos mais elevados na Ordem estavam abertos aqueles que estavam no Terceiro Grau. William Preston assim enfatIza o status deste grau:

> Nele são preservados os antigos *Landmarks* da sociedade e o Oficial experiente e engenhoso está qualificado para desempenhar todos os deveres e obrigações da Ordem com honra e boa reputação. São poucos, de fato, aqueles que chegam à sabedoria deste Grau, mas uma coisa é certa: aquele que merece os privilégios de um Mestre Maçom aqui encontra a sua justa re- . compensa. Uma recompensa que amplamente justifica todo o trabalho e a assiduidade que sempre dedicou. Ao empregar as suas habilidades e talentos na busca do conhecimento útil ele demonstra a sua sabedoria e, com toda justiça, tem o direito a ser respeitado e venerado. É desta classe que os nossos governantes e dirigentes devem ser selecionados, pois é somente daqueles que são capazes de instruir que podemos esperar ser instruídos.

Mesmo durante algum tempo depois da reestruturação de 1813, havia uma distinção entre as reuniões que estavam abertas a Companheiros e aquelas restritas a Mestres Maçons, e algumas eram abertas somente àqueles que já haviam passado pela Cadeira de Mestre de Loja. Durante muitos anos, até o início do século XIX, Lojas de Mestre eram convocadas, em separado, para que fosse conferido o Terceiro Grau e foi algum tempo depois que começou a ser aplicada a prática atual de esperar que cada Iniciado automaticamente avance pelos outros dois Graus.

O Primeiro Grau

o ,Simbolismo do Primeiro Grau começa com a preparação, Nesta oportunidade e durante a Cerimônia que segue, observa-se uma forte ênfase no "esquerdo", e isso foi explicado nas antigas preleções como sendo o lado esquerdo do corpo de uma pessoa normal o seu lado mais fraco, assim sendo, está associado com a introdução de um Aprendiz por ser ele o mais elementar Grau da Maçonaria, A questão da destituição de todos os metais foi abordada em outro capítulo e denota não apenas a pobreza da qual uma moral pode ser extraída, mas também que os privilégios da Maçonaria não podem ser comprados e que a introdução de metais numa Loja, Simbolicamente representada pelo Templo do rei Salomão, poderia poluí-la. A remoção dos sapatos denota que, para os maçons a Loja é um Solo Sagrado dedicado à adoração e ao serviço de Deus e baseia-se na prática comum a muitas religiões do mundo de tirar os sapatos antes de adentrar um lugar de

adoração. Algumas das antigas preleções e as referências abundantemente encontradas nas Escrituras nos oferecem outro simbolismo baseado na citação do Livro de Ruth, 4:7:

> Outrora, em Israel, para confirmar qualquer negócio relativo à remissão e à permuta, o homem descalçava o sapato e o dava ao seu próximo e isto era por testemunho em Israel.

O ato de se entregar um sapato era, portanto, tido como um símbolo de confirmação da intenção de observar, por meio dos compromissos assumidos no decurso da cerimônia, uma promessa de boa-fé, em acréscimo a qualquer outra promessa e simbolismo visto no ato.

O uso de uma corda no pescoço também tem uma série de explicações. Em alguns antigos rituais, está especificada uma referência bíblica, I Reis, 20:32:

> Então cingiram sacos aos lombos e cordas aos pescoços e, indo ter com o Rei de Israel, disseram-lhe: Diz o teu servo BeneHadade: Deixa-me viver, rogo-te. Ao que disse Acabe: Pois ainda vive? É meu irmão.

Daí se depreende o uso da corda no pescoço como um símbolo de submissão. (A referência a "sacos aos lombos" também é, muitas vezes, citada como uma justificativa para o uso do avental como um emblema). Nas cerimônias da Grande Loja dos Antigos, era costume em algumas Lojas usar a Corda de Nó Corrediço nos três Graus, sendo amarrado duas ou três vezes nos outros Graus. A razão dada para esta prática era que a cada sucessivo compromisso, o candidato se amarrava não apenas uma vez, mas duas ou três vezes e o uso da corda desta forma era um símbolo de servidão. Outras explicações indicam que isso possibilitaria que o candidato fosse reconhecido em caso de rompimento e fosse trazido de volta; ou que uma corda sendo usada por alguém em um país hostil como símbolo daquilo que aconteceria se ele fosse pego espionando parece algo um tanto quanto grotesco. E aquela como um sinal de submissão, à parte da explicação prática que o Mestre da Loja apresenta no decurso da Cerimônia, parece ser a mais razoável.

Em uma versão das antigas preleções, assim consta:

> O estado de escuridão ou trevas do Primeiro Grau, de maneira bastante marcante, simboliza a escuridão e o caos reinante antes da criação do homem, ou a noite na qual foram mergulhados os descendentes em conseqüência de sua transgressão original. É também fortemente emblemática da escuridão do ventre que antecede o nascimento natural do homem, a dor infligi da em sua entrada adequadamente representa as suas angústias, e ambas as sensações de sua entrada na Loja desta quadriculada vida, tal qual um exausto viajante encontrado num sombrio

> e inóspito deserto. A. sua sofrível condição Sugere-lhe desolada e desamparada situação do homem num estado natural, e ensina-lhe o valor as ações mutuamente praticadas, e o exorta a estender sua ajuda aos outros, tanto quanto gostaria para si próprio - confortando o aflito, saciando o faminto e vestindo aquele que esta nu. Ele é trazido à luz do mundo e à luz da sabedoria pela ajuda a seu próximo, sua investidura é fortemente significante da primeira vestimenta da raça humana, e assinala o modesto propósito da vestimenta primordial. Suas ferramentas são os toscos implementos do gênio não instruído e os grosseiros emblemas das mais simples verdades morais, denotando o árduo trabalho que o esforço' humano deve suportar quando não assistido pelos eficientes dispositivos de uma educação.

Essa questão sobre a escuridão e a luz na Maçonaria é abordada em outro capítulo, quando tratávamos das Luzes especiais na Loja. Uma vez dentro da Loja, a cerimônia inteira é simbólica de uma série de provas, testes, provações, para mostrar que o candidato é valoroso e digno. Em algumas outras Constituições, nas quais a cerimônia se desenvolveu de forma diferente, essas provas e provações são de uma natureza ainda mais espetacular e proporcionam a oportunidade para muitas homilias, mais do que a cerimônia normal sob a Constituição Inglesa. Porém, o simbolismo do teste e da provação ainda existe: a crença em Deus, uma postura humilde e austera, pobre e sem dinheiro, e num estado de escuridão, tudo sendo provado à Loja reunida, além da declaração de uma apropriada abordagem à Maçonaria. É somente depois desses testes que a cerimônia, em si, continua e, após serem assumidos os devido compromissos e feita a Investidura uma Instrução sobre a Maçonaria e dada. Essa instrução costumava se; mais extensa há duzentos anos, e mesmo o reestruturado sistema determinou que deveria ser ministrada ao candIdato uma plena explanação do simbolismo do Painel da Loja. Sobre alguns aspectos da cerimônia, o dr. Oliver tinha algumas opiniões:

> A "genuflexão" era usada desde os primórdios do mundo como um ato de devoção em homenagem a Deus. Na realIdade, é uma correta expressão de humIldade e e reverencia de uma criatura mortal ao Grande Criador de sua existência. Plínio diz "nos joelhos do homem repousa uma certa reverencia religiosa que, inclusive, é observada em todas as nações do mundo. Os suplicantes se agacham e se prostram de joelhos aos superiores; de joelhos são por eles tocados, de joelhos eles alcançam suas mãos; de Joelhos eles veneram e adoram tão religiosamente como os altares dos deuses".

> No sistema do Cristianismo, este costume prevalece universalmente em obediência aos repetidos mandados de Cristo e de seus Apóstolos. Neste caso, a genuflexão é descrita como um apropriado e aprovado ato de devoção e um dos Pais da Igreja conferiu à genuflexão um caráter ainda mais elevado. Assim diz ele: "Quando dobramos o joelho, representamos a nossa queda em Adão e quando nos erguemos, tendo recebido o beneficio da prece dirigida ao Trono da Graça, representamos a restauração em Cristo pela graça de Deus, por meio de quem nos é dado elevar os nossos corações ao *Céu".* O candidato à Maçonaria é orientado a dobrar o seu joelho com um semelhante significado. Ele se encontra num estado de escuridão intelectual, no que tange a Ciência à qual ele está prestes a ser Iniciado. A sua mente ainda não iluminada pelos fúlgidos raios do conhecimento maçônico, se dobra ante o "Divino Iluminador", na humilde esperança de que o seu entendimento possa ser aberto e as suas faculdades mentais aprimoradas pelo processo da Iniciação, começada com uma devota súplica e uma inabalável crença naquele Grande Ser, cuja exclusiva benesse pode proporcionar proteção e ajuda em todas as dificuldades e perigos aos quais ele possa ser submetido, como provação de sua paciência, força moral e fervor.

Costumamos nos referir às cerimônias da Maçonaria como sendo realizadas em tomo do Templo do rei Salomão. A própria Loja é uma representação daquele Templo, tal como já abordamos nos capítulos que dele tratam. A partir do século XVIII, o Mestre costumava ser colocado no leste da Loja, e ambos os Vigilantes tinham os assentos no oeste, cada um deles representando uma das Grandes Colunas situadas no Pórtico do Templo do rei Salomão. Assim, a entrada do candidato pelo oeste se dava por entre essas duas Colunas e simbolizava o início de sua jornada através do Templo. As alterações introduzidas a partir da segunda metade do século XVIII fizeram com que os Vigilantes passassem a ter os seus assentos ao Sul e a oeste, fazendo com que a entrada do candidato em todas as Lojas sob a Constituição inglesa depois de 1813 (teoricamente, após 181 0) deixasse de ser uma entrada simbólica ao Templo passando pelas colunas. Na cerimônia reestruturada, a concentração da instrução do candidato no Primeiro Grau não está particularmente preocupada com o Templo ou com a sua construção. Com a transferência ao Segundo Grau do simbolismo das duas grandes colunas do pórtico ou entrada do Templo, algumas diferentes interpretações chegaram a ser colocadas em certas partes da cerimônia de iniciação. É levada ao conhecimento do candidato a existência do Templo e dos seus arredores, mas num sentido geral, sem entrar no âmbito de sua construção. O seu Aprendizado será dirigido aos arredores do Templo, e

não ao edifício propriamente dito. A primeira visão que terá será a das Três Grandes Luzes, e sua atenção será atraída pela grandiosidade dessas L~~ zes. Ele receberá. uma breve explanação sobre alguns aspectos simbólicos do Esquadro, pOIS este Instrumento que caracteriza a Maçonaria dificilmente poderia ser deixado de lado; o Compasso está virtualmente oculto e a ele é feita apenas uma menção superficial. E o Livro Sagrado que, essencialmente, é a Grande Luz que tem uma especial importância neste Grau pois será na Verdade e na Virtude Moral expressa naquele Livro que s~ concentrará o seu principal estudo em seu Aprendizado. Ele aprenderá acerca da Fé e da Esperança, e particularmente da Caridade, aqueles três degraus da Escada pela qual poderá ascender. Ele aprenderá acerca da Sabedoria, da Força e da Beleza e o seu significado como Colunas que sustentam a Loja, também aprenderá sobre as dimensões de uma Loja maçônica, o seu Piso e os seus ornamentos. Os instrumentos e ferramentas de trabalho às quais ele será apresentado dizem mais respeito à preparação do que à construção, propriamente dita e a sua única introdução à construção abordará a Pedra Fundamental. Porém, quando tiver tomado um conhecimento mais próximo da Palavra de Deus e dos atributos da Ordem e de seus membros, ele se tomará apto a adentrar o próprio edifício.

o Segundo Grau

Quando ficou estabelecida a posição dos Vigilantes na Loja, estabelecendo-os, finalmente, no oeste e no Sul, aportando alguma mudança no Simbolismo do Primeiro Grau, William Preston ficou preocupado com a estrutura do simbolismo no Segundo Grau. O seu conjunto de preleções mostra um diagrama da Loja do Segundo Grau com o Segundo Vigilante posicionado de volta a seu lugar primitivo no oeste, alinhado ao Primeiro Vigilante, de forma tal que o candidato pudesse agora, simbolicamente, entrar no Templo por entre os Vigilantes que representam as duas grandes colunas, para em seguida prosseguir até a escada que leva à Câmara do Meio do Templo. Essa prática deixou de ser adotada na Inglaterra co~ a reestruturação das cerimônias dos Graus depois da União das duas antigas Grandes Lojas em 1813. Todo o Segundo Grau é parte do avançO geral do Candidato e, nesse caso, partindo de fora do próprio Templo, ainda conforme a rota sugerida pelo método de Preston, em direção a um lugar central. Ali se descobre algo que o candidato vinha, sem saber, procurando - a manifestação de Deus como o Grande Geômetra do Universo. ASSIm, com a descoberta inicial Dele e maior familiaridade com a Sua obra noS arredores externos do Templo e, a partir daí, ganhando acesso a ele, começa a surgir maior apreciação e reconhecimento de Sua Onipotência como Criador e Controlador do Universo.

O destaque no Primeiro Grau é dado sobre as coisas da "esquerda" e no Segundo Grau, sobre as da "direita", enfatizando a antiga conexão entre estes dois Graus como complementar. Nos tempos antigos, o lado direito era considerado, em termos de força, superior ao esquerdo e, assim sendo, o "direito" simbolizava um Grau mais elevado. O Esquadro, a segunda das Grandes Luzes da Maçonaria, é o símbolo especial deste Grau, pois todo ele se baseia no uso do Esquadro. Mesmo o tríplice sinal deste Grau é uma combinação de vários "Esquadros" e é possível perceber que este Sinal tenta formar a letra "G", simbolizando a Geometria, que é o principal estudo deste Grau, do qual o Esquadro é de suprema importância. A importância e o significado desta letra e da Geometria em relação à Maçonaria, bem como a do Esquadro, são apresentados em outros capítulos; mas é neste Grau que o candidato é introduzido ao uso desses princípios e Instrumentos na construção do Templo.

O desenvolvimento deste Grau ao longo dos anos significou que, em alguns aspectos, o seu simbolismo ficou um tanto quanto misturado. Isso está fadado a acontecer em circunstâncias de desenvolvimento independente em diversos lugares, seguidos pela reestruturação, provavelmente baseado numa medida de compromisso e afetado pelas mudanças posteriores estabelecidas por outros motivos. Por tudo isso, o Segundo Grau tem um especial significado próprio e mostra o candidato como um artífice na metade de seu caminho. Trata-se de um Grau tranqüilo, cheio de paz e sossego, com algum sentimento de realização. Em seu avanço pela Loja, saindo do oeste indo para o leste, ele chegou ao centro desta, a meio caminho entre o Primeiro Vigilante e o Mestre da Loja, onde, antigamente, estava exposta a letra "G". Em muitas delas, no Centro do Pavimento Mosaico, havia uma estrela de cinco pontas no interior da qual esta letra era colocada quando a Loja era aberta neste Grau - e isso tendia a enfatizar que o número "cinco" poderia ter alguma associação com ele. Embora diversos números de importância maçônica apareçam nela, o "cinco" aparece mais do que os demais (seria a hipotenusa do triângulo retângulo?) como que ressaltando ser este número particularmente relacionado ao Companheiro.

Se tomarmos o ponto central da planta-padrão de uma Loja e, usando-o como um centro, descrevermos um arco de círculo com um raio igual à metade do comprimento dela (isto é, a distância tomada do centro ao Pedestal do Mestre da Loja ou do Primeiro Vigilante), este arco, ao lado sul, deverá passar pelo Pedestal do Segundo Vigilante. Euclides nos diz que duas linhas são desenhadas tocando as extremidades do diâmetro de um círculo - digamos, entre os Pedestais do Mestre da Loja e do Primeiro Vigilante - encontrando-se em qualquer ponto da circunferência daquele círculo - digamos, o Pedestal do Segundo Vigilante - o ângulo formado por estas duas linhas será de 90°, um ângulo reto. Assim, deve ser a verdadeira configuração da planta da Loja no que diz respeito às posições dos Principais Oficiais, formando um triângulo reto, com o Segundo Vigilante

no ângulo reto. Esta parece ser uma mudança introduzida deliberadamente em algum momento, talvez por este motivo e, no que tange ao Segundo Grau, quem melhor do que o Segundo Vigilante, sentado exatamente onde este ângulo é formado, para nos dizer na Abertura da Loja que ele será examinado pelo Esquadro, que é um ângulo de 90°? O arco do círculo que descrevemos vai do leste para o oeste, passando pelo Sul, e representa a trajetória diária do Sol. Todos os presentes sentados em volta deste arco estão na ponta de um ângulo reto em relação ao eixo central da Loja.

Os hieróglifos ou a Tábua de Delinear deste Grau ilustram agora os detalhes do Templo em seu acesso à Câmara do Meio, com especial referência às duas grandes colunas situadas à entrada e à escada que conduzem à Câmara do Meio. Em certos trabalhos ritualísticos, vez ou outra surge alguma confusão quanto à justaposição dessas duas características: sobre as quais o ritual inclui palavras tais como:

> ... Os Companheiros recebiam os seus salários em espécie, iam receber na Câmara do Meio do Templo. Eles chegavam até lá pelo pórtico ou entrada do lado Sul. Depois que os nossos antigos Irmãos passavam pelo pórtico, chegavam ao pé da escada em caracol que conduzia à Câmara do Meio.

Nesta versão, não fica completamente claro se "do lado Sul" se refere: a) uma entrada separada no lado Sul do Templo, enquanto a entrada principal, com suas duas Grandes Colunas, estava situada no leste, ou; b) ao lado Sul do pórtico na entrada principal, depois de passar por este. Os desenhos das Tábuas de Delinear nunca tiveram um caráter oficial, e os responsáveis por sua concepção sempre tiveram liberdade para aplicar a sua própria interpretação, e alguns têm duas ilustrações separadas mostrando as duas entradas, indicando que eles leram a passagem em conformidade ao significado descrito na opção "a)" acima. Nas antigas preleções e na Bíblia, podemos encontrar alguma ajuda para saber de onde nossos antepassados obtiveram as informações básicas e como eles as interpretaram. Eles não tinham dúvida de que o significado mencionado na opção "b)" (acima), era a que pretendiam. Para eles, uma Escada em Caracol era, geralmente, muito estreita, apertada e encostada numa parede (muitas escadas assim ainda podem ser encontradas em prédios antigos), e esta era ampla, logo depois do pórtico, cujo acesso era logo após passar as duas grandes colunas. Em I Reis, 6:8, assim consta:

> A porta para a câmara do meio estava do lado direito da casa e por escadas espirais subia-se ao andar do meio, e deste ao terceiro.
>
> Uma das versões das antigas preleções nos diz que:
>
> Depois que os nossos antigos Irmãos passavam por aquelas duas grandes colunas, onde chegavam?

- Chegavam ao pé de uma escada em caracol.

Nas Preleções de Preston, o Companheiro, após passar pelas Colunas situadas no Pórtico, chegava à Entrada ou pé da Escada em Caracol que levava à Câmara do Meio. Outra citação extraída de uma diferente antiga Preleção confirma isto e também relaciona o lado direito com o Sul, tal como mencionado no trecho bíblico:

Disseste terdes chegado à Câmara do Meio do Templo subindo por uma escada em caracol; dizei como chegaste a esta.

- Passando pelo pórtico.

Vistes algo notável ao chegardes ao pórtico?

- Sim, vi dois grandes Pilares ocos de bronze, um à direita do Pórtico, e outro à esquerda.

O que significa "à direita"? - O Sul.

O que significa "à esquerda"? - O Norte.

Por que isto?

- Porque os hebreus expressam o leste como "à frente", o oeste como "atrás", o Norte "à esquerda" e o Sul "à direita", em conformidade à posição de um homem que tem o rosto voltado ao Sol nascente.

Assim, os maçons do século XVIII entendiam que a escada em caracol deveria estar logo após ter passado pelas grandes colunas, à esquerda daquele que entra (ou seja, no lado Sul - e à direita de quem sai). Muitas Tábuas de Delinear que têm duas ilustrações mostram no desenho principal a imagem de uma Escada ou o acesso a ela, logo após as colunas no lado Sul. Isso deve ter causado, àqueles que gostariam de dar uma explicação mais clara, alguma dificuldade em traçar a ilustração de uma escada em caracol com a apropriada entrada em seu topo. A segunda parte do desenho parece, então, ser uma representação estilizada de uma escada em caracol, embora algumas Lojas tentem reproduzir os degraus tal como ilustrados neste segundo desenho.

Há pouca dúvida de que os nossos antepassados viram, conforme citado na passagem em I Reis, a terceira câmara como a ascensão do Segundo para o Terceiro Grau. W. L. Wilmshurst vê um importante significado da Escada no Segundo Grau. Ele considerava que, simbolicamente, o progresso, num sentido moral, deve ser para cima, Assim, esta subida pela Escada até a Câmara do Meio e, continuando, à Terceira, representava especial avanço moral. A quantidade de degraus da escada, à qual o texto bíblico não faz referência, tem sido engenhosamente usada por aqueles que, ao longo dos anos, têm escrito sobre a história dos hieróglifos de uma "Loja" de Companheiro, destacando algumas questões significativas naquilo que o Dr. Oliver chama de "Geometria Moral".

Em um sistema em que quase todos os iniciados automaticamente continuam sua caminhada pelos outros dois Graus da Maçonaria Simbólica, a Passagem parece ter perdido boa parte e sua Importância original No sistema de dois Graus, que existia até provavelmente o final da década de 1720, o Segundo Degrau, na Maçonaria da Inglaterra era o de "Companheiro ou Mestre e como este ultimo pode ter tendido a se tornar uma prerrogativa dos Mestres de Loja,. um Grau intermediário começou a tomar forma, originado daquele da Iniciação, pois esta claro que os segredos desses dois Graus tal como apareceram mais adiante naquele século, eram dados no Primeiro Grau na década de 1720. Pode ser que os Cinco Pontos de Fraternidade de grande antiguidade, possuam este nome por terem sido, originalmente, 'encontrados no Grau mais alto do sistema de dois Graus, mas mantiveram o mesmo nome quando aquele Grau se tomou um Terceiro Degrau, conhecido como o Grau de Mestre. Mais tarde, o Segundo Degrau deixou de ter a mesma importância e significado que possui a estrutura e a solenidade do Terceiro que, quando todos a ele chegaram, tomou o candidato em igualdade de nível com a maioria da Loja, Mas é um Grau necessário e deveria ter um especial significado como parte do avanço maçônico para todos os maçons conscientes, Ele representa realização, se refere à recompensa pelo trabalho - uma preparação necessária para o passo seguinte. Ele demonstra que aqueles que foram tão longe pela preparação por meio do Aprendizado e maior sabedoria pela sua entrada no Templo podem, pela conduta reta, passos equilibrados e pelas elevadas intenções, encontrar seus semelhantes com a cabeça erguida e aceitar seu justo dever sem escrúpulo ou hesitação. Um sentido de pertinência e de trabalho bem feito.

W. L. Wilmshurst assim resume a sua opinião sobre o simbolismo do Segundo Grau:

> O trabalho do Segundo Grau é... um trabalho puramente filosófico, envolvendo uma profunda auto-análise psicológica, experiência de fenômenos incomuns, na medida em que as faculdades psíquicas da alma começam a se revelar e a percepção da Verdade abstrata (antes chamada de Matemática). Todo este trabalho está bem além do horizonte mental e a capacidade do mediano maçom moderno, embora nos mistérios da antigüidade a *Mathesis* (ou disciplina mental) fosse uma singular característica e produzisse os gigantes da filosofia grega. Daí é que hoje o Grau é visto como tedioso, insosso e pouco atraente; uma vez que a experiência psíquica e os princípios intelectuais não podem se fazer espetaculares e dramáticos,
>
> O ritual diz que os nossos antigos Irmãos deste Grau se reuniam junto ao pórtico do Templo do rei Salomão, Esta é a maneira e dizer que a filosofia natural é o pórtico da realização da Sabedoria

Divina; que o estudo do homem conduz ao conhecimento de Deus, revelando ao homem a divindade máxima que existe na base da natureza humana. Platão chamava este estudo ou esta auto-análise de Geometria, mensuração da terra, a investigação, a sondagem e a determinação dos limites, as proporções e as potencialidades de nosso organismo pessoal em seus aspectos físicos e psíquicos. A consciência natural normalmente é direcionada para fora; percebe apenas os objetos exteriores; pensa apenas numa Deidade externa, separada e distante de nós. Ela pode tão-somente perceber sombras, imagens e ilusões. A Ciência dos Mistérios determina que aquele processo deve ser revertido. Ela diz: "Assim como simbolicamente fechou a porta de sua Loja e impediu a entrada de todos os forasteiros e intrusos, você deve impedir a entrada de todas as percepções de imagens externas, todos os anseios por coisas exteriores e conforto material, voltando toda a sua consciência e aspirações para dentro. Pois o Princípio Vital e Imortal- o Reino do Céu - está dentro de você e ele não será encontrado fora."

O Terceiro Grau

Desde há muito tempo, mesmo antes do início do século XVIII, quando havia apenas um só sistema de dois Graus na Maçonaria, este mais elevado Grau tinha um especial significado e, sob as primeiras Constituições, ele apenas poderia ser conferido na própria Grande Loja. Essa condição mudou rapidamente, logo seguida por uma divisão do Grau inferior em dois Graus, assim perfazendo um sistema de três Graus, mais coerente com o conceito de numeração ímpar - ou, quiçá, por superstição - tão afeito aos maçons de então. Mas o Grau de Mestre, tal como Preston declarava ao final do século, ainda era algo especial e alcançado por poucos. Certamente, esta era a prática na Grande Loja de 1717 ou dos Modernos, embora, com o passar do tempo, o avanço completo pudesse ser mais facilmente conseguido na rival Grande Loja dos Antigos. Uma das razões para isso pode ter sido a proliferação de Graus adicionais que tendiam a ser trabalhados numa Loja normal entre os Antigos e não como organizações separadas. Os Antigos também consideravam o Grau do Arco Real como o verdadeiro cerne de sua Maçonaria. Os Modernos nada tinham a ver, oficialmente, com outros Graus que não os três básicos e suas cerimônias de Maçonaria Simbólica, recusando-se até a reconhecer oficialmente o Arco Real que estava organizado separadamente para os Modernos sob um Grande Capítulo. Se os Antigos buscavam uma progressão normal por meio de todos os Graus que praticavam, então, por mais importante que pudesse ser o candidato ao

Arco Real e a outros Graus adicionais devia primeiro ter completado os três Graus do simbolismo.

Existem algumas evidências de que, inicialmente em seus primórdios, Grau era reservado aos dirigentes da Ordem - e que exigia algumas qualificações - e não a qualquer outro Irmão apenas interessado. Durante boa parte do século XVIII, as Lojas que eram convocadas apenas para a conferência do Terceiro Grau eram chamadas de "Lojas de Mestre" e eram sempre realizadas em complementação às sessões regulares. Para tanto, apenas Mestres maçons eram convocados.

Neste Grau, é a terceira das Grandes Luzes que concentra a atenção.

O Compasso esta relacionado a Círculos e quando a atenção do Candidato é dirigida para as Grandes Luzes, é para demonstrar que ele chega agora a um ponto em que este importante instrumento está liberado para o seu uso permitindo-lhe traçar um círculo completo. Nos graus anteriores, o Sol era mostrado em seu curso sobre a parte de um Círculo e um Ponto no Centro foi descoberto. Mas agora este ponto no centro pode ser usado para traçar um círculo completo para demonstrar os limites que as nossas obrigações maçônicas prometeram no Primeiro Grau, quando, pela primeira vez, tomamos conhecimento daquelas Grandes Luzes. Controle e definição são as mensagens gêmeas que ele dá e estão relatadas na completa Instrução do Terceiro Grau, pois o maçom deve reconhecer as obrigações, deveres e responsabilidades, e então exercer um apropriado controle sobre si mesmo e cuidar para que sejam colocados em prática. Este centro, o desconhecido objeto de busca na Câmara do Meio no Segundo Grau, mostra-se agora não como um fim, em si, tal como parecia ser no Segundo Grau, mas como uma etapa na longa estrada e um ponto de partida para a etapa seguinte. Ao definir o ponto no interior do círculo, o Segundo Grau preparou o candidato o qual tem um ponto definido sobre o qual deve colocar a perna fixa do Compasso que agora está apto a usar. Um círculo, uma figura completa contida por uma linha contínua, é uma figura complexa e mística que requer estudo mais intenso do que o aplicado a figuras mais simples, como o triângulo e o quadrado anteriormente estudados e, assim assinala-se o progresso. O candidato neste Grau adquire a consciência de que Deus é o verdadeiro Centro da Loja. É ao redor Dele, tendo Ele como o ponto inicial, que estabelecemos os limites de nossas vidas, de nossos deveres e obrigações e de nossas ações. Na Abertura de uma Loja de Mestre Maçom, é feita uma menção ao Círculo e ao seu centro e como é pelos limites assim estabelecidos, um Mestre Maçom não pode errar. O círculo sempre foi um símbolo da Eternidade, pois a linha que o compreende não tem começo ou fim. Este lembrete da Eternidade é também a lição da Alegoria que compreende o trabalho do Terceiro Grau.

O padrão e o simbolismo desta cerimônia são diferentes daqueles pejos quais o Candidato já passou antes. Isso era ressaltado antigamente por uma Tábua de Delinear combinando os conteúdos dos dois graus anteriores,

mas uma Tábua de hieróglifos foi adotada bem cedo no Terceiro Grau. Na reestruturação das cerimônias, em 1813, algumas provas de estar o candidato apropriadamente qualificado foram introduzi das neste Grau. É incerto se isso foi adotado no cerimonial em suas formas anteriores. Uma perambulação e um avanço em direção ao leste seriam, provavelmente, as únicas semelhanças nas elevações feitas no final do século XVIII, em relação às outras cerimônias. Este era um Grau que se relacionava com a terceira dimensão. Ao alcançá-lo, o candidato estava apto a reconhecer um corpo sólido e fazer um nítido avanço à perfeição - a pedra verdadeiramente aparelhada, o cubo.

O tema do Grau é, conforme muitos autores especulativos, encontrado em diversas religiões na forma de alegorias ou lendas nos antigos mistérios. A mensagem é clara: que a verdadeira fidelidade aos seus princípios somente pode ser mostrada ao ser preparado para, caso seja necessário, fazer um supremo sacrifício pelo qual a verdadeira imortalidade pode ser obtida. W. L. Wilmshurst diz:

Portanto o Terceiro Grau é o da mística morte, do qual a morte física é figurada, tal como é, no Primeiro Grau, o nascimento físico representando o ingresso no caminho da regeneração. Em todos os sistemas do passado, baseados nos mistérios, podemos encontrar este Grau de morte mística como uma notável e essencial característica que antecede o estágio final da perfeição ou da regeneração.

A Combinação dos Três Graus

Antes de ser explanada a alegoria do Terceiro Grau ao candidato, é chamada a sua atenção para um retrospecto daqueles Graus pelos quais ele já passou, com o propósito de dar-lhe uma apreciação da independência dos três. Ao maçom que não deu muita atenção a essas palavras ou de suas relações intrínsecas, a única dependência e relação pode bem parecer não passar de regras e regulamentos que o impedem de receber os Graus seguintes antes de ter passado pelo anterior. Ele pode reconhecer a delicada explanação dos dois Graus anteriores, mas é pouco. No decorrer da cerimônia, a menos que a apropriada ênfase seja cuidadosamente empregada, pode deixar de haver um significado de maior profundidade. Mas a conexão e a dependência existem e estão presentes. W. L. Wilmshurst diz:

Todo o simbolismo não passa de um compreensivo hieróglifo ou de um diagrama pictórico da condição de um candidato que aspira ao Grau de Mestre Maçom. Como sumo sacerdote de seu Templo pessoal, deve ter sob controle a sua própria natureza corporal e os seus variados desejos. Ele deve ter desenvolvido a força

de vontade e de caráter para "pisar" sobre este piso xadrez e resistir a seus encantos. Ele também deve ser capaz e apto a galgar os degraus de sua escada em caracol interior de educar e habituar a sua mente a estados elevados de consciência e determinar, assim, que estará indiferente às percepções sedutoras ou amedrontadoras que poderão vir a afligi-lo. Pelo cultivo desta "Força" e pela capacidade de se "Estabelecer" acima dos mais altos níveis conscientes, ele terá as duas colunas ao Pórtico de seu Santuário interior - ou seja, o físico e o suporte psíquico de seu organismo - conseguindo a "Estabilidade" envolvida na regeneração, sendo um requisito necessário para que ele passe para "aquela final e grandiosa provação" que o aguarda. "Na força Eu estabelecerei a Minha casa para ficar firme para sempre." O aperfeiçoado organismo do homem é o que representa "Minha casa". Foi sobre o mesmo organismo e a mesma estabilidade que o Mestre cristão falava ao afirmar: "Sobre esta rocha erguerei minha igreja e os portões do mundo terreno não prevalecerão contra ele".

Ao longo de toda a disciplina e esforço envolvido para conseguir esta estabilidade, havia uma Luz brilhando e iluminando o caminho desde o primeiro momento em que a visão do Aprendiz foi aberta a uma Verdade maior: a Luz da Ciência e da Filosofia da própria Ordem que lhe mostrou o seu "Pórtico" de entrada ao "Santuário" que tem dentro de si; a Luz de fraternos ajudantes e instrutores e, acima de tudo, a Luz do Sol em seu próprio "Céu", com seus raios passando pela "Trapeira" de sua iluminada inteligência e lentamente, mas certamente guiando os seus passos no caminho da Paz.

Mas agora, a última e maior provação de sua fortaleza e de sua fidelidade, que lhe imporá uma obrigação e uma persistência ainda mais sérias, espera por ele na total retirada desta bondosa e amável Luz. Até aqui, embora guiado por aquela Luz, ele progrediu em virtude de seus próprios poderes e esforços. Agora é chegado o tempo em que todas aquelas propriedades devem ser removidas, quando toda confiança sobre as capacidades e habilidades naturais, a vontade própria e a compreensão racional normal devem se render e o aspirante deve se abandonar completa e inteiramente à ação transformadora de seu Princípio Vital e Imortal, passivamente passando por ela para completar a obra em total independência de suas faculdades inferiores. Ele precisa "perder a sua vida para poder salvá-la", ele deve entregar tudo aquilo que até aqui pensou ou sentiu ser sua vida, para que possa encontrá-la em um plano muito mais elevado.

Cada maçom deveria se considerar, individualmente, antes mesmo de entrar na Maçonaria, como sendo um ponto no espaço e no tempo. Tal como nos diz a preleção, um ponto é o início da forma geométrica e o Primeiro Grau estabelece a progressão desse ponto produzindo uma linha. Uma linha é a menor distância entre dois pontos e pode ser encarada como um Símbolo de Fraternidade. O Segundo Grau ensina o uso de diversas linhas num plano que limita a área de uma superfície - uma Sociedade, ou uma Loja, ou a Família. Na antiga preleção do Terceiro Grau, é formulada a pergunta:

De onde e para onde fostes elevado?

- De uma superfície plana para a perpendicular; do Esquadro para o Compasso; de Companheiro para um Justo e Perfeito Mestre Maçom.

Assim, com a introdução da terceira dimensão, é completado um todo perfeito.

As Vestimentas Maçônicas

"Tendes feito um bom trabalho; vós e vossos homens de avental."
Este é um trecho extraído da obra de William Shakespeare,
Coriolano, Ato 4, Cena VI; certamente,
esta deveria ser a investidura honorífica
de todo Mestre de uma Loja.

A vestimenta envergada pelos maçons em Lojas subordinadas à Constituição Inglesa segue uma concepção básica estabelecida pelos Grupos de Trabalho e aprovada pela Grande Lojas Unida da Inglaterra em 1814. A necessidade de haver uma uniformidade no uso das vestimentas foi criada pela União das duas Grandes Lojas em dezembro de 1813. A decisão abrangia o tamanho, o formato, a decoração e as cores dos aventais, dos colares e das jóias de oficio. Certamente, podemos observar algum desenvolvimento desde aqueles tempos, porém sem maiores mudanças substanciais. Vez ou outra, surgiu a necessidade de acrescentar outras vestimentas e Jóias, especialmente quando novos ofícios foram criados. Mas este não foi o início das distintivas vestes maçônicas a serem envergadas em Loja. A origem remonta aos nebulosos tempos da Antiguidade, tanto no que se refere a produzir uma insígnia distintiva aos maçons, como para produzir diferenças reconhecíveis quanto ao Grau ou oficio, pois, tal como nos diz a preleção, "as distinções entre os homens são necessárias para que seja preservada a subordinação". Em outras palavras, deve haver um gerenciamento - "Assim é a natureza de nossa Constituição, enquanto alguns precisam necessariamente governar e ensinar, outros devem, certamente, aprender, sujeitar e obedecer". A necessidade de alguma forma de subordinação deve ter exercido alguma influência, pois aqueles eram tempos em que distúrbios políticos e sociais começavam a ser sentidos na Inglaterra. Eram os tempos que

antecederam a verdadeira democracia nos negócios públicos - ainda no mesmo reinado que testemunhou a revolta das colônias americanas. Entre os primeiros esboços de parte do Juramento do Segundo Grau, adotado em 1814 e praticado em alguns lugares, embora tenha sido abandonado em seguida, observamos as seguintes palavras:

> ... como um Companheiro continuarei a prestar obediência a um Mestre maçom, enquanto ocultarei de um Aprendiz ...

Na sociedade daquela época, o importante era que o homem soubesse qual era o seu lugar e como conservá-lo. Foi sob condições assim que muitos dos nossos procedimentos, usos e costumes de hoje foram inicialmente formulados. Daí a distinção do Grau maçônico sobre a Insígnia.

John Ladd publicou quatro Preleções em 1770 sob o título de *The Science of Free-Masonry Explained.* Ele reconhecia ter compilado essas Preleções a partir de trabalhos feitos por autores anteriores, de forma que o texto seguinte pode representar o pensamento especulativo existente em meados do século XVIII:

> Não é um avental branco, vermelho ou amarelo, ou uma vistosa fita, com uma insignificante Jóia pendurada, que faz com que um Irmão seja considerado ou chamado de um bom maçom; nem é ele quem pode responder por sua vez, e por sua fluência, as perguntas catequéticas, normalmente chamada de trabalho de uma Loja, que merecerá o título de um perfeito maçom, mas também por qualquer coisa que pareça meritório e respeitável à honra e à emulação da Arte é altamente recomendável e deve ser apropriadamente aspirada.

O Avental

Esta básica insígnia de um maçom especulativo foi uma óbvia escolha numa Sociedade moral surgindo de uma que usava tal vestimenta em sua atividade profissional normal. Os nossos antepassados, homens religiosos, procuravam uma justificativa nas Sagradas Escrituras, e encontraram-na em Gênesis, 3. Esta e a menção feita em Deuteronômio, não são as únicas menções feitas a um avental. Existem muitas referências quanto ao uso de um éfode, especialmente pelos sacerdotes hebreus. Tal como nos dão conta diversos autores, o éfode dos sacerdotes era uma espécie de avental feito de linho.

O avental é uma insígnia comum numa sociedade, mas sempre foi usado na Maçonaria com orgulho e originou tantos conceitos e textos quanto qualquer outro símbolo maçônico. Antes de 1814, não havia nenhum desenho padronizado na Inglaterra, normalmente o avental se compunha de uma pele de cordeiro usada de forma conveniente e, nos anos que antecederam

à União de 1813, eram enfeitados ao bel-prazer de quem o usava com Símbolos e hieróglifos maçônicos. A única distinção oficialmente determinada era a adoção de uma cor, normalmente por forro, azul-escuro para os Grandes Oficiais e vermelho para os Grandes Vigilantes. A pele de cordeiro sempre foi branca e, a partir de 1814, continuou branco para o Aprendiz, embora já com um formato definido. Algumas Lojas adotam a prática de ter o Aprendiz usando o avental com a abeta levantada e o Companheiro com a abeta do avental dobrada para baixo. Segundo a Constituição inglesa, esta distinção é desnecessária e não foi pretendida - duas rosetas decoram o avental do Companheiro proporcionando toda a diferenciação necessária. Em algumas Constituições, não existem diferenciações no desenho dos aventais do Aprendiz e do Companheiro, sendo que esse método de manter a abeta do avental levantada ou abaixada é a única marca de distinção.

A referência feita num Capítulo anterior em Deuteronômio, 15, sobre a decoração dos aventais, indicava um particular Simbolismo no uso de um avental - o de servir como um lembrete para observar os mandamentos de Deus. Diversos autores especulativos tentaram justificar uma posição "levantada" da abeta do avental de Aprendiz ressaltando as lições morais a serem extraídas disso e indicar especialmente: primeiro, a abeta para cima denotando um ingresso sem plenitude, enquanto a abeta abaixada para o Companheiro revelando completa aceitação e absorção e, segundo, a importância e significado da antiga filosofia sobre o avental, como seu formato quadrado, representando as coisas materiais, enquanto a abeta, um triângulo, simboliza o espiritual. Assim, a abeta "levantada" denota a necessária supremacia do espírito para o Aprendiz. Nós dizemos que a Insígnia é de inocência, mas os nossos Irmãos de outrora viam isso como de grande significado moral. William Hutchinson, antes de 1770, assim escreveu sobre o avental branco:

> Os maçons, como um de seus primeiros princípios, professam a "Inocência" - eles se revestem de um vestuário branco, como um Emblema de seu caráter, que revela pureza d'alma e inocência.

Temos na obra *Biographia Ecclesiastica* a seguinte passagem:

> "Os antigos também tinham o costume de vestir uma roupa branca na pessoa batizada, como sinal de ter abandonado as ambições e luxúrias da carne, tendo o seu ser purificado de seus pecados passados e que se obrigou a manter uma vida de imaculada inocência. Adequadamente, os batizados são considerados, tanto pelo apóstolo como pelos padres gregos, como 'Iluminado', pois declaram tratar-se dos filhos da Luz, comprometendo-se eles próprios a jamais retomar às obras das trevas. Esta vestimenta

> esta veste branca e impoluta e exiba-a sem mácula diante do Tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que possa, assim, ganhar a vida eterna. Amém.' Eles costumavam vestir esta peça de roupa branca durante uma semana depois de serem batizados. Depois disso, a tiravam e a deixavam na Igreja, onde seriam guardadas como testemunho a ser usado contra elas, caso violassem a aliança batismal".
>
> Enquanto o avental com o qual nos revestimos denota uma disposição à Inocência e não desvirtua o coração daquele que o enverga, deixemos que o ignorante ridicularize e zombe: acima do escárnio e da malícia do maldoso, nós nos cingiremos no traje de nossa própria Virtude e seguros em nossa consciência, permaneceremos firmes e inabaláveis em meio às perseguições das adversidades.
>
> A vestimenta que verdadeiramente denota a inocência do coração é uma Insígnia muito mais honrosa do que qualquer outra jamais envergada por reis. A Águia Romana, bem como todas as demais Ordens de Cavalaria, são inferiores. Elas podem se prostituir pelos caprichos de príncipes, mas a inocência é algo inato e não pode ser adotada ou adquirida.
>
> Ser um verdadeiro maçom é possuir este princípio ou, caso contrário, a vestimenta que ele enverga será uma infâmia ao apóstata, expondo-o à vergonha e ao desprezo.

Ao refletirmos sobre esta passagem, devemos ter em mente que foi escrita como parte de uma preleção ministrada aos maçons há mais de duzentos anos, quando as condições podem ter determinado as referências feitas, de forma mais realista, ao menosprezo, ao escárnio e à perseguição. Mas as origens de nossas presentes explanações sobre a insígnia são evidentes nesses aspectos, tanto quanto um simbolismo comparativo da iniciação com um batismo ou conversão de um adulto de antigamente e uma conseqüente readoção da inocência, no sentido de libertação do pecado.

O Dr. Oliver, numa preleção publicada em *Signs and Symbols,* em 1837, especula de uma forma diferente o significado do Avental:

> Uma cerimônia fundamental do Primeiro Grau é a investidura do avental - um inequívoco símbolo, que acompanhará cada passo de sua caminhada e evolução. E para que não haja qualquer mal-entendido que venha a dar uma impressão errada ou distorcida com referência à sua aplicação moral, dizemos ao candidato que se trata de um emblema da pureza e da Inocência, de grande antiguidade e inigualável honra.

> A grandiosa função do avental é a de destacar uma divisão figurada do corpo humano em duas partes distintas: separando a parte "nobre", onde estão a cabeça e o coração, a razão, a afeição e o amor, das partes corporais mais básicas, que são meramente aplicadas à realização das funções carnais da Natureza. E, enquanto o homem espiritual se mantém ereto e aberto à visão, o homem natural está velado em obscuridade, de forma tal que nenhum obstáculo ou impedimento pode interromper as buscas e a investigações da Maçonaria. O franco-maçom assim revestido é um marcante emblema da Verdade, da Inocência e da Integridade, pois apenas as partes que são as conservadoras e mantenedoras dessas Virtudes são as que devem estar em atividade, enquanto explora os ocultos mistérios da Ciência, nos recônditos de uma Loja.

A seguir, o Dr. Oliver prossegue ao apresentar doze diferentes exemplos extraídos da Bíblia, de uso cerimonial do éfode ou da faixa no quadril, nos quais ele identifica alguma relação. Ele enfatiza a mensagem aos convertidos Cristãos: "Para atarem à cintura de suas mentes, serem sóbrios, e esperarem pelo fim. E para se conservarem firmes na fé, tendo as suas cinturas atadas com a Verdade". Oliver vai ainda mais além discorrendo sobre outros usos de aventais que encontrou nos antigos Mistérios e, apesar de tomado emprestado, ele inclui uma paráfrase de um trecho da preleção de William Hutchinson citada anteriormente e conclui com uma exortação:

> A vós, Irmãos, que estais cingidos com esta grandiosa Insígnia, não devo recomendar uma sistemática fidelidade a todas as Virtudes que ela representa. Em vossa Iniciação, vos foi dito que se esperava de vós que, a partir do momento em que fostes revestido com o avental, a Inocência de conduta e a Pureza de coração passassem a ser vossa característica peculiar. Seria necessário que eu acrescente que a Maçonaria espera de vós uma total obediência a seus preceitos se quiserdes compartilhar de seus benefícios peculiares?

Em outra preleção, Oliver tenta mostrar uma razão para as cores usadas nos forros e nas bordas dos aventais. O azul-escuro e o vermelho foram, desde há muito, as cores estabelecidas para os Grandes Oficiais e Vigilantes, mas, até 1814, outros aventais eram totalmente brancos, e assim a adoção da cor azul-clara nas bordas dos aventais do Mestre Maçom e dos Mestres instalados foi um ato deliberado de 1814. Naquela época, o Dr. Oliver já era um maçom há mais de dez anos (ele foi Mestre de Loja em 1815) e por isso ele pode ter conseguido a informação direta. Seja como for, ele aponta que as três cores seguem as mesmas cores dos véus do

Templo: azul, púrpura e escarlate:

> Ou melhor, azurita (azul-celeste), púrpura e carmim. O nome original para a primeira é *Tehelet,* que é traduzido por *hyacinthum,* em referência à pedra preciosa de mesmo nome, tal como a safira, acreditava-se antigamente que essa pedra, segundo o testemunho de Oleaster, Tostatus Lyranus e outros doutos, possuía a cor de um céu límpido e sereno. A segunda, *Argaman,* significa púrpura; originada de *Ragam,* ou "príncipe", que se destacava por seus mantos púrpuras. E a terceira *Tolaghath shani.* A primeira palavra quer dizer "verme", tal como no Livro de Salmos, 22:6, que foi traduzida por *coccinum,* de *cocus,* que tanto corresponde a escarlate como carmim ou carmesim; e *shani* vem da palavra *shanals,* traduzida por "duplo" ou "dobro". Daí, a frase significa a cor carmim duplamente aplicada.

W. L. Wilmshurst comenta como cada sucessiva mudança no *status* de um maçom acarreta modificação também em seu avental. Ele vê isso ainda como uma imagem da própria pessoa, mas relaciona-o a todas as criaturas em diferentes posições progressivas numa mesma trilha, em que nós vemos numa Loja todos os presentes envergando diferentes aventais. Destaca que, assim como ninguém deverá entrar no Céu sem envergar uma "roupa de casamento", nenhum maçom adentrará uma Loja sem estar revestido dessa distintiva Insígnia de qualificação, por meio da qual proclama a sua Fraternidade e Amizade. Ele nos incita para que todos imaginemos estar vestidos com o avental todo o tempo, inspirando-nos em nossas vidas cotidianas.

O autor que escreve sobre o avental em *Leaves from Georgia Masonry* faz uma reflexão acerca de seu formato quadrado e triangular:

> Levantando a abeta do avental veremos um triângulo apontando para cima e um quadrado. Nesse sentido, o quadrado do avental simboliza a matéria, a matéria física, a terra e os apetites e paixões que dizem respeito ao corpo físico. O quadrado, em seus vários aspectos e formas, tem muitos outros significados que o maçom aprenderá quando assim lhe for apropriado. O triângulo eqüilátero com o seu vértice apontando para cima simboliza a existência de Deus, enquanto o ângulo reto, tal como neste caso, apontando na mesma direção, significa Deus em ação e suas obras e como o homem é considerado estar entre as suas maiores obras, significa que sua alma é uma centelha de Deus. Algumas vezes isso é representado por uma chama, simbolizando a tripla natureza do homem: o fogo, a luz e o calor, correspondendo à alma, ao espírito e ao corpo - três em um - e a extremidade do triângulo, virada para cima como uma chama, denota a aspiração.

Há outro significado para o avental. O quadrado é usado para simbolizar as faculdades recebidas e o triângulo., os poderes dados. Neste avental vemos a história de nossa vida, mostrando que o que até aqui recebemos é muito mais do que aquilo que demos. A Maçonaria desde há muito tempo descobriu que a felicidade consiste em dar não menos do que recebemos. Até aqui nós recebemos mais benesses e benefícios do que demos, mas, por meio desse Símbolo, nos é lembrado que isso não pode continuar sendo assim. Devemos dar o tanto quanto recebemos. Nós podemos tirar este avental quando saímos do recinto da Loja, mas, simbolicamente, sempre estará por nós vestido e, até o dia de nossa morte, jamais poderemos nos despir da obrigação simbolizada por essa vestimenta. Se a desonrarmos pela desonestidade, maculá-la pela impureza ou por quaisquer outras coisas que sejam imorais, haveremos de nos tomar basicamente indignos, pois estaremos violando nossa mais sagrada promessa e _ agora desde que já sabemos, haverá de ser uma transgressão deliberada - as fundamentais leis da Natureza e de Deus.

O Avental do Mestre Instalado e a Jóia do *Past Master*

Sobre o avental de um Irmão que tenha sido instalado na Cadeira da Loja, no lugar das rosetas, estão colocados alguns ornamentos que, por algum motivo, são chamados de "Níveis". J. S. M. Ward, em sua obra *Interpretation our Masonic Symbols,* diz que não podem ser Níveis, e os vê como três letras "Tau" (19ª letra do alfabeto grego) lembrando a régua- T do Arquiteto. Como o Mestre da Loja está na posição de Arquiteto, ele considera esse ornamento bastante apropriado. Um relance sobre o *Livro das Constituições,* no qual consta uma descrição do Avental a ser envergado pelos Mestres e *Past Masters* da Loja, teria esclarecido que aquele ornamento é composto de "linhas perpendiculares sobre linhas horizontais, formando assim três separados conjuntos, cada um com dois ângulos retos". Essa descrição assim permaneceu desde quando foi introduzida em 1814, e parece refletir o costume da época na História maçônica em que se prestava especial reverência à habilidade de levantar uma perpendicular. (A mesma descrição aparece na *Constituição* da Grande Loja da Escócia, com o seguinte acréscimo: "imitando um rudimentar Nível", que é, sem dúvida, o motivo pelo qual o ornamento é assim chamado). É desse mesmo período que datam os passos regulares e esses, se cuidadosamente executados a partir da posição descrita nos documentos da época, produzem

exatamente o mesmo efeito. Essa habilidade na criação de ângulos retos foi, desde há muito tempo, considerado segredo maçônico e há uma escola de pensamento que acredita que esta habilidade, que requer três medidas separadas, era o segredo perdido com a morte de Riram Abiff e que o desenvolvimento ocorrido no último quarto do século XVIII introduziu as mudanças que perduram até os nossos dias. Com a confusão reinante, sobre o mesmo assunto, sobre o *status* do Mestre Maçam e o Mestre da Loja - antes havia tanto acerca da Instalação quanto hoje na Inglaterra a reafirmação da habilidade de formar um ângulo reto como Símbolo do *status* de um Mestre instalado parece bastante apropriado.

No mesmo livro, Ward faz referência ao que dispõe a 47ª Proposição de Euclides que, na Inglaterra, é a Jóia distintiva do *Past Master.* Esta é peculiar à Constituição Inglesa e a algumas outras Constituições que devem a sua formação à Inglaterra. No entanto, ela não é encontrada em muitas das antigas Obediências. Essa proposta tem também uma especial referência a um ângulo reto, em relação ao triângulo e está entre os mais antigos ornamentos formais ligados à Grande Loja da Inglaterra - ela apareceu no frontispício do *Livro de Constituições* de 1723, que também comentava, nas páginas 20 e 21: "Mas o seu aluno, o grande Pitágoras, foi o autor da 47ª Proposição de Euclides do primeiro livro que, se cuidadosamente observado, é o Fundamento de toda a Maçonaria, sagrada, civil e militar". A ligação com Pitágoras foi suficiente para tomá-la aceitável como um Emblema maçônico, embora existam diversos exemplos de pessoas preocupadas com as mudanças introduzi das em 1814, e mais tarde, remontando às Constituições de Anderson em busca de inspiração. Em relação a esta questão, assim escreve Ward:

> Na época medieval, um dos mais preciosos segredos da construção era como deveria ser diagramada a sua planta baixa, e a chave disso era o uso correto do triângulo reto. Como construir um triângulo reto e, depois, como usá-la, era um segredo ciosamente guardado pelo Mestre construtor e, embora saibamos como fazê-la, por constatar a sua simplicidade, ao artesão mais ignorante aquilo devia constituir um completo e absoluto mistério. Nas Lojas Operativas ainda existentes, os seus integrantes são informados que era este o Segredo que os vilões queriam descobrir e que, naqueles dias, estava oculto no uso das três hastes: uma com três côvados de comprimento, uma com quatro côvados e uma com cinco côvados. Essas hastes eram a Insígnia do Oficio dos três Grão-Mestres e, quando colocadas juntas sob a forma de um triângulo reto no centro de uma área sobre a qual o edifício seria erguido, os três Mestres podiam projetar uma construção.

Aqui também se observa certa confusão entre o que era considerado um trabalho de Mestre Maçam e o ornamento de um Mestre instalado, considerando o posterior desenvolvimento da instalação como um rito completo. Ward também menciona que, na Constituição escocesa, o *Past Master* traz a letra "G" como parte de sua jóia. Nas antigas Tábuas de Delinear do Terceiro Grau na Inglaterra, também podemos encontrar a letra "G" - e esta tem uma explicação diferente da Tábua de Delinear do Segundo Grau. As antigas preleções nos dizem que se trata de uma referência àqueles artesãos em pedra especialmente capazes, conhecidos no Templo pelo nome de *Ghiblim,* homens vindos de Gebal ou Ghebal e algumas vezes traduzido por "perfeito pedreiro" ("Excelente Maçam") - aqui, mais uma vez, uma referência à especialidade de ser hábil no trabalho com quadrados .. Esta letra "G" na antiga prática inglesa vem a ser uma parte essencial do Terceiro Grau mas ela desaparece das Tábuas de Delinear do Terceiro Grau após a União de 1813, apesar do fato de que os *Ghiblim* são mencionados nas Constituições de 1723.

Os Colares (ou Cordões)

J. S. M. Ward também tinha conceitos especulativos acerca dos Colares dos oficiais:

> O colar é um tipo de canga como aquela usada nos cavalos e denota "serviço". "Ponha o meu colar sobre vós", poderia muito bem ser dito pelo Mestre da Loja ao investir cada um de seus oficiais. Essencialmente, ele nos ensina a dignidade do serviço e, claramente, mostra ser uma grande honra o privilégio de poder servir os nossos Irmãos... Existem muitas referências à outorga de um "colar de honra" na Bíblia, como também em documentos babilônicos, em outros registros orientais, e praticamente em todos os casos em que esses "colares" eram outorgados por valorosos serviços prestados. Assim, vemos que o colar, histórica e simbolicamente, denota a recompensa por serviço

Os Instrumentos de Trabalho

Ouça, onde os nossos mudos emblemas sussurram
Sua sagrada influência sobre a alma,
Em mística ordem dispostos: enquanto em volta do todo
Uma imensidão estrelada enfeita as Virtudes irmãs.
Vós, que pelo compasso, pelo esquadro e pela linha,
Bem podem divisar essas ocultas Verdades,
Desconhecidas a todos os demais.*

Waller Rodwell Wright (1775-1826)

Na grande maioria das Lojas subordinadas à Constituição inglesa existem três instrumentos de trabalho alocados, num sentido Especulativo, a cada um dos três Graus da Maçonaria Simbólica - perfazendo, pois, um total de nove. Este agrupamento, obviamente nítido e de grande pureza, remonta a cerca de 1816 e foi incorporado como parte do sistema revisado dos Rituais dos três Graus, compostos em resultado da União das duas Grandes Lojas ao final de 1813. Antes disso, tal prática não parece ter sido muito comum, embora seja evidente que a Grande Loja dos Antigos costumava dar uma Explanação moral e ética dos Instrumentos de Trabalho no Primeiro Grau e no Segundo Grau. Os pertinentes ao Primeiro Grau eram: a Régua de 24 polegadas, o Esquadro e o Malho ou Maço Comum. Os do Segundo Grau eram: o Prumo, o Esquadro e o Maço Comum. Pouca variedade há nestes, embora o embrião já existisse logo no início da segunda metade do século XVIII. É natural que o Esquadro, o grande emblema da

* N.T: Livre tradução que, dificilmente, pode refletir a beleza poética e lírica do original.

Maçonaria, devesse ser um instrumento de ambos os Graus, o mesmo se aplicando ao Malho ou Maço Comum, por seu especial uso pelo Mestre para sua chamada à ordem.

Embora as *Constituições* do Dr. Anderson da Grande Loja original faça, em sua edição de 1783, referência ao Malhete e à Trolha como as Ferramentas necessárias a um Franco-maçom, uma usada para separar e a outra para juntar, não há referência alguma, em manuscrito anterior considerado como uma clara prática ritual dos Modernos, a qualquer explanação de tais instrumentos de trabalho. Existe, sim, uma referência-padrão ao Esquadro, ao Nível e ao Prumo como Jóias Móveis da Loja e ao Esquadro e ao Compasso em relação à Bíblia. No entanto, está claro, tal como transparece nas citações apresentadas a seguir, que uma boa dose de conceituação Especulativa foi dedicada às Ferramentas e Instrumentos comuns da Maçonaria.

Na segunda edição de sua obra *Illustrations of Masonry,* publicada em 1775, William Preston incluiu algumas notas sobre a cerimônia de consagração de uma nova Loja e a subseqüente Instalação do primeiro Mestre de Loja. Ele informa que um tipo parecido de cerimônia devia ser observado nas Instalações seguintes. A Carta Patente era entregue ao primeiro Mestre da Loja:

> ... depois da Bíblia Sagrada, o Esquadro e o Compasso, o Livro das Constituições, o Livro de Atas, o "hiram", as jóias móveis e todas as insígnias dos diversos oficiais são, separadamente, apresentados a ele e as necessárias Exortações cabíveis a cada um são, apropriadamente, dadas.

O "hiram" era o nome dado ao Maço, Malhete ou Malho usado pelo Mestre da Loja como um Símbolo de autoridade e para manter a ordem na Loja. Na edição de 1792, alguns outros itens foram acrescentados, aparecendo pela primeira vez a Régua e a Linha (ou Trena), o Malhete, a Trolha e o Cinzel. E ele acrescenta:

> Para a acomodação desses Irmãos, cuja distância da cidade pode impedir que obtenham a necessária instrução neste importante Rito, inseriremos aqui algumas observações conceituais e morais sobre os instrumentos da Maçonaria, então apresentados ao Mestre de uma Loja por ocasião de sua instalação.

Depois disso, ele continua dando breves explanações conceituais e morais sobre a Régua, a Linha, a Trolha, o Nível, o Esquadro, o Compasso, o Cinzel e o Maço Comum, nesta seqüência. As suas descrições e o aparecimento desses novos Instrumentos, em 1792, sugerem tratar-se de algo novo nas questões ritualísticas formais, surgidas ao final da década de 1780. Numa preleção manuscrita, datada possivelmente do final da década de 1790 e originária de Lancashire, algo muito semelhante aparece, em circunstâncias

que parecem ser um acréscimo a uma antiga Preleção. Por conter ainda mais do que a de Preston, nós a reproduzimos a seguir:

> Como os vários instrumentos e utensílios de nossa profissão são Emblemáticos de conduta de vida e se destinam a inculcar em nossa mente as sérias e sábias Verdades que todo maçom deve bem entender e constantemente mentalizar, uma Explanação sobre tais Implementos é o requisito desta preleção:
> a que determina a Régua?
> - A Régua determina que devemos observar pontualmente o nosso dever, perseverar no caminho da Virtude, não nos afastando nem à Direita e nem à Esquerda, em todas as nossas ações, tendo a Eternidade em vista. .
> a que nos ensina a Linha?
> - A Linha ensina o critério da retidão moral, para evitar a dissimulação, seja no discurso, seja na ação, e para dirigir os nossos passos pelo caminho que conduz à imortalidade.
> O que nos ensina a Trolha?
> - A Trolha ensina que nada pode ser unido sem o apropriado cimento e que a perfeição de uma construção depende da adequada aplicação daquele cimento. Assim, a Caridade, o vínculo da perfeição e da união social, deve ligar as mentes e os interesses individuais para que, tal como os raios de um círculo, que se estendem desde o centro a cada ponto da circunferência, possa ser difundido o princípio da Benevolência Universal a cada um dos membros da comunidade. a que nos sugere o Prumo?
> - O Prumo nos sugere que mantenhamos postura ereta, que mantenhamos a balança da Justiça equilibrada, que observemos o meio termo justo entre a intemperança e o prazer, e submeter as nossas paixões e preconceitos, limitando-as às linhas do nosso dever.
> a que nos ensina o Esquadro?
> - O Esquadro nos ensina a regular as ações consoantes a Régua e a Linha, harmonizando a nossa conduta por meio dos princípios de Moralidade e Virtude.
> a que nos ensina o Compasso?
> - O Compasso nos ensina a limitar o dever em todos os casos que, elevados à eminência pelo mérito, possamos ser respeitados em vida e lamentados por nossa morte.
> O que representa o Nível?
> - O Nível representa o Nascimento, a Maçonaria e a Morte. a que nos demonstra o Nível?
> - O Nível nos demonstra que temos uma origem comum, que somos partes da mesma natureza e partícipes da mesma esperança, e não obstante sejam necessárias diferenciações de hierarquia entre

os homens a fim de garantir a ordem, que nenhuma situação elevada, por mais privilegiada que seja, nos faça esquecer que somos Irmãos, e que aquele que estiver no ponto mais baixo da Roda da Fortuna seja merecedor de nossa atenção e de nossos cuidados. Tempo virá, e os mais sábios entre nós não sabem o quão cedo, quando todas as diferenças, salvo as da Bondade e da Virtude, deixarão de existir e a Morte, a insigne niveladora da grandeza humana, nos reduza a uma mesma condição.

O que nos demonstra o Cinzel?

- O Cinzel nos demonstra as vantagens da disciplina e da educação. A mente, tal como um diamante em seu estado original é bruto, mas sob os efeitos da aplicação do Cinzel em seu exterior logo expõe as belezas latentes do diamante, também a educação descerra as Virtudes latentes da mente, adiantando-a para abranger o grande campo da matéria e do espaço, exibindo o ápice do conhecimento humano, do nosso dever a Deus e ao Homem.

O que nos ensina o Maço Comum?

- O Maço Comum nos ensina a desbastar todas as saliências e suavizar as superfícies, corrigir as irregularidades e arestas inúteis, levando o homem a um nível apropriado para que, com postura serena, ele possa, na escola da disciplina, aprender. O que o Maço Comum é para o obreiro, a razão esclarecida é para as paixões. Ele reprime a ambição, restringe a inveja, modera a ira e incentiva a boa índole.

O que ensinam a Grua e a Roldana?

- A Grua e a Roldana nos ensinam que a força humana, sem a aplicação do gênio e do juízo, muito pouco pode fazer e que o gênio e o juízo podem fazer aquilo que a força, sozinha, não pode.

O que nos ensina a Tábua de Delinear?

- A Tábua de Delinear nos ensina que, assim como o operário executa os planos do Mestre, também deveríamos copiar fielmente em nossas vidas e conversas aquelas excelentes regras de conduta que nos foram transmitidas por meio das Sagradas Escrituras, que, infalivelmente, haverão de nos assegurar uma felicidade permanente nos reinos da glória eterna.

Estas duas últimas não foram incluídas por Preston. Ambas ainda estão presentes na Loja; a Grua e a Roldana associadas com o "Lewis" ou "Guincho", usado para erguer pedras "a certas alturas com pouco obstáculo, assim fixando-as em seu devido lugar", e o conjunto significando "Força". A Tábua de Delinear representa a prancheta de um desenhista sobre a qual, tal como se depreende da própria descrição, o Mestre esboça os planos para que sejam executados pelos obreiros. A Tábua de Delinear é agora uma das três jóias fixas da Loja e, assim como a pedra bruta e a pedra cúbica estão associadas ao Segundo e ao Primeiro Vigilantes na maioria

das Lojas, a Tábua de Delinear é, essencialmente, o Implemento do Mestre da Loja. Segundo as antigas interpretações da Lenda do Terceiro Grau, era para que o.s desenhos fosse.m executados, todos os dias no dia seguinte que HIram AbIff ia, ao meio-dia em ponto, antes de fazer sua adoração diária deixando os seus planos sobre a Tábua de Delinear. Infelizmente, na mudança introduzida na época da União das Grandes Lojas, ou talvez logo depois, surgiu uma confusão acerca da Tábua de Delinear do Mestre (que, em tempos anteriores, sena colocada sobre um cavalete, e sobre ela ilustradas algumas representações de Hieróglifos ou Símbolos maçônicos de natureza moral), e a nova forma de Painéis de Loja separados para cada Grau, agora conhecidos como Tábuas de Delinear, de forma que a passagem nas Preleções modernas, no que se refere às Jóias Fixas, diz que "a Tábua de Delinear que serve para que o Mestre ali trace as linhas e desenhe o plano, para mais bem capacitar os Irmãos a realizar a projetada estrutura ... " se torne quase que ininteligível, sob o aspecto Simbólico, pela identificação da Tábua de Delinear como o nome que modernamente se dá ao Painel da Loja. Nos Certificados da Grande Loja da Inglaterra (ilustrados em sua forma atual desde 1819), a Tábua de Delinear do desenhista está bastante clara, com o Lápis e a Régua sobre ela para uso do Mestre da Loja.

Além do Lewis e da Tábua de Delinear, os demais são aqueles que foram incluídos por Preston e os textos sobre eles são virtualmente os mesmos, embora seja apenas conjuntural determinar qual deles apareceu primeiro e quem copiou de quem. Mas uma coisa é certa: nesta conceituação formal dos Instrumentos, aparentemente com o seu desenvolvimento a partir da década de 1780, muito ainda é usado na Maçonaria atual. Também está bastante claro que aqueles que decidiram o que deveria ser incluído na nova versão de 1816, resolveram omitir uma parte do simbolismo anterior e rearranjar uma boa parcela daquilo que deveria ser preservado e mantido. Primeiro, foi decidido manter a quantidade de instrumentos e ferramentas para cada um dos Graus, conservando o especial número maçônico "três". Segundo, e isso acrescentou grande dose de confusão ao trabalho de Loja e ao simbolismo, alguns dos Instrumentos tinham mais do que uma úI,ica referência na Loja. O esquadro, aquele símbolo especial dos maçons livres e aceitos, continuou como uma das grandes, embora emblemáticas, Luzes e, também, como uma das jóias Móveis - aquela usada pelo Mestre da Loja ao longo de seu mandato. Além de ter sido conservado, tal como os Antigos o usavam, como um Instrumento de Trabalho no Segundo Grau, embora abandonado como tal no Primeiro Grau. Junto a ele, como instrumentos do Segundo Grau, foram colocados o Nível e o Prumo, que também conservaram o seu *status* de jóias Móveis. Após a União, o Segundo Grau acabou se identificando muito mais com a própria construção, o que foi um conceito muito feliz - pois essas Jóias ou instrumentos, unidas, permitem que uma construção tenha os seus ângulos e perpendiculares conferidos nos três planos da construção.

Então, o Esquadro desapareceu dos Instrumentos do Primeiro Grau, tal como o tinham os Antigos, mas a Régua de 24 polegadas, que não estava incluída na lista de Preston, foi conservada. Isso não deixou espaço para a muito parecida Régua, que foi descartada. A expressão "Linha e Régua maçônica" ainda é usada, mas ambos os Instrumentos simplesmente sumiram. O significado implícito pode ser notado ao vermos as Explanações morais de ambos os Instrumentos na citação anterior. Alguns dos atributos da preterida Régua e Linha foram aplicados ao Prumo. Talvez as confusões das referências antigas tenham levado ao abandono da Linha, pois, embora em alguns casos ela seja mencionada como a menor distância entre dois pontos - como quando traçada entre os cantos para formar uma linha reta para que os Aprendizes possam assentar as pedras para erguer a parede -, ela produzia uma referência moral para a integridade e retidão de conduta. Uma versão das antigas preleções a descrevia como uma linha esticada com um pêndulo pendurado em sua extremidade. Após discorrer um pouco acerca dos atributos na versão já citada, ele continua:

> ... ela nos indica o caminho reto, porém estreito, que conduz à gloriosa imortalidade, e que a sinceridade em nossa profissão haverá de ser o único passaporte de acesso. Esta Linha, tal como a Escada de Jacó, conecta o Céu à Terra e ao nos mantermos agarrados a ela, podemos nos alçar àquele lugar onde haveremos de trocar esta pequena Linha de tempo pelo infindável Círculo da Eternidade.

A referência feita na "longa" Explanação dos Instrumentos de Trabalho do Segundo Grau (ou a Explanação sobre as jóias móveis na preleção, que tem o mesmo enunciado) mostrará o "não se desviando nem à direita e nem à esquerda ...", agora aplicado ao Prumo. É fácil vermos, assim, onde os compiladores de 1816 procuraram a sua inspiração.

O Maço Comum (ou Malho) também foi mantido no Primeiro Grau (embora tenha sido retirado do Segundo Grau) sob um único nome, também combinando os anteriormente separados nomes de "Hiram" e assumindo um duplo propósito e o Malhete, que era usado em alguns lugares, foi descartado. O Maço Comum também desapareceu como um Implemento nomeado em separado, sendo que alguns de seus atributos morais foram absorvidos pelo Maço. O Cinzel foi acrescentado ao Primeiro Grau para a produção do quadrado. Aqui também algumas sérias considerações foram prestadas a essa questão, pois o Maço e o Escopo representavam o trabalho dos Aprendizes e a educação é uma igualmente óbvia necessidade primária.

Tanto quanto pode ser apurado, não era costume que os Instrumentos morais fossem aplicados ao Terceiro Grau. Antes da União, a finalidade do Terceiro Grau era ter um caráter totalmente distinto dos dois Graus anteriores, tidos como complementares entre si, enquanto e após a

União, rapidamente acabou se tomando regra considerar os três Graus como separados passos numa progressão disponível a todos aqueles que o desejassem. O Cordel ou Trena aparece pela primeira vez como Instrumento em 1816. Ele parece ter assumido algumas das características da Linha de outrora, que fora descartada, mas a maioria de suas tendências morais era nova à Maçonaria Especulativa. Nesse sentido, o Lápis também era uma novidade. Nada mais natural do que dividir o Compasso com este Grau. Este instrumento continuava com duplo propósito, sendo uma das três Grandes Luzes, porém sempre com uma especial identificação com o Terceiro Grau - no qual seu pleno caráter e aplicação são ressaltados à atenção do Candidato.

A Trolha não encontrou espaço como um Instrumento ou Ferramenta de Trabalho na reestruturação introduzida logo após a União, embora seu uso possa ser encontrado em alguns lugares como a Jóia distintiva do Cobridor ou Guarda Interno, que começou como um Cobri dor Interno. Não está claro qual importância ela teve nesse sentido. William Preston incluiu esta Ferramenta entre aquelas que deveriam ser apresentadas a um novo Mestre de Loja em sua Instalação, isso pode ser encontrado na ediyão de 1792 do livro *Illustrations of Masonry,* bem como na versão de 1816 de sua Terceira Preleção. O enunciado é parecido com aquele encontrado acima. William Meeson, ao escrever trinta anos antes da primeira inclusão de Preston sobre a trolha, a "moraliza" de forma diferente:

> Aquele que espera a gentil ajuda dos outros deve, de todas as formas, procurar merecê-la, contribuindo com tudo aquilo que estiver ao seu alcance para proporcionar a felicidade de todos os homens.
>
> Ele deveria pôr suas mãos sobre a Trolha da Paz e da Beneficência e não deixá-la enquanto tiver a capacidade de agregar uma Pedra à Construção. A Beneficência ou Bondade Ativa, representa o aperfeiçoamento daquela boa vontade que devemos a toda a Humanidade sem excluir aqueles que sejam diferentes de nós, seja de grau, de credo ou qualquer outro.
>
> E embora o preconceito ou a imparcialidade possam prevalecer em alguma mentes fracas, que rigidamente se recusam a fazer o bem àqueles que não podem pensar ou agir como eles; que se lembrem que o Todo-Poderoso nos outorgou esse mandado e por isso não devemos deter a nossa mão quando estiver em nosso poder praticar o bem. Porém, caso o preconceito deva atuar, saiba então que se nos diferenciarmos mais das infinitamente maiores perfeições de Deus do que nos distinguirmos entre nós, isso fará com que, se nos recusarmos a fazer o bem quando este estiver ao nosso alcance e poder, e deixarmos de fazê-lo por causa das diferenças, então o Todo-

Poderoso, pela mesma razão, poderá deter a Sua mão que viria em nosso auxílio: uma conseqüência fatal que deixo à sua avaliação. "Sempre que tivermos uma oportunidade, façamos o bem para todos os homens."

Empenhemo-nos para reformar os maldosos e os impenitentes e, de coração, desejar que o Altíssimo transforme os seus corações. Ajudemos o Rei em seu legítimo governo, retribuindo-lhe Suas dádivas e obedecendo aos Seus mandamentos.

Honremos e reverenciemos os ministros da Sagrada Palavra, e ajudemos a mantê-la em conformidade às nossas capacidades. Que desempenhemos fervorosamente todas as obrigações que devemos a nossos pais, esposas, filhos, irmãos, etc.

Que falemos a cada um a Verdade e que cumpramos todos os nossos compromissos.

Que possamos prestar a adequada deferência aos grandes méritos e prestar honras às pessoas de qualidade.

Que a sabedoria, o conforto, o conselho, a orientação, a censura, etc., sejam dispensados onde se fizerem necessários.

Que o pobre e o indigente sejam assistidos e, caso possa convenientemente, promover a reconciliação entre aqueles em litígio, etc.

Estes e muitos outros pormenores ligados ao grande dever de fazer o bem são realizados pelas mais dignas e valorosas mãos; e se eu tivesse de me estender ainda mais sobre eles, estaria indo além dos limites aqui permitidos.

Mas para que não possa haver erros ou enganos nesses pormenores, que seja aplicado o Prumo e teremos a verdadeira retidão desse dever. "Faça o bem àqueles que o odeiam."

Os proveitos que surgem em decorrência da consciente prática desse dever são grandiosos e múltiplos: faz com que nos livremos daquele remorso que sempre acompanha as indesejáveis reflexões de termos, propositalmente, perdido as oportunidades de praticar o bem. E quando transmitimos felicidade a outrem e o fazemos com todo o coração, esta mesma felicidade nos é diretamente retribuída, de forma ainda mais intensa do que aquela que tínhamos antes. Mas o que sobrepuja todas e quaisquer outras considerações é que, ao assim agirmos, "seremos os filhos do Altíssimo" e, como tais, recebidos quando será dito: "Vinde, vós abençoados de meu Pai, para herdar o Reino que vos foi preparado desde a Criação do mundo".

A Trolha reapareceu no século XX, em alguns lugares, como uma Ferramenta de Trabalho simbolizando a Caridade e a Beneficência e acompanhada de algumas das palavras de Preston. Com a recente criação de

um novo cargo em Loja, chamado de Assistente de Caridade (ou Hospitaleiro), a Trolha foi adotada como a sua Jóia distintiva em razão de seu longo uso como símbolo da caridade e da beneficência.

Os rearranjos em relação a estes Instrumentos deram à Maçonaria Inglesa uma estrutura muito mais ordenada e lógica, porém com boa parte do simbolismo original em desarranjo e confusão. Seria de admirar que uma grande parte dos textos especulativos dos últimos tempos versasse sobre estes Instrumentos? A dupla natureza observa que alguns deles acabam produzindo ainda mais comentários e críticas Especulativas, mas eles têm sido tratados, essencialmente, como Instrumentos de Trabalho graças às mais recentes especulações, exceto as relacionadas com o Esquadro e o Compasso, quando considerados "juntos" como sendo duas das três Grandes Luzes. No passado, o Esquadro e o Nível também tinham uma relação especial, quando representavam a Igualdade e o Justo trato com tudo aquilo que se refere à Loja. A maior parte das antigas Preleções, seja qual for a sua fonte, comenta que os maçons se encontram e se despedem em um ou noutro desses dois instrumentos, embora, de maneira bastante estranha, todas as preleções não cheguem a algum acordo quanto a qual delas corresponde ao encontro e à despedida. Rudyard Kipling, em *The Mother Lodge,* imortalizou os sentimentos:

> Nos encontramos no Nível e nos despedimos no Esquadro,
> Onde eu estava como Segundo Diácono em minha Loja-Mãe!

William Meeson era um Mestre Maçom em Birmingham e Membro de uma Loja jurisdicionada à Grande Loja dos Modernos. É possível que jamais saibamos se os seus pensamentos Especulativos eram inteiramente próprios ou se eles refletiam aqueles em geral sentidos na época, mas foi ele quem os colocou no papel. As suas reflexões podem ter influenciado aqueles que foram os responsáveis pelos arranjos introduzidos após a União das Grandes Lojas, quarenta anos depois de ele ter publicado, em 1775, a sua obra *An !ntroduction to Free Masonry*. O seu livro está dividido em duas partes; a primeira está voltada às necessidades "apenas do Aprendiz". Nesta parte do livro, ele se concentra no principal Símbolo, o Esquadro, mas os outros três Instrumentos que ele afirma serem os mais adequados às necessidades do Aprendiz são: o Maço Comum, o Cinzel, a Régua _ dando a este último uma mesma dimensão conceitual como aquelas implícitas nos padrões morais hoje aplicados. O seguinte trecho foi extraído desta primeira parte do livro:

O Maço Comum e o Cinzel

> Tanto as leis sagradas como as humanas (quando consoantes) tendem a tomar o homem feliz, ao refrear a usurpação furtiva,

bem como o crescente poder do vício. Os exemplos e os preceitos de grandiosos e valorosos homens e os mais variados Sagrados Juramentos, todos contribuem ao mesmo propósito. Dentre todos estes, eu recomendaria apenas um método (não que ele seja, de fato, o melhor deles ou mesmo que qualquer outro que conduza a este fim deva ser negligenciado, mas é o que mais se coaduna ao meu presente fito), pelo qual podemos tentar extirpar essas luxuriantes paixões de nossas mentes.

Deixemos, então, que aquele que está plenamente resolvido a se afastar de todo e qualquer hábito vicioso e de todo e qualquer pensamento malévolo, direta e imediatamente, ponha suas mãos à obra. E com o afiado Cinzel da "Censura" e com o verdadeiro Maço Comum da "Sincera Penitência", os expulse por completo. Para tanto permita-me aconselhar-vos a ser engenhoso e criativo, e não desistir até que vós próprios tenhais vos transformado num perfeito Esquadro e tudo isso graças às vossas próprias mãos e não pela habilidade ou o trabalho de outrem.

Se os homens fossem persuadidos a pôr em prática essa experiência, infligindo a si próprios pequenas punições, renunciando, penitenciando-se, etc., eu sou levado a crer que a utilidade desse método haveria de aparecer. Pois nós temos a capacidade, cedo demais, de esquecer as nossas falhas e as nossas mazelas, sempre tentando enterrá-las em eterno esquecimento e essa é uma enorme imprudência, freqüentemente repetida, que pode, de forma importante e insensível, levar a alma a uma fatal letargia.

Então, quando nos encontramos envolvidos em falsas paixões ilusórias, é absolutamente necessária uma pequena "Penitência", a qual produz uma forte impressão em nossa mente sobre a malévola conseqüência de nossa grande depravação e que nos coloca numa posição mais disposta a nos resguardar dela. A possibilidade de pôr em prática esse útil método está nas mãos de cada um, se estiver plenamente decidido. As paixões, sejam elas boas ou más, nada mais são do que diferentes efeitos de um único e mesmo princípio: a alma; ora, por existir uma tão infinita variedade de coisas que agradam este princípio, depreende-se então que nós não podemos deixar (se tivermos a determinação de fazê-lo) de reter uma ou outra gratificação, ou forçar, com o castigo, alguma obrigação útil, quando estivermos mais sensíveis a qualquer "irregularidade".

E, embora cortar uma mão direita, ou extirpar um olho direito, não traga nenhum tipo de prazer numa operação, este virá como uma conseqüência necessária, pois quando qualquer "irregularidade"

é removida de nós, o que restará em nós será benéfico e agradável.
Estabelecida esta premissa, não será difícil, até mesmo para um Aprendiz, manejar o Maço Comum, o Cinzel e o Esquadro, com destreza e juízo.
Qualquer que seja aquilo a que se dê preferência em detrimento do maior de todos os deveres - o amor ao Ser Supremo será colocado num plano secundário e, assim, por imperiosa necessidade, deve ser extirpado.
Qualquer que seja a preferência dada antes daquele grande dever da Igualdade entre todos os homens e realizada com retidão e sinceridade ao supremo dever - o amor a Deus - deverá ser eliminada, para que o Esquadro possa ser, sempre, aplicado com justeza e facilidade. Quando isso é feito, a "Pedra", ou "Pedra Bruta", estará completamente trabalhada e o Maço Comum e o Cinzel poderão, então, ser deixados de lado até que o Esquadro identifique alguma outra qualquer irregularidade ou imperfeição.

A Régua

O tempo é uma das mais preciosas jóias para aquele que dele sabe fazer um bom uso. Porém, ao negligente e indolente não passa de mera nulidade - para pessoas assim, os preciosos momentos são como dias e os seus dias são como anos. O seu trabalho é problemático, a sua vida é um pesado fardo. Em suma, uma estátua que se mexe é uma pobre comparação àquela simplória alma que não consegue encontrar tempo para fazer o bem aos outros e nem ser benéfico para si próprio.
Aquele que desperdiça o seu tempo parece estar em um, ou próximo a um, estado de inexistência, pois, apesar de ele comer, beber, etc., provar que tem uma substância animal, onde estão as suas ações humanas? Onde estão aquelas emoções, grandiosas e nobres da alma? Onde está aquela grande Luz que deveria ser colocada sobre um pedestal e pela qual o mundo possa ver com plenitude tratar-se de um bom maçom e de um verdadeiro cristão? Certamente tudo isso foge ao indolente inativo e o incapacita de governar a si próprio ou de dar luz a outrem. Que tão insignificantes trastes sejam então banidos da face da terra, ou que o caráter dos "inúteis" esteja estampado em suas testas e, para sempre, privados do benefício de qualquer elo social.
Mas o bom maçam cuidará para que o seu tempo seja bem empregado, a pedra seja bem esquadrada e a construção prossiga com coragem e bravura.

> Que as diversas partes de nosso trabalho sejam medidas e dosadas apenas pela Régua de um Dia, fazendo com que cada parte de nosso trabalho seja justa e com dimensões apropriadas de comprimento e largura, pois aquele que cuida de suas medidas tem mais condições de trazer perfeição ao seu trabalho. Mais do que aquele que o negligencia, não obstante possa ele assim tentar.
>
> O nosso Grande Mestre Salomão nos diz que "sob o Céu, para cada coisa existe o seu tempo e um tempo para cada coisa". "Existe um tempo para servir ao nosso Criador; um tempo para trabalhar atendendo as imposições de nossas necessidades; um tempo para fazer o bem ao nosso próximo e um tempo para o descanso"; A equilibrada e sensata dosagem do qual é útil e necessária. Pois aquele que aplica uma boa medida é o que mais certamente trabalhará em verdade e em regularidade, enquanto aquilo que é feito com indolência e sem medida será imperfeito e desgostoso. Quão prazeroso e proveitoso, então, deve ser repartir bem aquele curto Tempo que temos, empregando cada uma de suas partes a propósitos grandiosos e humanos.
>
> O bom desempenho de nossas obrigações e deveres e cumprindo aquela grande e importante confiança a nós atribuída, certamente é a mais prazerosa satisfação que pode tomar conta do peito de um ser racional. Os enganosos atrativos da opulência, da soberba e do poder, mesmo aqueles ostentados por reinos e impérios, comparados a esta satisfação interior, são como o fugaz cintilar do vapor exposto ao Solou um átomo em relação ao Universo. O bom maçom, a salvo disso, não deve temer as censuras e reprovações dos outros, nem daquilo que é ainda pior, a implacável crueldade de uma consciência sem relento. Ao contrário, ele gozará dos frutos do seu trabalho com uma tranqüilidade e uma serenidade mental, aqui e na eternidade - uma felicidade que jamais findará.

Mesmo quando os compiladores de 1816 determinaram quais seriam os Instrumentos de Trabalho de um Aprendiz maçom, parece ter havido duas opiniões quanto ao seu exato significado moral. Na versão mais usada em geral, nos dias de hoje, a Régua de 24 polegadas é dividida em três partes: para a oração, para o trabalho e o descanso e para o serviço. Nas Lojas dos Antigos, que é de onde este Instrumento vem, "uma parte é reservada ao trabalho, parte ao serviço a Deus e assistência a um Irmão, e parte para o sono e o descanso". Em alguns documentos antigos, existe certa dúvida se o dia deveria ser dividido em três ou em quatro períodos. Embora alguns autores tenham esboçado essa divisão em três, conforme a prática de Santo Agostinho, é provável que a adoção de quatro períodos

tenha surgido antes da época em que o numero "três" tivesse adquirido a importância e significado que tem para o Primeiro Grau.

William Preston faz referência à divisão em três períodos:

> Porque os três empregos aplicados àquelas três divisões são igualmente essenciais à felicidade do homem e o distinguem da criação animal, pois o homem precisa suportar a si próprio pelo produto de seu trabalho manual. Mas também ele quer o descanso e o conforto para que possa continuar o seu trabalho e como um ser racional, também devendo empregar as suas faculdades mentais na contemplação da Natureza e dedicar a devida adoração ao seu Onipotente Criador.

Os Antigos viam o Maço Comum como o monitor da consciência enquanto o Malho citado anteriormente serve para aparar, eliminar todas as saliências e suavizar as superfícies. Isso combina o uso padrão de nossos dias, mas a explanação moral alternativa que surgiu do período de 1816 por meio da Stability Lodge of Instruction vale ser comparada graças aos seus distintos significados:

> Com a Régua de 24 polegadas podemos aprender uma lição cotidiana de advertência e instrução, pois ao ser dividida em 24 partes ela nos lembra da divisão natural do dia em 24 horas e nos orienta a aplicá-las a seus apropriados objetos, quais sejam: a prece, o trabalho, o descanso e o sono. Com o Maço Comum aprendemos que o talento e a perícia sem a aplicação de quase nada valem; que o trabalho é a sorte do homem; que o coração pode imaginar e o coração pode planejar em vão se a mão não estiver pronta para executar o desígnio. Com o Cinzel nós aprendemos que a perseverança é necessária para que se consiga a perfeição; que a matéria bruta pode receber seu fino polimento, mas isso só se dá por intermédio de repetidos esforços; que nada que não seja fruto de uma incansável aplicação pode levar ao hábito da Virtude, ao esclarecimento da mente e a uma pureza de espírito. Disso tudo extraímos esta moral, aquele conhecimento baseado na precisão, ajudado pelo trabalho, e promovido pela perseverança, haverá de, finalmente, sobrepujar todas as dificuldades, tirar a ignorância do desespero e estabelecer a felicidade nos caminhos da ciência.

O Dr. Oliver, ao recolher os pensamentos de outros autores junto aos seus, assim escreve:

> A Régua de 24 polegadas, cujo aparente uso é o de apenas medir linhas e distâncias, entre os maçons se refere, mais especificamente, às 24 horas do dia e destaca a necessidade de uma distribuição uniforme do Tempo: uma parte devendo ser aplicada

ao trabalho, outra parte reservada para o descanso e uma terceira parte para a prece e a meditação. Foi assim que o excelente monarca e Grão-Mestre dos maçons, Alfred - o Grande, fez uma equilibrada e justa apropriação de suas horas, depois de ter vencido todos os seus adversários, e em paz sentou-se no trono de seus domínios hereditários. É de fato primordial que se cuide do progresso do tempo. O tempo parece não se mover. Veja o mostrador de seu relógio. Ele está ali, fixo e imóvel. Você não consegue ver o processo pelo qual o tempo é dividido e, ainda assim, hora após hora, ele vai passando. O mostrador ainda continua ali, no mesmo lugar, mas está, na verdade, avançando como se o decorrer do tempo fosse visível ao seu olho. De forma semelhante, o Sol no Firmamento mede os dias, as semanas, os meses e os anos e ainda assim, não importando o quão atentamente você observe, você não tem a menor percepção visual de seu curso. Ele surge no Oriente e você o vislumbra no púrpuro amanhecer. Ele chega ao seu meridiano ao Sul de forma ainda imperceptível ao olho humano, e você sabe que metade do dia já se foi. Majestosamente ele vai ao fim de sua trajetória diária e, ao se pôr no Ocidente, você percebe que está um dia mais próximo daquele que haverá de, por fim, encerrar todas as suas ligações com este mundo, e introduzi-lo a outro mundo em que esta divisão de tempo cessará e uma infindável eternidade se descortinará ante os seus olhos. Que este pensamento seja um estímulo e um incentivo às atividades virtuosas, que a sua admissão à Eternidade seja gloriosa, plena de paz e de indescritível alegria.

O Esquadro

Embora ele seja o segundo a ser mencionado quando falamos das três Grandes Luzes, que a Grande Loja dos Modernos chamava de Mobiliário da Loja, a palavra "Esquadro" se tomou sinônimo de honestidade de tratamento e de sinceridade de propósitos. Trata-se de um dos princípios adotados em geral na linguagem de origem maçônica, sendo, entre todos os demais, o símbolo da própria Maçonaria. E é assim que deveria ser, pois as antigas Preleções nos dizem que, apesar de o Volume Sagrado ser proveniente de Deus ao homem em geral, o Esquadro pertence a toda a Maçonaria. E assim pertence pela atitude quando o juramento é baseado em esquadros e, especialmente no "Esquadro", segundo o qual o corpo é ereto. Assim, com o maçom juramentado nele, toda a Maçonaria está obrigada a agir sobre ele.

Assim como o Volume Sagrado é, essencialmente, a Grande Luz com uma especial importância ao Iniciado, também o Esquadro tem uma especial

importância ao Grau de Companheiro. O Obreiro ocupa-se da construção prática, e não apenas de construir de qualquer jeito, mas sim de maneira apropriada. Este implemento é essencial para que ele possa provar a estrutura e os materiais. O material bruto é o caráter e as ações de cada maçom, e a construção que deveria estar em perfeito esquadro é a estrutura de sua vida, construída sobre um alicerce assentado anteriormente.

O Esquadro faz outras aparições diversas às das Grandes Luzes. Ele também é a Jóia do Mestre da Loja - o mais importante Oficio da Loja- sendo por ele usado para, simbolicamente, mostrar que é pela conduta reta do Mestre que a Loja é governada com justiça. O Esquadro também aparece como um dos Instrumentos de Trabalho do Companheiro. Nos três casos, se relaciona com a construção prática. Além de suas funções práticas, o Esquadro simbolicamente ensina a regular as nossas vidas e ações, e o devido respeito às obrigações e deveres que temos em relação ao nosso próximo. Ele é usado, ainda, como instrumento de prova quando da Passagem ao Segundo Grau; e, a respeito desse uso, assim diz Preston:

> Sendo o Esquadro admitido como principal teste de mérito, ele comunica que a conformidade às suas regras o credencia a compartilhar de mais outros privilégios da Ordem.

Sob o enfoque maçônico, o Esquadro é um Instrumento dotado de dois braços que formam um ângulo reto no ponto onde se unem. Ele pode ser usado para aferir o enquadramento e, assim, provar e ajustar os cantos retos das construções além de contribuir para a transformação da matéria bruta em sua devida forma. Tal como escreveu Meeson na década de 1770, "Este Esquadro, se bem aplicado, indicará com precisão onde o Maço e o Cinzel devem ser aplicados e o quanto é necessário o seu uso". E ele vai mais adiante:

> Mas para que não cometamos erros na aplicação do Esquadro, será necessário mostrar a natureza de sua construção, o que tomará mais fácil o seu uso.
>
> Assim, o Esquadro é a teoria do dever universal e consiste de duas linhas retas, formando um ângulo de perfeita sinceridade, ou 90°. O lado mais longo é a soma dos comprimentos dos diversos deveres e obrigações que se deve ao Ser Supremo; o outro é constituído pela soma dos comprimentos dos diversos deveres e obrigações a todos os homens. E todos os homens deveriam estar corretamente em conformidade a este Esquadro quando integravelmente concluído.
>
> Se fizermos com que nenhum de nossos deveres e obrigações devidos ao Ser Supremo seja omitido e formos igualmente dedicados à realização e ao cumprimento de cada um deles, decorrerá que este grande dever, considerado geometricamente, será

> como uma linha reta. Igualmente, se o amor ao Ser Supremo for um princípio vívido e se o amor que devemos a todos os homens (quando em sua maior perfeição) flui diretamente (com sinceridade e retidão) desse princípio, decorrerá que todo o nosso dever, considerado geometricamente, será como um retângulo plano e, portanto, deverá coincidir satisfatoriamente com o perfeito Esquadro dos teóricos deveres e obrigações.
>
> Tal como afirmado por Aristóteles: "Aquele que valentemente suporta os choques do destino e que se comporta justa e honradamente, é verdadeiramente bom, e de uma irrepreensível postura de Esquadro".
>
> Aquele que se respaldar a sua postura num tal perfeito Esquadro, deverá sempre provar-se pelo perfeito Esquadro da Justiça e da Igualdade. "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente, com toda a tua alma e com toda tua força. E a teu próximo como a ti mesmo. Fazendo por todos os homens tudo aquilo que esperamos que eles façam por nós".

A maioria dos Esquadros atualmente fornecidos para uso em Loja tem os seus braços com comprimentos iguais, mas está bastante claro a partir do que escreve Meeson ao se referir ao Esquadro - e, provavelmente, este era o Esquadro aceito na Maçonaria de sua época - que tinha braços com diferentes comprimentos. Também não havia tolerância quanto aos comprimentos dos dois braços do Esquadro, que estavam sujeitos à proporção de 3:4, fazendo com que o lado faltante que completaria um triângulo retângulo (ou reto), medisse "5", estando assim em conformidade à 47ª Proposição de Euclides, Livro L Sydney T. Klein desenvolve esta questão em textos publicados no *Ars Quatuor Coronatorum,* de 1897 *(The Great Symbol)* e de *1910 (Magister Mathesios).* Klein mostra em sua abordagem ao Simbolismo uma forte tendência ao oculto, mas esmerou-se ao destacar:

> ... aqueles Símbolos, Sinais e Segredos de nossa Fraternidade se basearam naquilo que eu chamei de "o conhecimento do ll' "; e, portanto, é natural esperar que a montagem da Loja esteja em concordância com o mesmo princípio. Os nossos mais antigos manuscritos sustentam que, encabeçando todas as Ciências Liberais, está a "Geometria, que é a Maçonaria" e aquela emanação da Primeira Grande Loja, chamada de *"Constituições de Anderson"* (1 a edição em 1723 e 2 a edição em 1738) dá prova de qual era tida como a "cabeça de todas as ciências", mencionando, especificamente, a 47ª Proposição de Euclides, Livro I

Está claro que Klein, ao escrever a partir de um diferente ponto de vista e baseado em pesquisa e teoria, chegou a uma conclusão que coincide com a descrição de Meeson.

É interessante notar que, quando começou a se tomar uma prática ter a Jóia de um *Past Master* baseada na 47ª Proposição de Euclides, ou seja por volta de 1820 - e assim continuou na década de 1830 - o Esquadro usado inicialmente era aquele conhecido como tipo "forca", tal como fora ilustrado por Klein e descrito por Meeson.

Autores posteriores também se referem ao Esquadro. O Rev. 1. T. Lawrence, em seu livro *The Perfect Ashlar,* cita a maioria dos usos ritualísticos há pouco mencionados e também as muitas vezes que, no decorrer de uma Cerimônia, as movimentações e as posturas fazem referência ao Esquadro. Ele também afirma que, sob o ponto de vista Operativo, a importância do Esquadro é originada pelo fato de ser uma das três figuras cujo ângulo é um submúltiplo de 360°. As outras duas são o triângulo e o hexágono. A forma exata do Esquadro que usamos também chamou a atenção de Lawrence, levando-o a escrever:

> Qual deveria ser, primeiro, a forma exata do Esquadro? O termo "esquadro" *(square,* em Inglês) é um tanto quanto impróprio, pois o Símbolo em questão é composto por apenas dois lados adjacentes de um quadrado. Mas deixemos esse aspecto de lado. Em muitas Lojas do exterior, principalmente nas Lojas jurisdicionadas ao Grande Oriente da França, encontramos o Esquadro com um de seus braços mais curto que o outro, tornando-o, assim, um esquadro de carpinteiro, o que de fato não é. A gravação sobre ele de uma escala métrica (polegadas ou centímetros) é totalmente desnecessária, pois dessa forma ele passa a ser um instrumento de medida, o que de fato também não é. O esquadro do pedreiro tem a função exclusiva de testar a "retangularidade". As gravações artísticas que algumas vezes encontramos aplicadas sobre os braços do Esquadro não têm importância alguma, mas as duas extremidades não devem ser acabadas com remates ornamentados. O Simbolismo é muito antigo:
>
> O Irmão Dr. 1. P. Bell, que foi em certa época o Grão-Mestre Provincial Adjunto para o Norte e leste de Yorkshire, recolheu uma relíquia bastante curiosa: um antigo Esquadro de bronze, contendo a seguinte gravação:
>
> *I will strive to live with love and care, Upon the levei by the square.*
>
> Me esforçarei para viver com amor e desvelo, Sobre o Nível e pelo Esquadro.
>
> Esta peça foi encontrada sob os alicerces de uma antiga ponte perto de Limerick, em 1830, e a data gravada sobre a relíquia é 1517, o que prova, se é que há necessidade disso, que a Instrução

> ministrada por nossos antigos Irmãos era idêntica à aplicação Especulativa dos Instrumentos de Trabalho da Maçonaria Simbólica moderna. Isso é bem mais do que pode ser dito sobre boa parte do simbolismo maçônico. Embora um pouco deficiente em sua forma gramatical, a acertada frase: "Nós aplicamos estes instrumentos a nossa moral" tem feito com que alguns notáveis absurdos se perpetuassem, pois de fato não existem, nesse sentido, limites à fantasia. O Esquadro, tal como encontrado na Maçonaria Simbólica, é, na realidade, aquilo que os Gregos chamavam de (gnomon ou gnômone), e tem se insinuado de forma bastante engenhosa que o "símbolo sagrado" encontrado no centro da Loja seria, na verdade, a letra inicial desta palavra. Se assim for, isso ajudará a preservar a concórdia no Simbolismo de nossa Loja.

O gnômone era um esquadro dotado de dois braços de comprimentos diferentes: a proporção comum entre os comprimentos era de 3:4. Pitágoras, ao uni-los, achou a linha de comprimento de "5"; e, combinando estes resultados com a fórmula aritmética $3^2+4^2=5^2$, resultando na 47ª Proposição de Euclides I. Dizem que o método de prova que adorna a Jóia do Mestre da Loja é devido ao próprio Euclides.

J. S. M. Ward também apresenta o parecer de que a letra "G" foi originalmente representada nas Lojas da Idade Média por um esquadro do tipo "forca", com braços de comprimentos desiguais e parecido, em sua forma, à letra "Gama" ou "G" do alfabeto grego. Este também era o símbolo de "Justiça", um dos grandes atributos de Deus. Ward acreditava que o formato da letra "Gama" deveria ser colocado no centro, combinando o próprio esquadro e a representação da Geometria. E prossegue:

Os símbolos têm significados dentro de significados, desenvolvendo-se um a partir do outro, fazendo com que muitas vezes se torne difícil, àqueles que estão apenas começando a estudar a Simbologia, evitar ficarem um pouco confusos a este respeito. Por exemplo, o Esquadro, em geral, representa a matéria ... mas, ao mesmo tempo, não podemos esquecer que, ao simbolizar a letra "G", ele também representa Deus. Isso parece contraditório, mas, na realidade, não é; a matéria também é Divina e, tal como o espírito, é indestrutível, como bem sabem os cientistas modernos. A matéria pode mudar a sua forma centenas de vezes, mas, ainda assim, ela não será destruída; assim, podemos verdadeiramente dizer que a matéria é apenas uma forma da manifestação exterior de Deus neste mundo.

Portanto, o Esquadro nos ensina que Deus criou a matéria a partir de Sua própria substância e, assim sendo, é-.também Divina e Eterna, embora a sua forma seja transitória.
Ademais, se raciocinarmos com mais cuidado, haveremos de perceber que esta é a única solução do problema de como algo pode ser criado a partir do nada. Se acreditarmos que Deus sempre existiu e existirá por toda a Eternidade, essa dificuldade simplesmente desaparecerá. Nada pode ser criado a partir do nada, mas, desde que Deus sempre existiu, Ele pode, claramente, criar qualquer coisa a partir Dele próprio, pois Ele apenas muda a sua forma e aquilo que nós chamamos de "matéria" é aquela parte Dele que podemos perceber, de forma física, p·elo uso de nossos cinco sentidos. Assim, o Esquadro, por si, não é apenas um Emblema da matéria, mas nos mostra como a matéria vem de Deus e como ela é "criada". O Esquadro também representa a Moralidade em geral e, mais especificamente, a Justiça. No antigo Egito, os Deuses eram ilustrados estando sentados sobre um Esquadro quando atuavam como juízes. Todavia, em outras oportunidades faltava o Esquadro em seus tronos. Na Arquitetura, o Esquadro é usado para testar a regularidade de uma pedra, para verificar a correção de um ângulo de uma construção e não podemos esquecer que, caso cada uma das paredes não esteja em perfeito ângulo em seus cantos, a construção estará fadada a ruir. Da mesma forma, o homem que não esquadrar a sua vida e a sua conduta por aquilo que sabe ser justo e perfeito acabará morrendo espiritualmente, por mais que possa parecer prosperar nas coisas materiais.

O Esquadro do Mestre simboliza que, na Loja, ele é o juiz e, assim, deve agir justamente; mas também significa mais do que isso, pois o Mestre personaliza o espírito no homem, bem como Deus o Criador. O atributo de Jeová que é enfatizado no Velho Testamento é a Sua Justiça. Ele sempre foi o Justo Juiz de todos, pequenos e grandes. Sempre se pode confiar no justo tratamento que Jeová dispensa a cada um de nós - um Juiz austero, mas imparcial. O aspecto criativo de Deus ou, se preferir assim chamar, a Lei da Natureza, é justo, mas austero; e aqueles que transgridem as Suas Leis sofrem profundamente, mesmo neste corpo. Portanto, o Esquadro do Mestre representa a Justiça Divina e, combinado a outros Emblemas de seu Oficio, o caracterizam como representante do aspecto criativo de Deus e da Divina Centelha no homem. Ao homem bom, a sua própria consciência é o mais austero e o mais imparcial juiz. Há quem possa julgar com leviandade as suas faltas mas o homem espiritualizado

> mostra para si pouca compaixão e sabe o quão inúteis são as insignificantes desculpas que servem apenas para dissimular o mundo externo.
>
> Assim, vemos que o Esquadro, em si, representa Deus, e a matéria que é uma manifestação de Deus. Igualmente, o Esquadro representa o Seu essencial atributo de Justiça, donde provém o teste da conduta reta. Quanto à letra "G", ela pode ser encontrada no centro. Nós podemos, de fato, dizer que, em certo sentido, a Maçonaria é construída sobre a base do Esquadro.

Quanto à questão do formato do Esquadro, muitas vezes é afirmado que, nos braços da Grande Loja original de 1717 (copiados daqueles da Companhia de Maçons, e incorporados nos da Grande Loja da Inglaterra de hoje), o Compasso é exibido aberto em asna. Esta asna é uma divisa que se parece exatamente a um esquadro, com braços de comprimentos iguais e, tal como o Esquadro e o Compasso combinados representam, para muitas pessoas, o Símbolo da Maçonaria. A mudança do Esquadro com braços desiguais para outro com braços de igual comprimento, foi considerada uma cópia daquele que faz parte do brasão. Este parece ter surgido na década de 1820, pouco depois da União das Grandes Lojas, à qual se seguiu a adoção de um novo brasão, incorporando os das duas Grandes Lojas anteriores.

Eu fui informado por um oficial do College of Arms que a as na não tem, em absoluto, a intenção de representar um Esquadro. Esta divisa pode ser encontrada nas Armas de cerca de um quarto das fardas de Companias da Cidade de Londres, não necessariamente de uso restrito àqueles que têm alguma relação com a área de construção. É possível que ela tenha surgido a partir de algo relacionado com a construção, pois mais parece representar a forma de um telhado de duas águas. Portanto, não é necessário que o ângulo formado seja reto, embora este ângulo seja sempre procurado no desenho. É igualmente possível que seja encontrado com freqüência como uma divisa em brasões de armas, por se constituir num conveniente método para que o desenhista divida um escudo em três partes mais ou menos iguais, onde uma cruz produziria, ao dividir o escudo em quatro partes, pequenas e inconvenientes áreas.

William Hutchinson assim escreveu, na década de 1770, sobre o Esquadro:

> Para pôr à prova os trabalhos de todo maçom, o Esquadro é apresentado como o examinador de sua vida - testemunhando se as suas maneiras são regulares e uniformes -, pois os maçons deveriam ter um só princípio e um só grau, sem as distinções do orgulho e da pompa: sugerindo que, de alto a baixo, as mentes dos maçons devem estar inclinadas às boas ações, acima das quais nenhum homem é exaltado por sua sorte.

E a coletânea do dr. Oliver inclui:

> Quando ergo o Esquadro, quantas Virtudes são apresentadas aos seus olhos! Como um acessório a um maçom operativo, ele é de fato usado simplesmente para provar e ajustar todos os ângulos irregulares e para ajudar na transformação da matéria bruta em sua devida forma. Porém, como Jóia do maçom especulativo, ele ensina a Moralidade e a Justiça; mostra a beleza da ordem e da sobriedade, e as vantagens que surgem de uma mútua comunicação dos benefícios. Em suma, nós somos instruídos por este Instrumento a agir no Esquadro para com toda a Humanidade, fazendo aos outros aquilo que, em semelhantes circunstâncias, gostaríamos que por nós fizessem.

O dr. Oliver também cita o rev. Mason do século XVIII com referência aos três instrumentos de trabalho do Segundo Grau que, naquele século, eram as Jóias Móveis da Loja:

> Com esses, ele aprende a transformar a matéria bruta em sua devida forma e as maneiras brutas e grosseiras nas mais perfeitas formas de retidão moral e religiosa, tornando-se, assim, uma pedra angular de simetria mais harmoniosa na estrutura da sociedade humana, até que ele seja transformado numa pedra angular glorificada no Templo de Deus, produzida não pela mão do homem, e Eterna no Céu. Na Loja, ele aprende a aplicar o Esquadro da Justiça em todas as suas ações: o Nível da Humanidade e da Benevolência a todos os seus Irmãos. E pelo Prumo da Fortaleza ajudar a si próprio ao longo de todos os perigos e dificuldades deste nosso decaído e débil estado.

Desde 1816, as três jóias móveis foram consideradas como sendo os instrumentos de trabalho do Segundo Grau, de forma tal que o Nível e o Prumo também combinam, nesse sentido, com o Esquadro. Tal como' .:; depreende da citação do rev. Mason, era uma Linha de Prumo, e não um Prumo, o Instrumento indicado no século XVIII. O uso da palavra "Nível" não indica, por si, a forma desse Implemento. O rev. 1. T. Lawrence diz que "fica a dúvida se a Insígnia com a qual é investido o Primeiro Vigilante é, de fato, um Nível ou não". Ele tem em mente que um Nível moderno é baseado no uso de uma "bolha" e em seus conceitos Especulativos, tendo o Nível como um Instrumento maçônico, assim diz:

> ... depende do fato de que a definição de um verdadeiro Nível é aquela verificada na superfície de um fluido em repouso. E essa condição de repouso somente acontece na absoluta ausência de interferência de qualquer força externa, ou quando tais forças estão em exato equilíbrio. Podemos, assim, entender o Nível como

> algo que nos convida a tentar uma disposição na qual todas as forças perturbadoras estejam ausentes, ou que estejam mantidas em perfeito e absoluto controle. Uma disposição tranqüila e serena é algo a ser invejado e não pode ser consegui da enquanto as nossas paixões estiverem a nos acompanhar. Devemos ponderar cuidadosamente cada impulso, para que não sejamos balançados de um lado para o outro. Certamente é um ideal e um conselho de perfeição, mas se a Franco-Maçonaria não nos apresentasse ideais e, mais ainda, repetidos ideais, nós haveríamos de muito cedo nos cansar dela.

O Nível de bolha foi inventado e desenvolvido no século XVII, entrando em efetivo uso geral somente depois de 1700. Mesmo então, é bastante duvidoso se ele haveria de substituir rapidamente a versão desse Implemento que vinha sendo usado antes. Assim, na época do desenvolvimento do Simbolismo maçônico, o Nível que estaria nas mentes daqueles mais conscientes seria aquele que vinha sendo usado, literalmente, há milênios. Nos tempos do antigo Egito, o Nível era composto de uma peça isósceles em forma de "A" com um fio de prumo pendente de seu ápice. Nos levantamentos de campo, este Nível "A" era utilizado para obter uma linha de visão horizontal posicionando o Nível sobre uma prancha e abaixando ou levantando a borda da prancha por meio de cunhas ou calços, até que a linha de prumo coincidisse com uma marcação na travessa. Esse princípio continuou em uso até quando o Nível de bolha finalmente o sobrepujou, mas o dispositivo que, na Maçonaria, chamamos de Nível, é baseado nesse desenho e perpetua o antigo conceito. Aquele que chamamos de Prumo é, de forma semelhante, dependente do uso do fio de Prumo.

William Meeson, em sua publicação de 1775, comenta sobre esses dispositivos:

> Mas deixando essa espécie de homens à moderada adoração de seus próprios ídolos, por eles mesmos criados, nós que assumimos o nome de maçons "devemos promover o símbolo da recompensa da elevada vocação". Que também sejamos "exemplos de fiéis, no discurso, na conversação, no amor, no espírito, na fidelidade e na pureza". Com uma tão humilde postura, estaremos sempre longe daquele comportamento arrogante que nos colocaria fora de nosso próprio Nível.
>
> Tanto quanto nos cabe dar aos outros o bom exemplo, que possamos emular e procurar as maiores realizações dos outros; lutando com todas as nossas forças para dominar e superar as corrupções e as mazelas de nossa natureza e nos aproximarmos do verdadeiro Nível da Prudência, da Virtude e da Piedade, em conformidade aos mais elevados e louváveis padrões de Pureza e de Perfeição.

> Tudo isso fará com que sejamos estimados pelo verdadeiramente generoso e imparcial, por aquele que ama"aquilo que é bom, seja ele um maçom ou qualquer outro que seja o seu nome. É possível que alguns como estes possam avaliar-se pelo Esquadro; mas, permita-me perguntar: como podem fazer a verificação se não estiverem eretos na construção? Assim podemos ver claramente o quão inadequado e absurdo é acreditar e confiar nos fracos suportes e apoios oferecidos pela dissimulação e pelo embuste. Ao contrário, que aquele considerado Homem e digno de confiança, se dedique à grande qualificativa virtude da Sinceridade, que ele não assuma hipocritamente aquele sagrado título e que ele não pense ser uma pessoa Reta por ser Sincero somente em alguns poucos aspectos, o que seria uma vã decepção. A Sinceridade é um dever Universal ninguém poderá ser assim considerado se não conseguir passar pelo teste, pela prova da Linha de Prumo da Sinceridade indiscutível e irrestrita. Aquele que estiver verdadeiramente no Esquadro, bem polido, e perfeitamente ereto, estará bem qualificado, habilitado e adequado a fazer parte da mais honrosa sociedade que jamais existiu. Aquele que acreditou e confiou em alguém assim não se preocupará com o seu desempenho, pois as suas palavras são a respiração de seu próprio coração. Ele prometeu e é fiel a seu compromisso e é um absoluto estrangeiro a tudo aquilo que possa ter um duplo sentido.
>
> Ao procurar sempre dar satisfação aos outros, ele poderá ter a certeza de, como recompensa por sua Constância, ser admitido como Membro daquela mais Fraterna Sociedade na qual cada um de seus integrantes é uma pessoa perfeitamente no Esquadro, Polida e Ereta.

Lawrence tinha outros conceitos sobre o princípio da Igualdade demonstrado pelo Nível:

> Em todos os tempos, a palavra Igualdade teve um estranho fascínio. E, tal como as duas outras palavras da trindade, Liberdade e Fraternidade, tem sido a responsável por incontáveis crimes. A Igualdade de circunstância é uma absoluta impossibilidade, até mesmo entre o homem e o seu semelhante. E, caso assim fosse, isso seria desastroso aos interesses da raça humana. Neste mundo, alguns podem ter, por exemplo, cinco habilidades ou talentos, outros podem ter duas e outros apenas uma.
>
> A Igualdade de respeito se aproxima mais daquilo que está ao alcance prático. Assim como o Arcanjo Gabriel, servimos a Deus e a Humanidade com duas asas brancas ou como o artesão operário

> com duas mãos pretas, nós podemos comandar o mais elevado respeito e a mais profunda estima de nossos semelhantes e igual louvor do Altíssimo. E é assim que nos aproximamos daquilo que é realmente o maior ensinamento maçônico do Nível. Cada um na Loja está igualmente preocupado com a construção do imponente edifício no qual a pedra fundamental foi assentada no Nordeste: o Arquiteto que com o seu Lápis desenha o projeto, o Obreiro no canteiro que, com um Maço e um Cinzel dá forma às Pedras, os Artesãos que colocam as Pedras em seus respectivos lugares, os Oficiais que conduzem os Obreiros e cuidam para que eles recebam os seus respectivos salários. Não seria cada um deles igual a qualquer outro ao cumprir o seu dever?
>
> Não podemos conceber uma melhor definição de Igualdade do que completa ausência de escrúpulo e de desconfiança. O sentido de superioridade numa mão ou de inferioridade na outra mão, traz a desconfiança. O sentimento de inutilidade ou indignidade, ou de um dever mal cumprido, traz o escrúpulo. Mas o homem que agiu e expressou aquilo que de melhor existe dentro dele é o equivalente de seu Companheiro, no mais alto e irrefutável sentido.
>
> O passo nivelado é, em primeiro lugar, aquele que é dado com firmeza no chão, que não é dado com timidez, nem de maneira furtiva e nem de forma inconsciente. Aquele que indica o homem com firme certeza de retidão - ou, em outras palavras, que tem uma conduta Reta. Estabilidade, Constância e Perseverança de progressão também estão implícitas nesta terminologia. Ela significa que a Capacidade, a Intenção e a Execução estão todas no mesmo Nível. Qualquer que seja a capacidade de um homem, ela geralmente adquirirá o mesmo nível de sua execução. O homem que, conscientemente, cai abaixo de seus poderes e forças, não conseguirá mais voltar a controlá-los quando assim quiser e afunda num nível ainda mais baixo. O homem cujas intenções estão sempre além de seus poderes ou forças poderá vir a estar numa ordem mais elevada mas, ainda assim, ele pode voltar a ser um incompetente obreiro, desperdiçando material e o tempo do Mestre.

Para mostrar mais uma vez que a explanação dos aspectos morais dos instrumentos de trabalho, mesmo nas Constituições inglesas, não são padronizadas ou uniformes, o texto que apresentamos a seguir aborda o método de Explanação do significado dos Instrumentos do Segundo Grau na All Souls Lodge, Nº 170. Após a Explanação ritualística, eles concluem com a descrição mais extensa sobre os Instrumentos de Trabalho:

> O Esquadro é um instrumento usado na Arquitetura, que possibilita ao Arquiteto dar forma e beleza ao seu trabalho, simbolicamente nos ensinando a formar e embelezar as nossas vidas. É um Emblema da Moralidade e denota aquela mais importante obrigação, que é a de fazer pelo próximo aquilo que gostaríamos que fizesse por nós, e de agir no Esquadro com toda a Humanidade.
>
> O Nível é o Instrumento usado na Arquitetura para tomar a construção plana e uniforme, e serve como um lembrete de que estamos todos igualmente destinados a desempenhar o nosso papel e fazer parte deste grande teatro da vida; que estamos todos igualmente sujeitos à doença e à enfermidade; que estamos todos sob o controle do Grande Pai; que estamos todos destinados a morrer, de sermos nivelados com a terra, a corromper e a sermos esquecidos. Por destreza ou por acidente podemos ter a nossa condição e o nosso estado variado; mas vivendo a vida, haveremos de conseguir uma participação mais equilibrada entre o bem e o mal do que podemos geralmente imaginar. No edifício da Franco-Maçonaria, a Igualdade é a principal Pedra Fundamental e cada um dos Irmãos, em sua iniciação, não entra na Loja vestido em esplendor ou com orgulho no coração, mas cingido de humildade e com uma mente de submissão. O Prumo é o instrumento usado na Arquitetura, pelo qual a construção é erigida numa direção perpendicular e representa uma reta e ilibada vida, simboliza o cuidado que devemos ter contra os desvios de nossa própria linha reta de conduta e de comportamento.

A obra *Leaves frorn Georgia Masonry* faz um comentário acerca desses três Símbolos que compõem as Jóias Móveis e os Instrumentos de Trabalho:

> O Esquadro do Mestre da Loja não representa meramente a infinita Justiça de Deus, nem é um simples símbolo da cruz que é, em si, o maior de todos os Símbolos, nem representa, simplesmente, a Virtude. Ele é um símbolo da 47ª Proposição de Euclides. Aquela figura, os quadrados inscritos sobre os três lados de um triângulo retângulo ou reto, simboliza uma outra Verdade; que, embora as obras de Deus não possam ser conciliadas, harmonizadas ou entendidas nesta vida, que quando formos elevados a um Plano mais elevado - simbolizado pela quadratura dos lados - descobriremos que existe uma harmonia e uma proporção definida em tudo aquilo que Deus permite que seja feito neste mundo.

Também haveremos de notar que tudo aquilo que se mantém no mesmo nível jamais progride, e morre, pois a Natureza nos mostra que, para viver, devemos nos mover para cima. Mas quando aplicamos o Esquadro da conduta reta ao nível mortal da mera existência animal, forma-se o Prumo, a viva Perpendicular, que é o emblema da vida e do crescimento reto, a imortalidade. Nada mais é necessário, além da fé, para fazer essa combinação funcionar e trabalhar para nós bem além do eterno vigor da glória. Percebamos também que a Virtude, a vida reta, é representada por um ângulo de 90°, enquanto o Amor, o Amor Fraternal, o Amor desinteressado, o Nível, é o dobro disto tudo. Lembremo-nos também que "o Amor é a realização da lei".

O Terceiro Grau

Por não existirem instrumentos de trabalho especificamente relacionados ao antigo Terceiro Grau em qualquer uma das Grandes Lojas, nós achamos que dois desses Instrumentos atribuídos a este Grau, em 1816, têm pouco ou nenhum Simbolismo anterior e que o uso apresentado em sua Explanação é bastante uniforme. A Trena ou Linha, assume algumas das qualidades da Linha Reta e nos denota a retidão de conduta; enquanto o Lápis é um Instrumento que, provavelmente, desafia o comentário Especulativo além daquele contido na Explanação costumeira.

O Compasso

Este instrumento, tão freqüentemente referido nos antigos documentos, é aquele que, sendo de maneira geral uma das três Grandes Luzes da Maçonaria, tem um especial significado ao Terceiro Grau. É somente neste Grau que ele é totalmente exposto, possibilitando assim ao Mestre Maçom usá-lo para concluir a sua obra e é também neste Grau que ele reaparece como um dos instrumentos de trabalho. Ele nos lembra a limitar o nosso dever em todos os casos que, elevados à eminência pelo mérito, possamos ser respeitados em vida e lamentados por nossa morte. Ele também nos lembra da imparcial Justiça de Deus. Assim, ele é o símbolo do autocontrole e, assim como o Esquadro nos mostra o dever que temos para com o nosso próximo, o Compasso nos mostra o dever que temos para conosco mesmos. As antigas preleções também nos dizem que, por ser o principal instrumento empregado na composição de projetos e planos de Arquitetura, ele é particularmente apropriado ao Grão-Mestre como um emblema de sua dignidade; e, de fato, a jóia do ofício de Grão-Mestre incorpora o Compasso. Somente os seus Adjuntos e Assistentes, bem como os Grão-Mestres Provinciais e Distritais e os Grandes Inspetores

- que são os seus Adjuntos locais - têm o Compasso como parte de suas jóias, enfatizando, assim, a apropriação do Compasso.

A respeito deste instrumento, assim escreveu o Dr. Oliver:

> O óbvio uso do Compasso está na composição de planos e projetos, dos quais todas as nobres obras de artesão são realizadas em suas justas e elegantes proporções. No entanto, na Maçonaria ele tem uma conotação que vai ainda mais além. Ele nos instrui a caminhar honrada e sensatamente entre os nossos Irmãos. Para evitar qualquer grau de intemperança que possa vir a degradar o homem a um estado bruto e dedicar a cada um aquilo que lhe é devido, dar tributo a quem é devido o tributo, temer a quem deve ser temido e honrar a quem deve ser honrado.

A obra de William Hutchinson, *The Spirit of Masonry,* nos dá uma idéia sobre o Compasso como Instrumento para o Mestre:

> Mas como a fraqueza da natureza humana mantém guerra com a Verdade e as enfermidades do homem lutam com as suas Virtudes, para ajudar a conduta de todo maçom, o Mestre detém o Compasso, limitando e estabelecendo as distâncias, o progresso e a circunferência do trabalho. Ele dita as maneiras, dá a direção do projeto e delineia cada porção e cada parte do trabalho, determinando a cada um a sua competência e a sua ordem. E tal é o seu magistério que, cada parte, quando separada ou distante, pareça irregular e disforme; e quando unidas as partes, tal como na construção do Templo de Jerusalém, sejam montadas e alinhadas em perfeita simetria, beleza e ordem.
>
> Daí se depreende a implicação moral de que o Mestre em sua Loja deve ditar aquelas leis e regras salutares para o seu regular funcionamento conforme a sua prudência determinar, atribuindo a cada Irmão a sua apropriada área de ação, limitando a precipitação de alguns e circunscrevendo a imprudência de outros. Restringindo e moderando toda licenciosidade e bebedeira, toda discórdia e toda a maldade, toda inveja e toda a censura e promovendo o Amor Fraternal, a Moralidade, a Caridade, a Benevolência, a Cordialidade e a Alegria pura, para que a reunião dos Irmãos possa se dar em ordem, com Harmonia e com Amor.

William Meeson inclui o Compasso entre os quatro instrumentos que ele interpreta moralmente em relação ao Grau de "Mestre ou Artífice", para ele o Segundo Grau. A terceira parte de seu livro trata da Moral da Geometria e "apenas para o Mestre" - presumivelmente o Mestre da Loja como Mestre Maçom, pois nota-se uma insinuação de, em tempos

antigos, o Terceiro Grau ser restrito ao Mestre da Loja e a seus Vigilantes. Provavelmente, isso também incluía aqueles que estavam qualificados para estes Oficios, embora pareça que, na época em que o livro de Meeson foi publicado, esta prática já havia, virtualmente, sido abandonada. A sua moral sobre a Geometria não incluía Instrumentos como esses, mas para o Mestre ou Artífice, ele recomendava o Compasso para a moderação, a Linha de Prumo para Sinceridade, a Trolha para a Beneficência e o Nível para o Exemplo e a Emulação.

Assim escreve ele sobre o Compasso:

> Como a boa e cuidadosa administração do nosso tempo é a única maneira de se obter uma adequada competência a nossa estada aqui, e como esta competência bem gerenciada pode conduzir à nossa felicidade eterna, depreende-se daí que deveríamos manter a frugalidade, e nos mantermos no Compasso da moderação.
>
> O excesso em qualquer coisa é sempre acompanhado de alguma inconveniência e, muitas vezes de uma inevitável ruína. Os prazeres excessivamente sensoriais freqüentem ente causam distintas dores, duradoura enfermidade e morte certa. Uma exagerada profusão de gastos e despesas traz a pobreza, a vergonha e o desdém, mas a moderação, em todo e qualquer sentido, nos mantém longe e seguros contra todos esses males.
>
> Contudo, os danosos efeitos (conseqüências) da Intemperança surgirão plenamente (mesmo de forma demonstrativa) das seguintes considerações.
>
> As funções (poderes ou empregos) do corpo são: 1) As Vitais, que são: a circulação do sangue, as ações do cérebro e a respiração; 2) As Naturais, que são: a digestão, a nutrição, o crescimento, a geração, a evacuação dos excrementos e as secreções; 3) As Animais, que são: os movimentos do corpo; o livre e pronto exercício daquilo que constitui o que chamamos de Saúde.
>
> Mas o livre exercício das funções não pode existir sem um determinado tônus ou tensão das fibras dos sólidos necessários para uma livre circulação e excreção dos diversos fluidos. Enquanto esses estiverem bem equilibrados entre si, o corpo desfruta da mais desejável serenidade, naturalidade, satisfação e bem-estar mental. Porém, quando esse equilíbrio sofre algum abalo, por menor que seja, algum comprometimento haverá de decorrer.
>
> Tudo isso é mantido em boa ordem por um adequado e apropriado uso daqueles seis, assim chamados não naturais, os quais são: o ar, as carnes e as bebidas, o sono e a vigília, o movimento

e o repouso, as paixões mentais, as retenções e as excreções. Mas se não mantivermos uma apropriada proporção nestes, o adequado equilíbrio entre sólidos e líquidos será destruído, as funções serão prejudicadas e, proporcionalmente, advirão as doenças e a morte.

Porém, como o mundo crítico está bastante predisposto a censurar a Fraternidade, como imoderadamente ficando e bebendo até altas horas, recomendo bastante atenção quanto aos aspectos dos não naturais, mostrando os danosos efeitos da imoderada bebida e horas desperdiçadas em vigília, e assim, por meio de persuasão, não dar incentivo aos outros em coisas como estas e também, para o seu próprio bem, evitar a menor demonstração de imoderados excessos.

Mas, prosseguindo:

A imoderada ou excessiva vigília dissipa a disposição e a vivacidade, enfraquece as fibras e esgota as partes fluidas do sangue, é daí que podem surgir as grandes desordens, acompanhadas de uma preguiçosa inatividade. E, certamente, o enfraquecimento das fibras e o sangue mais denso produzem obstruções, que levam a diversos males e doenças, tais como as inflamações, febres, edemas, etc.

Mas a imoderada ingestão de bebidas fortes e alcoólicas é bem mais perniciosa, tendo uma importante tendência a produzir edemas, atrofias, males pulmonares, febres, icterícia, anorexia, e languidez em todo o corpo, isso tudo além de dores de cabeça, apoplexia, epilepsia, paralisias, etc.; todas essas são manifestações das conseqüências maléficas de tal intemperança. Acrescentarei apenas algumas palavras mais sobre este tópico (por meio de um consolo aos alcoólatras, se é que entre nós existe algum) vindas de um médico.

"(Segundo ele) Acontece com freqüência àqueles que bebem em excesso, que as glândulas hepáticas que separam a bílis do sangue ficam, às vezes, por demais enrijecidas ou incapacitadas de resistir aos mais fortes desentupidores, fazendo com que a circulação do sangue no fígado seja impedida, a tal ponto que faz com que este retorne às artérias gástricas (que entram ou saem das hepáticas), rompendo-as. É por isso que esses infelizes passam a vomitar sangue, que, neste caso, é um sintoma bastante fatal e um estado praticamente incurável."

A profusão ou exagero de gastos e despesas (como mencionado há pouco) enseja a pobreza, a vergonha e o desprezo e não há muito o que dizer sobre isso - pois caso a pessoa permita que as

> coisas tomem este rumo, certamente uma coisa levará à outra. Podemos ver, então, a grande necessidade de nos mantermos dentro do Compasso da moderação o que aparecerá ainda mais, se o considerarmos como a grande e certa estrada à opulência e poder e que tem os grandes proveitos, sabedoria e grandiosidade da alma a ele anexadas. Se estivermos convencidos disto, tentemos a experiência, mantenhamo-nos dentro do Compasso, compartilhemos da companhia dos grandes, assumamos uma forma de importância e teremos então um importante estoque de sabedoria. Qual será o estúpido que ousará ou poderá entrar em conflito conosco? Terá ele a impertinência de ousar fazê-lo? Digamos-lhe que ele nada sabe sobre o assunto, isso, junto com uma austera aparência, haverá de nos assegurar o caráter de um homem sábio.
>
> Agora, falemos sobre a grandiosidade da alma:
>
> Estará você, por ofício, por conhecimento, por familiaridade, ou por qualquer outro motivo, amarrado à companhia do trivial ou daquele que não tem valor? Então prometa e nunca cumpra; e se você preferir repeli-los, deserte-os, e algumas atitudes secas de sua parte conseguirão fazê-lo.
>
> Para que possa ter certeza que não estará desperdiçando ou gastando o seu tempo com os impertinentes e pobres de espírito, esteja sempre com aquelas almas dotadas dos mais nobres conteúdos.
>
> Mas que coisa, meus Irmãos! Perdoem minha divagação, havia quase esquecido que eu estava me dirigindo a maçons, cujos corações de elevada e reta postura (assim espero) desdenham estes sórdidos emolumentos e desprezam parecer ou ser de qualquer outra forma que não a de estar dentro do Compasso da honra, da amabilidade e da boa índole.

Sem dúvida, a inclusão de tal homilia nos mostra que essas terríveis advertências eram necessárias naquela época, mas parece estranho alinhavá-las numa dissertação que versa sobre um Instrumento maçônico em meio a tantos outros que tomaram um rumo moral tão diferente. Porém, Meeson certamente resgatou o princípio da moderação, o qual associou com o Compasso. Este uso do Compasso como um símbolo de moderação é também desenvolvido nos textos do rev. 1. T. Lawrence.

> Embora a Franco-Maçonaria nos ensine a agir sobre o Esquadro em relação ao nosso próximo, nem sempre nos é dado agir completamente assim. O nosso próximo pode, neste sentido, estar mais afeito a procurar e buscar os seus próprios interesses. Para

obtermos os mais úteis e valiosos ensinamentos do Compasso, descubramos os aspectos da vida nos quais a personalidade tem uma mais irrestrita liberdade de mostrar.

Primeiro, todos os desgostos da vida. A aflição e a desolação, a doença, os infortúnios daqueles que nos são próximos e queridos, as perdas temporárias. Como as suportamos? Alguns têm o hábito de ser insistentes e intrometidos em suas expressões de mágoa ou desgosto. Em vez de esperar pelo recebimento de uma compaixão, que foi despertada e que não pôde ser contida, eles a procuram. Qualquer pequeno problema, dor ou sofrimento é anunciado com grande alarde. Eles usam alguma mortalha ou faixa de luto no braço? E, daí, cuidam para que todos vejam. Estão eles reduzidos a andrajos e farrapos? Eles são capazes de produzir mais rasgos nas vestes para que o fato não passe despercebido. Estão eles infelizes? Eles não se satisfazem enquanto todos ao seu redor também não ficarem também infelizes. Eles ficam indignados com qualquer insinuação que outros tenham sofrido. Tudo isso é uma prova da falta de autocontrole. A natureza verdadeiramente grandiosa suporta os seus sofrimentos em silêncio.

O autenticamente pobre não faz alarde de sua pobreza. Eles recorrem a uma centena de patéticas engenhosidades ou artifícios para ocultá-la. Eles atraem a compaixão, eles não a pedem. Portanto, a primeira lição que nos é ensinada pelo Compasso é que os acidentes e percalços da vida devem ser tratados como tal, não permitindo que eles turvem toda a natureza.

É ensinado ao Franco-maçom a controlar as suas emoções e mantê-las em seus devidos limites e, se os sentimentos de sua natureza tiverem de se agitar, que assim seja com compaixão pelos problemas de outrem.

As emoções humanas não são apenas aquelas de desgosto ou sofrimento, elas são muitas vezes de alegria e felicidade. Talvez seja natural que tentemos fazer com que os outros compartilhem de nossos sentimentos de gratidão ao Criador por todas as coisas. Porém, somos advertidos contra o excessivo júbilo, levado a um tal ponto que aflora naqueles que nos cercam um sentimento de insatisfação, desgosto e inveja, em vez de sentimentos de solidária alegria. Em cada demonstração da Providência Divina, o homem deve possuir a sua própria alma.

Existem ainda outras emoções. E nestas, a ausência de controle ou restrição produzem a própria cura. O riso, a raiva descontrolada, por exemplo, reduzem e anulam o efeito que deveria ser esperado. Indevidas expressões de estima ou apreciação levam aqueles cujos esforços foram merecedores delas a qual é o valor

daquela estima ou apreciação quando conferi da de forma indiscriminada ou sem reserva.

É o Irmão que ainda não aprendeu o completo valor de seu Juramento que macula toda a Fraternidade e é por um só Membro que todo o corpo sofre.

E exatamente por essa separação do mundo popular e ignorante que o maçom convida à crítica. Ele não apenas adentrou a Luz da Franco-Maçonaria, mas ele está sob ela e, mais do que nunca, a cautela e a prudência são necessárias.

Assim que o neófito fixar os seus olhos, que acabam de ser abertos, sobre o Compasso, que lhe seja lembrado que a honra, não apenas da Loja, mas de toda a Ordem, foi confiada à sua guarda.

O mesmo emblema que restringe qualquer avanço precipitado ao entrar pela primeira vez numa Loja é agora mostrado a ele como uma das Grandes Luzes de sua vida futura, o qual não apenas o mantém a um ponto fixo de partida, mas que descreve para ele o completo círculo de seus deveres e obrigações, limitado apenas pelo Compasso de suas realizações, tal como o raio do círculo descrito é limitado pela extensão que o Compasso pode ser aberto.

A figura geométrica descrita com a ajuda de um Compasso é um círculo, que não tem cantos, pontas ou ângulos. Ele não é, em si, apenas uma figura simetricamente perfeita, mas é o teste de simetria em outras figuras, pois uma figura simetricamente perfeita é aquela que pode ser descrita num círculo ou próxima a um círculo. O ensinamento, neste sentido do Símbolo, é óbvio. O homem que possui um perfeito autocontrole não tem pontos, cantos ou ângulos. A sua personalidade não é arrogante e nem agressiva. Ele conserva a mesma postura diante de todas as condições.

William Meeson, cujas obras foram publicadas há duzentos anos, embora provavelmente coletadas e escritas muito antes ainda, tem sido profusamente citado neste capítulo por ser um dos primeiros a escrever sobre o Simbolismo moral dos Instrumentos e Implementos da Maçonaria. Deixemos, pois, que sejam dele as palavras finais: [Máximas maçônicas, etc. *(Mafonieal Aphorifms, ete.)}*

Os poderosos Pilares sobre os quais a Maçonaria está alicerçada, são aqueles cuja Base é a Sabedoria, cujo Corpo é a Força e cujo Capitel é a Beleza.

A Sabedoria é aquela que desce das alturas, ela é primeiro Pura, depois Pacata, Mansa e Suave, plena de Piedade e Misericórdia e cheia de bons Frutos, sem Parcialidade e sem Hipocrisia.

A Força é aquela que depende do vívido Deus, que vence o poderoso e dispersa o orgulho de seus corações, que nos deu o poder de resistir e de escapar a todas as tentações, e de submeter todos os nossos apetites malévolos. Uma Força, que é um refúgio ao aflito e ao agoniado, um elo de união e de amor entre os Irmãos e de paz e quietude em nossos próprios corações.

A nossa Beleza é aquela que adorna todos os nossos atos e ações com santidade, é Talhada da Pedra, que é Cristo, e erguida Ereta pela Linha de Prumo do Evangelhos; Esquadrada e Nivelada à horizontal da Vontade de Deus, na Sagrada Loja de São João. É assim que se torna o Templo, cujo Criador e Construtor é Deus. .

Da Sobriedade depende o seu prazer; da Regularidade a sua reputação.

As incontroláveis paixões e ignorante natureza do homem, muito precisa do Esquadro e do Compasso para que sejam trazidas à Ordem e para nos Adornar com a Beleza da Santidade. Tal como aqueles Instrumentos da Maçonaria são necessários para dar forma à matéria Bruta ou para adequar um bloco de mármore aos polidos cantos do Templo.

Minguam e desaparecem aquelas Sociedades, que não são Planejadas, Suportadas e Adornadas com a Sabedoria, a Força e a Beleza de nossa mui antiga e honorável Ordem. Onde a Nobreza é Exaltada; a Sabedoria é Aperfeiçoada e onde a Conversação é tornada Útil, como Maçons e criaturas racionais não projetam a não ser sobre a Tábua de Delinear da Boa Intenção.

Embora sejamos todos Livres e no Nível, ainda é o nosso dever nos mantermos sempre dentro do Compasso e nos conduzirmos de acordo com o Esquadro e com o Prumo.

Não há Conversação mais útil do que aquela que promove a Moralidade, a Caridade, o Companheirismo e a Fraternidade, a Boa Índole e a Humanidade.

A Sociedade tem a Harmonia em seu próprio nome, mas tem muito mais em sua Aplicação, pois é a ela que devemos todas as Artes e Ciências.

Até que o pó e as teias existentes sobre o estudo do homem sejam varridas pela conversação, ele não estará apto e pronto para a Sociedade humana. Um bom gênio, não cultivado assim, é como um rico diamante, cuja Beleza não pode ser apreciada até que esteja Polido.

A Prudência é a rainha e a guia de todas as demais Virtudes, o Ornamento de nossas ações, o Esquadro e a Régua de todas as nossas coisas.

A Fé, a Esperança e a Caridade são as três principais graças, por quais nós ascendemos à Grande Loja Celestial, onde abunda a Felicidade para todo o sempre.

Que todo verdadeiro maçom abata todas as disposições malévolas, com o Maço da Justiça e da Misericórdia; que ele meça as suas ações pela Régua de um dia; que ele as tome adequadas pelo Esquadro da Prudência e da Igualdade; que ele as mantenha nos limites do Compasso da Moderação e da Temperança, ajustando-as pela verdadeira Linha de Prumo da Sinceridade e da Verdade Indiscutível, trazendo-as ao justo Nível da Perfeição e as Espalhe com a Silenciosa Trolha da Paz, etc.

~

Índice Remissivo

A

A Defence of Masonry 15, 44, 48, 49,60,63
A entrada 77,89,90,93,98,112,116 160,167,169,172,174,177
A Entrada da Loja 77
A Jóia do Past Master 6, 173
ALei Sagrada 6, 125, 140, 141, 144, 147,148
A Linha de Prumo 198, 211
A Tábua de Delinear 70, 79, 94, 98, 105,111,112,114,138,159,189, 211
A Trolha 113,178,179,183,184,185, 204
Abeta, posição da 65, 169, 172 Aceitação 18, 24, 25, 26, 51
Aceitos 5, 11, 12, 18,24,25,27,44, 51,101,181
Adam, os Irmãos 56 Ahimon Rezon 48
Alegoria 29, 35, 36,163,164 Alemanha 57
An Interpretation of Our Masonic 29,101
Anderson, dr. James 12, 15,17,19, 24,25,41,47,48,61,62,174,178, 192
Antigas referências 49
Antiquities of the Jews, de Flavius Josephus 48
Antiquity, Lodge of22, 118, 121 Arco Real 162, 163
As Cerimônias 6, 36, 38, 52, 57, 72, 73,147,149,151
As Jóias Móveis 178, 182, 197,201 Ashmole, Elias 25

B

Bacon, Francis 53
Bell, dr. J.P. 193
Beswick, Samuel, *The Swedenborg Rife* 54, 55
Bíblia51,52,59,61,63,71,85,118, 141,160,179,182,184,189,190, 191,192,193,194,196, 197,198, 201,211
Bowring, Josiah 119
Bridewell (a Cadeia) 19
Browne, John 38,99,102,120,121, 128,136
Builders, The, de Joseph Fort Newton 17,42

C

Cabala 46,48,49,50,63,64,67, 77 Cabalistas 46, 48, 49,63
Cagliostro 54
Caixão, como um Símbolo, dr. Oliver 125
Calcott, Wellins, A Candid 28,39 Carr40, 101, 102
Cathedral Builders 17
Cavalete (Tressel) 114
Caveira e as Tíbias Cruzadas 125 Cerimônias 6,36,37,38,42,46,47, 52,57,59,63,66,72,73,79,83, 127,144,147,149,150,151,152, 154,156,157,162,164
Certificado da Grande Loja 114,115, 116,118

Avental 6, 58, 65,154,167,168,169, 170,171,172,173

Chippendale 56, 91
Cinzel 6,115,178,180,182,185,186, 187,189,191,200

C

Clare, mARTIN 18 Clarke, J.R., 53
Cockburn 101 Colares 6, 167, 175
Colégio de Armas 25
Colméia, dr. 01iver sobre 53, 126 Colunas 5, 40, 60, 63, 69, 71, 75, 79, 80,81,82,83,84,85,86,87,89, 90,91, 107, 112, 118, 122, 156, 157, 159, 160, 165
Comancinos, Mestres, em The 17 Como o Esquadro 196, 202 Companhias Fardadas 13, 15, 19 Compasso 6, 71, 72, 94,115,123,124, 129, 130, 136, 137, 142, 143, 144, 145, 157, 163, 166, 177, 178, 179, 183,185,196,202,203,204,206, 207,208,209,210
Complete Concordance of the Old and New Testaments 56
Concord, Lodge of 40
Conder, Edward 18
Conexões religiosas 51 Constituições, Escócia 6, 7, 12, 15, 17,21,22,24,25,41,43,47,48, 61,62,76,86,98,105,106,118, 155,162,169,173,174,175,178, 192,200
Continuada existência da Franco-Maçonaria 17
Cor35,45, 169, 171, 172 Coríntia, Ordem 83, 84, 91,115 Coustos, John 102
Cristã, influência 30,36,51,53,61, 64, 118, 120, 121, 122, 128, 131, 149, 152
Cruden, Alexander 56, 63 Custom House

D

Das antigas Preleções 60, 71, 83, 91, 156,157,161,162,168,190,206
Das preleções de Preston 39 Defence ofMasonry 15,44,53,54, 65,70
Dermott, Laurence 48

Desenho 65, 94, 102, 109, 114, 116, 136,173,182,209,211
Desenvolvimento 5, 9,11,24,25,27, 35,36,40,41,44,47,48,50,51, 53,56,57,60,62,64,70,76,82, 93, 100, 105, 122, 142, 148, 149, 150,151,152,159,169,175,178, 182,199
Deuteronômio 59,168,169 Dia de 12, 173
Diagrama da Loja 157
Dictionary, de dr. Johnson 28,35,56, 77
Dictionary of Antiques 35 Dimensões 13,61,71,74,84,99,148, 157, 188
Do Mestre 6, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 90,98, 105, 114, 115, 143, 144, 158,171,173,174,180,181,191, 194,195,200,201
Do Segundo Grau 7,79,97,98,100, 101,102,103,105,108,112,157, 161,168,175,177,181,182,197, 200
Dórica 83, 91, 115 Downing, George

22, 24

41, 42

Dr. 01iver 58,65,74,78,81,86,114, 116,117,124,125,135,151,155, 160,170,171,189,197,203

Dring, E.H. 55

Dumfries n. o 4 Manuscript 61 Dupla 7,81,109,185

E

E a Geometria 13 E a letra "G" 1 0 1

E o Compasso 6, 71, 72, 129, 142, 143,149,151,153,184,191,202

E o Níve1185, 204

Early Mason~c Catechisms 40 Efraimitas 59

Eleusinian Mysteries 55

Em Leaves from Georgia Masonry 172

Em Signs and Symbols, de Oliver 170 Emulation Lodge of Improvement 100,111,112

Entick 24, 76

Escada de Caracol 64, 77

Escada de Jacó 6, 97, 122, 123, 125, 126,128,189

Escandinávia 57

Escrituras, referências 51, 54, 57, 58, 63,76,95,104,114,116,119,121, 130,145,152,154,168, 180

Especulativa, a Aceitação 11, 13, 14, 25,27,35,40,41,42,43,50,51, 55,57,58,65,92,102,104,127, 130,133,135,148,178,183,194

Esquadro 5, 6, 45, 63, 71, 72, 92, 95, 101,105,115,129,130,137,142, 143,144,145, 147, 157, 158, 159, 166,177,178,179,181,182,185, 186,187,190,191,192,193,194, 195,196,197,199,201,202,206, 209,210

Essênios 46, 48, 49, 50, 63

F

Fé, Esperança e Caridade 60 Fellows, John 122

Finch, William 38,39

Foice 126, 129

Formação 11, 15,22,99, 129, 174 Franco-maçom 11, 14, 15, 18,19, 123,171,178,207

Franco-Maçonaria 14, 17, 18,26,30, 41,44,45,46,47,54,57,58,74, 132,134,135,143,144,147,151, 155,160,211

G

Gainsborough 56

Gênesis 58, 59, 89,125, 128, 168 Genesis of Freemasonry 52 Gentleman and Cabinet Maker's Directory 91

Geometria 5,12,13,93,98,99,101, 102,103,104, 105, 158, 160, 162, 192,194,203,205

Ghiblim 175

Gould, Robert Freke 14, 15, 18 Grand Mystery of Free-Masons 63 Grande Loja 5, 11,12,15,19,22,24, 25,30,32,35,36,37,38,39,41, 43,48,50,55,56,57,61,71,74, 76,81,83,86,95,99,105,110, 114,115,116,118,128,129,130,

Estados Unidos da América 65 Estrela Flamejante 64, 75, 97, 102, 135,136
Euclides 93,109,158,174,192,193, 194,201
Êxodo 58, 59, 76
Explained, de Ladd 27, 168 External Influences on the Evolution of English Masonry, J.R. Clarke, 53

137,143,154,162,173,174,177, 178,181,185,190,192,196,210
Grande Loja dos Antigos 5, 37, 38, 48, 74, 12~ 130, 137, 143, 154, 162,177

Grande Loja dos Modernos 39, 43, 55,76,83,99,105,118,137,185, 190
Grande Loja Unida da Inglaterra 11, 35,110
Grau do Arco Real 162 Grua e a Roldana 180 Guildas 13, 14, 16, 17,25,51
Guildhall19,22

H

Harris,John7, 100, 111, 112 Hawksmoor 56
Hieróglifos 26, 28,44, 102, 119, 121, 164,170,174,186
Hills, G.P.G., 55
Hiram 70,83,88,97, 103, 188, 190, 193, 195
History of Freemasonry 14 Holanda 57
Horne 53
Hutchinson 39,47,73,76,80,85,98, 100,102,103,149,151,169,171, 197,203

J

Jachim 85 Jackson 38
James Haseltine 12, 19,22,23,41, 50,55,61
Jews 48,85 Jó 59, 89
John Coustos 102 JohnHarris 7,111,112
Johnson 56
Jóias 5, 6,40, 97, 105, 114, 135, 151, 159,163,181,190,192,193,194, 199,210,211
Jones, Bernard 13, 15, 16,40,52,90, 108
Jônica, Ordem 83, 84, 91 Josephus, Flavius 49, 76,85 Josué 59, 80, 89
Juízes 59, 195

I

I Reis 59, 74, 88, 92, 166, 173, 174 Idade da Razão 18, 44
II Crônicas 70, 83, 84
I1lustrations ofMasonry 27, 39, 103, 150,178,183
Influência cabalística 50
Influência judaica 5, 48
Inscrição nas Colunas 85 Interpretation of Our Masonic 29, 101,173
Irlanda 56, 57

K

Kent, William 90 Kevan Manuscript 40 Keystone 87
Klein, Sidney T 192, 193

L

Ladd 27, 39, 168
Lápis 114, 181, 186,203,207 Laurence Dermott 48
Lawrence 22, 76, 87, 123, 139, 142, 193,198,199,207
Leaves from Georgia Masonry 30, 33,65,77,175,204

M

Maço 6, 115, 177, 178, 180, 182, 185, 186,187,189,191,200,210

Maçonaria Francesa 102 Malhete 178, 182

Malho 177, 178, 182, 189 Masonic Key 38

Masonic Miscellany 108

Master Key 38, 120, 121, 128, 136 Maurice 42

Meaning of Masonry 42

Meeson 183, 185, 191, 192, 193, 198, 203,204,206,208

Mesmer 54

Milho 29, 36, 59 Milton, John 40

N

Nas antigas Preleções 39, 60, 76, 78,

79,80,136,150,153,159 New Standard Jewish Dictionary

77 Newton 17,42,56

o Segundo Grau 80, 97, 98, 157, 158,160,163,177,181

Noorthouck, John 24, 43, 86 Números 5, 21, 50, 58, 59, 60, 62, 63, 64,65,66,117,158

Números ímpares 63

O

O Aventa16, 58, 168, 169, 170, 171, 172,173

O Esquadro 5, 6, 63, 71, 78,115,119, 157,162,163,168,169,171,184, 190,208,210,211

O Maço e o Cinzel 191 ONíve1105, 178, 179, 181,

185, 193, 197,198,201,202,204

O Segundo Grau 6, 83, 99,116,160, 165,167,173,175,190,211

O Simbolismo 1,3,5,9,25,30,32, 33,35,36,38,40,44,50,55,60, 73,78,79,84,98,117,118,128, 129,130,132,136,154,156,162, 164,165,194,209,223

0Iiver47,58,65, 74, 78,81,86,114, 116,117,124,125,132,135,151, 155,160,170,171,189,197,203

Os mistérios 5, 30, 33, 41,42,43,45, 72,104,116

Os números 59, 62, 63, 65, 117 Ourives 14

Lesl ie, Charles 103

Letra "G" 5, 97, 98, 99,100,101,102, 158,165,184,202,203

Linhas paralelas 97, 119, 125

Livre 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19,24, 25,26,27,31,41,44,51,56,63, 69,152,177,204

Livres 5,11,12,13,14,15,17,24, 25,27,30,44,59,89,181,209

Livro das Constituições 6, 7, 41,76, 86,105,106,173,178

London Company of Masons 15 Lovejoy 108

Luz6,48,71,72,75,79,89,90,116, 122,123,127,128,129,130,131, 132,133,134,135,137,138,141, 145,152,155,157,165,169,172, 187,190,208

R

Rainsford 55 Reconci1iation 35

Regius Manuscript 13

Régua 6, 94,114,173,177,178,179, 181,182,185,187,188,189,209, 210

Régua de 24 polegadas 177, 182, 188, 189

Rei Sa10mão 17, 43, 48, 50, 59, 67, 70,74,75,76,77,78,79,80,81, 82, 86, 120, 121, 122, 148, 153, 156,161

Revelations of a Square 74 Reyno1ds 56

Roya1Exchange 19,22,24 Ruth 154

Ry1ands 32, 100, 101

S

Ssa170 Sandby 76

São João 12,42,80,94, 101, 125, 127, 128,130,132,135,139,210

Savage 35

Scott 17

Segundo Grau 6, 7, 79, 80, 83, 97, 98,99, 100, 101, 102, 103, 105, 108,112,152,157,158,159,160, 161,162,164,168,169,178,179, 183,184,192,198,199,202,205

Shakespeare, William 167 Sheraton 56

Sheridan 56

Sherwood 32

Side1ights on Freemasonry 139

p

Pedra 16, 17,22,23,24,26,43,55, 86,89,95,105,114,115,116,117, 124,147,151,157,164,172,175, 180,183,187,195,197,200,201, 209

Pedra bruta 89, 105, 114, 115, 147, 180,187

Pedra cúbica 105,115, 147, 180 Perfect Ash1ar 193

Perjured Free Mason Detected 18 Pilares 5, 60, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90,121,160,208

Pi1grim's Progress 148

Piso 91, 92, 93, 102, 135, 136, 157, 165

Pitágoras 42, 43, 45,47, 49, 174, 194 Ponto no Interior de um Círculo 6, 97,119,120,121,123,124

Pope 56

Pote de maná 113 Prancha de Traçar 114

Preleções 12, 13, 17,35,36,37,38 39,40,42,44,50,55,56,57,59, 60,61,64,70,71,73,74,76,77, 78,79,80,81,84,85,90,91,97, 99, 100, 102, 114, 117 118, 120, 121,124,125,127,129,130,131 135,136,137,138,142,145,148, 150,153,154,157,159,160,168, 175,181,182,185,190,202

Preston 5, 13,26,27,28,39,47,50 56,81,84,91,99,100,102,103, 118,119,121,122,131,136,138, 150,153,157,160,162,178,179, 180,181,182,183,184,189,191

Prichard 15,40,47,60,101,118,129 Primeira Grande Luz 133, 138 Prumo 92, 105, 177, 178, 179, 181, 182,184,197,198,199,201,202, 204,

u

Uma das três Grandes Luzes 202 União, sobre 37, 50, 60, 66, 74, 79, 80,86,95,102,103,104,105,111, 112,115,120,123,126,129,135, 136,137,138,139,141,142,151, 153,157,167,169,175,177,179, 181,182,183,185,196,209

Uso de Números 5, 59, 63

V

Vale de Josafá 80 Vatcher 102

Vigilantes, indentificados com os Pilares ou Colunas 15,43, 79, 81, 82,83,84,87,89,149,156,157, 169,171,180,204

Signs and Symbols 116, 170

Sir Christopher Wren 7, 19, 20, 24, 25

Sistema de três Graus 49, 62, 101, 162

Sloane Manuscript 40

Sobre a Estrela Flamejante 136 Sobre a Geometria 102, 104, 204 Sobre a Lei Sagrada 139

Sobre a Luz 135

Sobre a Régua 178

Sobre a Tro1ha 183

Sobre as jóias móveis 182

Sobre o Compasso 142,203,204,208 Sobre o Esquadro 206

Sobre os Instrumentos de Trabalho 101,200

Somerset House 7, 107 Speth 13

Spirit ofMasonry 47, 73, 85, 203 S1. C1ement Danes 23, 76

S1. Martin 23, 54

Survey ofLondon 14

Sussex, Duque de 48,50,64, 122 Swedenborg Rite 54

T

Tábua de Delinear, a 7, 70, 76, 79, 83,91,98,99,100,101,102,108, 109,111,112,113,115,116,117, 118,122,126,129,143,163,184, 202,206,209,210

Templo do rei Sa10mão 48, 50, 59, 67,78,79,80,81,83,84,85,152, 157, 160, 165

Terceiro Grau 6, 16,49, 50, 62, 79, 93,97,99,100,113,121,123,142, 147,148,152,153,160,162,163, 164,166,175,181,182,183,202, 204

The Early Masonic Catechisms 40 The Meaning of Masonry 42 Theocratic Philosophy of Freemasonry 132

Thorpe 101

Três Grandes Luzes 6, 40, 128, 129, 136,137,143,157,183,185,190, 202

Tresham 61

Trindade 60, 61, 66, 100, 101, 102, 199

Tro1ha 113, 178, 179, 183, 184, 185, 204

Two Earliest Masonic Manuscripts 13

Vinho, o 70, 94 Vulgata 61	